

LUIZ ALBERTO VIEIRA RODRIGUES

**AS PRÁTICAS EDUCATIVAS ENTRE OS CARREIROS DE MOSSÂMEDES:
FÉ E DEVOÇÃO AO DIVINO PAI ETERNO**

GOIANIA, SETEMBRO DE 2011

LUIZ ALBERTO VIEIRA RODRIGUES

**AS PRÁTICAS EDUCATIVAS ENTRE OS CARREIROS DE MOSSÂMEDES:
FÉ E DEVOÇÃO AO DIVINO PAI ETERNO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação, sob a orientação da Prof^a Dr^a Elianda Figueiredo Arantes Tiballi

GOIANIA, SETEMBRO DE 2011

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUIZ ALBERTO VIEIRA RODRIGUES

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS ENTRE OS CARREIROS DE
MOSSÂMEDES: FÉ E DEVOÇÃO AO DIVINO PAI ETERNO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação, sob a orientação da Profª Drª Elianda Figueiredo Arantes Tiballi

Aprovada em 16 de setembro de 2011

BANCA EXAMINADORA

- Tiballi*
.....
1) Profª. Dra/Elianda F. Arantes Tiballi - PUC-Goiás (Presidente)
- Sergio Araujo*
.....
2) Prof. Dr. Sergio Araujo - PUC-Goiás (Membro)
- Pietro Sassatelli*
.....
3) Prof. Dr. Pietro Sassatelli - UFG (Membro)
- Luiz Eduardo Jorge*
.....
4) Prof. Dr. Luiz Eduardo Jorge - IGPA - PUC Goiás (Membro)
- Berisiz Aparecida Zanatta*
.....
5) Profª. Dra. Berisiz Aparecida Zanatta - IPGE - PUC Goiás (Membro)
- Selma Fernandes*
.....
6) Profª. Dra. Heloisa Selma Fernandes - UFG (membro)

DEDICATÓRIA

Aos paroquianos das Paróquias Jesus de Nazaré e Nossa Senhora das Graças pela oportunidade que me deram para ingressar no doutorado e, em especial, à Arquidiocese de Goiânia, que não mediu esforços para custear as despesas durante todo o curso.

Aos meus colegas e professores do doutorado e aos amigos, que sempre me apoiaram nesta grande jornada, de modo especial ao professor Sérgio Araújo, o grande incentivador para este doutorado.

Aos meus sobrinhos, irmãos e minha mãe, que convivem comigo, sempre dando a força necessária, nas horas difíceis, no decorrer do tempo.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus, o grande criador, que me deu sabedoria, saúde, discernimento, disponibilidade e vontade para continuar construindo o mundo e a sociedade, por meio dos conhecimentos adquiridos ao longo da minha história.

À minha mamãe, Deusila Maria Vieira, que do seu ventre materno me gerou para o mundo. Mulher simples, humilde e sábia. Ao meu papai, Alonso Rodrigues (in memória), coparticipante da minha vida em todos os momentos. À Raimunda Maria, minha irmã, pelo cuidado e dedicação comigo.

Ao grupo dos Carreiros, aonde tive a oportunidade de trabalhar a pesquisa da tese, por intermédio das entrevistas, participação, observações, de modo especial aos Carreiros, o Sr. João de Deus e sua esposa, com sua simplicidade e inteligência que muito me ajudou, me acolhendo em sua casa todas as vezes nas andanças da pesquisa.

À Arquidiocese de Goiânia, de modo carinhoso, à pessoa de Dom Washington, que muito contribuiu com as despesas financeiras, durante o período do curso.

À professora, Dra. Elianda Figueiredo Arantes Tiballi, pela sua amizade, dedicação, maturidade, paciência, organização e capacidade no acompanhamento da orientação da tese.

Aos professores Doutores: Sergio de Araújo, Luiz Eduardo Jorge, Heloisa Selma Fernandes, Beatriz Aparecida Zanatta e Pietro Sassatelli (Marcos Sassatelli), pela disposição de participarem da banca examinadora de defesa desta tese.

RESUMO

Esta tese teve como propósito a investigação das práticas educativas dos Carreiros no município de Mossâmedes, Goiás, para perpetuar a tradição da romaria em devoção ao Divino Pai Eterno na cidade de Trindade, Goiás. Assim a tese é evidenciada nas práticas educativas, transmitidas pelas gerações mais velhas às gerações mais novas; são responsáveis pela tradição da romaria dos Carreiros de Mossâmedes. Práticas educativas que não se realizam apenas pela religiosidade, mas também pelas demais atividades que constituem o cotidiano deste grupo, como por exemplo: o trabalho na lavoura, cuidado com os animais, os serviços domésticos, especialmente o preparo dos alimentos, o mutirão para a ajuda na realização de determinada tarefa etc... Entretanto, estas práticas sustentam o aspecto religioso que prepondera na tradição da romaria dos Carreiros de Mossâmedes. Essas são práticas educativas e religiosas, exercitadas no dia a dia, como experiência de vida, transmitida na inter-relação sociocultural, filtradas e estabelecidas como costume que, na sua duração temporal, se transformaram em uma tradição educativa, religiosa e cultural. A problemática fundamental desta pesquisa: que práticas educativas são utilizadas para perpetuação da romaria dos Carreiros de Mossâmedes? Como eles transmitem para seus sucessores, a nova geração, a devoção, a tradição da peregrinação e o ritual da romaria ao Divino Pai Eterno? Quem são os sujeitos e instituições que contribuem para a manutenção da devoção e quem dela se beneficia? Objetivou-se nesta pesquisa explicitar e perceber como as práticas educativas são importantes para a perpetuação da romaria, como elas se constituem historicamente e em que elas contribuem para a preservação da romaria ao Divino Pai Eterno e porque numa romaria as pessoas percorrem longas distâncias em busca de um conteúdo simbólico do sagrado. Para apreender essas práticas educativas que delineiam o grupo dos Carreiros de Mossâmedes utilizou-se a metodologia da história oral, por meio da entrevista, da observação e da etnofotografia. Este estudo etnográfico resultou na compreensão da constituição deste grupo que, por meio da cultura, da educação, da memória, da tradição e da romaria vem mantendo por mais de meio século a tradição religiosa da devoção ao Divino Pai Eterno, na cidade de Trindade, Goiás. Nesse universo diferenciado dos Carreiros de Mossâmedes, nos símbolos, nas práticas cotidianas, culturais e religiosas encontram-se a presença marcante do sagrado. É esta tradição que mantém toda a harmonia da vida Carreira. A segurança para tudo isso é a fé no santo. É por meio da fé, que as práticas diárias desses homens e mulheres se transformam em meios de alcançar o seu objetivo: a busca da integração religiosa e social.

Palavras chave: cultura, educação, práticas educativas, Carreiros de Mossâmedes.

ABSTRACT

This research paper proposes to investigate the educational practices of the Carriers (Carreiros) of Mossâmedes – Goiás, to perpetuate the tradition of an annual pilgrimage in honor of the Divine Eternal Father in the city of Trindade – Goiás. The thesis is proven by the educational practices which are transmitted by the older to the younger generations; these are responsible for the tradition of the pilgrimage of the Carriers (Carreiros) of Mossâmedes. The educational practices are not merely realized in the sphere of religion, but also through the other activities exercised on a daily basis by the group, such as: agricultural work in the fields, taking care of animals, domestic chores, principally the preparation of food, the help that members of the community give to each other to realize a specific enterprise, etc. However, these practices sustain the religious aspect which is preponderant in the tradition of the pilgrimage of the Carriers (Carreiros) of Mossâmedes. They are educational and religious practices exercised day after day as a life experience, transmitted in the social cultural relations, filtered and established as custom which, in their temporal duration are transformed into a educational, religious and cultural tradition. The fundamental set of problems that this thesis will attempt to resolve is: what educational processes are used to perpetuate the pilgrimage of the Carriers (Carreiros) of Mossâmedes, how are the devotion, the tradition and the rituals of the pilgrimage to the shrine of the Divine Eternal Father are transmitted to succeeding generations, who are the subjects and the institutions that contribute to maintain the devotion and who benefits from it. The object of this research paper is to explain how the educational practices are important for the perpetuation of the pilgrimage of the Carriers (Carreiros) of Mossâmedes, how they came into being historically, how they contribute for the preservation of the pilgrimage to the Sanctuary of the Divine Eternal Father in Trindade and why people would travel long distances to obtain a symbolic content of the sacred. In order to understand the educational practices that delineate the group of the Carriers (Carreiros) of Mossâmedes the methodology of oral history has been used by way of interviews, observation and ethnographic photography. This ethnographic study resulted in the understanding of the constitution of this group which, by means of culture, education, memory and tradition of the pilgrimage has maintained for more than half a century the religious tradition of the devotion to the Divine Eternal Father in the city of Trindade, Goiás. A distinct presence of the sacred can be found in the symbols, the daily cultural and religious practices of the differentiated universe of the Carriers of Mossâmedes. It is this tradition that maintains harmony in the cart drivers lives. Their security is in their faith in the sacred. Through their faith the daily practices of these men and women are transformed into means of arriving at an objective: the search for the religious and social integration of the group.

Key words: culture, education, pilgrimage, educational practice, Cart Drivers from Mossâmedes (conductors of carts that are driven by teams of cattle from Mossâmedes to Trindade in Goiás, Brazil).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
Sobre as Categorias de análise.....	12
a) <i>Romaria</i>	12
b) <i>Memória</i>	15
c) <i>Tradição</i>	18
A escolha da metodologia.....	20
Os procedimentos investigativos.....	22
a) <i>Entrevista</i>	22
b) <i>História oral</i>	23
c) <i>Etnofotografia</i>	25
CAPÍTULO I	28
1- A ROMARIA DOS CARREIROS – DE MOSSÂMEDES A TRINDADE.....	29
1.1. A cidade e o município de Mossâmedes.....	29
1.2. Os Carreiros de Mossâmedes: história e identidade cultural.....	30
1.2.1 <i>Caracterização dos Carreiros</i>	33
1.2.2 <i>Local e moradia dos Carreiros</i>	35
1.2.3 <i>Sociabilidade dos Carreiros</i>	36
1.3. O carro de bois.....	38
1.3.1 <i>Lotação do carro de bois</i>	41
1.4. Percurso da romaria – de Mossâmedes a Trindade.....	42
1.5. A cidade e o município de Trindade.....	46
1.6. O desfile dos carros de bois.....	48
1.7. Os Carreiros em Trindade.....	50
1.8. Ritual da festa do Divino Pai Eterno.....	52

CAPÍTULO II.....	57
2. AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS CARREIROS DE MOSSÂMEDES.....	58
2.1. Educação- uma prática sócio-cultural.....	58
2.2. Educação e Cultura se substanciam e se interagem.....	59
<i>2.2.1. A educação popular, uma ação cultural entre os sujeitos.....</i>	<i>64</i>
2.3. As práticas educativas: uma apreensão da cultura.....	69
2.4. Romaria dos Carreiros de Mossâmedes: um exercício contínuo de educação e cultura.....	76
<i>2.4.1. As atividades de aprendizado.....</i>	<i>82</i>
CAPÍTULO III.....	88
3. CULTURA E EDUCAÇÃO.....	89
3.1. A diversidade da cultura: conceituação e interpretação.....	89
3.2. Cultura popular: uma ação do sujeito social.....	92
3.3. A religião popular, um dos elementos da cultura.....	95
<i>3.3.1 A festa religiosa: um dos elementos da religião popular.....</i>	<i>99</i>
3.4. A romaria expressão de um processo educativo/cultural.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
TEXTO ETNOGRÁFICO DAS PRATICAS EDUCATIVAS ENTRE OS CARREIROS DE MOSSÂMEDES: FÉ E DEVOÇÃO AO DIVINO PAI ETERNO.....	119
Lâmina 1 – vista parcial da cidade de Mossâmedes.....	120
Lâmina 2 – vista panorâmica da Serra Dourada.....	121
Lâmina 3 – igreja de São José de Mossâmedes.....	122
Lâmina 4- mapa de Goiás visualizando o município de Mossâmedes.....	123
Lâmina 5 – vestuária e identificação carreira.....	124
Lâmina 6 – culinária em função da romaria.....	125

Lâmina 6a – culinária em função da romaria.....	126
Lâmina 7 – as refeições diárias.....	127
Lâmina 8 – estradas vicinais (municipais).....	128
Lâmina 9 – fazendas de residências de carreira.....	129
Lâmina 10 – residências rurais de Carreiro, com detalhes.....	130
Lâmina 10a – interior das residências de Carreiros.....	131
Lamina 10b – utensílios domésticos.....	132
Lâmina 11 – o carro de bois e sua composição.....	133
Lâmina 11a – composição do carro de bois.....	134
Lâmina 12 – objetos que serão levados na romaria.....	135
Lâmina 13 – alimentos para doação, frutos da produção anual.....	136
Lâmina 14 – partida para a romaria – a reza e despedida.....	137
Lâmina 14a – início da viagem da romaria.....	138
Lamina 15 – percurso (trajeto) da viagem dos Carreiros.....	139
Lâmina 16 – chegada ao pouso para o descanso e pernoite.....	140
Lâmina 16a – no pouso à tarde e à noite.....	141
Lâmina 17 – mulas (alternativas).....	142
Lâmina 18 – a cidade de Trindade.....	143
Lâmina 19 – mapa do Estado de Goiás visualizando o município e a cidade de Trindade.....	144
Lâmina 20 – espera para início do desfile.....	145
Lâmina 20a – desfile dos carros de bois pelas ruas de Trindade.....	146
Lâmina 20b – desfile dos carros de bois e Carreiródromo.....	147
Lâmina 21 – trajeto do desfile dos carros de bois em Trindade.....	148
Lâmina 22 – acampamento em Trindade.....	149

Lâmina 22a – acampamento em Trindade.....	150
Lâmina 22b – acampamento em Trindade.....	151
Lâmina 22c – acampamento em Trindade.....	152
Lâmina 22d – acampamento em Trindade.....	153
Lâmina 23 – as refeições no acampamento em Trindade.....	154
Lâmina 24 – comércio, barraquinhas e parques de diversões.....	155
Lâmina 24a – pedintes (mendigos) durante os dias da festa.....	156
Lâmina 25 – santuário velho do Divino Pai Eterno.....	157
Lâmina 25a – santuário novo – Basílica do Divino Pai Eterno.....	158
Lâmina 26 – fé e os milagres.....	159
Lâmina 27 – Missa com os Carreiros.....	160
Lâmina 27a – procissão e celebração de encerramento da festa.....	161
Lâmina 28 – as práticas educativas diárias de Carreiros.....	162
Lâmina 28a – as práticas educativas diárias de Carreiros.....	163
Lâmina 29 – cultura religiosa como forma de educação.....	164
BIBLIOGRAFICA.....	165
ANEXOS.....	170
ANEXO I: GRUPOS FAMILIARES OBSERVADOS – CRITÉRIOS.....	171
ANEXO II: GRUPOS DE ENTREVISTADOS.....	174
ANEXO III: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	176
ANEXO IV: TRANSCRIÇÃO DAS ATIVIDADES.....	177
ANEXO V: ENTREVISTAS INFORMAIS – DIÁRIO DE CAMPO.....	196
ANEXO VI: TRAJETO (PERCURSO) DOS CARREIROS NA ROMARIA.....	208
ANEXO VII: ROTEIRO PARA OBSERVAÇÕES DOS CARREIROS.....	209
GLOSSÁRIO.....	21

INTRODUÇÃO

Carreiros de Mossâmedes é a denominação de um grupo que vem mantendo a tradição religiosa de percorrer, anualmente, em carros de bois, o caminho que leva à cidade de Trindade, para participar da festa religiosa em louvor ao Divino Pai Eterno.

A festa ao Divino Pai Eterno é uma tradição da religiosidade popular goiana, com quase 150 anos de existência, que ganhou adeptos de todas as regiões do Brasil e de vários outros países. Trindade, cidade localizada a uma distância de 18 km de Goiânia recebe, por ocasião da festa ao Divino Pai Eterno, aproximadamente 500 mil peregrinos, considerada hoje um dos mais importantes centros de peregrinação e fé do Brasil (SILVA, 2001).

Pela mobilização da população católica, esta festa tornou-se uma expressão da cultura religiosa em Goiás e hoje compõe o contexto cultural do Estado. Este fato justifica estudos investigativos que tomam como objeto a manifestação religiosa dos que participam desta tradição cultural goiana.

Neste âmbito, situa-se esta pesquisa que tem como tema central as ações educativas praticadas pelos Carreiros de Mossâmedes para perpetuar a tradição da romaria em devoção ao Divino Pai Eterno.

A escolha desta temática deveu-se, portanto, à sua importância para o registro e análise da história cultural religiosa de Goiás e, também, à identificação e à familiaridade do autor desta pesquisa com esse grupo cultural, por vir de família humilde, lavradora e remanescente do mundo cultural rural.

Os laços de amizades, os parentescos, as práticas diárias, educativas e religiosas são experiências de vida transmitida na inter-relação sociocultural que, por sua duração temporal, se transformam em uma tradição educativa, religiosa e cultural entre os Carreiros. Assim, romaria, memória e tradição são categorias de análise imprescindíveis para a compreensão das relações entre os sujeitos que compõem o grupo de Carreiro de Mossâmedes e de sua romaria ao Divino Pai Eterno, em Trindade - Goiás.

Sobre as categorias de análise

a) Romaria

O termo romaria refere-se a Roma, sede da Igreja Católica Apostólica Romana, local

para onde se dirigiam as primeiras peregrinações católicas.

Segundo Martins (2010, p. 08-11), a romaria é marcada pelo ato de peregrinação a um local sagrado, no exercício de sacrifícios, rituais, devoção e promessas de romeiros, movidos pela fé. Assim, Martins (2010) entende a romaria como uma experiência de “característica nômade, [...] sentido de viagem penitencial, um ritual de chegada e volta” em que as pessoas são levadas ao encontro de

poderes celestiais, deslocando-os por alguns momentos do lugar em que estão, ocorrendo uma ruptura no cotidiano estático e sólido do sujeito para uma busca de lugar mágico, desconhecido, mas que proporcionará a segurança tão desejada pelo indivíduo (BRANDÃO, apud MARTINS, 2010, p. 12).

A romaria, sendo uma jornada realizada essencialmente por motivos religiosos a um santuário, a um lugar sagrado e milagroso, para pedir graças especiais ou cumprir promessas pelas graças recebidas, pode ser também entendida na dualidade do profano e do sagrado, onde os dois se misturam na mesma composição, visto que no cotidiano das pessoas estão presentes tanto o mal como o bem, o imaginário do castigo e da penitência, assim como a bênção e os rituais sagrados.

A romaria é também entendida como devoção popular, que se define como a reunião de uma multidão de pessoas ou grupo em torno de uma crença a um santo; uma devoção que, pela sua característica, denomina-se de prática oral de religiosidade popular a rezar e fazer pedidos aos seus santos preferidos. As pessoas, na demonstração da fé, se sujeitam aos últimos limites, para a proximidade com o sagrado.

Isso significa reafirmar que a romaria é grande portadora de tradição. Mesmo que esta tradição seja reinventada, sempre objetiva legitimar os valores culturais e religiosos de um grupo específico, por meio de uma simbologia.

Para Carvalho (2007), a romaria oferece um amplo repertório simbólico e de ritos, conservados pelos sujeitos no âmbito da superação das transformações geradas pelos tempos atuais.

Quando evocam a tradição, esses diversos atores pretendem, na verdade, acionar um estoque de referências religiosas e práticas rituais que foram sendo acumuladas em torno do santuário, com ou sem o selo da ortodoxia, mas que hoje são usadas para socializar seus sistemas de ideias e padrões de comportamentos (STEIL, apud CARVALHO, 2007, p. 64).

A romaria é, portanto, uma organização religiosa popular que independe da religião oficial. As pessoas são livres e se contagiam pelo universo simbólico em toda jornada de uma

romaria, seja no meio rural, pela fé ao santo, seja pelos valores culturais que se encontram nos centros urbanos. Assim a

romaria é uma forte tradição religiosa rural, que objetiva o fortalecimento dos laços comunitários, mas convive em harmonia com valores culturais urbanos e individualistas, que objetivam realizações pessoais. São valores aparentemente antagônicos, mas que se interagem (CARVALHO, 2007, p. 95).

Sanchis (2010, pp. 85-86) vê na romaria uma manifestação religiosa, sincrética em movimento tipicamente “orientada para uma sacralização da existência humana na sua própria dimensão profana”. Segundo este autor, a romaria já se fazia presente na sensibilidade religiosa local desde a Alta Idade Média. [...] Uma manifestação popular religiosa que preenchia o imaginário religioso das populações. A romaria é a peregrinação que, por vezes, se torna penosa, dolorosa, “mas cheia de encantos” para o peregrino que vai a um santuário próximo ou longe.

A romaria é algo inexplicável aos olhos da razão, mas para a gente simples é o modo de perceber, seja no momento de alegria ou de aflição, de criar gestos e preces a uma divindade. Na concepção de Jacob (2010, p. 75), ela “acontece entre as pessoas mais simples, nos lugares mais obscuros”, e se projeta na história do povo, sendo movida por um ideal comum. O peregrino se desloca de seu lugar rotineiro em busca de um lugar predileto, onde haja a divindade para adoração.

Para compreender o extraordinário é preciso crê. O extraordinário não se explica e nem se compreende sem fé. Então, nunca será possível entender uma peregrinação, seja ela cristã ou não, se o observador não cultivar a transcendência do espírito. Nunca será possível aceitar o milagre ou o extraordinário analisando-o simplesmente à luz da razão. A razão pode compreender o ordinário, o extraordinário necessita da mesma forma, de extra-razão. O motivo que leva o homem a buscar os lugares santos excede a luz da razão, é coisa interior, do espírito, e não da carne (JACÓB, 2010, p. 310).

A romaria de Trindade é entendida, ainda por Jacob (2010), como a maior manifestação religiosa do Brasil Central, e teve início no século XIX, no sertão de Goiás, entre gente simples, esquecida e dominada pelas autoridades políticas. Para isso, o autor cita a doutrina positivista de Comte, o racionalismo, o naturalismo e o liberalismo, aliados à revolução industrial e ao manifesto comunista de Max, como fator principal que “fermentava as mentes intelectuais” para o materialismo, no decorrer do século XIX. Em Goiás, essa situação não foi diferente. “O povo esquecido sobrevivia em meio à miséria material e espiritual, pois também religiosamente estava abandonado”.

Mas, são estranhos os caminhos da fé. Ao apelo do desapego total do homem para as causas da fé, o povo respondeu com inúmeras manifestações de busca do espiritual que ainda hoje impressionam e intrigam. O século XIX foi marcado por este

paradoxo: apologia ao ateísmo e o nascimento de grandes centros de peregrinações que o mundo ainda reverencia. A França é o próprio exemplo desta assertiva: enquanto seus maiores filósofos disseminavam a descrença no meio do povo, por meio de uma humilde adolescente camponesa, em 1858, surgia o Santuário de Lourdes, o mais conhecido da terra (JACOB, 2010, p. 21).

Contudo, em meio a uma dicotomia de descrenças amparada pelas ideias dos grandes filósofos do passado, o povo do sertão de Goiás, o arraial do Barro Preto, hoje, Trindade, voluntariamente se reunia em volta de uma medalha de barro, representando o coração da Virgem Maria, pela Santíssima Trindade, encontrada pelo casal Constantino e Ana Rosa Xavier, dando início a mais uma manifestação religiosa no centro do Brasil, a romaria do Divino Pai Eterno.

Por fim, a romaria abrange os contextos históricos e geográficos, quando entre as pessoas há algo em comum, sobretudo o costume de percorrer grandes distâncias, rumo a locais especiais para receber graças, favores espirituais, cumprimento de promessas, agradecimentos e todo um conteúdo simbólico/religioso, apesar do enfrentamento das dificuldades das longas distâncias, além da fome, sede, doenças e outras intempéries no percurso de uma romaria.

b) Memória

Nos dias de hoje, há sempre um testemunho do passado. As lembranças do passado são relatadas pelas pessoas mais velhas e posteriormente lembradas pelas mais jovens. No entender de Bosi (1987, p. 331), todas as lembranças foram inspiradas nas “conversas com os outros”, que com o passar do tempo, enriquecem as experiências do hoje. Assim, a memória se desenvolve a partir dos laços sociais, de amizade e familiares. Explica Bosi (1987), que as lembranças são constituídas:

a partir dos laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação [... Enquanto que], cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista. Pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne, é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado (HALBWACHS apud BOSI, 1987, pp. 332-325).

Portanto, o grupo social, as instituições e a família são suportes para a identificação da memória. Essas organizações interferem na memória coletiva, ou seja,

como o lugar que alguém ocupa na consideração de seu grupo de convivência diária, onde há desigualdade de pontos de vista, uma repartição desigual de apreço. O membro amado por todos terá suas palavras e gestos anotados e verá com surpresa, anos depois, seus menores atos lembrados e discutidos (BOSI, 1987, p. 337).

Em compensação, Bosi (1987, p. 339), ao tratar da memória coletiva, afirma que esta pode ser um perigo à memória individual, porque “o tempo social absorve o tempo individual”. E a respeito deste perigo ela escreve:

se a memória grupal pode sofrer os preconceitos e tendências do grupo, sempre é possível um confronto e uma correção dos relatos individuais e a história salva-se de espelhar apenas os interesses e distorções de cada um. A memória pode percorrer um longo caminho de volta, remando contra a corrente do tempo. Ela corre o perigo de desviar-se quando encontra obstáculos, correntes que se cruzam no percurso. São as mudanças, os deslocamentos dos grupos, a perda de um meio estável em que as lembranças pudessem ser retomadas sempre pelos que as viveram. As transformações profundas por que passa a família, a perda e a chegada de novos membros são pontos de partida. Atrás deles os caminhos se perdem, descontínuos, apagados (BOSI, 1987, pp. 341-342).

Contudo, Segundo Bosi (1987), é por meio das lembranças formadas dentro de um grupo doméstico, na parentela de tios, primos e padrinhos que a memória é constituída. Na família, ainda há laços de coesão entre seus membros. Aquilo a que se refere Halbwachs, quando diz que à instituição familiar importa muito mais a experiência dos sujeitos, independentemente do status, dinheiro, prestígio.

Memória coletiva é integração, porque as ideias e as lembranças são inspirações de conversas com outras pessoas que, com o decorrer do tempo, vão se transformando em “uma história” na mente das pessoas, como afloramento de experiências de vida. Assim acontece a sociabilidade entre os sujeitos.

Em consenso com Bosi, Carvalho (2007, p. 17) também fala da importância da memória. Para este autor, esta se dá pela simbolização do passado na reestruturação do presente em direção ao futuro. Ela apresenta um “conjunto de atividades cerebrais que permite ao [sujeito] a capacidade de armazenar, conservar e atualizar informações representadas” no passado.

Segundo Carvalho (2007, pp. 17-22), nos estudos de Halbwachs, encontram-se descritos dois tipos de memórias: a memória individual e a memória coletiva. Na memória individual estão “as funções psíquicas” que possibilitam “conservar certas informações”, nas quais, o “homem pode atualizar impressões ou informações passadas”. A memória individual só existe “nas percepções produzidas pela memória coletiva”, ou seja, “conserva-se na memória dos outros, daí pode ser apreendida pela memória coletiva”. Portanto, não é uma memória isolada. Na memória coletiva é o sujeito que recorda. As lembranças se

desenvolvem. A memória coletiva depende das investigações da memória individual, porque “o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, [com] grupos e instituições” a que pertencem os sujeitos.

Para Carvalho (2007, p. 23), a memória coletiva se identifica coletivamente e é explicada pela experiência e pelo passado vivido pelos participantes de um mesmo grupo. Esta “não está só ligada às imagens do passado do indivíduo, mas da sociedade”, e sua função principal é “dar sentido ao presente de um grupo ou de um indivíduo”. Portanto, deve ser “reconhecida e construída” em uma integração social.

a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela, mas nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância. A memória coletiva, por outro lado, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas (HALBWACHS apud CARVALHO, 2007, p. 24).

Carvalho (2007, p. 25) declara que a memória é sempre viva e não pode ser confundida com a história escrita. Essa se inicia quando não há mais a memória, ou seja, o seleiro, as possibilidades de lembranças e trabalho, ou quando não há mais suporte no grupo social. Daí a história se sobressai para guardar as lembranças na extinção de um grupo, enquanto que a memória coletiva se desenvolve “num quadro espacial” que dura e, nesse espaço, há “imaginação” e “pensamento” capazes de reconstruir e refazer as lembranças e experiências do passado dos sujeitos.

Nessa percepção, Filloux (1966, p. 07) assegura que as lembranças são sistemas que subsistem enquanto a memória sobreviver em um grupo. “Lembrar é evocar o passado, rever os objetos já vistos, pensar nos lugares um dia visitados, nas relações de outrora”.

Fica então evidente a concordância entre as teses de Halbwachs e Bosi, como também os relatos de Jaques Le Goff (1996, p. 434), todos concordam que a memória é a propriedade de conservar as informações do passado. Memória como o conjunto de funções psíquicas, onde os sujeitos atualizam as impressões ou informações passadas. A memória resgata e intervém nos vestígios do passado. Assim se compreende que na memória há fenômenos biológicos ou psicológicos, estes fenômenos serão confirmados à “medida em que a organização grupal societal os mantém ou os reconstitui”.

Desse debate, depreende-se que somente a memória garante uma continuidade da história humana no tempo e no espaço. Esse tempo, para Rousso (2000, p. 94), na reflexão de Maurice Halbwachs, muda e permite resistir à alteridade e “às rupturas que são o destino de

toda a humanidade”. Sendo assim, a memória é uma das categorias inseridas nas experiências dos sujeitos mais velhos. Experiências que os mais novos vão adquirindo ao longo do tempo. Trata-se de lembranças do passado, vivas no presente, por meio da história dos sujeitos.

c) Tradição

Falar de tradição é falar de crença, de memória e de costumes dentro da cultura de um povo, na transmissão oral dos conhecimentos e das práticas de hábitos que perpetuam nos grupos. Para justificar e sustentar essa tese, Porto (1997) explica que a tradição como algo que é passado de geração para geração, onde as mudanças e continuidades são experimentadas pelos sujeitos envolvidos no processo cultural. A tradição de um povo, no entanto, tem sua continuidade pautada na interação com o presente, que estabelece a ligação com o passado, respondendo às modificações inevitáveis que ocorrem no grupo, ou seja, a continuidade sustentada pelo vínculo do presente com o passado.

Para Hobsbawn (1997), a tradição é:

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas. Tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento por meio da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWN, 1997, p. 9).

Em contrapartida, para Hobsbawn (1997, p. 10), a tradição é uma invenção, porque esta se diferencia do costume nos seguintes termos: enquanto a tradição inventada é caracterizada por sua invariabilidade, o costume tem a dupla função: motor e volante. A tradição não permite as “inovações”, uma vez que a sua função é resistir à inovação. “A decadência do costume, inevitavelmente, modifica a tradição à qual ele geralmente está associado”. A tradição

não possui nenhuma função simbólica nem ritual importante, embora possa adquiri-las eventualmente. É natural que qualquer prática social que tenha de ser muito repetida tende, por conveniência e para maior eficiência, a gerar um certo número de convenções e rotinas, formalizadas de direito ou de fato, com o fim de facilitar a transmissão do costume (HOBSBAWN, 1997, p. 11).

A palavra tradição é descrita como um termo neutro, empregado para designar transmissão, geralmente oral, de atividades, gestos ou crenças do passado de uma geração a outra. Por meio da tradição, os modos de vida, costumes, elementos do vestuário, da alimentação e outros são perpetuados.

A tradição, para Ferretti (2009), traz na sua essência dois sentidos opostos: a transmissão e a traição. Esses dois lados se configuram na linha de toda “problemática religiosa”. De um lado, a palavra tradição significa:

(1) transmissão; (2) transmissão oral de lendas e fatos; (3) de valores entre gerações; (4) prática resultante de transmissão oral; (5) recordação, memória; (6) testemunhos conservados ou desaparecidos. [Do outro lado,] a palavra traição [...] significa: (1) ato de trair; (2) crime de entrega ao inimigo; (3) deslealdade; (4) infidelidade. [Segundo o Dicionário de Ciências Sociais, tradição designa transmitir oralmente, atividades, gostos ou crenças do passado, de uma geração a outra. Assim sendo, compreende como tradição, os] modos de vida, costumes, elementos dos vestuários, da alimentação e outros, são perpetuados. [...] conhecimentos e preconceitos acumulados. [...] Os elementos transmitidos recebem o status de tradições, considerado de valor e dignos de serem aceitos, como fatores de coesão do grupo social. [...] Continuidade, venerabilidade, sabedoria coletiva, herança dos antepassados. [...] fonte de legitimidade ou base da autoridade e ainda acúmulo de experiência pragmática (FERRETTI, 2009, p. 03).

Segundo afirmativa de Ferretti (2009, p. 04), na visão de Hobsbawn, a tradição é definida como um conjunto de elementos contidos nas experiências dos sujeitos de uma cultura. Ela “se caracteriza pela invariabilidade de práticas fixas e repetidas”.

Por outro lado, a tradição tem sentido de um segmento histórico de uma estrutura social, em que esta depende das instituições que se identificam com as relações políticas e econômicas. Ela pode ser de organização social e cultural, ou de interesse de um grupo específico.

La mayoría de las versiones de la “tradición” pueden ser rápidamente demostradas en su modalidad radicalmente selectiva. A partir de un área total posible del pasado y el presente, dentro de una cultura particular, ciertos significados y prácticas son seleccionados y acentuados y otros significados y prácticas son rechazados o excluidos. [...]. La relación entre las instituciones culturales, políticas y económicas son muy complejas, y la esencia de estas relaciones constituye una directa indicación del carácter de la cultura en un sentido amplio. No obstante, nunca se trata de una mera cuestión de instituciones formalmente identificables. Es asimismo un cuestión de formaciones: los movimientos y tendencias efectivos, en la vida intelectual y artística, que tienen un influencia significativa y a veces decisiva sobre el desarrollo activo de una cultura y que presentan una relación variable y a veces solapada con las instituciones formales (WILLIAMS, 2000, pp. 138-139).

Mas, tradição difere de costume. Os costumes podem ser codificados ou não, justificados, visíveis ou descritos. Um costume se encontra tanto na área rural quanto nas áreas manufatureiras. Um exemplo típico que caracteriza o costume:

o aprendizado, como iniciação em habilitações dos adultos não se restringe à sua expressão formal na manufatura, mas também serve como mecanismo de transmissão entre gerações. A criança faz aprendizado das tarefas caseiras, primeiro junto à mãe ou avó, mais tarde [frequentemente], na condição de empregado doméstico ou agrícola. No que diz respeito aos mistérios da criação dos filhos, a jovem mãe cumpre seu aprendizado junto às matronas da comunidade. O mesmo acontece com os ofícios que não têm um aprendizado formal. (THOMPSON, 2002, pp. 17-18).

Para Thompson (2002, p. 22), os costumes sempre trazem algo em si de concreto e são associados e inseridos a uma determinada realidade histórica, dialética e social. O costume são os ajustamentos de interesses da coletividade, os sentimentos e emoções, servindo-se os dados para “excluir os forasteiros”.

Na explicação de Santos (2001), a tradição está na lógica das emoções festivas, no sentido da transmissão dos costumes. A tradição, assim, é “dar e entregar”.

A tradição não é um guia normativo para a ação, mas um esquema interpretativo, uma estrutura mental para entender o mundo [...]. Mas, tradição comporta ainda, [...] um aspecto identificador, pois fornece material simbólico para a formação de identidade, tanto a nível individual, quanto a nível coletivo (THOMPSON, 1998, apud SANTOS, 2001, p.191).

Nessa linha, para este autor, toda tradição “engloba” elementos festivos e refere-se a um determinado lugar, caracterizado e identificado pela sua tradição.

Enfim, a tradição com suas práticas e normas, se reproduz ao longo das gerações, numa lógica diversificada do costume, ela se perpetua, em grande parte, na íntegra, “mediante a transmissão oral”. Diante do exposto, tradição tem tudo a ver com a experiência de peregrinar numa romaria, em virtude das práticas e dos costumes constituídos e transmitidos às novas gerações.

Por meio destas categorias pretendeu-se compreender e explicitar a expressão social do grupo dos Carreiros de Mossâmedes, constituído pela experiência e pelo aprendizado, pela sabedoria dos mais velhos transmitida aos mais jovens, pelos valores e pelos costumes constituídos com o passar do tempo. Brandão (2001, p. 310) afirma que a educação é “algo criado como cultura e nas culturas humanas (...), sendo a cultura o lugar social das possibilidades de emergir toda a experiência de vida, do ‘conhecimento’, da ‘informação’ e da sabedoria em compartilhamento entre os sujeitos”.

A escolha metodológica

Ditada pelo próprio objeto investigado, a escolha metodológica desta investigação recaiu na pesquisa etnográfica, ou seja, na pesquisa de campo realizada por meio das técnicas da entrevista, da história oral, da observação participante, do diário de campo e da fotografia, que após serem transcritos, interpretados e analisados transformaram-se em evidências comprobatórias dos resultados apresentados. Assim, a observação de três romarias dos Carreiros de Mossâmedes a Trindade: em 2009, 2010 e em 2011, acompanhando o período da

preparação da romaria, a saída dos Carreiros da cidade de Mossâmedes, o percurso da viagem até a chegada dos Carreiros a Trindade e o acampamento durante a festa ao Divino Pai Eterno, permitiu a coleta de dados bastante significativos para a compreensão e a análise cultural do grupo dos Carreiros de Mossâmedes, pois, conforme afirma Geertz, a pesquisa etnográfica consiste em:

apresentar cristais simétricos de significado, purificados da complexidade material nos quais foram localizados, e depois atribuir sua existência a princípios de ordem autógenos, atributos universais da mente humana [o que seria fruto de] uma ciência que não existe e [imaginação de] uma realidade que não pode ser encontrada. [...] a análise cultural é [...] uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paixão incorpórea. (GEERTZ, 1989, pp. 14-15)

Ainda segundo Geertz (1989), se pode retirar das miniaturas etnográficas um conjunto de fatos e práticas, valores e conhecimento de uma realidade cultural. Nessa concepção, o uso do modelo “*microscópico*” serve para justificar as verdades etnográficas, ou seja, capturar e interpretar os fatos e toda a realidade pesquisada.

Assim considerando, foram definidos como sujeitos desta investigação pessoas de significativa influência na organização do grupo de Carreiros de Mossâmedes, seja pelas relações de parentesco e afinidades entre as famílias, seja por serem vizinhos ou amigos mais próximos do grupo. Com este critério foram escolhidas pessoas de várias faixas etárias e com vários tipos de relacionamento parental ou social, como o pai, a mãe, os filhos, os tios, irmãos, parentes e amigos.

No conjunto, foram entrevistadas 35 pessoas, com as seguintes faixas etárias: de 10 a 20 anos - 06 pessoas; de 21 a 40 anos - 11 pessoas; de 41 a 60 anos - 11 pessoas e de 61 a 90 anos - 07 pessoas. Os entrevistados encontravam-se distribuídos em 09 grupos: Grupo I - o pai, dois filhos, a sobrinha e o amigo; Grupo II - o marido, a esposa e a cunhada; Grupo III - o avô, dois netos, a comadre, o afilhado e duas amigas; Grupo IV - o pai, o filho e o neto; Grupo V - o marido, a esposa e o amigo; Grupo VI - o esposo, a esposa e a amiga; Grupo VII - o esposo, a esposa, o sobrinho e a mãe do sobrinho; Grupo VIII - o esposo, a esposa, o filho e o neto e Grupo IX - o pai, o filho e o neto.

Por razões éticas, para o registro das informações fornecidas pelos sujeitos da pesquisa, foram utilizadas letras, acompanhadas de números, como critério de identificação.

Os procedimentos investigativos

a) Entrevistas

As entrevistas foram fundamentais para a pesquisa, sobretudo porque o pesquisador se inteirou do universo de vida dos Carreiros. Além disso, concordando com Cardoso (1986), ficou evidenciada a importância da entrevista para a coleta de material e para descoberta de pistas para a elaboração de novas entrevistas.

Também nesta mesma lógica, Deslandes (1994) argumenta que a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo, pois é por meio dela que o pesquisador busca obter as informações contidas na experiência cotidiana dos sujeitos da pesquisa.

Ampliando estas considerações, a citação de Menga (1996) complementa,

a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados. [...] esta é, aliás, uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais. Ela desempenha importante papel não apenas nas atividades científicas como em muitas outras atividades humanas. [...] a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na observação das informações desejadas. [...] a entrevista ganha vida ao se iniciar ao diálogo entre o entrevistador e o entrevistado (MENGA LÜDKE, 1996, pp. 34-35).

As entrevistas foram os instrumentos de pesquisa que possibilitaram o aprofundamento das questões formuladas no cotidiano das experiências dos Carreiros. Elas estiveram acompanhadas de uma cuidadosa observação participativa registrada em diário de campo, que permitiu identificar as práticas educativas dos Carreiros de Mossâmedes, que perpetuam a tradição das romarias.

Para Romah Jakobson, na pesquisa de campo, a “observação participativa”, permite ao observador o amadurecimento da compreensão da cultura dos sujeitos investigados. Para este autor, “uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa” (JAKOBSON, apud BOSI, 1987, p. 02). Assim o “observador participante” precisa de uma boa relação e da convivência com os sujeitos da pesquisa.

Partindo destas proposições foram consideradas como fonte de dados desta pesquisa a fala, o discurso espontâneo dos sujeitos, o conteúdo das respostas dadas às perguntas feitas durante as entrevistas, as observações participativas registradas em diário de campo, implicando, de acordo com Franco, uma “constante ida e volta do material da análise à teoria” (FRANCO, 2005, p. 59).

b) História Oral

A história oral, no final do século XVIII e início do século XIX, foi fortalecida pela sociologia, sobretudo pela contribuição incontestável de Karl Marx com as estruturas sociais, Émile Durkheim, com a explicação do fato social, e Max Weber com a análise sociológica das estruturas sociais, individual e grupal. Para eles, os fatos sociais podem ser explicados sem a interferência da crença religiosa e do domínio sagrado. Assim, a história oral se aproxima das ciências sociais.

De uma forma ou de outra, a história oral, baseada em fatos do passado, “é a faculdade humana de conservar e lembrar as coisas do passado”. Portanto, considera a importância da relação com a memória como

fonte reconhecida como válida para armazenar o que já havia ocorrido – ficava algo que lhe era exterior e não dependia mais exclusivamente da mente humana. Este novo elemento era formado pelo desenrolar do tempo, num meio homogêneo e indefinido, análogo ao espaço, no qual se desenvolve o séquito dos acontecimentos, cada um destes tendo a duração que lhe é própria; cada acontecimento e seu espaço de tempo passavam a ser encarados como objetivo, quantitativo e, portanto, mensurável, e a documentação vinha corrigir o que a memória humana não conseguia armazenar, ou então deturpava (FOULQUÉ, apud QUEIROZ, 1994, p. 106).

Todavia, para Queiroz (1994, p. 109), a história oral tem um grande relacionamento com os “estudos dos costumes, das tradições, das crenças, das narrações, da arte, peculiares às camadas sociais chamadas de populares, e nas quais os relatos escritos eram raros”.

A história oral é o tipo de sacramentalidade contida e desenvolvida nas experiências de vida de homens e mulheres. São lembranças de fatos passados, atualizados e que dão sentido a um momento presente para os sujeitos. Para Amado e Ferreira (2000), essas lembranças encontram seu campo fértil na memória oral, pois esta, no seu sentido estrito, tem a presença de um passado inserido não somente no sujeito, mas no contexto familiar, grupal e social. Para esses autores,

há uma última dimensão em que os campos da história e da memória se entrelaçam numa dimensão em que a história oral tem tido especial importância, não tanto por seus produtos, mas mais por seus processos, pelo envolvimento maior na recuperação e na repropriação do passado que a história oral possibilita (AMADO E FERREIRA, 2000, p. 78).

Para Thomson, Frisch e Hamilto (2000), a memória oral e a memória coletiva são elementos culturais e psicossociais. Sendo de um lado,

a memória coletiva como um componente das novas compreensões acadêmicas do processo histórico, e como essas compreensões esclarecem o papel central da memória coletiva nos recentes, acalorados, amplos e políticos debates públicos sobre

a natureza e o lugar ocupado pelo conhecimento histórico, pela consciência, pela sensibilidade e pela percepção na vida e na cultura {do outro lado,] as histórias orais ocupam o primeiro plano no conjunto mais amplo de estudos inovadores sobre história social e cultural que tiveram profundo impacto revisionista sobre os conceitos de processo e explicação históricos, mesmo em áreas tradicionais como a da história diplomática e política (THOMSON, FRISCH E HAMILTO, 2000, pp. 74-75).

Assim compreendendo é possível afirmar que há uma relação estreita entre história oral e memória coletiva. Na concepção dos autores Thomson, Frisch e Hamilto (2000, p. 75), a primeira é envolvida na possibilidade de “recuperação e na reapropriação” dos fatos passados, ou seja, explicita o passado e molda-o nas culturas. A segunda tem sua importância quando lembra o passado e relaciona-o com a história oral na vida e na cultura. A “memória coletiva” subverte “as afirmações ortodoxas”, enquanto na história oral, “os estudos históricos ganharam impulso por sua capacidade de subverter as categorias, as suposições e as ideologias das memórias culturais aceitas e dominantes”.

A história oral é avaliada como um contraponto da história, ou seja, contra a história oficial escrita. A história oral, por sua força, reforça e preenche as lacunas dos documentos escritos na história oficial, nas palavras de Trebitsch (1994) que, quando trata da epistemologia e ideologia da história oral, afirma:

a história oral vem se opor como contra-história, operando uma inversão historiográfica radical, tanto do ponto de vista dos objetos como dos métodos. História vista de baixo, história do local e do comunitário, história dos humildes e dos sem história, tira do esquecimento aquilo que a história oficial sepultou: [...] as sociedades sem escrita, isto é, sem história, as categorias inferiores dos mundos extra-europeus, ou das classes populares, ou ainda as disciplinas inferiores, como etnologia e o folclore. A história positiva estabelece uma hierarquia paralela das ciências, das fontes e dos grupos sociais que participam do mesmo grande mito unitário de uma história nacional (TREBITSCH, 1994, p. 23).

Como repara Trebitsch (1994, pp. 30-35), a história oral é um fenômeno de mediação à historiografia e se associa aos “excluídos”, dando a eles a “reconquista de sua identidade”. A história oral tem sempre um interesse pela vida cotidiana dos sujeitos, “pela família, pelos gestos do trabalho, pelos rituais e pelas festas, pelas sociabilidades”. A história oral, na sua complexidade, se confunde com a memória coletiva, quando esta se refere às imagens do passado na sua recomposição.

Desta forma, a memória é norteadora para o conhecimento e, somente por meio dela, se reconstrói os significados para o cotidiano e acumula as experiências de vida, quando estas são recuperadas. Vê-se na citação de Cascudo (1971),

a memória é a imaginação do povo, mantida e comunicável pela tradição, movimentando as culturas convergidas para o uso, por meio do tempo. Essas

culturas constituem quase a civilização nos grupos humanos. Mas existe um patrimônio de observações que tornaram normas. Normas fixadas no costume, interpretando a maternidade popular (CASCUDO, 1971, p. 09).

Filloux (1966, p. 09) afirma que uma das grandes virtudes da memória está nos “fatos da vida diária que parecem fáceis de compreender, porque se tornaram familiares à força de fazermos uso deles”. Assim, a memória faz recordar, nos liga a nós mesmos e ao nosso passado, porque as recordações são inseparáveis da vida pessoal. A memória não é sonho, mas atividade diária.

Ainda segundo Filloux (1966, p. 18), não se pode definir memória somente como uma “persistência” do passado, porque a memória é a imaginação, ela não é hábito (repetição), mas um “efeito consecutivo de eventos desaparecidos sobre os fenômenos atuais é toda influência persistente de eventos passados sobre a atividade ulterior dos seres”.

De uma forma ou de outra, a história oral, baseada em fatos do passado, é a faculdade humana de conservar e lembrar as coisas do passado. De acordo com Queiroz (1994, p. 109), a história oral tem um grande relacionamento com os “estudos dos costumes, das tradições, das crenças, das narrações, da arte, peculiares às camadas sociais chamadas de populares, e nas quais os relatos escritos eram raros”.

Assim, para orientar a coleta de dados desta investigação, a história oral foi utilizada como recurso metodológico. Segundo Queiroz (1994), a história oral instrumentaliza a reconstrução histórica de elementos exteriores à memória, onde o historiador desempenha o papel de “trapeiro”, para adquirir material por vias indiretas ou semelhantes entre os fatos e acontecimentos do presente e do passado. A história oral, na sua lógica, busca nos relatos pessoais um testemunho verdadeiro e confiável da história de vida dos sujeitos que representam o universo investigado.

c) Etnofotografia

A etnofotografia foi outro recurso metodológico utilizado para que, em composição com o texto escrito, fosse ampliada a compreensão do objeto investigado. A fotografia permitiu visualizar e ilustrar os comportamentos mais relevantes e característicos dos Carreiros.

O uso de fotografias, o todo de cada peça de comportamento pode ser preservado, enquanto que o desejo de cruzamento referencial especial pode ser obtido colocando a série de fotografia na mesma página. (MEAD M. e BATESON G., 1942, p. 02).

As fotografias selecionadas foram colocadas no texto na sequência e em lâminas para descrever a história Carreira, antes, durante e depois da romaria. Todas as fotografias foram tiradas e produzidas num processo amador.

Dessa forma, o estudo foi amparado pelo que se observou, registrou, viveu, analisou e fotografou. Possibilitou analisar os sujeitos que constituem o grupo Carreiro de Mossâmedes, tendo como objeto de estudo suas práticas educativas cultural/religiosas.

Assim, com os procedimentos metodológicos descritos, foi possível obter as informações necessárias para responder à problemática fundamental desta pesquisa, que práticas educativas são utilizadas para perpetuação da romaria dos Carreiros de Mossâmedes? Como eles transmitem para seus sucessores, a nova geração, a devoção, a tradição da peregrinação e o ritual da romaria ao Divino Pai Eterno? Quem são os sujeitos e instituições que contribuem para a manutenção da devoção e quem dela se beneficia?

Explicitar e perceber como as práticas educativas dos Carreiros de Mossâmedes são importantes para a perpetuação da romaria, como elas se constituem historicamente e em que elas contribuem para a preservação da romaria ao Divino Pai Eterno e porque numa romaria as pessoas percorrem longas distâncias em busca de um conteúdo simbólico do sagrado foram os objetivos desta pesquisa, cujo resultado encontra-se nesta tese, organizada em três capítulos.

No primeiro capítulo encontra-se uma breve descrição histórica do município de Mossâmedes: história e identidade cultural, sua origem, bem como a caracterização dos Carreiros, suas atividades profissionais e sociais. Fez-se, portanto, um percurso etnográfico e etnofotográfico para a apreensão do grupo dos Carreiros de Mossâmedes e do seu cotidiano. Essas características foram de suma importância para desenvolver o roteiro deste estudo, que levou o pesquisador com suas idas e vindas para acompanhar os Carreiros em suas residências, nas longas distâncias entre as cidades, o trajeto da romaria, em estradas de chão, poeira e sol, cansaço e outras intempéries até a chegada ao santo, o Divino Pai Eterno, em Trindade.

No segundo capítulo foram analisadas práticas educativas cotidianas entre os Carreiros, tendo como suporte o diálogo com os autores que subsidiam o debate sobre a temática investigada. Essas práticas foram filtradas e esclarecidas como costume e transmissão oral/informal, conhecimentos utilizados como características principais de todos os Carreiros. Práticas que, por sua vez, garantem a permanência da tradição e têm como conteúdo principal a fé religiosa.

Fica evidente que as práticas educativas, transmitidas pelas gerações mais velhas às gerações mais novas, são responsáveis pela tradição da romaria dos Carreiros de Mossâmedes. Essas práticas educativas não se realizam apenas pela religiosidade, mas também pelas demais atividades que constituem o cotidiano deste grupo, como por exemplo: o trabalho na lavoura, cuidado com os animais, os serviços domésticos, especialmente o preparo dos alimentos, o mutirão para a ajuda na realização de determinada tarefa etc... Entretanto, estas práticas sustentam o aspecto religioso que prepondera na tradição da romaria dos Carreiros de Mossâmedes.

No terceiro capítulo procurou-se entender a cultura, a religiosidade e a educação, na relação destas categorias que se entrelaçam a partir do modo de vida das pessoas numa sociedade, em um grupo, no clã ou na família, o que é característico neste grupo, objeto desta investigação: os Carreiros de Mossâmedes em sua romaria à festa em louvor ao Divino Pai Eterno, em Trindade – Goiás.

Ao final são apresentadas algumas considerações gerais sobre o resultado deste estudo investigativo, visando, principalmente, contribuir com estudos posteriores e estimular a realização de novas pesquisas sobre a tradição da romaria dos Carreiros em louvor ao Divino pai Eterno como tema investigativo.

CAPÍTULO I

1- A ROMARIA DOS CARREIROS – DE MOSSÂMEDES A TRINDADE

1.1. A cidade e o município de Mossâmedes

Apesar da tranquilidade, Mossâmedes teve passagens que envolveram confrontos contra a presença dos descendentes de europeus: morte da índia Damiana da Cunha marca fim das aldeias (LIMA, 2008).

Situada no Centro Oeste brasileiro, Mossâmedes é uma pequena cidade do interior do estado de Goiás, povoada por aproximadamente 5.798 (cinco mil, setecentos noventa e oito) habitantes, conforme o censo, em 2010. A cidade preserva traços de seu passado materializados na arquitetura oitocentista. A história, a estética arquitetônica e a tradição cultural dos Carreiros são suas marcas características.

O município de Mossâmedes limita-se ao norte com os municípios de Goiás e Itaberaí, ao sul com o município de Sanclerlândia e a leste com o município de Americano do Brasil. A cidade de Mossâmedes está localizada no centro goiano, nas encostas da grande Serra Dourada¹ e da Pedra do Equilíbrio², a 150 km da capital, Goiânia - Goiás; a 40 km da Cidade de Goiás (antiga capital de Goiás) e a 350 km da capital federal, Brasília. O município ainda é servido pelas GOs 164, 070 e 060 e sua principal economia hoje é a pecuária e agricultura.

Segundo Brandão (1977) e Silva (2001), Mossâmedes originou-se da pequena aldeia de São José de Mossâmedes no ano de 1755. Em 1º de novembro de 1780 a criação da Freguesia de São José de Mossâmedes; no dia 31 de julho de 1945 se tornou distrito de São José de Mossâmedes e passou a município em 14 de setembro de 1953.

Enquanto a antiga capital de Goiás povoada rapidamente por contingentes de brancos mineiros³ e negros mineradores⁴, a antiga Aldeia de São José de Mossâmedes foi, inicialmente, povoada por índios, que trabalhavam nas minas da antiga capital de Goiás.

Brandão (1977) confirma em suas pesquisas que no ano de 1774 o governador formou um “aldeamento modelo”, este formado por grupos indígenas, entre os acroás, carijós e naudoz. No ano de 1778, esses índios construíram a pequena igreja de São José, a única Igreja Católica existente até hoje na cidade.

¹ Nome dado por suas escarpas e formações de arenito e campos altos, com seu valor ecológico, devido à fauna e flora (papiro e a amica), estudos e pesquisas (pela UFG). Ficou famosa pelas areias das mais diversas cores, refletidas à tarde pela luz do sol. É uma das maiores formações rochosas do planeta. (conf. Ecoturismo no Brasil – Goiás Velho, 2011).

² Um dos pontos turísticos do município de Mossâmedes.

³ Donos de escravos

⁴ Escravos ocupados nas lavras do ouro.

Da antiga aldeia de São José, resta somente a igrejinha, com suas paredes de pedras robustas, construída pelos escravos na época da colonização e alguns casarões com arquitetura oitocentista. Mas, em consequência da secularização moderna, nos últimos anos, surgiram várias formas religiosas pentecostais, entre elas: Assembléia de Deus, Luz para os Povos, Igreja de Deus no Brasil, Igreja do Véu, Deus é Amor, além do Centro Espírita. Mossâmedes, apesar de ser uma cidade antiga e pequena, é muito acolhedora.

Atualmente toda a área do município foi repovoada por pecuaristas, donos das grandes e pequenas propriedades. Mas com a abertura de mercado para a venda de cereais, a atividade agrícola vem, aos poucos, suplantando a atividade de criação de gado para o corte. A expansão intensa do povoamento da cidade de Mossâmedes ocorreu somente nos últimos 50 anos, com a chegada de levas de migrantes mineiros, entre outros. Deste modo, o município produz arroz, milho, feijão e a criação de gado leiteiro, provocando, com isso, a repartição das grandes fazendas do passado, em pequenas propriedades.

1.2. Os Carreiros⁵ de Mossâmedes: história e identidade cultural

Eu posso assistir uma Missa em Trindade, mais não vô sem o carro de boi (A02).

Sô Carreiro desde criança e guardo bem na lembrança o tempo bom que se foi. E o transporte utilizado é mantido no carro de bois. Lembro dos meus bois devia, distancias percorriam indo na direção; indo pra Trindade Santa, pra cumprir com minha devoção. Aos pés do Pai Eterno o meu pedido eu fazia; me dê vida e saúde pra voltá no otro ano aqui nesta Romaria. Com o pará dos janeiros, tudo se acabô; meus bois de carro morreram meu carro na estrada nunca mais andô. Só me resta na parede, tudo amarelado, o retrato do carro de bois, a relíquia do passado. Com este carro de bois, há muito tempo patrão; cruzei vales e colinas, rios de águas cristalinas bem antes do caminhão. Até as marcas deixadas, nas pedreiras das estradas, que o asfalto já cobriu, já fui tudo e hoje não só nada. Sinto que minha jornada está chegando ao fim. Se você é carreiro também meu amigo, não deixa esta tradição tão bonita se acabá; peça seus filhos que coloque o carro na estrada pra todos ouvir ele cantá⁶.

Os migrantes, provavelmente, são os principais responsáveis por algumas das tradições religiosas do lugar, entre elas a romaria dos Carreiros. Nos escritos de Brandão (1977) entende que a história dos Carreiros de Mossâmedes começou desde o surgimento da cidade na época da colonização, por volta do século XIX, pela influência do catolicismo, trazido pelas autoridades do governo da província de Goiás.

⁵ Homens e mulheres de jeito simples, humilde e perseverante, do meio rural ou da cidade, no uso de suas práticas diárias têm no carro de bois um instrumento primordial para o cumprimento de sua fé ao Divino Pai Eterno na cidade de Trindade Goiás.

⁶ Sou Carreiro, poema declamado durante a viagem por Luiz Viola, um dos integrantes da romaria.

Entretanto, segundo Brandão (1977), entre o fim do século XIX e início do século XX, começa a aparecer um número significativo de agricultores e pecuaristas regionais vindos de outras localidades. Esses foram atraídos pela boa fertilidade das terras próximas da aldeia. Os índios atraídos em massa, após a conversão de Damiana da Cunha ao catolicismo, foram progressivamente se dispersando e desaparecendo da região, perdendo o seu espaço para a presença dos novos contingentes da raça branca.

Damiana da Cunha foi um marco fundamental para a história do município de Mossâmedes. Este fato exige uma referência à esta personagem, como condição necessária para a compreensão da composição étnica da população do município e, por conseguinte, para a composição do grupo dos Carreiros.

Na explicação de Nascimento (2009), Damiana da Cunha foi uma mulher indígena educada pela corte portuguesa, para intermediar com o povo caiapó, e esteve sob a responsabilidade de Cunha Meneses, governador e capitão-geral de Goiás, nos anos 1778 a 1783. Este tratou de educá-la com os bons propósitos em relação ao povo indígena. Funcionou como moeda de troca. Vivera no palácio bem tratada por alguns, ignorada por muitos, desprezada pela maioria e temida por outros, aprendendo a língua e as maneiras do homem branco. Segundo a historiografia oficial, Damiana morreu aos 56 anos e foi sepultada na igreja local como heroína brasileira.

Damiana da Cunha, segundo Lima, (2008), era neta do cacique Angraochá, um dos 36 índios caiapós que o governador Luiz da Cunha Menezes mandou buscar na selva e os recebeu em seu palácio, na cidade de Goiás, no ano de 1800. No batismo católico, Damiana recebeu este nome e o sobrenome foi de seu padrinho, o governador. A ideia corrente era de que os índios deveriam ser batizados no catolicismo e trabalhar como escravos. Damiana da Cunha fora criada por Cunha Menezes durante um tempo, aprendeu bem o português e, na vida adulta, foi pessoalmente buscar nos matos gente de sua raça. Ela casou-se duas vezes. Primeiro, com o sargento José Luiz da Costa, mais tarde, com o soldado Manoel Pereira da Cruz. Esses homens eram guardas de controle do trabalho indígena e pertenciam ao Regimento de Pedestres da Corte, que funcionava na aldeia de Mossâmedes.

Damiana foi um símbolo bem explícito da impossibilidade de convivência pacífica entre brancos e índios. Os índios caiapós, por exemplo, foram descritos pelo pesquisador francês August Saint Hilaire e por outros registros históricos como fortes e orgulhosos. Eram hábeis guerreiros. Combatiam a ocupação branca, na época em que viveu Damiana da Cunha, nas vastas extensões entre Vila Boa, a atual cidade de Goiás, e Cuiabá, no Mato Grosso. Ela

fez seguidas expedições em busca dos índios caiapós, não resultando em nenhum benefício para o povo indígena. Bandeou-se⁷ com os brancos e prejudicou intencionalmente a sua raça, como uma inocente útil, que tentou mediar, honesta e ingenuamente, os conflitos entre as duas civilizações. Os homens iam para o tronco e podiam ser açoitados. As mulheres e crianças eram punidas com bolos de palmatória. Os índios eram livres para ir e vir, mas tinham que trabalhar e dividir os produtos das plantações.

A exploração dos povos indígenas era a meta da civilização branca, em benefício próprio. Lima (2008), baseado nas pesquisas de Saint Hilaire, concorda que a civilização branca explorava os índios em proveito próprio e que Damiana da Cunha forçosamente teria que tomar conhecimento dos abusos indígenas, porque se enfurnava na selva, correndo todos os riscos na busca de índios em substituição aos que fugiam.

Damiana trouxe muitos [índios] para Mossâmedes. Eles nunca se integraram completamente. Trabalhavam vigiados pelos soldados. Sempre fugiam para o mato. Com a morte de Damiana, a aldeia entrou em decadência. Em 1774, os índios aldeados [...] já viviam e trabalhavam no local. Foram transferidos xavantes, acroás, javaés, carajás, naudós e caiapós. Acredita-se que três mil indígenas chegaram a morar na aldeia, que deveria ser modelo de participação dos nativos. Hoje não resta um único índio puro em Mossâmedes para contar a história (LIMA, 2008, p. 16).

Lima (2008), em seus escritos, fala da testemunha Maria de Jesus Sousa, moradora de Mossâmedes, com 103 anos de idade, que testemunhou os últimos conflitos armados que ocorreram na região de Mossâmedes, nos séculos passados. Maria de Jesus Sousa fala que o seu avô, de quem não se lembra o nome, era índio caiapó e viveu nos tempos em que a aldeia estava em plena atividade. Segundo o autor, Maria de Jesus Sousa fora criada no meio dos índios e que ainda tinham muitos deles quando ela era menina. O seu pai chegou a brigar contra os brancos. Maria se casou com um branco e viveu entre eles. O Sr. José Pedro Alves, com seus 88 anos de idade, nascido no município de Mossâmedes, filho de branco, descendente de português, conta que sua família viveu em perfeita harmonia com os índios, pois seu pai fora criado junto aos índios na época. Foi vaqueiro por 22 anos. Presenciou muitos vestígios indígenas, mas estes desapareceram completamente. A última vez que ele teve contato com um índio foi há mais 50 anos.

Com estas informações é possível perceber que embora os Carreiros de Mossâmedes sejam, em sua maioria, da raça branca, muitos deles devem ter vínculo parental com a etnia indígena e negra. É possível também que os Carreiros mais velhos, em sua maioria, sejam descendentes de mineiros vindos de outros estados como, Mato Grosso, Bahia, Minas Gerais

⁷ Coligou-se com os brancos, mudou-se para o lado oposto

e de outras cidades do Estado de Goiás. Assim constituídos por homens, mulheres, crianças, idosos, jovens, filhos, netos, sogros, noras, genros, vizinhos e aderentes, os membros do grupo dos Carreiros de Mossâmedes cultivam uma unidade familiar profunda entre eles, mesmo que alguém não seja da família, já se sente como parte desta. Pequenos proprietários de terras, agricultores e agropecuários, alguns donos de postos de gasolina ou empresários, funcionários públicos, estudantes, todos se orgulham de ser identificados como Carreiros (DIÁRIO DE CAMPO).

1.2.1. Caracterização dos Carreiros

É possível afirmar que os Carreiros de Mossâmedes possuem uma variação linguística própria, que se revela por meio dos gestos e das falas, com palavreado adquirido no aprendizado, na convivência do dia a dia com os mais velhos. Porém, essa linguagem se diferencia, sobretudo quando um Carreiro mais jovem começa a estudar numa escola da cidade. Na escola tudo é diferente, tudo se organiza e se diversifica, principalmente quando não há a linguagem informal no contado da convivência familiar e cotidiana.

Os costumes e a organização social do grupo também são bastante peculiares. Segundo escreveu Nascimento (2009), no passado os serviços da cozinha eram somente para as mulheres; os homens faziam os serviços da roça. Hoje, essa realidade mudou: no dia a dia, homens e mulheres vão à cozinha e à roça. Assim confirma o Sr. A02:

eu levo a muié pra roça e eu e a muié vamo para a cozinha. O home depende muito da muié e a muié do home. Nois levamo feijão para leilão quando tem festa em Mossâmedes.

As mulheres não fazem somente os serviços da cozinha, fazem muitas outras coisas, até mesmo os serviços que antes eram específicos para os homens. Limpam, arrumam, fazem comida, serviço de candeiras, buscam e cangam os bois, ajudam a montar e desmontar as barracas, nos pousos, entre outras atividades.

Para Carvalho (2007), os Carreiros de Mossâmedes possuem uma cultura rural tradicional, a maioria trabalha no campo com a produção agropastoril.

Uma das concepções de tempo, para os romeiros, reparte o ano em dois períodos, o do trabalho e do descanso, que se concretiza pelas celebrações das festas. O calendário carreiro define o tempo de trabalho como o tempo de espera, o romeiro se ocupa de ganhar o sustento familiar e produzir um excedente para as festas, principalmente o fundo cerimonial para a romaria (DUARTE, apud CARVALHO, 2007, p. 30).

Os Carreiros⁸ trabalham com a agricultura familiar e todos eles têm uma vida econômica bem equilibrada. Produzem o milho, o arroz, a mandioca, a batata doce, o amendoim, o feijão, a pimenta, a cana-de-açúcar e a horta de folhagens para o sustento da família⁹. Na pecuária¹⁰, os Carreiros produzem o leite e o queijo para renda fixa da família. Porém, existem Carreiros que não trabalham na agricultura. Esses têm algum tipo de profissão¹¹, como eletricitista, pedreiro, professor, funcionário público estadual ou municipal.

Como foi dito, a vida dos Carreiros é simples e eles são muito acolhedores. A devoção Carreira está nos planos de todos estes homens e mulheres, que entra ano e sai ano, não perde de vista o compromisso com o santo Divino Pai Eteno, no final de junho e início de julho. Ao chegarem da romaria já se preparam para a próxima, no ano que virá. Começam bem antes os preparativos, com plantios da agricultura, as engordas de animais, preparo dos carros de bois, adestram os bois, bem cedo convidam os amigos, ensinam os filhos e amigos todas às atividades envolvidas na romaria em devoção ao divino Pai Eterno.

A maioria dos Carreiros é responsável pela produção agrícola e pecuária (pequena produção); não são grandes proprietários, mas contribuem na construção econômica e social do município de Mossâmedes, com o trabalho na zona rural. Contudo, não deixam de frequentar e colaborar, de uma forma ou de outra, no que tiver ao seu alcance para o desenvolvimento do município.

Para a antropóloga Silvana S. Nascimento (2011, p. 02), em função da romaria, os Carreiros

viajam aproximadamente quarenta famílias, que vivem da pecuária leiteira, em pequenas propriedades, na zona rural. Mesmo aquelas que moram na cidade também trabalham nesta atividade, seja em suas próprias terras, seja em outras propriedades, como diaristas.

Preparam o alimento para a viagem da romaria com muitos meses de antecedência, promovendo a engorda de porcos, bois e galinhas. O curioso é que o animal suíno, tanto o macho quanto a fêmea, é castrado para facilitar a engorda e ser abatido para a próxima viagem.

Nesta ocasião, toda a preparação se intensifica nos dois últimos meses, e contam com a ajuda dos vizinhos, amigos e parentes, filhos casados, mãe, genros, noras e sogra/sogro, que

⁸ 80% dos Carreiros, segundo o presidente do Sindicato Rural de Mossâmedes, Jacinto Marcos Queiroz

⁹ Esses produtos não se encaixam no programa de desconto do imposto sindical, por ser de produção de pequenos proprietários, enquanto os grandes proprietários são descontados os impostos, segundo Jacinto Marcos Queiroz.

¹⁰ Somente 20% por cento dos Carreiros, afirma o presidente do Sindicato Rural

¹¹ Os que residem na cidade

não vão com a caravana Carreira. Estes colaboram em mutirão, tanto na arrumação dos preparativos, como para deliciarem da fartura de alimentos, dos biscoitos de queijos, mané-pelado, pés-de-moleque, paçocas de carne com farinha, linguiça com arroz e variados tipos de doces. Tais alimentos são todos produtos da roça. O estranho é que a mandioca¹² é sempre cozida com açúcar, e não com sal, como é de costume em outras localidades, servindo também para fazer a farinha e o polvilho.

Para a viagem, a mãe arruma os vestuários seus, dos filhos e do esposo, além de consertar as roupas que estão estragadas, como as camisas, as calças, as meias, os lençóis, os cobertores, agasalhos contra o frio e até os colchões. Assim, eles se preparam o ano inteiro, no intuito de promover uma boa jornada rumo ao santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade. Também algumas cidades (municípios) são envolvidas, de quinze a vinte dias, com os preparativos, inclusive pessoas que não fazem parte desta tradição Carreira.

Por fim, entre os Carreiros há muita receptividade e reciprocidade, em relação aos amigos que os visitam, seja nas suas casas, nos pousos ou no acampamento em Trindade. Eles sempre estão de bom humor e contentes com a vida.

1.2.2. Local e moradia dos Carreiros

As moradias dos Carreiros são, quase todas bem construídas, cobertas com telhas de barro, paredes de tijolos de barro com pinturas ou não. A maioria das residências está localizada nas fazendas dos seus proprietários, outras na cidade. As casas são bem repartidas, variando de três a oito cômodos, assim especificados: quartos, área, cozinha, sala de estar, paiol¹³, além de banheiros e ou garagem para o automóvel e carro de bois. Alguns cômodos são anexos às suas casas. Estas são servidas, na sua maioria por água de cisterna ou minipoços artesianos; outras têm água tratada da Saneago¹⁴; todas dispõem de energia elétrica da Celg. Algumas residências rurais e propriedades são banhadas por algum tipo de ribeirão, fonte que serve para tomar banho, lavar as roupas e para o gado beber. As casas são próprias, mas alguns filhos ou filhas residem em casas cedidas pelos pais. Em cada casa reside o marido, a esposa e os filhos. Noutras casas, além do esposo, esposa e filhos, residem também o

¹² Em algumas regiões do Brasil, conhecido como a macaxeira ou aipim

¹³ Espécie de depósito que serve para armazenar os produtos colhidos na roça.

¹⁴ Saneamento de Água de Goiás.

empregado, ou a empregada e às vezes o vaqueiro¹⁵, ou filho do vaqueiro, sobrinho (a) ou filho da empregada.

Nas propriedades de residência não há escolas. As crianças se deslocam para a cidade para estudar. Essas dependem do meio de transporte fornecido pela Prefeitura, para irem à escola na cidade. As aulas sempre acontecem no período vespertino, porque neste turno é mais adequado o transporte dos estudantes da zona rural. Também não há um local apropriado para as celebrações do culto religioso. Para realizar suas orações, rezas e cultos, vão à Igreja da cidade, sobretudo nos período das festas dos padroeiros e, de vez em quando, aos domingos, para a celebração das Missas. Nesta ocasião levam os produtos da roça para o santo. Estes são leiloados e o dinheiro destinado à manutenção das obras da igreja.

As pequenas propriedades estão localizadas não muito distantes da cidade. Estas variam de 2 até 20 km de distância, como, por exemplo, o caso da família do Sr. A02, que reside a 2 km de distância da cidade, enquanto que a família do Sr. A025 fica a 20 km. As estradas para essas propriedades são bem conservadas, porém sem pavimentação, excetuando as que dão acesso à cidade de Mossâmedes, como a GO 164. Por outro lado, por serem estradas sem pavimentação, há muita poeira, mata-burros¹⁶, porteiras, colchetes¹⁷ e pontes de cimento ou de madeira rústica. Contudo, ao que parece, não é obstáculo para esses moradores rurais.

Os objetos encontrados na casa não são diferentes de outros existentes em residências da cidade. Tem cama, guarda-roupas, armários, estantes de madeira, mesa, cadeiras de madeira e de couro, bancos de madeira lisa ou rústica, televisão, rádio, fogão a gás e a lenha, panelas de ferro e de alumínio para fazer a comida, colheres de pau e alumínio; algumas casas têm um giral¹⁸, imagens dos santos em estampas ou em gesso, oratórios, rosários para fazer as orações e a imagem do Divino Pai Eterno. Tem o carro de bois, sempre bem cuidado e conservado para a próxima romaria, também para transportar as colheitas da roça.

1.2.3. Sociabilidade dos Carreiros

A vida dos Carreiros está mesclada com várias atividades em seu cotidiano. Além da devoção ao Divino Pai Eterno, participam de outras atividades não religiosas, como dança de

¹⁵ Função para cuidar do gado.

¹⁶ Passagem somente para automóvel, não para animais.

¹⁷ Passagem de animais e substitui os mata-burros.

¹⁸ Espécie de mesa feita de madeira rústica que serve para colocar em cima as vasilhas lavadas para secar.

forró, jogos de cartas de baralho, pescaria, futebol e festas rurais, assim como chá-de-panela, chá-de-berço e o terço na casa dos vizinhos; gostam do radinho de pilha para ouvir a autêntica música de raiz sertaneja; torcem pelos times de futebol; também participam das festividades da cidade, da igreja e da pecuária no município.

Dentre as principais atividades desempenhadas pelos Carreiros estão o tirar leite, além de outras devoções aos santos padroeiros de Mossâmedes, de Itaberaí e Mirandópolis¹⁹, da Folia de Reis, aniversário na fazenda e festividades de São João, com os vizinhos. Visitam os outros vizinhos e realizam mutirões na roça para a colheita e, às vezes, mutirões para construir casas para os parentes e para os pobres.

Os Carreiros trabalham o ano inteiro, só tiram férias em virtude da romaria, no final de junho e início de julho. Durante o ano, eles juntam um bom dinheiro para gastar na festa; para comprar roupas, agasalhos, chapéus, berrantes, ir aos shows e aos bailes²⁰ e para as muitas novidades que se encontram em Trindade.

Em consequência do trabalho pesado, alguns dos Carreiros, principalmente, os homens, dormem muito cedo e acordam por volta das quatro ou cinco horas da manhã, para começarem a jornada do dia. As mulheres também começam suas atividades bem cedo: fazem o café da manhã, cuidam das atividades caseiras, enquanto seus maridos ou filhos vão para a roça cuidar das atividades agrícolas ou da pecuária.

A gente é costumada com este tipo de serviço pesado, diz o Sr. A02 (DIÁRIO DE CAMPO).

Os Carreiros raramente vão à cidade, salvo para comprar o complemento da alimentação, o remédio, eletrodomésticos, ir ao médico, para viagens e às festas religiosas promovidas pela Igreja ou município, também para pagar os impostos das propriedades e a energia.

Para Nascimento (2011, p. 04), até a década de 70 “os habitantes da zona rural de Mossâmedes iam para a cidade apenas durante as festas”. No período das festas encontravam os parentes, os amigos, compravam objetos variados. Assim, a visita à cidade é ritualizada por meio da romaria aos santos. A romaria ao Divino Pai Eterno é a comprovação da reprodução do modelo de romaria de outras festas tradicionais da região de Mossâmedes. Estas, por sua vez, são redefinidas e incorporadas para um novo modelo de festividades modernas, porém não deixam de ter como parâmetro a sua tradição e a sua memória.

¹⁹ Pequeno povoado, antes chamado de Troca-Tapa, próximo da moradia dos Carreiros.

²⁰ Somente para os mais jovens.

Na cidade, quase todos os moradores conhecem os Carreiros pelo nome. Cada um tem o desejo de ser feliz, honrado, aceito, respeitado e reconhecido na sociedade. Como é o exemplo do Sr. A031, reconhecido pelo nome por todos os moradores de Mossâmedes, nos arredores e em Trindade. Ele narra um acontecido em sua vida:

um home falô assim, agora quero vê se ocê ganha pelo meno uma palma lá na Trindade. Mais, quando cheguei lá, todo mundo me gritava pô nome, palmas, foi aquela farra, aí quando foi mais tarde, ele chegô na minha barraca, ah! ocê é um capeta, ninguém pode com ocê!. Eu vô lá em Trindade não é pro mode de palma. Eu vô lá, passo numa igreja, passo nôtra, aí ta bão, pronto! Tô realizado, não vô pro mode gandaiá na festa. Este home me chamô sô, pra ir lá em Firminópolis, fazê um disfile pra ele, mais no boi dele, pra eu levá uns quatro ô cinco Carreiros, eu fui. Chegô lá, nois foi fazê aquele disfile, aí quando chegô lá, nois andô a cidade inteirinha e todo mundo caladim!, caladim!... Ninguém deu vaia pra nada, sabe? Que nem eu chego aqui não dô atenção pra ocê. Falei pra ele: ocê aqui tem um prucedimento muito bão, ninguém deu apoio pra o sior uai! Aí, ele ficô caladim. Ele me chama otra veis pra ir lá no São João da Paraúna, eu peguei os companheiros e fui. Aí sô, chegô lá andemo naqueles mundos até quase escurecê. Ele falô que ia ganhar um jantão para nois. Chegô lá teve janta niuma. Foi a merma coisa de pegá um bobo aqui e sair com ele no mundo afora (DIÁRIO DE CAMPO).

Nesse depoimento, o Sr. A031, um dos coordenadores da caravana dos Carreiros, com muito orgulho, afirma convicto que o Carreiro, quando fiel à sua tradição, deve ser respeitado, aplaudido e reconhecido por todos, em qualquer lugar, na cidade ou na roça.

1. 3. O carro de bois

O carro de bois foi o primeiro veículo de transporte que o Brasil possuiu: continua em pleno serviço (CASCUDO, 1971).

O carro de bois é um meio de transporte por meio do qual o Romeiro Carreiro se dirige à Trindade. Em virtude da romaria, os Carreiros se organizam para sair com a caravana, como é bem lembrado por Oliveira (1999, p. 28), no uso das palavras do cantor Valter José²¹,

levantei cedo, juntei a boiada, a fé no peito e os pés no chão. Meu velho carro cantou na estrada e um pó vermelho levantou do chão. Num passo lento saiu a jornada, da romaria da devoção

O carro de bois, segundo Moreira (2001, p. 301), surgiu com a descoberta da roda usada nos trabalhos agrícolas, “embora alguns digam que antes de ser um meio de transporte era um instrumento musical”, devido ao formato do seu corpo; o Carreiro carrega o carro para ouvir o seu cantar.

Silva (2007, p. 08) também concorda que o carro de bois serviu como “força de trabalho” e no deslocamento de tudo o que se produzia, conforme a cultura. Segundo esse autor, “o carro de bois foi o primeiro veículo utilizado no Brasil”. Este representa, ainda, um

²¹ Um dos animadores do canto litúrgico no Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade.

papel importante na cultura dos Carreiros. Em consequência da romaria para Trindade. O carro de bois

já constitui uma tradição que se afirma por várias gerações. Nessa época veem-se carros engalanados, cujos condutores exibem com orgulho e capricho o que, durante o ano, sem alegorias, se constitui em valioso prestador de serviços (SILVA, 2007, p. 9).

O carro de bois é composto pelo chumaço, a xeda, a cantadeira, o cocão, mesa do carro, cabessaio, xavéia, canga, pigarra, espera, assoalho, recavem, fueros, esteira, angolão, candeeiro, capanga, matula, caniço, torda, cantiga, carvão, manula ou feda, duas rodas de madeira, além de uma junta com oito ou dez bois para puxar o carro.

Parte de um poema sobre o carro de bois, de Sonha Ferreira²²

Venham ver, homens e mulheres, velhos, moços e meninos da cidade e da roça, o carro de bois, um dos veículos mais antigos e dos mais simples, a participar significativamente da poesia e da economia de um povo! Tudo encanta o carpinteiro, tudo deslumbra o artesão, mas quem enfeita e dá vida ao veículo artesanal nas estradas de sol e chuva, de dias claros ou de noites enfeitadas pelas estrelas e lua? Quem aponta o rumo das estradas e abre cancelas, refresca, com água limpa ou barrenta, juntas faceiras, na travessia de um córrego, cuja ponte caiu? Quem que, com a vara de ferrão, dá ordens enérgicas e vibrantes, e ritmo à boiada, na condução do carro de bois, toldado, pesado, carregado de sacas de mantimentos em época de colheita? Quem transporta latas de biscoitos e doces, almôndegas e paçocas, colchões e roupas de cama, calças de tear ou de brim, vestidos de chita ou seda, em dias de festa? LÁ VAI O CANDEEIRO, O MENINO GUIA, LÁ VAI O CARREIRO, DE BOTAS DE POEIRA OU LAMA, COMPANHEIROS DE VIDA, NO CENÁRIO DAS ESTRADAS... Lá vai o menino, lá vai o homem, lá vão juntas: junta-de-guia, junta-de-coice. Lá vão todos, levando a roça ao engenho, aos paióis, as rodas de fiar, às de fazer farinha e polvilho, à alegria dos animais, à alegria dos Homens. Lá vai a roda, rodando pelas estradas, rangendo gemendo, cantando. Lá vai o carro de bois com segredo de bom condutor e contadores incansável, afinado por caprichos juntos, talvez óleo de mamona, prontinho para encantar, alimentar e construir a cidade. Além dos olhos nas casas grandes de janelas ocre ou azuis, nas casinhas de pau-a-pique, ou nos simpáticos ranchos de palha, quem mais fica à espera emocionada do carreiro e do candeeiro, roceiros-poesia? E da melancólica e interessante cantiga do carro de bois? Quem? Às margens do caminho da história, ficam as sobranceiras compridas, alongadas, oblíquas curiosa, buscando esse carro de bois. Ele permanece nas lembranças de nossos pais e avós, na emocionante Romaria de carro de bois. (FERREIRA, 2009)

Em comparação com o automóvel movido por combustível, o carro de bois, para Silva, (2001, p. 689) é um “veículo lento, rústico e pesado”, mas de suma importância na “ligação direta e muito viva com a romaria do Divino Pai Eterno [...] Mesmo com o progresso e a popularização do automóvel, o carro de bois continua presente” na festa do Divino Pai Eterno.

²² Escritora e presidente do Centro de Cultura da Região Centro-Oeste – e membra da Associação Nacional de Escritores/DF.

Veloso (2011), em seu artigo *Gemido da Tradição*, afirma que o carro de bois é o espetáculo da fé em louvor ao Divino Pai Eterno, em Trindade. Para este autor, o carro de bois foi

o principal meio de transporte da região [de Mossâmedes], naquele tempo, era o carro de bois, muitos o usavam geralmente para conduzir até lá seus doentes, na esperança de curas miraculosas. Assim foi fundada a tradição. Atualmente, entretanto, sua permanência deve-se a uma visibilidade cada vez maior, que agrega prestígio e outros significados aos participantes, principalmente os encontros sociais, num verdadeiro exercício de convivência com alteridade. E isso se dá como sempre acontece nas manifestações culturais que sobrevivem ao passar do tempo, pela capacidade que os responsáveis pelo evento têm de se adaptar a uma permanente demanda de atualização, feita pelo próprio grupo social que o mantém vivo e em permanente fortalecimento (VELOSO, 2011, p. 04).

É verdade que o carro de bois é um transporte alternativo no escoamento da produção, mas para o Carreiro este se torna um objeto de importância para a romaria. Porém, alguns Carreiros usam outros meios de transporte para se locomoverem para a cidade, como por exemplo: a bicicleta, moto, trator, automóvel, ônibus, cavalo (ou mulas) e carroça conduzida a cavalo. Alguns desses meios de transporte servem para acompanhar também o trajeto da viagem da romaria, como apoio aos Carreiros. Mesmo que tenha outros meios de transporte para ir a Trindade, na Festa do Divino Pai Eterno, o Carreiro não deixa de valorizar o carro de bois. Assim conta a Sra. A029:

o Tota desde menino vai nessa romaria. Ele tinha um ti cego. Antão tinha um que guiava os boi. Tota guiava o cego. Desde menino, o pai dele morreu, ele ficô com dois ano, aí foi ficá com o ti. Antão ele parô uns ano assim, pôcos ano. Aí depois que nois casô, ele só faiô quatro ano sem ir. Nois ta agora vai fazê 51 ano de casado, dia 26 de julho. Ele faiô quatro ano. Mais é, faiô de ir de carro de boi, mais sempre ele ia de carro. Antão no começo, a gente ia de carro de boi, era pôcos carro, aí depois foi aumentano os carros, agora, hoje já, a ora que eles arreune os carro das comunidade aqui perto, é que já dá uns quarenta carros né! Cinquenta. Os fii, as noras, tudo vai de carro de boi. O ano passado elas levaram um carrim de gasolina, disse que é pa discansá. Uma ora tava na frente, otra ora tava pra atrais, mais sempre vai de carro de boi também né? (DIÁRIO DE CAMPO)

Como constatou a depoente, os Carreiros narram sempre uma história no intuito de valorizar a tradição devota. Nesta observação, cabe reforçar que na romaria o carro de bois é o símbolo principal, mas na falta ou na impossibilidade de ir com o carro de bois, o compromisso de cada Carreiro é cumprir com a promessa ao Divino Pai Eterno, sempre, durante a festa. Parece que, para o Carreiro cumprir determinado voto feito ao santo, outra época não serve, mas somente nos dias em que ocorre a festa ao Divino Pai Eterno. Fora da festa, os milagres e as bênçãos parecem não ter o mesmo valor que os recebidos durante o auge das festividades em Trindade, Goiás, por ocasião do Divino Pai Eterno.

Os carros de bois são de propriedade dos Carreiros; alguns são emprestados, por aqueles que não podem ir com a romaria. Quando o carro já está bem velho, este é vendido, enquanto se confecciona um mais novo, prevendo a próxima romaria.

Assim o carro de bois sempre foi e será muito importante para os Carreiros, pois além de servir como meio de transporte, para carregar a produção da roça, é também uma relíquia histórica, símbolo de pertença para lembrar uma história familiar. Foi o que aconteceu com o Carreiro o Sr. A02, quando se referia ao carro de bois que o pai teve.

Este carro de boi aqui olha? Meu pai carreô mais de 20 anos, aí ele vendeu ele. Eles arrumô uns asfaltos aqui, eu era solteiro ainda, nois chegô da roça e não vimo o rasto do carro de boi, aí eu perguntei: pai cadê o carro de boi? Eu vendi. Ah! Mais deu uma tristeza ni mim. O papai ficô caladim, caladim, não falava nadinha porque ele vendeu contrariado, já tinha vendido os boi, não tinha espaço para carreá, aí o um véi ficô com o carro de boi guardado durante um ano. Ele tinha guardado ele lá. Só carreô pô um ano. Eu comprei este carro que era do meu pai vendido àquele véi por mil real. Quando meu pai vendeu o carro de boi, era muito barato, o preço do valô de uma vaca. Quando eu vinha com o carro de boi, no caminho me ofereceram cinco mil real, mais adiante me ofereceram seis mil e eu não vendi. Este carro tem uma história, tanto que papai gostava deste carro e hoje eu não vendo ele, é de jeito nium, por preço nium (DIÁRIO DE CAMPO).

O Sr. A02 referiu-se ao carro de bois, porque o pai o tinha há mais de 20 anos. Na verdade o carro de bois era para ele o símbolo mais sagrado, por meio do qual o pai o ensinou a tomar gosto pela romaria dos Carreiros.

Nesta outra fala, vê-se que, mesmo que um devoto não tenha afinidade com o carro de bois, o cuidado com este torna-se numa prática de obediência e respeito ao pai ou à mãe. Assim depõe a Sra. A029:

eu tenho um fi que não gosta bem de carro de boi não. Mais é aquele que arruma a bagage todo dia. Chega no pôso, tem que tirá aqueles trens, otro dia tem que pó otra vêiz. Antão, ele que prepara as coisas.

1. 3.1. Lotação do carro de bois

Alem do uso do carro de bois no escoamento da produção agrícola do dia a dia dos Carreiros, ele leva, também, de tudo o que os Carreiros necessitam durante a viagem da romaria: arroz, feijão, toda a alimentação preparada antes da saída para a cidade de Trindade, Goiás, vasilhas, panelas, talheres e latas em pequenos caixotes. Estes utensílios, depois de usados, são bem guardados para a próxima romaria; levam as cadeiras, mesas dobráveis, lona para cobrir a barraca, cordas de nylon, fogão a gás, galões para reservar água, a capanga²³

²³ Espécie de sacola feita de pano para colocar a matula.

para colocar a matula²⁴. Em quase todos os carros, os Carreiros levam uma garrafinha de cachaça, para aperitivo entre os amigos. Ainda Levam o fruto de seus trabalhos, os produtos agrícolas que serão recolhidos como oferenda ao Divino Pai Eterno e à Comunidade de São Cotelengo²⁵. Os alimentos não consumidos serão levados de volta para casa. No ano de 2011, um só Carreiro levou de doação 900 kg de alimentos para esta instituição.

Para Nascimento (2011, p. 02), “os alimentos que são levados na viagem não são os mesmos consumidos no cotidiano”. As carnes, por exemplo, “são cozinhadas, conservadas na gordura de porco” e armazenadas em latões. Com as elas fazem também paçocas com farinha.

Os bolos e doces são confeccionados especialmente para a viagem numa consistência firme para agüentarem o balanço constante dos carros de boi: bolacha de trigo, biscoito de polvilho, de queijo, broa de fubá, doce de leite, queijadinha, pé-de-moleque, paçoca de amendoim, doce de limão, etc.

1. 4. Percurso da romaria – de Mossâmedes a Trindade

Em consequência da romaria, os Carreiros percorrem estradas e caminhos sob o sol, poeira, frio, calor e muitas outras intempéries. Este percurso é feito sempre pelas estradas e rodovias vicinais, não pavimentadas. As rodovias estaduais são somente para a travessia, quando há necessidade. Assim, durante os sete dias de viagem eles têm no seu trajeto os seguintes pousos: o primeiro acontece na sexta-feira, na Fazenda do Sr. Jorge Cunha, a 26 km, em Mossâmedes – Goiás, para os Carreiros vindos de Sanclerlândia – Goiás. Aí estes se juntam aos Carreiros de Mossâmedes. Neste pouso, o proprietário costuma oferecer para os Carreiros um jantar e no outro dia o almoço, às 6 horas da manhã. Celebra-se Missa ou reza-se o terço. O segundo pouso, no sábado, é na Fazenda do Senhor Dito Lara, a 30 km de Mossâmedes, e próximo à cidade de Americano do Brasil – Goiás, a 1 km, precisamente. Neste pouso se juntam os Carreiros de Sanclerlândia, Mossâmedes e Americano do Brasil. O terceiro pouso, no domingo, na Fazenda do Sr. Flavio, a 19 km de Americano do Brasil, entre Boa Vista e Capela, no Município de Anicuns – Goiás; o quarto pouso, na segunda-feira, na Fazenda da família do Sr. Lili Correia, a 22 km de Anicuns - Goiás e a 3 km de Avelinópolis – Goiás; o quinto pouso, na terça-feira, na Fazenda do Sr. Tobias, a 29 km da cidade de Avelinópolis – Goiás, no Município de Santa Barbara - Goiás; o sexto pouso, o último, quarta-feira, no local chamado de fazendinha a 16 km da Fazenda do Sr. Tobias no Município

²⁴ Alimento que os carreiros levam na viagem.

²⁵ Instituição Filantrópica que cuida de pessoas com deficiência mental.

de Avelinópolis – Goiás, e a 6 km da cidade de Trindade – Goiás. Chegam a Trindade para o desfile na quinta-feira, às 7h30 da manhã.

O percurso da romaria é um momento privilegiado de criação das relações familiares e vizinhança. Assim escreve Reinato (2004, p. 27):

na estrada, os homens fazem a função de Carreiros, os que conduzem os carros de bois, enquanto que a mulheres andam em grupos onde a presença masculina é praticamente nula. O detalhe é que as solteiras andam na frente (para paquerarem sem ser incomodadas). Em média são 30 km diários de caminhada.

No dia a dia há entre as famílias dos Carreiros, sobretudo com a viagem, entre pais e filhos, algumas nuances de desentendimentos, mas logo se resolvem com pedidos de desculpas, porque entre eles há uma unidade considerável, humildade e carinho. Assim, a unidade é a sociabilidade gerada pelas relações familiares preservada pelos Carreiros. Segundo Nascimento (2011, p. 03), a sociabilidade “que emerge no período da romaria também permite o surgimento de novas relações entre as pessoas com atividades e modos de vida diferenciados”, seja “o fazendeiro e o agregado, o patrão e o empregado, gente da roça e gente da cidade”, há sempre relações familiares.

Entre essas famílias, cria-se uma rede de sociabilidade que redimensiona as relações familiares e de vizinhança. Por um lado, nos pousos, a família se une [...] na barraca, para passar a noite ao final de cada dia da viagem. Cada família – que abriga uma família extensa, composta de uma ou várias famílias nucleares – dorme e come junto na mesma barraca. É uma situação peculiar em relação ao cotidiano, em que cada família nuclear possui a sua própria casa e, muitas vezes, a sua propriedade. Na Romaria, as relações familiares intensificam-se e a convivência nas barracas permite uma aproximação [...] entre avós, pais, tios, filhos, netos (NASCIMENTO, 2011, p. 02).

Andam sempre em grupos por afinidade ou familiares. Algumas mulheres, crianças ou pessoas idosas, quando cansados durante a viagem, entram no carro de boi para descansar, depois voltam a andar a pé, acompanhando o carro de bois. Os homens, sobretudo os de mais idade, carregam sempre o seu cigarro de palha e sua garrafa de cachaça, não todos; enquanto os mais novos levam sua latinha com cerveja. Alguns Carreiros já trabalhavam antes nas fazendas e na agricultura, puxando carros de bois.

Nos pousos (não em todos), os Carreiros se reúnem para participar da celebração da Missa, fazer as orações e rezas em agradecimento a Deus pelo dia que passou e também pelo pernoite. Durante a noite há momentos de animação com violão, gaita ou sanfona, com músicas de todos os gostos: sertanejas, religiosas e causos, histórias e jogos de cartas de baralho. Agradecem também pelo acolhimento por parte dos proprietários das fazendas, em virtude dos pousos, e nos momentos de orações e agradecimentos fazem reverência ao Divino

Pai Eterno. Nesses momentos, muitos se emocionam e choram. Afirma a Carreira, a Sra. A029:

todo dia a noite tem uma celebração e quando intera os três dia de viagem, nus pôso tem uma Missa, na metade da estrada, no sior Lili Correa. Antão, nois continua a Missa, a mesma coisa.

De modo geral, não se pode negar a importância das relações entre os Carreiros, mas há também algumas crises de ciúme entre as caravanas de Mossâmedes com a caravana de Damolândia. Isso porque, no entender dos Carreiros de Mossâmedes, os Carreiros de Damolândia andam menos dias com sua caravana, de três a quatro, e são os primeiros a entrar no desfile, enquanto que os Carreiros de Mossâmedes, além de ser o grupo mais antigo e andar os sete dias, desfilam por último, se considerando prejudicados.

À noite, fazem o jantar e do jantar separam o almoço para o outro dia, sendo este servido por volta das 6 horas, substituindo o café da manhã, antes da saída para mais um dia de jornada pelas estradas rumo à cidade de Trindade. Durante a viagem, sempre se levantam às 4h30 da manhã para buscarem os bois e cangá-los, depois organizar o carro para andar mais um dia de viagem, continuando o trajeto da viagem.

Em alguns pousos, os Carreiros pagam a quantia de R\$2,00 por cabeça de boi e R\$2,00 para cada Carreiro tomar banho quente. Quem não quer tomar banho com água quente vai tomar banho na represa ou no ribeirão mais próximo. Às vezes, tomam banho juntos, homens e mulheres, crianças e adultos, porque não há banheiros apropriados.

Como foi dito acima, nas estradas do trajeto da caravana da romaria há muitas intempéries como a poeira, o sol e o frio, à noite porque essa região de Goiás tem o clima tropical, e o período é de muita seca. Também há pessoas que não são devotas, mas acompanham a caravana da romaria para tumultuar e, às vezes, para venderem bebidas alcoólicas entre outros. Afirma a Sra. A029,

na viage faz tanto frio, que a gente embrulha as crianças em dois ou três cobertores. Os lábios racham, a garganta inflama.

Segundo alguns Carreiros, há o desrespeito de muitos motoristas de automóveis, que cruzam os carros de bois e os Carreiros, com perigo de acidentes às pessoas que acompanham a caravana da romaria. Existem também os curiosos e aproveitadores, especialmente quando os Carreiros chegam aos pousos mais próximos das cidades. Alguns curiosos querem tirar fotos, filmar; outros vão para visitar os amigos e parentes que estão na caravana carreira. Outras pessoas vão ao encontro da caravana-carreira, durante o trajeto, com outros meios de transporte mais rápidos, uns por curiosidade, outros para saber como estão os Carreiros.

Durante o trajeto da viagem, os Carreiros não têm muito apoio de alguns prefeitos das cidades por onde passam. Não há medicamentos, ambulância, nem outros meios de primeiros-socorros, em caso de acidente, exceto apoio da prefeitura de Americano do Brasil, Avelinópolis e de Trindade, que colocam à disposição dos Carreiros o apoio logístico para a romaria.

Quando param para pernoitar, nos pousos, nas cidades e nas fazendas, estes recebem das pessoas e dos proprietários, pão com carne, café, refrigerante, água, almoço e jantar, além do alimento para os bois. Os Carreiros oferecem, em troca, a promessa de rezar por todos ao Divino Pai Eterno. Nesses lugares também é celebrada uma Missa.

Sempre no último pouso, a 6 km de Trindade (fazendinha), os Carreiros alojam-se em locais diversificados, por falta de espaço físico nas fazendas dos proprietários que os acolhem. Um local só não comporta todos os Carreiros. Nestes, os proprietários oferecem lanche ou jantar e o pasto para os bois. Os Carreiros, neste pouso, levantam mais tarde, para que o horário coincida com o horário do início do desfile, que acontece sempre na quinta-feira, durante a festa em Trindade.

Muitas vezes, no trajeto da romaria, alguns Carreiros usam outros meios de transporte, principalmente para transportar os idosos, os doentes, algumas mulheres e crianças, quando cansam durante a viagem. Os Carreiros se revezam na direção do carro de bois. As mulheres, na maioria das vezes, não voltam a pé com os carros de bois, retornam para o seu destino de ônibus ou em outro tipo de condução.

Em geral, quase todos os Carreiros (homens, mulheres e crianças) usam chapéus e sombrinhas (guarda-sol) para proteger-se do sol, durante a viagem para Trindade. O estranho é que os homens usam bermudas de laicra, para não ferir as verilhas ou partes íntimas, e quando cria calos nos pés costumam colocar uma linha molhada de iodo no calo perfurado por um dia, para este secar. As mulheres, quando chegam a Trindade, gostam de comprar roupas, cobertores, agasalhos, lençóis, jaquetas, presentes para os amigos que não foram à Trindade, medalhinhas, rosários, bijuterias, quadros de imagens, utensílios de cozinha e algumas novidades que lhes agradam.

Enfim, segundo Renato (2004), a parada no pouso para o descanso acontece sempre a partir das cinco horas da tarde. À noite, por si, já é uma festa, com muita conversa, rezas, após o jantar, tudo em clima de confraternização e alegria entre as famílias.

1.5. A cidade e o município de Trindade

Já dizia o ditado popular em Goiás: “Trem bão é bondade, festa boa é da Trindade”. Segundo Reinato (2004), Trindade é a terra santa, a capital da fé e cidade das agulhas²⁶. Assim, são muitos os nomes dados a esta cidade, em virtude do fascínio sobre as populações de outras cidades. Esta, além de investir na santidade religiosa, investe também nas oportunidades econômicas. Trindade é chamada, por muitos romeiros, a capital da fé, porque vive 365 dias de fé no ano.

Para Reinato (2004), a história de Trindade se completa com a chegada dos padres redentoristas, em 1894. Para ele, os padres redentoristas vieram

à Trindade com o intuito de cristianizar a romaria e impor o preceito moralizador da Igreja na festa que deveria ser religiosa, e não profana. Entretanto, a recepção dos padres redentoristas na festa de 1895 foi marcada pela desconfiança e com uma latente agressividade por parte dos chefes políticos locais, liderados, sobretudo, pelo Coronel Anacleto (REINATO, 2004, p. 17)

Desta forma, para o autor, durante muito tempo, no século XIX, Trindade vivera sob conflitos entre Igreja e autoridades militares, que careceu da intervenção do então bispo de Aparecida, São Paulo, Dom Eduardo. Somente na segunda década do século 20, a ação missionária dos redentoristas foi consolidada, tendo como grande destaque a atuação do Padre Pelágio Sauter²⁷.

Os romeiros que visitavam o santuário, na festa do Divino Pai Eterno, sempre recebiam a bênção do padre.

Atendia os doentes e abençoava o povo todos os dias pregando a Palavra de Deus às 15 horas na matriz [antigo santuário]. Era a hora da bênção do Pe. Pelágio. Em 1961 ele atendeu pessoalmente mais de 500 doentes em suas casas ou nos hospitais. O pobre sempre ocupou um lugar especial no coração do religioso. A todos que o procuravam, atendia com amabilidade. Para isso tinha sempre á mão uma caixa com dinheiro miúdo e outra com cereais (arroz, feijão, farinha) (REINATO, 2004, p. 23)

Hoje, Trindade é uma cidade de grande porte no interior do Estado de Goiás, no Centro Oeste do Brasil, povoada por aproximadamente 104.488 (cento e quatro mil, quatrocentos oitenta e oito) habitantes, conforme o censo, em 2010. A cidade preserva traços

²⁶ Leia-se Reinato (2004), Trindade a partir dos anos 80 se tornou o segundo maior pólo confeccionista do Estado de Goiás. Atualmente mais de 200 confecções da cidade empregam milhares de pessoas, é referência de moda para o centro-norte do país.

²⁷ Conforme informações de Reinato (2004), Padre Pelágio foi um religioso, nascido a nove de setembro de 1878, na aldeia de Hausen, em Thann (Alemanha), e faleceu no dia 23 de novembro de 1961, aos 83 anos de idade. Consagrado a Deus pelos votos de pobreza, castidade e obediência, em oito de setembro de 1902. Chegou ao Brasil e nunca mais voltou á sua terra natal. Dedicou mais de 53 anos de apostolado, a maior parte destes, em Trindade.

históricos e arquitetônicos em seus diversos monumentos, incluindo a antiga igreja matriz (de estilo barroco e acervo patrimonial), o santuário novo do Divino Pai Eterno (santuário basílica), igreja de Santa Luzia, a capela da Vila São Cotelengo, igreja do Padre Pelágio, além de vários casarões em suas ruas.

O patrimônio que sustenta o turismo religioso de Trindade é uma das maravilhas goianas. O santuário novo [basílica], a igreja de Padre Pelágio e as imagens esculpidas espalhadas pela cidade, além da tocante reconstrução da via sacra, são mostras do inestimável valor das construções que atraem quase dois milhões de visitantes a cada ano, sendo mais de um milhão somente nos dias da romaria do Divino Pai Eterno (REINATO, 2004, p. 41).

Segundo Silva (2001) o município de Trindade é sede de um parque industrial em franca expansão, com destaque na área de confecção e de bebidas. Segundo este autor, a cidade é tradicional por sua origem religiosa do século passado. Além disso, conta com imponentes manifestações culturais, artísticas, esportivas e políticas, desde a sua origem até os dias atuais, se caracterizando como uma cidade histórica. Trindade, antes um distrito pertencente ao extinto município de Campinas (atualmente o bairro de Campinas, em Goiânia), recebeu este nome em 12 de março de 1909, e, em 16 de julho de 1920, Trindade foi elevada a categoria de município, posteriormente sua instalação se deu no dia 31 de agosto do mesmo ano.

Em consequência das festividades religiosas, do final de junho e início de julho, em Trindade, segundo Silva (2001), realiza-se o maior festival de Carros-de-Bois do Brasil, em desfile pelas ruas e pelo Carreirodramo²⁸ da cidade. Para este autor, a Igreja Católica promove as Missas na igreja matriz, no santuário²⁹ novo do Divino Pai Eterno e as procissões de piedade religiosa católica. A festa de Trindade caracteriza a razão da romaria e a gênese dos Carreiros de Mossâmedes.

Oliveira (1999) entende que desde o Antigo Testamento os santuários são pontos de referência na busca de uma divindade, porque as festas religiosas eram realizadas sempre no santuário de Jerusalém, para onde se dirigiam os judeus do mundo todo. Na afirmação deste autor, dentro do Cristianismo os santuários estão espalhados por todo mundo.

Nos séculos passados, era costume do povo cristão ir a Roma visitar os túmulos dos Apóstolos São Pedro e São Paulo e, tanta gente ia a Roma, que o povo dizia '*romaria*', de onde surgiu o termo de Roma. [...] Além de Roma, são famosos em toda a terra os santuários de Lourdes, na França; Fátima, em Portugal; Compostela, na Espanha; Assis e Pádua, na Itália; Guadalupe, no México; Aparecida [e Padre

²⁸ Construído para o desfile dos carros de bois e os Carreiros, na última quinta-feira de junho, e posteriormente, serve para outros eventos programados pela prefeitura de Trindade, sobretudo utilizado como estacionamento para ônibus de turismo. Está localizado no Parque Municipal da cidade.

²⁹ Lugar especial, privilegiado da manifestação misericórdiosa divina.

Cícero - Canindé, Ceará], no Brasil... Bom Jesus da Lapa, na Bahia; Nossa Senhora d'Abadia, em Muquém – Goiás, e em Romaria, Minas Gerais; o santuário do Divino Pai Eterno [entre tantos outros] (OLIVEIRA, 1999, pp. 13-14).

A cidade de Trindade, assim como Mossâmedes, está localizada no Centro Oeste Brasileiro, no centro goiano, a 18 km da capital, Goiânia - Goiás e a 227 km da capital federal, Brasília. O município é ligado a Goiânia pela GO 060, denominada Rodovia dos Romeiros, onde, nas suas encostas, há pistas para os pedestres de Goiânia, de outras cidades de Goiás e do Brasil. Sua principal economia atualmente é a indústria de produtos minerais não metálicos, metalúrgica, mobiliário de couros e similares, química, vestuário, calçados e artefatos de tecidos, produtos alimentícios, editorial, gráfica dentre outros, a pecuária e agricultura.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a história da cidade de Trindade é o “símbolo da Tríade Divina³⁰”, e começou por volta do ano 1840, onde

já existia em terras pertencentes a Campinas ou campininha das Flores (hoje bairro de Goiânia), um aglomerado urbano, conhecido por Barro Preto, nome do Córrego que margeava a nascente povoação [...] No lugarejo, viviam Constantino Xavier e sua esposa Rosa. Certo dia, roçando um pasto, [encontrou] um medalhão de barro, em que estava gravada a Imagem da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria. A partir daí, começaram a rezar o terço, todos os sábados, diante do Medalhão. Em 1843, Constantino Xavier dirigiu a construção da capela, coberta de folhas de buriti, para abrigar os moradores. O grande número de graças alcançadas, sob a inovação do Divino Pai Eterno, atraiu vários fiéis, e em 1966, foi construída, com donativos, uma Capela, denominada Capela-Mor do santuário, [posteriormente, o santuário do Divino Pai Eterno].

Segundo Nascimento (2011), a cidade de Trindade é hoje um dos maiores centros culturais e religiosos do Brasil. Isso, porque a festa atrai multidões de pessoas para visitar o santo Divino Pai Eterno, além do grande comércio de ambulantes, na sua variedade de barracas, seja de comidas ou de jogos.

1. 6. O desfile dos carros de bois

Segundo o panfleto Trindade com fé (2002), o desfile dos carros de bois é um evento único em todo mundo e resgata a cultura do povo goiano, num espetáculo que dura mais de quatro horas; é o maior do mundo. Carreiros de vários pontos do Estado prestigiam o acontecimento, mantendo viva uma tradição cultural e secular.

³⁰ Na confirmação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Triade Divina significa no contexto religioso, as três pessoas da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo.

Conforme o diário de campo foi observado que há uma prática entre os Carreiros no último pouso, em função do desfile: se produzem como podem para ficarem mais elegantes, típico de Carreiro. Os homens, por exemplo, de um lado, se barbeiam, cortam os cabelos, vestem roupas limpas, calçam botas e colocam chapéu na cabeça, um ou outro costuma usar canivetes pendurados no cinto da calça; do outro lado, o vestuário dos Carreiros para o desfile em Trindade quase sempre é composto por camisas de mangas longas de algodão, muitas delas doadas pelos organizadores do desfile e políticos. Estas, com escritos e estampas, com dizeres sobre a romaria, o nome da localidade em que residem; muitas trazem escrito o nome de políticos candidatos a algum cargo público. As mulheres e as crianças também se produzem do jeito que podem, usam chapéus, botas, calça esportiva e camisas com estampas. O importante é estar bem vestidos ao passarem pela multidão, nas ruas de Trindade e pelo o Carreirodromo, local onde há uma grande concentração de pessoas. No Carreirodromo estão, também, políticos e autoridades. Lá os Carreiros são aplaudidos, recebem homenagens e o coordenador (líder) do carro de bois ganha uma pequena lembrança (reliquia) simbólica pela participação no desfile, típica do evento, uma oferta dos organizadores do desfile. A organização do desfile é feita pela Prefeitura de Trindade, que tem a incumbência de preparar as equipes para o evento, e que por ocasião deste, conta com a presença dos prefeitos das cidades por onde passaram os Carreiros com seus carros de bois. Estão também sempre presentes deputados, vereadores e, às vezes, conta com a presença de um representante do governador, quando ele não pode comparecer. Estão presentes também os meios de comunicação, televisivo falado ou escrito, rádio, fotógrafos, profissionais e amadores, além do grande público de crianças, idosos, turistas, vindos de várias localidades de Goiás, do Brasil e do mundo, sem contar os curiosos admiradores, que aplaudem e gritam, quando os Carreiros passam pelas ruas e pelo Carreirodromo.

Para a organização do desfile dos carros de bois é usado o critério da ordem de chegada, e a fila dos carros inicia-se na entrada norte da cidade, no cruzamento com a GO 060, este fixado no lado externo do carro de bois. Cada carro de bois recebe um número, fornecido pela equipe organizadora. No desfile, quem comanda o carro de bois sempre é o chefe de família, que vem acompanhado pelos filhos e convidados, além de outros membros da família, que por um motivo ou outro vieram em outros meios de transporte.

O ponto alto do desfile acontece mesmo, quando os Carreiros passam pelo santuário velho, antiga igreja, localizado no centro da cidade, sendo finalizado no Carreirodromo. Há muita espera para o início do desfile, porque os organizadores sempre o atrasam por um

motivo ou outro. O desfile tem uma duração de aproximadamente 5 a 6 horas, a contar do primeiro carro de bois a passar pelo Carreirodromo. Os Carreiros e os bois ficam horas e horas estáticos, com sede e fome, sob o sol; os Carreiros, sobretudo, às vezes, não conseguem fazer suas necessidades fisiológicas, ou seja, ir ao banheiro.

Terminado o desfile, cada carro de bois é levado para o local onde os Carreiros irão construir suas barracas, com lonas trazidas no carro de bois e o próprio carro de bois, usado como suporte para sobrepor as lonas; depois os bois são levados para uma chácara próxima, onde ficarão até o dia da volta para suas casas.

No ano de 2009, desfilaram pelas ruas de Trindade 284 carros de bois, dos quais 40 eram da caravana dos Carreiros de Mossâmedes. Nesta, cada carro comportava seis pessoas, somando um total de 240 Carreiros, composta por jovens, mulheres, pessoas adultas e idosas. Em 2010, o número de carros de bois no desfile aumentou para 300, vindo de várias localidades e, entre esses, estavam também os Carreiros de Mossâmedes. Enquanto que em 2011 este número aumentou para mais de 300 carros de bois.

1.7. Os Carreiros em Trindade

Normalmente, quando chegam a Trindade, os Carreiros participam das Missas, das celebrações religiosas da Igreja Católica, levam os presentes que compraram para serem abençoados na Missa. Os jovens Carreiros, por sua vez, se juntam aos amigos, namorados (as), que não acompanharam a romaria, com os parentes, e se divertem na cidade em parques de diversão, circo, shows de cantores, baladas típicas da juventude. Alguns Carreiros não se alojam nos acampamentos, vão para as casas dos parentes ou amigos. Estes, costumeiramente, ao chegarem a Trindade se desgarram do grupo, devido a namoros, novidades da cidade movimentada, parentes, amigos, tios, irmãos e outros, além das muitas diversões e da festa.

Ao chegar a Trindade, o Carreiro esquece-se do cansaço da viagem, sobretudo quando avista o santuário basílica do Divino Pai Eterno.

A chegada ao santuário do Pai Eterno é a bênção que tão intensamente se buscou. Antes de tudo, a visita à imagem sagrada, a fé concretizada no sinal da cruz, o beijo da fita e a entrega de oferendas. Depois, é armar a barraca no fundo dos quintais. Após o banho, as crianças se vestem de anjo para a foto prometida ao santo que deu a graça da cura no momento incerto da doença (REINATO, 2004, p. 29)

De certa forma, os Carreiros sempre trilham por caminhos de emoções. Isso vai ao encontro com a ideia de Maia (apud SANTOS, 2001, p. 180), quando chama o homem de

“*homo festivus*”, porque segundo ele, nas palavras de Cox, este “canta, dança, reza, conta casos e celebra festas”.

Segundo Santos (2001, pp. 182-183), retornar à festa é uma demonstração das “tendências migratórias de determinada população”. Assim ele subjuga que muitas vezes algumas pessoas vão a determinada festa “para fazerem turismo”, outras para “visitarem pais, irmãos e parentes”.

O retorno para a festa faz parte do mundo ritual, e não da vida cotidiana. Com efeito, o deslocamento aí realizado assume um significado ímpar, pois, enquanto na vida cotidiana o que importa é à saída de casa e a chegada no trabalho [...] o caminho cotidiano é funcional, racional e operacional [...], no retorno [...] faz parte do mundo ritual, é a marcha que se torna importante, visto que ela mesma é ritualizada [...] no caminho consciente do ritual, o alvo e a jornada se tornam mais ou menos equivalentes (SANTOS, 2001, p. 183).

Na proposição de Santos (2001, p. 184), o caminhante “à medida que caminha para a festa, faz do próprio caminhar uma festa”. São as emoções que tornam o “mundo festivo”. Este é “sobrecarregado” de encantos, a partir do momento que a pessoa “se desloca, fazendo do deslocar-se emocionado um ritual de passagem em sentido pleno”.

Dotados de emoções, os Carreiros chegam com os carros de bois quinta-feira da última semana de junho e voltam na primeira segunda-feira de julho. Permanecem na cidade durante quatro dias. Alojaram-se em barracas de lonas construídas em uma área da prefeitura, um local não muito adequado. Há muita poeira, matagal, entulhos, banheiros quebrados, sem esgoto e a água do banho é fria. Às vezes, faltam água e energia no acampamento. Muitos Carreiros preferem se amontoar nos quintais de casas de amigos e familiares a ficar nas condições do acampamento, sem estrutura, fornecido pela Prefeitura de Trindade. Assim uma informante a Sra. A036 narra, nesse desabafo, a cobrança de tal situação.

Olha a nossa dificuldade aqui foi o seguinte: nois chegamo, não tinha banheiro aqui pra que a gente pudesse usá. Os banheiros são os mesmos dos anos anteriores. Estavam imundos, que na quinta-feira, quando a gente chega não tem como usá. Aconteceu, que vamos esperá a administração pra limpá. A administração não apareceu. Quê que aconteceu: na sexta-feira dimanhã, nois pegamo, compramo rodo, vassoura, detergente, kiboa, desinfetante. Eu, mia sogra e mia mãe fomos e lavamos cada banheiro. Cada banheiro aonde tomavam banho e aonde fazia as necessidades fisiológicas, e ai no otro dia, no sábado [...] hoje, domingo, no encerramento da festa, ninguém entra nos banheiros, já foi fotografado pelo João Fortunato, dizem que ele é agora o novo presidente da Associação dos Carreiros. Ele disse que tá com um projeto de fazê um museu dos carreiros. Eu como nora do Sr. Tota, eu parabenido se conseguí fazê esse museu. Mais primeiro, o nosso ambiente ta horrível, lixo pra todo lado, não tem como, não tem quem recolhe o lixo, quem limpa os banheiros. A água está faltando, muitas vêiz nois vamo no banheiro, não tem água nas torneiras. Não tá tendo policiamento. Aqui já sumiu até chuveiro elétrico, roubaram, roubam. Precisamos de policiais vinte e quatro horas e gente pra cuidá dos banheiros [...] policiamento! Nem o ano anteriô, nunca teve. Nenhuma administração, nem na parte da Igreja, nem na parte da prefeitura. Também, nunca colocô policiamento aqui. E como a gente vem a tantos anos nessa romaria, a gente queria que tivesse pelo meno um pôco de dignidade. Por exemplo: se colocasse grama, colocasse arvore aqui no acampamento dos Carreiros,

policimento e banheiros químicos. Não precisa mais nada. Nos últimos pousos precisam de banheiros químicos. [...] A romaria dos Carreiros vai continuá, mais se eles ajudá nessa parte. Muitos vêm pô farra, momentos de descontração, sai da rotina, mais otros vem pela fé de fato (DIÁRIO DE CAMPO).

Essa outra informante, a Sra. A029, fala das dificuldades encontradas no passado e que hoje melhoraram um pouco.

Naquele tempo que eu ia com os mininos, eu tenho oito fii, nois ia tudo. Antão, naquele tempo, era fugão de lenha, usava aquelas tal-banquinhas, a gente chegava nus pôso, ia arrumando a lenha, chegava la, era fugão de lenha, tomava banho, quentava água e punha na bacia que ficava pendurada la fora do quarto. Antão, num era como hoje, que tem muita facilidade [...] Se eu contá pu seore, antigamente, a gente chegava em Trindade, a gente pagava banheiro, até hoje nois paga, porque a gente aluga, nois pagava o lugarzinho de sentá a barraca. Pagava o pasto pus bois, e teve um ano que o prefeito não deixô nois entrá dentro da cidade [...] Antão, ele não deixô nois entrá. Antão, nois foi la alugô o lugá que nois ia ficá. Aí ele falô: eu deixo ocês na garage onde nois guardamo os carros. Chegano lá o guarda pega ocês e leva ocês pra não estragá a cidade. Agora, hoje, o carro de boi anda la pô toda banda. Esse prefeito, agora já vêi aqui, mudô a cabeça (DIÁRIO DE CAMPO).

Esses depoimentos são a demonstração de que entre os Carreiros não há passividade, são eficientes e ativos em relação ao que querem. Eles sabem muito bem que, apesar de residirem no meio rural, o conforto deve fazer parte da vida em qualquer lugar, é um direito que o cidadão tem. Assim esclarece Nascimento (2011):

se nos pousos e no caminho [na estrada], as relações sociais são movimentadas para dentro da própria sociedade, reforçando laços de parentesco e de vizinhança, por sua vez, no santuário de Trindade os Romeiros de Mossâmedes se incorporam a uma outra lógica, ligada à uma cultura tipicamente urbana(NASCIMENTO, 2011, p. 03)

1.8. Ritual da festa do Divino Pai Eterno

Segundo informações dos coordenadores do santuário Divino Pai Eterno, os preparativos da festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, inicia-se no mês de maio ou após o primeiro domingo da páscoa. Em cada ano é definido uma temática geral e subtemas para cada celebração do dia. As confissões se intensificam em virtude do grande número de devotos que circulam pelo santuário. Para tanto, a necessidade de mais padres para atender o maior número possível de confissões. Padres da Arquidiocese de Goiânia, de São Paulo e padres da Congregação Redentorista se revezam nessa tarefa. Muitos voluntários se dispõem a ajudar na festa.

O ritual da festa é o ponto alto para os romeiros, de modo especial, para os Carreiros. No ritual, conforme o livreto romaria (2011), a programação diária da festa é a seguinte: às 05h00 – Avorada festiva, na matriz e no santuário basílica; às 05h30 – procissão da

penitência, da matriz ao santuário basílica. Na matriz: Missas, às 07h30min, às 11h00 e às 16h00min e 18h30min; novenas às 09h00 e 14h00. No santuário basílica: missas às 06h00, às 07h00, às 12h00, às 17h30min e às 19h00; novenas às 08h30min e às 15h00. A programação especial nos dias da festa e segue o seguinte calendário: sexta-feira, às 10h00, Missa dos milhares que chegam com romaria ao santuário basílica – no último sábado do mês de junho, às 15h00, saída a pé (trevo de Goiânia) da romaria arquidiocesana a Trindade com participação dos Vicariatos (regionais da Arquidiocese acompanhada do arcebispo – 2011 a 8ª romaria) na novena solene, à noite – domingo, às 05h00, saída da romaria da família franciscana (trevo de Goiânia) e Missa às 10h00 no santuário basílica, em comemoração aos 800 anos do carisma de Santa Clara – terça-feira, às 06h00, saída da romaria dos militares (trevo de Goiânia), às 10h00 a Missa dos militares no santuário basílica – quinta-feira, das 09h00 às 15h00, desfile dos carros de boi com uma bênção especial e encontro de jovens às 17h00 no salão paroquial – no primeiro sábado do mês de julho, às 10h30, Missa com as crianças romeiras, no santuário basílica, às 14h00 encontro com os Carreiros e às 17h30min, Missa dos Carreiros na Praça da Basílica (televisada – TV Rede Vida/UCG) – durante a festa, Missas todas as madrugadas, às 00h00, 02h00 e 04h00, e no domingo, às 05h00, Alvorada com fogos e sinos, às 05h30, procissão da penitência, às 06h00, Missa na praça do santuário basílica, às 08h00, Missa solene da festa, às 16h30min, procissão luminosa de encerramento (saindo da matriz até a praça do santuário basílica). Em decorrência da festa, todos os dias, às 20h00, novena solene com exposição do Santíssimo Sacramento e bênção dos objetos no santuário basílica, agrega várias caravanas romeiras e na segunda-feira, às 05h00, Missa com o toque do despertar para conclusão da festa. Neste período de festa, todos os dias as confissões no santuário basílica e matriz, das 06h00 às 21h00, e os batizados, todos os dias, na matriz, às 10h00. Complementa o ritual com a seguinte oração e prece:

Divino Pai Eterno, aqui estamos para prestar-vos a nossa homenagem. Nós cremos em vós, Pai Eterno, nosso Pai e nosso Criador. Confiamos em vossa bondade e poder. Queremos amar-vos sempre, cumprindo vossos mandamentos. Nós vos damos graças pelo vosso amor e pela vossa ternura. Vós nos atraís ao vosso Santuário e nos acolheis de braços abertos. Vós nos guiais com os ensinamentos do vosso Filho, Nosso Senhor. Divino Pai Eterno, queremos consagrar a vós: Nossas famílias, para que vivam em paz e harmonia; nossas casas, para que sejam iluminadas pela vossa presença; nossas alegrias, para que sejam santificadas pelo vosso amor; nossas preocupações, para que sejam acolhidas em vossa bondade; nossas doenças, para que sejam remediadas com vossa misericórdia; nossos trabalhos, para que sejam fecundos com vossa bênção. Divino Pai Eterno, recebi a homenagem da nossa fé, fortaleci a nossa esperança e renovei o nosso amor. Dai-nos o dom da paz e da fidelidade à vossa Igreja. Pela intercessão de Nossa Senhora, Mãe do vosso querido Filho, dai-nos a perseverança na fé e a graça da salvação eterna. Amém (livreto de cânticos e orações em louvor ao Divino Pai Eterno, 2011).

Durante os quatro dias em que os Carreiros permanecem em Trindade participam de todos os momentos da festa: novenas, procissões, promessas, shows. Os mais velhos, não todos, na maior parte do tempo, permanecem no seu acampamento durante os dias da festa, mas não deixam de ir às missas, às celebrações religiosas, fazer compras na cidade, observar as barraquinhas, além das visitas à comunidade São Cotolengo. Jogam baralho, damas e outros jogos. Costumam ficar também em pequenos grupinhos, rodinhas de amigos, para conversarem e contar causos. Outros Carreiros participam das reuniões programadas com os representantes da Prefeitura e da Igreja, para tratarem de assuntos de interesse das partes. Assim, Pessoa (2005) percebe que numa festa popular religiosa não se possa conceber ausência de barraquinhas de comércio ambulante, com diversas mercadorias, como roupas, comidas, bebidas e outros mais.

Segundo Carvalho (2007), aderindo ao que declarou Pessoa, os fiéis percorrem essas barraquinhas com a mesma fidelidade da obrigação religiosa, mas também há presença de artistas, prostitutas e pedintes.

Velhos Carreiros até contam que era comum nas vilas [...], o frete em carros de bois em casas de prostituição, [...]. É que nos dias da festa são dias em que os homens se predispõem mais à diversão e ganância (PESSOA, apud CARVALHO, 2007, p. 71).

Contudo, de um lado vê-se a importância da religiosidade da romaria, mas do outro, as pessoas se deparam com o mundo profano. Nessa relação religião e comércio, sagrado e profano, surge uma série de problemas que trazem consequências para o sentido religioso da festa. Isso vai ao encontro do que Carvalho (2007) diz:

o homem religioso sente a necessidade de mergulhar periodicamente neste tempo. Tempo sagrado e indestrutível. Para ele, é o tempo sagrado que torna possível outro tempo, ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a humana existência (ELIADE, apud CARVALHO, 2007, p. 72).

Para o Carreiro, um dos momentos mais significativos da festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, é a missa com os Carreiros, que acontece no primeiro sábado do mês de julho, às 17 horas. Esta seria o complemento da romaria. O Sr. A02 responde:

a Missa dos Carreiros é bunita. Ela é realizada na praça do santuário e só perde pra Missa de encerramento da festa. Ela só perde praquelas Missas de domingo celebrada pelo bispo. O pátio lá lota de gente. É gente demais. Na igrejinha de baixo, a Missa aconteceu durante três anos. O primeiro ano foi somente com os Carreiros e com as famílias dos Carreiros. O segundo ano, a igreja já encheu; o terceiro ano, não cobe o povo, aí levô para a igreja de cima. Aí dois anos a igreja de cima encheu, aí passô lá pra fora. Cada ano aumenta mais de gente. É bunita a Missa. É que entra o berranteiro, o coral cantando diferente.

Esse depoimento é uma afirmativa de que, na devoção ao Divino Pai Eterno, o Carreiro se sente realizado. Chegar a Trindade e participar das festividades é motivo de

orgulho, pois vê que sua tradição, a romaria dos Carreiros, está cada vez mais se firmando como uma atração a mais e ganhando o gosto da multidão.

Na cidade, os Carreiros se juntam aos pagadores de promessas. Todos os anos, 1 milhão e 500 mil fiéis participam da maior festa religiosa do mundo em homenagem ao Divino Pai Eterno, que, na tradição católica, representa o Pai, o Filho e o Espírito Santo (O POPULAR, apud CARVALHO, 2007, p. 92).

Conforme afirma Nascimento (2011), em Trindade, o grupo de Carreiros de Mossâmedes, “além das atividades religiosas”, se deparam com uma variedade de “barraquinhas”, onde encontram “produtos para todas as idades, gostos e necessidades: roupas, sapatos, fitas cassete, aparelhos eletrônicos, utensílios domésticos etc.” Também há outros Carreiros que não compram, mas fazem “passeios diários pelas barracas”, contemplando e pesquisando preços.

A importância atribuída aos bens de consumo em Trindade não se limita ao aspecto econômico. Os produtos adquiridos possuem uma carga duplamente sagrada. Primeiro, a importância dos objetos está no lugar em que estão sendo comprados. Um camelodromo montado no santuário, num contexto de festa, ganha um significado especial para os consumidores Romeiros. Segundo, os produtos fascina pela enorme variedade e preço. Trindade, durante a festa, oferece para a população que vêm do interior do Estado [e de outros estados], que mora na zona rural ou em pequenas cidades, uma variedade de bens de consumo que só encontrados naquela quantidade e preço barato nas grandes cidades. Assim, o santuário torna-se não apenas um centro religioso, mas, um pólo de consumo (NASCIMENTO, 2011, p. 03).

Conforme o diário de campo observou-se na multidão de Trindade entre os não Carreiros, que a festa de Trindade começa quando os Carreiros chegam, ou seja, a festa de Trindade, por um lado, sem eles não seria tão atraente. Por outro lado, a romaria para o Carreiro começa com os primeiros preparativos do ano, em função da devoção ao Divino Pai Eterno. E quando se aproxima os dias da romaria, começam a juntar os mantimentos, para levar ao Divino Pai Eterno. Afirma neste depoimento da Sra. A029:

a gente começa a juntá [...] Leva uma importância de mantimento e pede os vizim que quize dá. Ele entrega. Antão, vai escrito no saco. Chega lá: fulano mandô, fulano mandô. Antão, eles celebra a Missa na intenção daquelas pessoas que mandô as coisas, né?

Por ocasião do santo Divino Pai Eterno, na cidade de Trindade, são milhares de Carreiros que chegam de várias cidades, principalmente originários dos municípios que circundam Goiânia, como Inhumas, Itaguaru, Cachoeira, Santa Rosa de Goiás, Serra Baixa, Abadiânia Velha, Petrolina de Goiás, Maripotaba, Hidrolândia, Cromínia, Vianópolis, Luziânia, Caldas Novas, Bela Vista, Damolândia, Piracanjuba, Orizona, Rio dos Bois, Morrinhos, Guapó, Varjão, Cezarina, Buriti do Melo, Bonfinópolis, Anicuns, Itauçú, Uruana, Sanclerlândia, Americano do Brasil, Mossâmedes, além de outras regiões do Brasil que

chegam de variados meios de transporte, como caminhão, carro, moto, ônibus, carroça, carro de bois e a pé. O grupo de Carreiros de Mossâmedes é um dos mais antigos no hábito de fazer esta devoção, utilizando-se do carro de bois como meio de transporte.

De certa forma, Trindade, em consequência da festa do Divino Pai Eterno, se torna uma cidade festiva. Ela se transforma numa verdadeira metrópole de socialização e de fé, de troca e exposição, por causa da circulação das pessoas vindas de vários lugares do país, seja para comprar, vender seus produtos ou para cumprir promessas, outros somente para farrear ou visitar parentes.

No informativo do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, junho de 2011, Pe. Fábio, religioso redentorista, escreve que a festa de Trindade vem sendo promovida há mais de 170 anos, e tem sido ponto de convergência para milhares de peregrinos que buscam sentido para a vida e alívio para suas dores.

A experiência de fé nos leva a caminhar com os pés firmes no chão da vida com os olhos e o coração voltados para o alto. Ser romeiro de Trindade é alimentar no coração o desejo de ver Deus face a face e ser acolhido eternamente no amor (FABIO, 2011, p. 10).

Para o religioso, na festa de Trindade, não se pode esquecer da Vila São cotolengo. Segundo ele, a Vila é um “Santuário do Irmão, que nos convida ao exercício da caridade. [...] A Vila participa da festa por meio das Irmãs da Escola Vida Nova e dos internos que contagiam a todos com alegria” (Idem), Segundo o religioso, a festa de Trindade está na alma do povo goiano, como uma experiência mística de quem se sente atraído pelo Mistério do amor do Pai Eterno. Para o religioso, a festa é uma mistura de religião e cultura, de fé e vida que alegra o coração, renova a esperança e fortalece os laços de fraternidade entre as pessoas, um convite à prática da justiça e do perdão.

Por fim, a festa além de ser um evento religioso e de confraternização, mas é também um momento privilegiado para o poder público divulgar sua ideologia política e fazer propaganda de seus feitos, além das várias seitas religioso-ambulantes que tentam induzir fiéis a entrarem para o seu grupo. Desse modo, todos usufruem de um “pedaço do bolo” que a festa oferece.

CAPÍTULO II

2. AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS CARREIROS DE MOSSÂMEDES

2.1. Educação - uma prática sócio-cultural

O papel da educação, em toda sociedade, é de dar ao homem um ideal “daquilo que ele deve ser” como cidadão, seja no aspecto intelectual, físico ou moral. Assim, o polo da educação vai se constituindo a partir de uma dupla feição: do uno e do diverso. Para Durkheim:

a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda se não encontram amadurecidas para a vida social. Ela tem por objectivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de condições físicas, intelectuais e morais que dela reclamam, seja a sociedade política, no seu conjunto, seja o meio especial a que ele se destina particularmente (DURKHEIM, 1984, p. 17).

Para este autor educação se define como a socialização metódica das novas gerações, por meio da qual, cada sujeito se constitui socialmente. No sujeito coexistem dois seres: um é constituído pelos estados mentais, físicos e pela relação social, sendo este, o ser individual. O outro é constituído pelas ideias, pelos sentimentos e pelos hábitos do grupo social ao qual pertence o sujeito, este é o ser social. Durkheim (1984) vê nas crenças religiosas, nos credos e nas práticas morais, tradições nacionais ou profissionais, opiniões coletivas de qualquer espécie, no seu conjunto, a constituição do ser social.

Por isso, Durkheim (1984, pp. 18-19) imagina que a força da educação está na eficiência de formar e gerar um novo ser, um novo homem, e seu objetivo é não se limitar “a desenvolver o organismo individual no sentido traçado pela sua natureza, mas tornar evidentes as potencialidades ocultas que apenas pretendiam revelar-se”, desenvolver o homem para a vida moral e social.

Com esta compreensão, Durkheim (1984, p. 21) continua no argumento de que a educação torna o homem um novo ser, um ser social e de ação coletiva, pois este “só é homem por viver em sociedade”. Isso porque a sociedade,

nos ensinou a dominar as nossas paixões, os nossos instintos, a legislar a cerca dos mesmos, a nos constrangermos, a privarmo-nos, a sacrificar-nos, a subordinarmos os nossos fins pessoais a fins mais elevados. Todo o sistema de representação que em nós mantém a ideia e o sentimento da regra, da disciplina, tanto interna como externa, foi a sociedade quem instituiu nas nossas consciências (DURKHEIM, 1984, p. 22).

Brandão (2005), ampliando esta concepção e atribuindo um significado político à ação educativa, considera que:

A educação é o processo externo de adaptação superior do ser humano, física e mentalmente desenvolvido, livre e consciente, a Deus, tal como se manifesta no meio intelectual, emocional e volitivo do homem; O fim da Educação é desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição de que ele seja capaz; É toda a espécie de formação que surge da influência espiritual. Educação, do latim ‘educere’, que significa extrair, tirar, desenvolver. Consiste, essencialmente, na formação do homem de caráter. A educação é um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela ação consciente do educador e pela vontade livre do educando. Não pode, pois, ser confundida com simples desenvolvimento ou crescimento dos seres vivos, nem com a mera adaptação do indivíduo ao meio. É atividade criadora, que visa levar o ser humano a realizar as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais [...] abrange o homem integral, em todos os aspectos de seu corpo e de sua alma, ou seja, em toda a extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la. É processo contínuo, que começa nas origens do ser humano e se estende até a morte (BRANDÃO, 2005, pp. 62-64).

Continuando seus argumentos, o autor considera que a educação ainda tem, no seu significado, um sentido de valorização individual, variável em extensão e profundidade para cada indivíduo e processado pelas riquezas culturais. Educação é a influência deliberada e consciente exercida sobre o ser maleável e inculto, com o propósito de formá-lo.

O objeto da educação: é guiar o homem no desenvolvimento dinâmico, no curso do qual se constituirá como pessoa humana – dotada das armas do conhecimento, do poder de julgar e das virtudes morais – transmitindo-lhe, ao mesmo tempo, o patrimônio espiritual da nação e da civilização às quais pertence, e conservando a herança secular das gerações [...] A educação é a organização dos recursos biológicos individuais e das capacidades de comportamento que tornam o indivíduo adaptável ao seu meio físico ou social [...] (BRANDÃO, 2005, p. 65).

Por fim, Brandão (2005, p. 71) nesse contexto, entende que a educação enquanto uma ação exercida entre os sujeitos torna impossível evitar a prática social. Assim pela educação se cria “tipos de saber [e] reproduz tipos de sujeitos sociais”.

2.2. Educação e Cultura se substanciam e se interagem

A educação está intimamente ligada ao contexto cultural. Para essa explicação, Forquin (1993) traz o seguinte esclarecimento:

[...] existe, entre educação e cultura, uma relação íntima, orgânica. Quer se tome a palavra “educação” no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer se a restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de “conteúdo” da educação (FORQUIN, 1993, p. 10).

Esses conteúdos culturais tornam-se a base para a experiência dos sujeitos, uma experiência “subjéctiva” e uma experiência “intersubjéctiva imediata”. Estas constituem sempre os sujeitos, de alguma forma, no seu contexto educativo.

Forquin (1993) subdivide a cultura em uma “faceta individual e uma faceta coletiva; um pólo normativo e um pólo descritivo; uma ênfase universalista e uma ênfase diferencialista”. Nesse sentido, pode se considerar que na cultura individualista há um sujeito culto, caracterizado por um conjunto de disposições e qualidades de um espírito cultivado. Na cultura coletiva se encontra “os traços característicos [e cotidianos] do modo de vida de uma sociedade, de uma comunidade ou de um grupo”. Assim, a educação tem relevância na cultura e tem a função de transmitir as ideias, os valores e os aspectos da experiência cotidiana.

Certos aspectos da cultura são reconhecidos como podendo e devendo dar lugar a uma transmissão deliberada e mais ou menos institucionalizada, enquanto que outros constituem objeto apenas de aprendizagens informais, até mesmo ocultas, e outros, enfim não sobrevivem ao envelhecimento das gerações e não conseguem deixar marcas no tempo (FORQUIN, 1993, p. 11).

Nessa tese, segundo Forquin (1993) há três concepções de cultura; a individual, a coletiva e a universalista, desenvolvidas de modos diferentes, porém, todas no âmbito da perfeição individual. A cultura individual, na forma da transmissão cultural da educação, se compõe de conhecimentos e competências, da instituição de valores e de símbolos constituídos ao longo da história pelas diferentes gerações. Esta ocorre de modo particular e exclusivo. A cultura grupal, ao contrário da cultura individual, não é monopolizada pelo homem culto. Esta é a obra da memória revestida de uma conotação sagrada e de uma herança coletiva. A cultura universalista ultrapassa as fronteiras da humanidade e objetiva-se a um “destino comum” entre os homens. Esta distingue o homem de todos os outros animais.

Contudo, há várias definições para se compreender a cultura. Forquin (1993) especificou as cinco mais importantes. Conta entre elas:

a acepção perfectiva tradicional, a acepção positiva ou descritiva das ciências sociais, a acepção patrimonial diferencialista ou identitária, a acepção universalista-unitária [e] a acepção filosófica que opõe globalmente cultura e natureza (FORQUIN, 1993, p. 12).

Forquin, ao explicar a relação educação-cultura, afirma que o ser humano já nasce em um ambiente “pré-existente” que não é o seu, mas que carece de ser “introduzido” e educado para o mundo. Escreve que

os pais não deram somente a vida a seus filhos, eles, ao mesmo tempo, introduziram-nos em um mundo. Educando-os, eles assumem a responsabilidade da vida e do desenvolvimento da criança, mas também da comunidade do mundo. Estas duas responsabilidades não coincidem de modo algum, e podem mesmo entrar em conflito. Num certo sentido, a responsabilidade do desenvolvimento da criança vai contra o mundo: a criança tem muito particularmente necessidade de ser protegida e cuidada para evitar que o mundo possa destruí-la [...] cabe aos adultos, diante desses recém chegados, os quais devem sobreviver e ser substituídos em seus reinados; supõe uma atitude fundamental conservadora, ou, mais exatamente, preservadora (FORQUIN, 1993, p. 13).

Assim, a relação educação e a cultura sempre tem um pressuposto educativo: responsabilidade de transmissão e perpetuação da experiência cultural humana. A cultura, então, é substância da educação. Portanto, educação e cultura têm em si uma unicidade recíproca de complementaridade.

A relação da educação e da cultura não é algo abstrato. Porque, segundo Forquin (1993, p. 14), entre ambas há uma especificidade na “diversidade de aparências [...] que varia de uma sociedade para outra e de um grupo a outro no interior da mesma sociedade”. Portanto, a educação escolar não transmite cultura. Ela

transmite, no máximo, algo da cultura, elementos de cultura, entre os quais não há forçosamente homogeneidade, que podem provir de fontes diversas, ser de épocas diferentes, obedecer a princípios de produção e lógicas de desenvolvimento heterogêneos e não recorrer aos mesmos procedimentos de legitimação (FORQUIN, 1993, p. 15).

Vê-se que a escola não ensina tudo, somente parte da experiência humana coletiva cultural, pois esta é considerada a cultura dominante elitista. A cultura propriamente dita é composta pelas maneiras de viver as características de um grupo humano num dado período da história. Salienta Forquin (1993),

o que ensina é, então, com efeito, menos a cultura do que esta parte ou esta imagem idealizada da cultura que constitui o objeto de uma aprovação social e constitui de qualquer modo sua versão autorizada, sua face legítima. Mas no interior mesmo do que é tido por legítimo no seio da cultura, isto é, na cultura considerada como patrimônio intelectual e espiritual merecedor de ser preservado e transmitido, acontece também de fato que a educação escolar não consegue jamais incorporar em seus programas e seus cursos senão um aspecto estreito de saberes, de competências, de formas de expressão, de mitos e de símbolos socialmente mobilizadores (FORQUIN, 1993, p. 16).

Penagos (2007) esclarece que a educação é um processo pelo qual os [sujeitos] se incorporam no sistema cultural da sociedade em que vivem. Os sujeitos se apropriam da cultura pelo intercâmbio do universo do simbolismo. Assim sendo,

los sujetos se constituyen en el marco de proceso de interacción, lingüísticamente mediados (primero señales, luego signos). Esto significa que los sujetos se constituyen entre sí, intercambiando sus universos de significación por medio de la comunicación (inter-constitución). No hay constitución aislada del sujeto, in Vitro (auto-constitución), ni es exacto afirmar que el sujeto es un objeto de fabricación por parte de otros sujetos (hetero-constitución), ni la socialidad resulta del acuerdo entre sujetos previamente constituídos como tales (PENAGOS, 2007, p. 40). [E ainda a educação transmite a cultura. A cultura] puede dar la sensación de homogeneidad, los textos revelan múltiples comprensiones subyacentes. Los hay que se inspiran en la definición clásica de E.B. Tylor como modo de vida y de pensamiento, los hay que se inspiran en la definición funcionalista de Malinowski como satisfacción cultural de necesidades biológica, los hay que se inspiran en la concepción universalista de la ilustración (la cultura) o los hay más inspirados en la concepción particularista, estilo Herder (las culturas). Los hay que conceptualizan la cultura

como herencia social, transmitida, aprendida y compartida (Durkheim, Parsons, etc.) Y, finalmente, los hay que se inspiran en las conceptualizaciones propuesta a partir del giro lingüístico, con su concepción semiótica de la cultura como telarañas de significación y comunicación (Sapir, Eco, Geertz, etc.) (PENAGOS, 2007, pp. 209-210).

Para Penagos (2007, p. 211), a cultura dá-se na compreensão de princípios homogeneizadores e integradores, o que parece ser um desafio para a democracia e intercultural na superação de uma “democracia monocultural”.

Em outras palavras, Brandão (2001, p. 310), amplia essa ideia, definindo a educação como “algo criado como cultura e nas culturas humanas”. Segundo ele, a cultura é o lugar social das possibilidades de emergir toda a experiência de vida, do “conhecimento”, da “informação” e da sabedoria em compartilhamento com os sujeitos no sentido dos “saberes-e-valores”.

Do exposto é possível compreender que a educação é destinatária e transformadora, envolvendo toda a experiência humana, e todos os homens em seu cotidiano. Nesse sentido, a “educação é para toda a vida”. Ela “deve ser pensada como uma vivência solidária de criação de sentidos ao longo de toda a vida em cada um dos momentos da vida de cada ser humano”. Ainda, completa Brandão: primeiro

porque a educação deve-se constituir como um lugar essencial e não substituível na busca e criação de sentidos pessoais e partilhados de vida, que participem de maneira crítica e consciente da orientação das próprias transformações do mundo e da vida. [Em segundo lugar, porque a educação parte do princípio do “bem e valor”, isso significa o “pressuposto” de que a educação é a] razão de ser do ser humano em sua individualidade e em sua vocação em busca de comunhão consigo mesmo e com os outros não é o trabalho nem qualquer atividade produtiva semelhante. Ela é a inacabável construção de si - mesmo no abrir-se ao outro, e no construir com ele o cotidiano livre e solidário de seu próprio mundo (BRANDÃO, 2001, p. 313).

Nessa ótica, em Brandão (2001, pp. 313-314) a educação é construída a partir de um exercício contínuo de aprendizagens partilhadas, de sensibilidade, de amorosidade, de criação pessoal e interativa de saberes, dando significados de vida e de destino ao homem. Um outro sentido da educação é o aprender, uma atividade irreduzível a qualquer outra. Sendo assim, a educação é uma razão de ser essencial da própria experiência humana. Somos o que aprendemos a ser a cada instante da vida. Portanto, a educação está inserida em toda a vida e se objetiva na grande experiência da aventura humana: aprender e saber, um exercício de interação humana.

Com essa mesma concepção, Toscano (1999, p. 17) destaca que a educação é muito significativa para um determinado grupo, clã ou sociedade, no sentido de garantir “as condições de coesão, de renovação e da própria sobrevivência da sociedade”. A educação

acontece na vida social e, pela sua importância, uma coletividade de sujeitos não “deixa de lhe reservar um papel de fundamental relevo no quadro de suas instituições”, seja familiar ou grupal. Sendo assim, a educação na sua amplitude se expande na

família [nas] organizações religiosas e políticas [e nos] veículos de comunicação de massa [...]. Mais do que nunca, comprova-se a veracidade do postulado, segundo o qual a Educação só pode ser entendida como integrando uma totalidade cultural, nunca como um fenômeno isolado (TOSCANO, 1999, p. 22).

Assim compreendendo, Pessoa (2005, pp. 80-81) afirma que “a educação de um povo consiste no processo de absorção, reelaboração e transformação da cultura existente”. Cultura e educação se interligam intrinsecamente. Assim, para este autor, “as pessoas convivem umas com as outras e o saber flui pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende. Esta se dá mesmo quando os adultos encorajam e guiam os momentos e situações de aprender de crianças e adolescentes”. Nisso a transferência de saberes vai se constituindo em um ritual dos mais velhos para os mais novos.

Portanto, cultura e a educação são duas categorias inseparáveis. Segundo Libâneo (2008), a relação entre a cultura e a educação é caracterizada em dois sentidos: primeiro, porque a cultura é o resultado das gerações passadas, os valores, as crenças, as atitudes ensinadas e aprendidas. Segundo, porque a cultura é a base da educação. Assim sendo,

o aspecto extremo da cultura, i.e., as manifestações culturais passíveis de serem ensinadas e aprendidas; aqui entram todas as formas de cultura e de produção cultural, de uma forma ou de outra conexas à educação. Nesse mesmo âmbito, estão as práticas socioculturais e institucionais na comunidade, na família, na escola [e] nos locais de trabalhos (LIBÂNEO, 2008, p. 01).

É nesse patamar que Libâneo (2008, p. 02) pensa a educação como uma prática social que assimila toda a experiência acumulada e culturalmente organizada. Nessa combinação, a educação é a mediação da cultura que visa desenvolver as capacidades humanas pelas necessidades e exigências de um determinado contexto histórico-social em transformação.

Para Libâneo, a educação, na sua especificidade como mediação e prática cultural, se liga aos

processos de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes, valores existentes no meio culturalmente organizado e, com isso, ganham o patamar necessário para produzir outros saberes, técnicas, valores etc. (LIBÂNEO, 2008, p. 01).

Segundo Libâneo (2008), a relação entre cultura e educação se dá nas práticas culturais com a interação dos sujeitos e o meio culturalmente organizado, como os modos de viver, pensar, agir, fazer, atuar e participar, também as práticas educativas pela mediação

cultural, seja interpessoal ou intrapessoal, pela assimilação de uma experiência culturalmente organizada. Neste sentido,

no processo de socialização se adquirem e elaboram representações sociais, sistemas de crenças, práticas e valores que servem para orientar os sujeitos na significação da realidade e no comportamento em relação à mesma. Neste nível dos conteúdos do processo de socialização está implicada a aprendizagem de papéis exigidos pela vinculação a comunidades mais amplas como pátria, etnia, nação, estado etc. (GÓMEZ, apud LIBÂNEO, 1998, p. 03).

Contudo, diante da grande importância relacional entre cultura e educação, conclui-se que a relação da cultura com educação é íntima, porque a educação se destaca pela formação da personalidade dos sujeitos instituídos na cultura e pela cultura. Dentro dessa relação de cultura e educação surge a dinâmica de toda educação cultural popular.

2.2.1. A educação popular, uma ação cultural entre os sujeitos

Na proposição de Paulo Freire (1999, p. 16-61), um dos mais renomados na interpretação da educação popular, a educação popular ganhou força no Brasil a partir do processo de modernização da sociedade brasileira, e teve várias razões, entre elas as “razões políticas”, que propunham a educação das classes populares como forma de acelerar o “progresso do Brasil”. Entretanto, para Paulo Freire a educação popular, não seria acúmulo de conhecimento, mas uma participação ativa e criativa do sujeito na construção do seu próprio conhecimento. Assim para este educador, ensinar não é transferir conhecimento, mas possibilitar a própria produção ou a sua construção por parte do educando.

Mendonça (2008), concordando com a concepção de Paulo Freire, adverte que a educação deve ser uma ação cultural. Esta “exige uma práxis de homens e mulheres no mundo e com o mundo”, tornando-os sujeitos da história. Isto implica:

uma prática social da qual decorre uma ação educativa que reconhece essa história como processo permanente de possibilidades e, portanto, os seres humanos como seres inconclusos num permanente estar sendo (MENDONÇA, 2008, p. 145).

Nesse sentido, na educação, na tese de Mendonça (2008), as pessoas são criadoras e recriadoras de sua própria história, no exercício de suas relações históricas, sejam socioculturais ou afetivas. Assim, para esse autor, a prática educativa é uma ação refutadora de uma ação educativa que não liberta as pessoas, transferindo somente o conhecimento. Para Paulo Freire, segundo Mendonça (2008), não “há saberes melhores que outros, mas saberes diferentes”. Assim é

o conhecimento dentro de uma perspectiva dialética, sendo, portanto, uma construção social, fruto de um processo relacional entre os seres humanos e o mundo, marcado pelas condições espaços-temporais da história e da cultura (PAULO FREIRE, apud MENDONÇA, 2008, p. 146).

Mendonça (2008, p. 147) assegura, ainda, que na ação educativa cultural, como uma ação social, os seres humanos são imbuídos de capacidades, relações, diálogos, integração, criadores e recriadores de saberes. Nesta lógica, para esse autor, a prática educativa não é algo somente dos ambientes escolares, mas que ela se estende também por outros atores sociais, nas variadas formas de convivências socioculturais. A educação, como ação cultural:

não pode se limitar a uma prática educativa caracterizada pelo treinamento técnico, burocrático e funcionalista do conhecimento, limitando a capacidade criativa e crítica dos/as educandos/as, através de uma ação despolitizante e alienadora da compreensão da realidade. Ao contrário, a educação como ação cultural para a liberdade conduz a um processo de permanente conscientização, pois tem como base o conhecimento científico na intenção do desenvolvimento crítico da realidade, para, a partir de então, transformar-se em práxis humana transformadora (PAULO FREIRE, apud MENDONÇA, 2008, p. 152).

Nessa concepção, toda ação educativa implica sempre na existência dos sujeitos, os que ensinam e aprendem e os que aprendem e ensinam. Por fim, a educação como ação cultural se fundamenta na construção de novas convivências entre as pessoas.

Como foi bem lembrado, a educação não supõe um modelo único. A educação, nestes termos, é definida em Brandão (1985) como um “bailado” de símbolos e exercícios para que o saber humano passe do “conhecimento” da natureza biológica para o “conhecimento” de ordem simbólica.

O ensino, que entre os homens é um bailado de gestos de corpos dóceis, mãos hábeis, olhos acurados que se encontram face a face e, juntos, olham em uma mesma direção, de inteligências conscientes e identidades capazes de sentimentos até então inexistentes, precisou esperar que o corpo da vida tomasse tais formas e fosse capaz de estabelecer tais relações com o outro, no mundo, para então aparecer plenamente. [...] a vida coletiva se impõe e a pequena determinação biológica de suas relações entre sujeitos pensantes gera uma lenta passagem do conhecimento, para o conhecimento simbólico (BRANDÃO, 1985, pp. 16-17).

Dessa forma, o que se aprende, se ensina. A educação é o inevitável para a sobrevivência dos grupos nas instituições, nas relações de trabalho e na convivência social. Sendo esta, a educação que ocorre no âmbito das relações entre os sujeitos, denominada como educação popular. Este termo foi usado para opor-se a todas as outras qualidades técnicas da educação formal. Assim, a tarefa da educação popular, segundo o autor, é nada mais, nada menos que a preservação, a valorização e o reforço dos autênticos valores populares. Esta deve ser a prática pedagógica de uma mediação que cria e reforça as instâncias de organização

popular, na mobilização das classes no mundo e na cultura humana. Portanto, conforme Brandão

educação popular é considerada como uma forma de educação política, cuja definição é qualificada por uma clara conotação classista que a diferencia de outras formas de educação não formal. (BRANDÃO, 1985, p. 68).

Assim compreendendo, o papel da educação popular é o de redescobrir os valores populares difusos e misturados com outros valores da cultura. Segundo essa composição, a educação popular não existe como uma coisa pronta, acabada. Comenta Brandão (1985):

qualquer estudo de campo a respeito das estruturas sociais de reprodução de modos de saber e de culturas do povo tornará evidente o fato de que aquilo que parece ser um conjunto mais ou menos fragmentado de conhecimento, arte, tecnologia rústica, sistema de crenças, mitos e rituais é, ao contrário, uma ativa estrutura social de produção simbólica que a cada dia de muitos modos se reproduz a si mesma, criando e recriando, preservando e modificando, fazendo circular entre uns e outros, através de redes de pessoas, grupos e instituições populares, tudo aquilo que as pessoas reais, em situações concretas, fazem e refazem através de seus trabalhos culturais (BRANDÃO, 1985, p. 74).

Na educação popular são as disposições gerais e vagas, sem um pré-determinismo, que abrem espaço para as práticas educativas, no sentido de que são as únicas formas de atividades transmissoras de hereditariedade. Elas repetem constantemente, de uma maneira idêntica, no âmbito de fixar-se sob uma forma rígida nos tecidos do organismo. Assim, a vida humana depende dessas condições múltiplas e complexas em constante modificação para sobreviver e transitar entre as diversas gerações.

A educação popular se encaixa em todos os processos de socialização, na família, na religião e na sociedade. Todas essas instâncias educativas são caminhos que educam. Por isso, a vida é uma mistura de processos educativos, onde todos educam e são educados, aprendem e ensinam e, assim, na convivência entre as pessoas, as práticas educativas acontecem. Brandão (1985) considera que

ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de outro, todos nós envolvemos pedaços de vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 2005, p. 07).

Não existe uma única forma de educar. Há várias formas de se praticar a educação. Para Brandão, (2005) a educação não existe somente na escola, mas também nas

sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou pastores nômades; em sociedades camponesas, em países desenvolvidos e industrializados; em mundos sociais sem classes, de classes, com este ou aquele tipo de conflito entre as suas classes; em tipos de sociedades e culturas sem Estado, com um Estado em formação ou com ele consolidado entre e sobre as pessoas (BRANDÃO, 2005, p. 09).

Segundo Brandão (2005, p. 11), a educação popular é a maneira de tornar comum o saber, a ideia, a crença, o trabalho e a vida. Nesse sentido, a educação é um modo de vida e um meio que ajuda a pensar os grupos sociais e os sujeitos na construção e formação da sociedade. No entanto, ela “participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem” as sociedades.

Em um grupo, a educação popular é caracterizada por ser difundida e experimentada por todos os sujeitos desse grupo. Nesse ambiente, as práticas educativas são desempenhadas por todos, em todas as gerações. Não há, portanto, mestres determinados nem inspetores especiais para a formação dos mais jovens.

O processo de educação popular é desenvolvido de várias maneiras, isto é, depende do contexto sociocultural dos sujeitos e do tipo de relação que se estabelece entre os sujeitos. Nisso, a educação não tem forma única, nem está em um único lugar. Assim, a educação popular acontece em todas as categorias de sujeitos e nas diferentes sociedades. Ela está na família, na sociedade e na comunidade. A educação torna comum o saber, a ideia, a crença, o trabalho e a vida.

Dessa forma, a educação popular é exercida na convivência das pessoas com outras pessoas e o saber vai fluindo nos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende, é o caso do aprendizado da criança. A criança vê, entende, imita e aprende com o gesto dos outros para fazer as coisas. Também o trabalho, o lazer, a camaradagem e o amor são situações de aprendizagem em que

as pessoas do grupo trocam bens materiais entre si ou trocam serviços e significados: na turma de caçada, no barco de pesca, no canto da cozinha da palhoça, na lavoura familiar ou comunitária de mandioca, nos grupos de brincadeiras de meninos e meninas, nas cerimônias religiosas (BRANDÃO, 2005, p. 18).

A educação popular se desenvolve por toda parte e acompanha as gerações por meio da cultura, das relações humanas e no cotidiano das pessoas. Nesse sentido, Brandão (2005) relata que o saber da comunidade é transmitido para todo grupo e para os seus sujeitos.

O saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos; os que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram, corrigem, punem e premiam. Os que sabem espiam, na vida que há no cotidiano, o saber que ali existe, veem fazer e imitam, são instruídos com o exemplo, incentivados, treinados, corrigidos, punidos, premiados e, enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem fazer e ensinar, com o próprio exercício vivo de fazer (BRANDÃO, 2005, p. 20).

É nesse viés que Brandão (2005, p. 32) explica a educação popular como um inventário de relações interpessoais, ou seja, a “rede de trocas de saber mais universal e mais persistente na sociedade humana”. Segundo o autor, as relações estão “no âmbito familiar: mãe-filha, pai-filho, sobrinho-irmão-da-mãe, irmão-mais-velho-irmão caçula e assim por diante”.

De outro modo, seguindo a tese de Brandão, Aguiar (1994) relata que a educação popular, além de estar nas sociedades “letradas”, também se faz presente nas sociedades iletradas, sobretudo nas zonas rurais e urbanas, em sociedades com e sem classes. Ela existe em cada povo e em cada cultura. É uma das maneiras que os homens criam para tornar comum um saber, uma ideia, uma crença e tudo o que é comunitário, o bem, o trabalho ou a vida. De outro modo, Aguiar (1994), para falar da educação popular, usa o termo educação informal³¹, que é difundida nas práticas do aprender. Portanto, as práticas do aprendizado, criadas e recriadas pela educação numa cultura;

são formas de educação que os sujeitos produzem e praticam para que elas reproduzam, entre todos que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo [...], os códigos sociais de conduta, as regras de trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, às vezes a inculcar – de geração em geração a necessidade da existência de sua ordem (AGUIAR, 1994, p. 63).

No entender de Aguiar (1994, p. 64), a educação informal envolve diversas atividades desenvolvidas pelos adultos, envolvendo as crianças em seu cotidiano. É um processo educativo que envolve as experiências de quem ensina e aprende ao mesmo tempo, na busca de novas descobertas. Nota-se que na educação informal há um sistema de regras relativamente flexíveis no exercício das atividades, sobretudo no que se refere à transmissão de conhecimentos dos mais velhos para as gerações mais novas, de modo que às vezes é difícil até identificar o mestre. Na presunção de Aguiar (1994), o homem para sobreviver e reproduzir se fundamenta na experiência de vida e na transmissão de conhecimentos.

A manutenção da vida significa a busca diária de um equilíbrio entre o homem e a natureza – para poder retirar dela os produtos de que necessita – e entre os próprios homens. Esse aprendizado diário, por sua vez, depende da transmissão dos conhecimentos de uma geração para outra, ou seja, de uma herança cultural deixada pelas gerações anteriores. Essa herança serve de base para as transformações internas e para as adequações que o mundo exterior do grupo exige, compreendendo desde as técnicas engendradas na manipulação do natural até o conjunto de valores e

³¹ Segundo Aguiar (1984) não tem lugar específico, não há plano de aula ou currículo, mas acontece na família, no clube, no trabalho etc.

crenças necessários para a convivência e a manutenção do grupo (OLIVEIRA E OLIVEIRA, apud AGUIAR, 1994, p. 65).

Na educação informal, o aprender significa a participação efetiva de todos no grupo, dos mais velhos às novas gerações, como uma experiência fundamentada no saber popular. Assim, os conhecimentos, as técnicas, os valores e as normas do grupo em uma cultura constituem a relação com a educação. Dessa forma, Aguiar (1994) afirma que o aprender significa a participação efetiva dos sujeitos mais novos num processo de construção sócio-histórica, enquanto que os adultos:

na medida em que respondem ou não a essas reações, na medida em que se fazem presentes ou ausentes, na medida em que interpretam, atribuem significado e sentido aos movimentos da criança, e usam gestos, expressões, sinais, e, sobretudo a linguagem, vão efetivamente propiciando à criança a participação na dimensão simbólica elaborada socialmente. Nesse processo, a criança vai se apropriando, isto é, vai tornando seus os objetos, as palavras, as ideias, os dizeres dos outros (AGUIAR, 1984, pp. 65-66).

Em suma, em sua tese, Aguiar (1994, p. 67) relata que é nessa “dinâmica de relações sociais que as crianças apreendem papéis, lugares e valores sociais”, no intuito do aprendizado com outros humanos, para serem humanos e perceberem o mundo, por meio dos esquemas interpretativos da realidade. Assim, os conteúdos da educação informal são produtos selecionados na cultura. É na cultura que a educação se realiza e dá ênfase a algumas coisas ou a omissão de outras. A cultura é um “repertório”, onde a educação se efetua e se define didaticamente. A tradição comum de uma cultura é o elemento-base para uma educação cultural popular, na sua universalidade.

Nessa lógica, como foi propositado acima, não somente a cultura e a educação formam a base para o entendimento das práticas educativas, mas, também, a memória, a tradição e a romaria ajudam e complementam o desenvolvimento dessas práticas.

Conforme o exposto, cada grupo social cria, regula e desenvolve formas educativas próprias para garantir a formação dos sujeitos que chegam com as novas gerações. Nesse sentido, os costumes, os valores veiculados pelo grupo social são fruto da vida comum, da experiência coletiva. Com os Carreiros de Mossâmedes, essa realidade cultural não é diferente.

2.3. As práticas educativas: uma apreensão da cultura

As práticas educativas se misturam com as práticas religiosas dos Carreiros de Mossâmedes, porque estes são movidos pela fé e se tornam Romeiros. Assim, no intuito de

apresentar as práticas educativas, ou os modos de ensinar e aprender pode-se perceber um exercício cultural que mantém a tradição da romaria ao Divino Pai Eterno. As práticas educativas são a garantia de preservação da tradição Carreira e estas, aliadas a outras características fundamentais de identificação dos Carreiros, são garantidas pelas relações de amizade, solidariedade, afeto, carinho, sentimento de grupo, resgate dos valores e vínculos culturais. Paulo Freire (1996, p. 47) ao referir-se sobre a educação, afirma que o ensinar deve “ser aprendido [...] pelos educandos nas suas razões de ser ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica”, assim como o “testemunho vivido”.

Mendonça (2008, p. 145), de acordo com as palavras de Paulo Freire, adverte que a educação é a ação cultural/social, e “exige uma práxis de homens e mulheres no mundo e com o mundo”, tornando-os sujeitos da história nas suas relações. Nesse sentido, com a educação, as pessoas são criadoras e recriadoras de sua própria história, no exercício de suas relações históricas, sejam socioculturais ou afetivas, na libertação das pessoas. Paulo Freire, segundo Mendonça (2008, p. 146), fala de uma educação que considera o conhecimento de uma “perspectiva dialética”, como “uma construção social”, fruto de relação “entre os seres humanos e o mundo, marcado pelas condições espaços-temporais da história e da cultura”.

Em sua proposição Mendonça (2008, p. 147), ainda concordando com a ideia de Paulo Freire, considera que em uma ação educativa cultural os seres humanos são imbuídos de capacidades, relações, diálogos, integração, criadores e recriadores de saberes, nas variadas formas de convivências socioculturais. A prática da romaria, dessa forma, é uma experiência sócio/cultural/religiosa e educativa que torna, por afinidade, um parente ou amigo, um só, porém estes não deixam de serem cidadãos comuns nos outros ambientes da sociedade.

Com isso, na romaria todos ensinam e aprendem, e não há limite de idade nem distinção de gênero ou raça para tanto. Mas, segundo observações registradas no diário de campo, para ser um bom Carreiro, não bastam somente a fé e a vontade, é preciso cumprir certas exigências e regras. Para participar da caravana Carreira, ou ser um Carreiro devoto (a), é necessário, portanto, muita determinação, coragem e fé, porque durante a viagem há sempre os desconfortos nas estradas, sobretudo quando os Carreiros chegam aos pousos. Enquanto que em alguns pousos, os Carreiros são bem recebidos, em outros não. O acampamento dos Carreiros em Trindade durante a estadia é desumano, descuidado e inadequado, às vezes, anti-higiênico e anti-social. Há sujeiras, falta de água, de energia, de toaletes, de banhos quentes... Vê-se, assim, um descaso dos órgãos públicos.

Para A026, o que mais incomoda os Carreiros nos pousos das fazendas e em Trindade é a falta de banheiros para tomar banho. Na cidade, por exemplo, há poucos banheiros e, além do mais, os Carreiros precisam enfrentar filas e filas para tomar banho com água fria. Há omissão e desorganização da parte do poder público e falta de estrutura dos próprios Carreiros. Assim, não são somente as ações de práticas, mas, também, as experiências do cotidiano que mantêm a tradição Carreira, sejam elas por uma palavra de estímulo ou pelos obstáculos. Porque as práticas educativas são essas experiências que ficam guardadas nas lembranças e na memória dos sujeitos, e serão repassadas para as gerações mais novas.

Em geral, a amizade, a devoção, a união, o companheirismo, a fé, a oração e os milagres ajudam a superar os obstáculos existentes. É na romaria que os Carreiros se valorizam como amigos, conhecidos e familiarizados.

O cansaço também faz parte da vida dos Carreiros, porém não os impede de caminhar e de experimentar a unidade. Nesta fala, o Sr. A020 completa:

o que é bão, é andá com os amigos, a viaje, a caminhada, colocá as conversas em dia, andá junto com as otras, aí que é bão.

A amizade e a irmandade são complementos do prazer de ser Carreiro. A amizade, porque é uma das virtudes da romaria. Assim, onde está o Carreiro, geralmente existe unidade, alegria, fé, força de vontade, solidariedade, respeito e religiosidade. E, assim, as dificuldades são vencidas, aos poucos, à custa de um necessário trabalho agrícola e agropecuário. Tudo faz do trabalho um fato cultural religioso, um permanente movimento cultural.

Nessa lógica, se tem no Carreiro uma das formas propícias de como são transmitidas as práticas diárias às gerações mais novas. Concordando com Libâneo (2008), a educação é a prática social/cultural que assimila toda a experiência acumulada e culturalmente organizada. Assim, a educação como a mediação da cultura é, ao mesmo tempo, uma prática cultural que visa desenvolver as capacidades humanas pelas necessidades e exigências contemporâneas, por meio de um processo de comunicação, na interação dos membros de um grupo. Nesse processo são assimilados:

saberes, habilidades, técnicas, atitudes, valores existentes no meio culturalmente organizado e com isso ganham o patamar necessário para produzir outros saberes, técnicas, valores etc. (LIBÂNEO, 2008, p. 02).

Essas práticas cultural/educativas ajudam na interação dos sujeitos, pela assimilação da experiência, da produção e da reconstrução da vida social e, especialmente, na manutenção da tradição do grupo.

Na verdade, quando se trata de práticas educativas, vê-se de forma concreta uma mistura de educação com cultura. Na perspectiva de Brandão (2001), a educação é sempre uma atividade cultural de cooperação mútua de solidariedade que se estabelece nas relações e nas experiências humanas. Essa relação educativa/cultural acontece no cotidiano dos Carreiros de Mossâmedes, envolvendo todos os membros do grupo, na transmissão dos conhecimentos para as gerações mais novas, sejam nos preparativos da terra para o plantio na roça, colheitas da produção agrícola, pecuária, ao tirar o leite, os preparativos da alimentação, além das conversas diárias entre os familiares, na viagem durante os dias da romaria. A jovem A04, com precisão, diz que com a romaria se aprende muito,

quem me ensinô, foi meu vô. Porque desde pequenina meus avóis já falavam da romaria, desde quando eles vieram de Minas. Nossa! É muito complicado, aprendi a dá muito valô na vida, porque quando ocê vai, ocê pensa assim, recebi uma graça. A gente diz que bom! ocê vai e percebe que tem pessoas que recebeu muita graça. Então eu aprendi que ocê tem que tê fé, porque a sua vida é uma coisa. Ocê vê quantas pessoas que vão e dizem que receberam uma graça. Tem gente que junta tudo que tem, no ano inteiro para ir na romaria. Aprendi a dá valô à vida.

A A04 é uma jovem que sempre vai com a caravana Carreira com o seu tio. Em seu depoimento, percebe-se que a romaria, além de trazer satisfação, torna-se uma grande escola de vida, se aprende respeitar os outros a tomar gosto pela fé, pela religiosidade e a atribuir valor à vida.

A educação existe por toda parte e ela é o resultado do meio sócio/cultural, um meio de viver e conviver com o que se educa. Desde Durkheim (1984) que já se sabe que a educação é uma prática social. Por meio das declarações dos Carreiros de Mossâmedes ficou evidenciado que sua cultura, sua tradição e conhecimento do grupo são repassados pela transmissão oral, seja a de um adulto, a de uma criança ou de quaisquer outros interessados na tradição da devoção ao Divino Pai Eterno. As práticas educativas fazem parte do cotidiano desses homens e mulheres, o que implica mediação e esforço de transmissão na orientação e aprendizado para os filhos e os mais novos; dessa maneira, tem-se a continuação da romaria. O jovem A01 dizia:

o que mais aprendo com a romaria é que essas coisas de Carreiro a gente sabe tudo, tudo não, porque cada dia a gente aprende coisa nova. A gente anda no carro de boi, precisa sabê o nome das peças do carro, o que levá no carro. Essas coisas precisam tê noção.

Considerando o que afirmou Brandão (2005), a vida e o dia-a-dia, tornam-se uma escola e a simbologia ajuda no aprendizado dos Carreiros. E nessa afirmativa, o depoimento do jovem A01 é mais uma reafirmação de que a prática educativa é uma ação informal, fora dos “muros da escola”. Ela acontece através desse esforço criativo, orientado pela simbologia e pelas conversas orientadas entre as pessoas.

Nesse sentido, a forma de abordar as práticas educativas está em comum acordo com Brandão (2005), quando refere à educação, uma importante contribuição na afirmação da comunidade dos Carreiros de Mossâmedes, por que, conforme explica Brandão, as práticas educativas informais difundem:

o saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos; Os que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram, corrigem, punem e premiam. Os que sabem espiam, na vida que há no cotidiano, o saber que ali existe, veem fazer e imitam, são instruídos com o exemplo, incentivados, treinados, corrigidos, punidos, premiados e, enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem fazer e ensinar, com o próprio exercício vivo de fazer (BRANDÃO, 2005, p. 20).

Na romaria, os Carreiros mais jovens aprendem tudo e os que ensinam o faz com muito prazer, eficiência, alegria, felicidade, além de atribuírem funções diferenciadas para os membros do grupo, como, por exemplo, o jovem A01, que na romaria tem a função de tocar os bois, buscá-los e cangá-los, ofício que o informante diz fazer com muita dedicação, pois para ser um bom Carreiro precisa ter muita prática e ter muita paciência, afirma:

precisa tê força de vontade, tê fé e com o tempo a gente vai acostumando com essas coisas, praticando (A01).

Manter a romaria como um dos fundamentos da vida, é colocar em equilíbrio o homem e o sagrado, em consequência da transmissão dos conhecimentos para as gerações como uma grande herança cultural/religiosa ao mundo dos Carreiros. Esta ideia vai ao encontro com o que afirma Aguiar:

essa transmissão/aquisição de conhecimentos, de técnicas e instrumentos de trabalho, de valores e de normas de comportamento constitui, assim, a educação das novas gerações (...) a educação é um ato tão antigo quanto a própria humanidade, é a condição essencial para a permanência da espécie. Foi assim durante milênios, em todas as sociedades ditas tradicionais. (AGUIAR, 1994, p. 65),

Portanto, há sempre uma atividade de aprendizado, seja no guiar os bois, tocar os bois e o que for necessário, organizar e preparar os alimentos para os outros Carreiros. Há quem diga que uma boa romaria depende da boa vontade de quem dela participa. Afirma a jovem A04:

Eu acho que tem que tê muita fé, muita força de vontade; eu acho que tem gente que tem que tê determinação tem que tê força de vontade e tem que tê assim uma garra muito grande. Porque só falá eu vô... e, só ficá naquilo, porque é uma coisa que não é fácil.

Note-se que aparecem, com certa frequência, as expressões *fé* e *força de vontade*, palavras que representam, simbolizam e expressam a própria vida do Carreiro. Demonstra-se bem isso na fala do Sr. A02:

ah! a primeira coisa que eu acho que a pessoa precisa tê fé e tê vontade, juntá com nois num carro de boi e já é romeiro Carreiro. Precisa tê paciência em primeiro lugá, porque quem não tem paciência com os boi, não vai. Quem tivé pressa vai de otra condução, porque de carro de bois não vai não. É tê fé e tê vontade de participá.

Tudo isso contribui para que a educação aconteça na família, na comunidade e, especificamente, no grupo de Carreiros. Nessa ótica, Brandão (2005) escreve que a prática educativa é uma maneira de criar e tornar comum o saber, a ideia, a crença, o trabalho e a vida em um grupo de pessoas.

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras inovações de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um dos sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, às vezes a inculcar – de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem (BRANDÃO, 2005, pp. 10-11).

Assim, a educação é um modo de relações entre os que ensinam e os que aprendem num processo de aprendizado contínuo entre os sujeitos, onde a vida é uma mistura de educação, uma prática educativa. A romaria em si já é um processo de aprendizado e ensinamento. Aprende-se de tudo na romaria com os pais, aprende-se, sobretudo a respeitar as pessoas, ser bom cristão e mais devoto. Para os mais jovens, todo o ensinamento da romaria vem dos pais, dos avôs e da própria família. A fala de A07 mostra como essa prática educativa vinda da família se torna importante, diz ela:

a minha mãe, ela punha a gente para ouvi a Missa, a gente quase não saía de casa. Muita coisa boa, unidos às pessoas, ficá andando na poeira, não reclamá. A gente qué sabê que vai tá lá nus pé do Divino Pai Eterno.

Na verdade, as práticas educativas estão inseridas em todos os contextos da vida humana, nas sociedades, rural e urbana, como um fator cultural permanente. Aguiar (1994, p. 63) afirma:

a educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida.

Nas palavras de Brandão (2005), o homem é um todo de relações, de consciência histórica e cultural, ele depende da cultura como um processo histórico pelo qual cria as relações ativas, com o mundo e com os outros homens, transforma a natureza e a si mesmo, constitui-se no mundo qualificando-o de novos significados, valores, em consequência da sua

realização humana. O homem se educa pela experiência de vida, que é transmitida para os mais novos, filhos, netos e afins.

Se para os Carreiros tudo o que se aprende na romaria vem dos pais, avós, tios, madrinha, marido, cunhado e até dos amigos, vale lembrar que a companhia e o carinho dos pais dão gosto e incentivo para participar da romaria todos os anos. Alguns Carreiros tiveram influências por meio dos primeiros contatos com aqueles que os introduziram na romaria. Assim, o informante Sr. A08 diz que tomou gosto pela romaria e desenvolveu a solidariedade na convivência com um grande amigo,

aprendi com o Sr. Tota, nem sabia colocá a torda. Aprendi a fazê a torda com o Sr. Tota. Sê bom amigo, foi a mió coisa, aprendi a sê mais companheiro.

As práticas educativas passam pela simbologia, pelas técnicas, pelas atividades diárias, socializadas ou padronizadas de forma significativa para quem se transmite o aprendizado. De acordo com Brandão (1985),

a cultura inclui objetos, instrumentos, técnicas e atividades humanas socializadas e padronizadas de produção de bens, da ordem social, de normas, palavras, ideias, valores, símbolos, preceitos, crenças e sentimentos (BRANDÃO, 1985, p. 20).

Sendo o homem um ser relacionado à cultura e à educação, torna-se sujeito da história e agente criador da cultura num processo dialético de humanização constante. É na história humana que o homem cria a própria trajetória de humanização. Na verdade, cultura e educação se ligam mutuamente no cotidiano dos Carreiros. Essa relação entre os membros desse grupo envolve a transmissão diária dos conhecimentos entre eles, seja por intermédio das conversas e/ou de observações. Então,

a cultura é o processo histórico (e, portanto de natureza dialética) pelo qual o Homem, em relação ativa (conhecimento e ação) com o mundo e com os outros homens, transforma a natureza e se transforma a si mesmo, constituindo um mundo qualitativamente novo de significações, valores e obras humanas e realizando-se como homem neste mundo humano. [...] Como ser histórico o homem é um ser cultural. Compreendendo e transformando a natureza ele a humaniza; reconhecendo o outro, ele se humaniza. Assim ele cria um mundo propriamente humano que é o mundo da cultura, o mundo histórico (BRANDÃO, 1985, pp. 22-23).

O homem, em todo seu processo histórico, depende sempre da cultura e da educação. É nessa relação de cultura e educação que o homem se humaniza, constrói a sua história para dar sentido à sua vida. Desse modo, nota-se que os Carreiros de Mossâmedes, no interior de Goiás, têm a sua devoção religiosa na romaria ao Divino Pai Eterno como uma prática educativa e de fé, como um processo histórico. Constroem e refazem a sua história por meio

das práticas educativas religiosas diárias, uma experiência constante, na busca da humanização e de uma religiosidade. Brandão (1985) defende:

as culturas do povo não existem como “coisa feita”, como um *estado de*, pronto, atrasado e acabado, sobre o qual o educador atua como o restaurador que recupera com outras cores o que sobrou de um velho quadro... Qualquer estudo de campo a respeito das estruturas sociais de reprodução de modos de saber e de culturas do povo tornará evidente o fato de que aquilo que parece ser um conjunto mais ou menos fragmentado de conhecimento, arte, tecnologia rústica, sistema de crenças, mitos e rituais é, ao contrário, uma ativa estrutura social de produção simbólica que cada dia muitos modos se produz a si mesma, criando e recriando, preservando e modificando, fazendo circular entre uns e outros, através de redes de pessoas, grupos e instituições populares, tudo aquilo que pessoas reais, em situações concretas, fazem e refazem através de seus trabalhos culturais (BRANDÃO, 1985, p. 74).

Nesse patamar, os Carreiros adultos, crianças, adolescentes e as novas gerações, também são imbuídos do aprendizado, seja no trabalho da agricultura, o plantar, o limpar, colher os frutos da roça; da pecuária, o tirar leite, o curar e prender o gado no curral, levar o gado para pastar, castrar animais e nos trabalhos caseiros, limpar a casa, fazer a comida, dar o alimento à criação, e cuidar do paiol, por meio das observações e exercícios de atividades com os seus pais, simultaneamente.

Tanto as crianças quanto os mais velhos cumprem papéis de suma importância na relação de ensino e aprendizado. As práticas cotidianas entre os Carreiros sempre existem no contexto da romaria, porque elas ajudam bastante no aprendizado entre eles. No que se observou, há transparência nas conversas de adultos com adultos e com as crianças. E nessa lógica Aguiar (1994, p. 70) explica que “a criança é capaz de entender, por exemplo, que o adulto está ocupado e que sua fala representa um cuidado e uma companhia”.

Diante de tudo, vê-se nas práticas educativas um processo de transmissão para as gerações, pelo que se ensina e pelo que se aprende, tornando assim um exercício contínuo de educação.

2.4. Romaria dos Carreiros de Mossâmedes: um exercício contínuo de educação e cultura

Cada pessoa carrega consigo experiências adquiridas na vida e no ambiente em que vive. Às vezes um aprendiz que participa pela primeira vez da romaria dos Carreiros de Mossâmedes precisa de três a quatro dias para adquirir as dicas necessárias com quem já participou há mais tempo. Os aprendizados, os ensinamentos e a realização da vida acontecem ao longo da história. Assim, os sujeitos da cultura transmitem hábitos, valores e

conhecimentos que constituem o interagir com os outros e com o ambiente. Como foi descrito acima, as práticas educativas são as experiências de cultura, e em função dessas práticas, o Carreiro experimenta as práticas religiosas, manifestadas nos modos de como cada um vive sua fé e sua crença, no âmbito da romaria ao Divino Pai Eterno.

Dentro desse quadro, os conhecimentos são transmitidos a cada geração; nesses conhecimentos as pessoas mais novas têm como referencial as gerações mais velhas ou que tenham mais tempo de romaria, em sinal de respeito e continuidade das experiências vividas por elas. Essas experiências são agrupadas, lembradas pelas pessoas e revividas no presente. Assim, a memória é de fundamental importância para entender tal questão, porque, segundo Bosi (1987), a memória se constitui pelas lembranças dentro de um grupo familiar, tios, primos e padrinhos. Na família, por exemplo, ainda há laços de coesão entre seus membros, pela experiência de vida, dada pelos laços familiares que independem do “status”, do dinheiro e do prestígio. Mas tem no membro familiar um exemplo, especialmente quando se refere à mãe, ao pai ou a outro membro da família. Assim se pode ter

uma fisionomia e conservá-la no discurso do tempo. Ela empalidece se não for revivida por conversas, fotos, leituras de cartas, depoimentos de tios e avós, dos livros que lia, dos amigos que frequentava, de seu meio profissional, dos fatos históricos que viveu (BOSI, 1987, p. 347).

Desta forma, a família sempre teve um papel importante na preservação e transmissão dos costumes e dos valores tradicionais. Aqui, o aspecto religioso da fé é muito influente na afirmação da relação cultural dos sujeitos, em consequência da romaria. Neste contexto, se tem na experiência transmitida a afirmação da cultura que perpassa em todos os séculos e lugares na prática de vida de um povo. Caldas (1986) e Pessoa (2005), cada um a seu modo, explicam que a cultura é essa relação de homens e mulheres com os momentos da vida. Momentos significativos sejam festivos ou de sofrimento, o nascimento, o crescimento humano, até a morte. Ela é fecunda na transmissão de saberes e dos costumes. Esses autores definem cultura popular como uma das características da cultura, em que os sujeitos criam e recriam modos de viver os sentimentos e as lembranças no intuito de conservar as experiências de um grupo, da família, do clã ou da sociedade, é também a sabedoria de um povo, e se destaca por um conjunto de mitos, crenças, histórias populares, danças regionais, costumes, religiosidade popular, medicina popular e o artesanato.

Caldas (1986, p. 69) entende por cultura popular uma criatividade do povo e seu estilo é espontâneo, caracterizada por ser vivida “nas ruas, no trabalho, no lazer, nos bares, dentro de casa, no clube, no campo de futebol, na praça pública, na igreja”. Assim, homens,

mulheres, crianças, jovens e idosos, precisamente os da zona rural, contando os poucos que residem na zona urbana, se organizam todos os anos no intuito de fazer parte da romaria do Divino Pai Eterno, na cidade de Trindade, Goiás. Em nome do santo, Pai Eterno, a romaria é transmitida com naturalidade a todos aqueles que aceitam fazer parte dessa devoção. Não é preciso insistência, mas a convivência e o convite ajudam nesta definição. Com isso, a romaria se torna uma herança muito significativa para os Carreiros. Vê-se na narrativa seguinte, uma história que relaciona vida e devoção em nome do Divino Pai Eterno. Assim é para o Sr. A038:

[...] Isso é uma coisa significativa na vida da gente. Eu vim do Estado de Minas pra cá, eu tinha uma promessa a cumprí com a Senhora da'Abadia, da Água Suja. Iguale aqui, nois pra Trindade. Iguale é a festa aqui na Trindade. Então, eu voltei pro Estado de Goiás e eu fiquei devendo essa promessa de ir no carro de boi. Aí um dia, eu conversando com o Tota. O Tota morava na fazenda, do lado do Moreira. Eu era boiadeiro. Comprava gado no Moreira. Nois foi apanhando amizade, aí ele falô comigo assim: rapaz, Deus é um só, vamo pra Trindade e cumprí seu voto na Trindade? Aí eu falei: não, tudo bem! Eu vô, eu não vô tratá com o seor não. Deixa eu arrumá os bois primeiro. Aí eu morava de empregado, não tinha terra. Aí, um dia, eu tava, até, aquele menino mais véi, ele tava na chácara. Cansado...! Ele trouxe um cafezim pra nois e falô assim: acho que ocê está estressadim, eu falei: oia! Pra te falá a verdade, eu tô custano aguentá isto aqui. Falei: é serviço dimais. Ele paga bem, mais não aguentano mais. Eu tirava leite pro lado do Moreira. Eu vim de Minas no porta-mala de ônibus. Eu não vim nem de camião, eu não vim. Não trouxe nada. Nada, nada. Só trouxe a corage de trabaia. A fê em Deus, a muiê e dois fi e outro, eu cheguei em agosto, ele nasceu em outubro. Ele já nasceu aqui. Aí, ela saiu foi embora! Eu fiquei aqui com o menino mais véi. Fiquei debaixo de uma arvore, falei: oh seor me ajuda! Eu não tô aguentano este trem mais. Essa vida de trabaia pros otros, a gente tem que mandá na gente. Só! Ele me ôve na ora. Aí passô uns seis mêis, aí eu pude ir com mantimento. [...] O Tota vêi...! E aí? Ah! Eu vô o ano que vem, se Deus quisé [...] Pegá com o Divino Pai Eterno. Ele me dá saúde, me dá. Eu fui... Comprei uns boisim, mansei. Ta com vinte e dois ano que vô. Esse ano eu não vô, porque eu tenho uma afiada que vai casá, lá em Minas. Ela perdeu o Pai. Eu só o padrim dela. Ela falô: eu só caso na igreja se o meu padrim vim, pra me levá nos pés do altá. [...] Este ano, não vô, mas o ano que vem, vô... O fi mais novo vai e o fi mais véi também gosta de ir. O mais novo nuca deixô de ir comigo não, sempre vai. Agora o mais véi, esses tempos, falô assim: oia, eu tenho vontade de ir pra Trindade mais de carro meu. Eu disse: então, ocê não vai, porque não tem fê. Nada que ocê pedí Deus com fê, trabaia, ocê é beneficiado. Isso ocê pode tê certeza. Falei com ele. Ele falô, pois eu vô...! Aí no otro ano ele comprô o carro, agora ta com os boi. Vô vendê aquelas juntinhas de boi e comprá otras, pra mim ir no ano que vem. A festa de Trindade é um conforto. É uma reliquia, que vem gente de todo canto do mundo, nessa festa, e chega lá e oia e gosta e a gente às vêis o seore não tem condição de ir e pede ao Divino Pai Eterno, eu queria ir, ele me dá força e saúde, e dá um jeito de arrumá, pois Deus dá um jeito. [...] Conforme ele dá a saúde pá gente, ele dá as coisas. Então, o Tota falô comigo: vamos pra Trindade? Eu falei: vamos, uai! Aí, então, eu fui. Eu morava no Moreira e mudei pro que é meu. Aí fui...! Hoje ta com vinte e dois ano, vai fazê vinte e três anos.[...] Nossa senhora! Meu cunhado não ia. Eu sempre falei com ele. Eu sempre falava assim: rapaz, busca a Deus! ocê tem vontade? busca a Deus, que lê te ajuda. Ele foi pelejano, pelejano, aí ele vai, no carro dele. Pega um boi emprestado e vai. Ali se torna uma irmandade. O Tota é o líde. Todos nois que começô, começô com ele [...] então, o líde dessa romaria do carro de boi é o Tota. Então é passado muitas coisas boa, pá gente. [...] é muito gostoso, um faia, ele qué sabê por que, se é doença, o que qui é. A gente aprende com o balanço da vida, vendo a gente passa a gostá. [...] a gente sente uma responsabilidade muito grande, nessa divução, porque bate o mêis de junho, oh! Já tem gente rumando pra ir pra Trindade. Eu mesmo, ainda tava oiando e disse: meu Pai do Céu! Dá uma força, que precisava ir. Os trens ta tudo arrumado, o carro, o côro, os boi. Já tinha reservado a bezerra pra mim matá, pra comê no caminho. O boi, às vêiz, fica mancando, a gente despeja uma gasolina nos pé dele, aí no otro dia o bicho ta bão. É os milagre de Deus, que é grande dimais... O que é da cozinha, ocê

leva tudo dentro do carro de boi. Se a pessoa não tivé fé não vai. Ó! Só se ocê vai um ano, ocê gosta. Ocê põe um amô naquela romaria, porque ali se torna uma comunidade. Às vêiz, eu faio, otro fala assim: ô, o Belchior não vêi, o que foi com ele? Então, a gente sente falta. Eu devo muito favô ao Divino Pai Eterno. Eu vô ti falá, uma coisa: eu, não deixo de ir lá visitá ele não. [...] Esse ano vô pra Minas, mais vô passá la, se Deus quisé! Quando eu comecei a ir com o Tota! O líde era o Tota e Zé Neto. Eu saio daqui com o Zé Neto. Um amigo disse: ah! Eu quero ir. Não é muito custoso não! Ah! custoso é. Mais é gostoso. É bão. E nois um aconchego muito grande com os padre. Eles não mede esforço, vai com nois, celebra a Missa com a gente. Passa as coisas boas pra gente [...] O padre na ora da Missa é um padre. Na ora que ele tira a batina, ele é um romeiro como nois. Na romaria, toda ora Deus ta presente com nois. Eu digo que ele ta conois porque, doze ano atrais, o Flavio, a carreta bateu nos dois carro dele. A carreta cheia de boi. O camião pegô no recarreio do carro assim atrais, a frente do camião pegô no carro, jogô pra lá, só quebrô a mão dum boi. Quebrô o fueiro, mas não petecô nada e o camião capotô e matô seis boi, e o carro quebrô o cocão e o pigarro do carro, o chaveio e a canga, mas não machucô nem um dos nosso boi. [...] e aí vô te falá! Toda hora passava na televisão. É a força do Divino Pai Eterno. Ele não esquece a gente. Os fii vai observano [...] um dia perguntei um fi: ocê vem pra Trindade é pra ta comigo ô é porque ocê gosta daqui e de seus amigos? Porque tem que tê uma justificativa. Ocê vem é pô conta do Divino Pai Eterno ô é pô conta de vim comigo ô se é pô conta de seus amigos de cachaça; que ontem ocê travô, ocê bebeu, ocê deitô tarde demais. Hoje eu levantei, ocê custô a levantá, pra me ajudá... Então, meu fi, eu vô te contá uma coisa! Se fô pa ocê vim pra me contrariá, ocê sabe, que isto aqui não é fácil, ocê come fora de hora, deita na agonia, toma banho na água fria, ocê come puera, ocê encontra tanta gente neste mundo. Tem gente que é seu amigo, tem gente que não é seu amigo. Então, ele ficô caladim, não me respondeu nada. Eu falei: oia, esse ano ocê vêi, vamo acabá de chegá e voltá, se Deus quisé. Mais vô pagá uma pessoa pa vim comigo. Aí, bão! [...] o otro ano sô, o home foi uma beleza. Ele bebeu, mais não foi tanto. Na Romaria, se mexê com um, mexe com todo mundo [...] É bão demais [...] (DIÁRIO DE CAMPO).

Notou-se, conforme regsitrado no diário de campo, que entre os Carreiros há uma grande satisfação em poder participar da romaria, ou visitar o santo em Trindade. É o que se observa no depoimento acima. Para o Carreiro, as mágoas do cotidiano e a superação dos obstáculos dependem do comprometimento com a devoção. Um convite ou uma insistência dos amigos para a romaria também ajudam as pessoas a se definirem quanto à escolha da sua divindade, com a qual poderá vivenciar a fé.

Como pode observar no relato do Sr. A038, a memória permanece no inconsciente dos sujeitos, onde o passado é conservado no espírito humano. A consciência, segundo Bosi (1987, pp. 14-15), no uso da tese de Bérghson, “quando solicitada a deliberar, é o de acolher e escolher, dentro do processo psíquico, justamente o que não é consciência atual, trazendo-o à sua luz”. O papel da memória é conservar as imagens do passado, porém é o inconsciente que consegue apreender determinada coisa, ou seja, a imagem do passado. Então, o principio central da memória se dá pelo estado inconsciente.

Por isso, falar da devoção carreira é falar de crença, de tradição, de memória e de costume, de uma experiência que figura há mais de 75 anos como transmissão oral dos conhecimentos e das práticas de hábitos que eles trazem entre si, no intuito perpétuo da romaria ao Divino Pai Eterno. É nessa lógica que se justifica a tradição como uma experiência passada de geração para geração, onde as mudanças contínuas são vividas pelos sujeitos em

todo o processo cultural. Assim, a tradição de um povo tem sua continuidade pautada na interação com o presente, que estabelece a ligação com o passado, no âmbito de responder às modificações inevitáveis que ocorrem no grupo para manter a ideia de continuidade que sustenta o vínculo do presente com o passado. Constata-se que o aprendizado dos Carreiros vem através dos mais velhos, dos pais, dos avôs e até dos parentes e dos amigos. O Sr. A031, um dos Carreiros mais bem conceituados na romaria, conta que os mais velhos são aqueles que organizam a caravana da romaria. Os ensinamentos vieram dos tios e tem como tarefa principal tirar o leite, adestrar os animais, cavalos e bois. O mesmo aconteceu com o Sr. A034. Ele aprendeu de tudo com os tios. Em outros casos, o aprendizado é transmitido pelos padrinhos ou madrinhas, sobretudo quando esses são mais antigos na romaria. Tanto os mais velhos, como os mais novos experimentam a prática educativa, que passa sempre pelas atividades cotidianas.

Como se observa, os depoimentos expressam a profundidade das práticas educativas vividas entre os Carreiros. Práticas que se tornam transmissão e garante como bem demonstram a perpetuação da romaria, isto porque o aprendizado com os mais velhos dá essa garantia. Os mais jovens aprendem quase tudo, sobretudo a guiar os bois no trajeto da viagem na estrada.

Geertz (1989) assegura que os sujeitos encontram o seu significado e o seu modo de vida na cultura. Assim, o homem é capaz de transmitir o seu conhecimento, a crença, a lei, a moral e os costumes, por meio da experiência de vida, pois por meio dessa experiência ele se evolui, se aperfeiçoa e se organiza.

Como ficou evidenciado, a prática educativa sempre faz parte do dia a dia dos Carreiros, mas na falta dos pais ou dos mais velhos o Carreiro mais jovem não consegue discernir o que é certo do que é errado. A fala do jovem A030 confirma que na romaria é importante o respeito aos mais velhos, não maltratar as pessoas ou os animais, mas ser amigo e companheiro de todos. O Sr. A025: reafirma:

o que mais aprendi a carrear foi a não judiar dos boi. Educá uma criação, ocê educa em casa. Na romaria ocê tem que tê carinho com a criação. Tem gente que judia com a criação. É uma viaje longa. Agora eu vim à pé e senti o tanto dói o pé. Muitas vêiz o boi ta aí mancando e o cara ta metendo o ferro, sangrando o boi.

Nota-se, neste depoimento, que o cuidado com a vida é um ato educativo. O Carreiro é um aprendiz por excelência. Ele aprende com gosto e com muita eficácia tudo o que simboliza a vida de um Carreiro: o carro de bois e, conseqüentemente, a romaria.

Nesses termos, há práticas educativas transmitidas pela família, mas também existem práticas que são transmitidas pelos amigos, outras pessoas e por outras experiências, como se vê a seguir.

Ah! aprendi com meu marido. Ele agarrô de vim e eu não deixei mais ah, ah, ah.., Aí vim, aprendi que andá é bão, fazê caminhada. Vim sempre nus pé do Divino Pai Eterno (A022).

O aprendizado de algumas Carreiras veio dos esposos e das amigas. Já outras podem ter aprendido com o marido a ter mais fé no Divino Pai Eterno, a partilhar com os pobres e com a comunidade São Cotolengo; também a solidariedade com as pessoas no momento da doença. Esta prática educativa é transmitida no diálogo entre as pessoas e também por meio das observações diárias.

De todas as formas, acontece o aprendizado entre os Carreiros na romaria: com a família, com amigos, com as experiências do dia a dia; o tempo, o trabalho, seja na zona rural ou na cidade, também são meios propícios de aprendizado entre os Carreiros. Assim, se aprende a ter gosto pela romaria. Os Carreiros a seguir frisam nestas entrevistas:

A gente vê os otros fazê, aí a gente aprende. Eu tenho orgulho de sê Carreira. Óia é a persistência, porque a gente acordá todos os dias 4h30 mais ô menos. Tê persistência em acordá, porque eu tinha dificuldade de acordá cedo. Eu programo mias férias todos os anos pra vim na romaria (A026).

Derde os doze anos eu puxava arroz para Anápoli, até os 22 anos eu era Carreiro, aí foi onde eu trabaei para a Maranathá, o frigorífico de Pires do Rio. Eu morava em Damolândia, mas fazia essas viage. Eu aprendi a sê amigo do povo. Eu sô côecido quase no mundo todo (A012).

Ah! De toda vida lá em Minas eu carreava boi para os otros, porque eu não tinha condição própria. Eu era muito devoto de Nossa Senhora da Abadia, mais era muito longe. Aí eu me apeguei ao Divino Pai Eterno, que é o santo da minha vida. Uai! O que mais aprendi foi a compartilhar, mais ainda falta muita coisa, mais muita coisa (A019).

Os depoimentos acima tocam em pontos importantes para a vida de Carreiro, pois, por meio das lembranças do passado e da história tem-se uma garantia para que o presente e o futuro da romaria estejam sempre em voga, garantindo a sua continuidade, a sua tradição. E por falar de tradição, refere-se à crença, à memória e aos costumes como experiência de transmissão oral dos conhecimentos e das práticas de hábitos que perpetuam nas gerações.

Para justificar e sustentar essa tese, Porto (1997) entende a tradição como algo de continuidade experimentada pelos sujeitos envolvidos no processo cultural. A tradição de um povo, no entanto, tem sua continuidade pautada na interação com o presente, que estabelece a ligação com o passado, respondendo às modificações inevitáveis que ocorrem no grupo, com o passar do tempo, ou seja, a continuidade sustentada pelo vínculo do presente com o passado.

Para Hobsbawn, a tradição é

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas, essas práticas são realizadas por um ritual ou pela simbologia e visam os valores e normas de comportamento por intermédio da repetição, implicando uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWN, 1997, p. 09).

De um lado, para Hobsbawn (1997, p. 10), a tradição se caracteriza pela sua invariabilidade e não permite as “inovações”; a sua função é resistir à inovação. Mas pode ser modificada quando há “decadência do costume”, pois ela está associada ao costume.

É natural que qualquer prática social que tenha de ser muito repetida tende, por conveniência e para maior eficiência, a gerar um certo número de convenções e rotinas, formalizadas de direito ou de fato, com o fim de facilitar a transmissão do costume (HOBSBAWN, 1997, p. 11).

Por outro lado, a palavra tradição é descrita e empregada para designar transmissão, geralmente oral, de atividades, gestos ou crenças do passado de uma geração a outra. Por meio da tradição, os modos de vida, costumes, elementos do vestuário, da alimentação e outros são perpetuados.

A tradição para Ferretti (2009) traz na sua íntegra dois sentidos opostos e se configuram na linha de toda “problemática religiosa”. O primeiro sentido, “a transmissão oral de lendas e fatos, de valores entre gerações” “recordação, memória” e testemunhos; o segundo, a traição como “ato de trair” “deslealdade” e “infidelidade”.

Tradição designa transmitir oralmente, atividades, gostos ou crenças do passado, de uma geração a outra. [Assim compreende como tradição os] modos de vida, costumes, elementos dos vestuários, da alimentação e outros, são perpetuados. [...] conhecimentos e preconceitos acumulados. [...] Os elementos transmitidos recebem o status de tradições, considerado de valor e dignos de serem aceitos, como fatores de coesão do grupo social. [...] Continuidade, venerabilidade, sabedoria coletiva, herança dos antepassados. [...] fonte de legitimidade ou base da autoridade e ainda acúmulo de experiência pragmática (FERRETTI, 2009, p. 03).

Dessa forma, Ferretti (2009, p. 04) diz que na visão de Hobsbawn, a tradição é definida como um conjunto de elementos contidos nas experiências dos sujeitos de uma cultura. Ela “se caracteriza pela invariabilidade de práticas fixas e repetidas”.

2.4.1. As atividades de aprendizado

Há muitas atividades diárias que ajudam no aprendizado dos Carreiros, como, por exemplo, levantar cedo, tirar o leite, cuidar do carro de bois, prender e soltar os bois no pasto. Além do gado, zelam de outras criações, como os porcos, as galinhas e os cavalos, amolar as ferramentas de trabalho, trabalhar no roçado, emendar as cercas e fazer os serviços de casa.

Também encaixotar e desencaixar as vasilhas nos pequenos caixotes, cuidar das pessoas mais velhas, ajudarem mutuamente entre si, fazer a farinha, ir à pesca e à caça.

Essas práticas diárias são educativas e têm um papel fundamental na vida dos Carreiros e é por meio delas que se adquire o gosto pela romaria, como descreve o jovem A01:

a gente aprende muita coisa, o grupo, as famílias, a união com todos, quando encontro com todo mundo.

Nessa perspectiva, Suess (2009) apresenta a cultura como esse conjunto de significados, dos “comportamentos compartilhados”, o seu modo de agir, viver, pensar, agir e participar.

No entanto, o prazer de participar da romaria é uma realização na vida dos Carreiros, criam-se as emoções. É o caso da Sra. A06,

o que é bom quando chega na igreja a emoção é grande, parece que chegô no Céu.

Então, participar da romaria é sinal de felicidade e realização, não importando se as dificuldades são físicas ou psicológicas, tudo em virtude da romaria.

De fato, na descrição das várias experiências de vida, homens e mulheres compartilha das atividades diárias, o que é, para o Carreiro, um aprendizado e integração. Com estas práticas, todos se sentem úteis e colaboram para o êxito da romaria. Essas atividades foram sempre ensinadas pelos pais, mães, avós, amigos e pela própria experiência de vida. O pai e a mãe tiveram um papel fundamental nos ensinamentos aos filhos. Cozinhar, organizar a barraca, lavar as vasilhas e outros serviços destinados às mulheres, em casa ou na romaria, são realizados com muita maestria por pessoas de ambos os sexos.

Na finalidade da romaria, todos se ajudam desde as pequenas às grandes atividades. É o que afirmam os depoimentos a seguir:

eu venho tocando os boi, armo as barraca, arrumo os carros (A032);

uai sô! O que faço é arrumá os carros quando quebra. Tocá os boi, mais é tocá os boi (A08);

eu faço comida, aí eu encaixo os trens, descarrego os caixotes, faço a janta (A024).

Todavia, entre alguns Carreiros, como em todos os outros segmentos da sociedade, há o preconceito e o machismo como pretexto de acomodação. Entre os Carreiros essa realidade também acontece. É o que se nota na fala do Sr. A022, quando ironizou:

não lavo vasilhas porque a muié faiz (sorri...), arrumo os colção.

Tudo isso indica também que os avôs e os tios têm uma grande parcela de colaboração nos ensinamentos das práticas cotidianas. De um lado, porque as crianças aprenderam a função de candeeiros, a buscar, cangar e cuidar dos bois, com a ajuda dos familiares. De outro lado, porque os Carreiros adultos, além de cangar e cuidar dos bois, arrumam também os canzilos e os cocões do carro. É o que diz o Sr. A031, um dos Carreiros mais velhos na romaria:

quando eu peguei a prestá, era arrumá os carro, prepará os boi, né? Ah! Eu aprendi com meus tii e aprendi a viajá, e graças a Deus todo mundo me respeita. Eu tenho amizade com todo mundo.

Nessa ideia, para Mendonça (2008), conforme declaração de Paulo Freire, toda ação educativa implica sempre na existência dos sujeitos, os que ensinam, aprendem e os que aprendem, ensinam. Assim, há de “ser re-conhecido e conhecido”. Por fim, a educação, como ação cultural, se fundamenta na construção de novas convivências entre as pessoas. Mas

não pode se limitar a uma prática educativa caracterizada pelo treinamento técnico, burocrático e funcionalista do conhecimento, limitando a capacidade criativa e crítica dos/as educandos/as, através de uma ação despolitizante e alienadora da compreensão da realidade. Ao contrário, a educação como ação cultural para a liberdade conduz a um processo de permanente conscientização, pois tem como base o conhecimento científico na intenção do desenvolvimento crítico da realidade, para, a partir de então, transformar-se em práxis humana transformadora (PAULO FREIRE, apud MENDONÇA, 2008, p. 152).

Aprender, então, nesse quadro, significa uma participação efetiva em todo o processo de construção sócio/histórico/cultural. As práticas diárias, assim, além de serem transmitidas pela família, são, também, práticas ensinadas pelos amigos mais velhos ou pela própria vida. O Sr. A012, já bem velho, disse que aprendeu a conduzir os bois com o amigo Tota. Enquanto que para A019, a própria vida o ensinou a carrear e a conduzir os bois, mas também, se sensibiliza e ajudar a esposa nos afazeres de casa. Na romaria, o que ele faz é nada mais nada menos:

carreá, gritá com os otros, brincá, tocá meus boi. Na barraca, de vêiz em quando eu ajudo a muié tirá uma coisa daqui e colocá ali. Eh! Meu fi cozinha e às vêiz ajudo ele. Uai! Foi nois mesmo, porque meu pai, porque quando eu vim de Minas, deixei ele lá, ele não tinha condição de me ajudá, pô isso vim pra Goiás.

E assim, nessa convicção de realizar tarefas com perfeição, está a afirmação de que tudo seja pelo empenho da romaria. Antes de tudo é importante ressaltar a colaboração das pessoas mais velhas, ou até mesmo do tempo. É o que se vê na fala do Sr. A025, quando insinua que os mais velhos e a vida ajudaram no aprendizado das tarefas. Ele diz:

sô Carreiro. Arrumo os trens dentro do carro, faço tudo, tudo que precisa fazê eu faço até comida, sobretudo, na volta. Uai! Os romeiros mais antigos, a gente vai observando e vai agradando. É oiá e fazê igual.

Organizar a barraca e fazer a comida se aprende com os outros, com os mais velhos, com a vida e o entrosamento com as pessoas. A verdade é que na viagem da romaria todos levantam bem cedo para fazer a comida e ajudar a organizar o carro. No dizer do Sr. A034,

fazê, a gente faiz muitas coisa, ajuda a colocá os trens dentro do carro, toca os boi o dia todo, Fais comida, busca água. [...] a gente vê os outros fazê. Ocê vai oiando os outros fazê, os que é treinado e ocê vai cupiando, vai pegando.

Percebe-se que as tarefas para os Carreiros de Mossâmedes se constituem em uma marca intrinsecamente considerável para o aprendizado, em função da romaria, sobretudo quando se refere ao aspecto cultural/religioso. O que se sabe e se faz na romaria torna os Carreiros capacitados de privilégios para participarem com muito mais dedicação ao grupo. No dizer do garoto A030, para estar na caravana da romaria não precisa saber de tudo, mas precisa aprender o essencial, como cozinhar, lavar vasilhas e lidar com os bois e o carro. Tudo isso, depende da fé, da coragem, da animação, das amizades, da vontade, do gosto, da convivência, da paciência, humildade, partilha, amor. Como é o caso da Sra. A028. Para ela, para ser uma boa Romeira Carreira, é preciso força de vontade, fé e não ter preguiça. A humildade, a tolerância, a fé, o amor, o carinho e o respeito com os outros também ajudam a superar as dificuldades encontradas na estrada. Para o Sr. A025 na romaria é preciso ter gosto e fazer o necessário. Diz ele:

uai! [...] para sê um bom romeiro ocê tem que gostá de carrea. Se não sôbé carrea, tem que gostá, que se não vai na viaje, porque é uma viaje pesada, enfrenta poeira no caminho, porque quando tem muita gente, tem sempre um problema. A agente tem que sabê superá, sabê perdoá o outro, a gente quando vê o outro errá; a gente quando ta junto com o pessoal é muito bão.

Para o Carreiro de Mossâmedes, o passado representa um compromisso de fidelidade em respeito à convivência da romaria. O Sr. A034 ironiza assim:

Carreiro! Eu desde pequeno eu já carreava, desde pequeno, desde quando entendi pô gente eu já carreava, aí continuô até hoje. Agora para sê um bom romeiro precisa de fé, compreensão, se não ocê sai da romaria.

Participar da romaria significa realizar determinadas atividades, antes, durante e depois da viagem. Não basta ser devoto do Divino Pai Eterno para ser Romeiro Carreiro, é preciso também trabalhar e cumprir certas exigências, regras de solidariedade, sobretudo para não faltar o essencial e o necessário. Na preparação, os Carreiros engordam animais, matam os *engordados* (porcos) ou frangos, matam a vaca ou o boi e arrumam carnes em latas e fazem os deliciosos e variados biscoitos. A Sra. A026 afirmou:

uai! Primeiro priviní, trazê as coisas necessárias, básicas, alimentação, vestuária adequada, é... Agasalhos. Sabê trazê os alimentos certos. Alimentos não perecíveis, o que se pode guardá pra não estragá durante a viaje e sabê organizá o carro de boi com muita paciência.

O desenvolvimento das atividades diárias depende muito da importância simbólica dos objetos, animais e da romaria. Nesta fala, A019 afirma que na romaria tudo tem o seu significado:

é cada um tem o seu significado de todos os boi. Oê vai, ninguém é sábio. Eu vejo oê mexê, eu penso, aquela parte eu vô fazê. Quando bate o primeiro dia de junho eu começo a arrumá minhas coisinhas. Aí eu me levanto cedo, vô começá a arrumá, aí penso! Ta longe a gente e ainda e ainda falta muita coisa. Graças a Deus eu não trago o carro vazii, trago o fruto do meu trabalho para o Divino Pai Eterno.

De acordo com Brandão (1985, p. 20), é nas relações de trabalho, na história e na dialética que o homem se realiza. Para tanto, depende dos objetos, das técnicas e das atividades diárias. Também, de palavras, ideias, valores, símbolos, preceitos, crenças e sentimentos.

Assim, o conhecimento se adquire de várias maneiras e em ritmos variados. Uma boa romaria depende de como o Carreiro cuida do carro de bois, observa o jeito de o carro andar e saber o significado de cada peça do carro, para um eventual conserto da mesma e educar os bois com carinho. O Sr. A014 responde:

sabê e fazê tudo, a canga dos boi. Se não sobe fazê a canga não pode ir na romaria. A gente vai aprendendo com os mais véi.

Outra Carreira a Sra. A026 diz:

sê esperta, contorná as situações, sabê cozinhá e tê paciência com o carro e com os maridos que pede uma coisa e querem que a gente traiz logo.

Como foi descrito, o cuidado com a criação, com o carro, é importante, pois são peças fundamentais na romaria. O Sr. A031 também diz:

uai! A mandá os boi certim, fazê as coisas tudo certin, cuidá do carro. Porque os mais véi deixô eu pequeninim. Agora as coisas que não dô conta de fazê eu pago para fazê. Agora não venho mais com os carros porque minhas pernas não dá, mais venho na romaria a cavalo.

Se para participar da romaria é preciso do cuidado com o carro, além de uma preparação antecipada para esta devoção, o Carreiro também carece das amizades, da educação, do respeito, da solidariedade e das informações adquiridas de outros Carreiros, uma escola de experiências. O Sr. A07 disse:

sabê tratá os amigos bem, fazê o que fô preciso para ajudá uns aos otros durante a romaria.

ah! O cara tem que sê muito solidário, ajudá a armá uma barraca (A035).

Para o Sr. A011, a fê e o saber lidar com os bois se aprendem durante a viagem da romaria. Enfim, o modo de vida dos Carreiros está em tudo, aliado ao que Caldas (1986)

afirmava antes: Qualquer organização social possui seu estilo de vida, os valores e práticas para a sua sobrevivência.

CAPÍTULO III

3. CULTURA E EDUCAÇÃO

Conforme o exposto nas páginas anteriores, todos os grupos sociais se constituem e se desenvolvem por meio da cultura e da educação, a de formas de comunicação e experiência transmitidas de geração para geração em todos os tempos e lugares. A cultura e a educação sempre foram o berço forte para a família, o clã, a aldeia ou para a sociedade. Nestas instituições, todos são sujeitos, por meio da cultura e da educação, recebem e transmitem hábitos, valores, conhecimentos e práticas que constituem o interagir relacional de um grupo. Assim, de um lado, é a cultura como esse conjunto de significados e particularidades construídas pelos sujeitos, como forma de expressão e tradução da realidade que mantém a coesão do grupo social, e do outro lado, é a educação, como ação educativa cultural que garante a transmissão desses valores culturais entre os sujeitos.

3.1. A diversidade da cultura: conceituação e interpretação

A cultura é fundamental nas relações humanas, por ser referência no comportamento das pessoas em todas as civilizações no decorrer da história. Com isso, há uma diversidade de conceitos para explicar a cultura: conceitos trabalhados pela antropologia, sociologia e psicologia. O termo cultura vem do latim, que quer dizer ‘*colere*’ e significa cultivar. Dentre os vários conceitos de cultura, um sobressai sobre os outros. Para Caldas (1996):

o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característico de uma sociedade; a cultura ocidental; a cultura dos esquimós (CALDAS, 1986, p. 11).

Assim, a cultura é compreendida a partir do modo de vida das pessoas numa sociedade ou em um grupo, clã ou família, o que é característico e determinado nessas instituições em sua história. Para Caldas (1986), cada organização social possui seu estilo de vida com “sanções específicas” de comportamentos. A cultura, assim, se desenvolve na constituição da “família, posição social, [e em] determinados valores socializados para a sobrevivência” e ensinamento dos sujeitos. Dessa cultura,

a instituição familiar desempenha, sem dúvida, papel de vital importância na preservação dos padrões culturais de qualquer sociedade. Cabe aos pais, naturalmente, ensinar os seus filhos a respeitarem e ajuntarem-se aos padrões de vida na sociedade, uma vez que já são valores consolidados (CALDAS, 1986, p.16).

Com esse conjunto de normas e regras de organização cultural, alcança a integração da imagem que se tem do homem. Para tanto, Geertz (1989, p. 32) propõe duas ideias fundamentais: a primeira ideia: a cultura como um complexo de padrões concretos de comportamento “costumes, usos, tradições, feixes de hábitos”, ou um conjunto de mecanismos controláveis, “planos, receitas, regras, instruções”, no sentido de controlar os comportamentos humanos. A outra ideia é considerar o homem como um dependente desses “mecanismos de controle, extra-genético, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento”, conforme acrescenta o autor,

a partir de tais reformulações do conceito da cultura e do papel da cultura na vida humana, surge, por sua vez, uma definição do homem que enfatiza não tanto as banalidades empíricas do seu comportamento, a cada lugar e a cada tempo, mas, ao contrário, os mecanismos através de cujo agenciamento a amplitude e a indeterminação de suas capacidades inerentes são reduzidas à estreiteza e especificidade de suas reais realizações (GEERTZ, 1989, p. 33).

Nesse sentido, segundo Geertz (1989), a cultura se torna um “mecanismo de controle”, onde o homem tem como ambiente particular a família, o mercado e a praça da cidade. A vida do homem está, portanto, contida nos símbolos significantes como as palavras, os gestos, desenhos, sons musicais, artificios mecânicos como relógios, ou objetos naturais, como jóias. O homem precisa dessas fontes simbólicas para viver no mundo.

Assim compreendendo, Brandão (1985), no intuito de explicar a história da cultura, descreve três categorias fundamentais. Essas estão em constante movimento: o trabalho, como modo de ação do homem sobre o mundo; a história, como campo de realização e produto do trabalho do homem e a dialética, como a qualidade constitutiva das relações entre o homem e a natureza e dos homens entre si. A cultura, para este autor, é a natureza transformada significativamente pelo homem. Dessa maneira,

a cultura inclui objetos, instrumentos, técnicas e atividades humanas socializadas e padronizadas de produção de bens, da ordem social, de normas, palavras, ideias, valores, símbolos, preceitos, crenças e sentimentos (BRANDÃO, 1985, p. 20).

O homem, como uma constituição cultural, é um ser histórico, e sua consciência vai se constituindo no decorrer da história, por uma série de implementos que lhe dá sentido de vida, como o trabalho, a organização social, as relações e as práticas sociais, entre outros. Santos (2006, p. 13), da mesma forma, esclarece em cada cultura tem sua história particular, incluindo as suas relações com outras culturas. Nessa ótica, são apresentadas duas formas de pensar a cultura. Na primeira, há a hierarquização segundo os critérios de cada cultura,

quando afirma que uma cultura é mais “avançada do que outra”. Na segunda, não existe hierarquização, cada cultura tem “seus próprios critérios de avaliação”.

De acordo com Santos (2006, p. 15), em meio à diversidade cultural, na história humana o homem experimenta uma “vida social organizada e registra graus e formas diferentes para o domínio humano sobre a natureza”.

Em contrapartida, para Suess (2009), a diversidade cultural é destacada como as “construções históricas em processo e heranças sociais que desafiam cada geração a discernir entre a necessidade de assumir o passado e a necessidade de transformá-lo”. Para Suess:

todos os grupos sociais querem viver e vivem graças a suas culturas. Os moradores da rua, os migrantes, os catadores de papel: todos querem viver. Não é muito difícil detectar essa cultura. Eles se alimentam, dormem, vivem, se relacionam com outras pessoas e grupos sociais. Criam filhos, se amam, emocionam, brigam e fazem as pazes; passam por momentos de alegrias e de tristezas, acreditam em Deus e têm uma ética cultural, como todo mundo (SUESS, 2009).

Na cultura há uma identidade, e as experiências históricas do passado são guardadas e projetadas para o futuro. Por fim, a cultura é um conjunto de significados, de expectativas e comportamentos compartilhados por um grupo ou por uma sociedade. Na cultura, os sujeitos têm seu modo de viver, de pensar, de agir, de fazer, de atuar e de participar.

Assim, não existem culturas absolutas, superiores ou inferiores, mas processos históricos que relacionam as diferentes culturas e estabelecem marcas verdadeiras e sólidas entre elas. Para Laraia (2008, p. 59) a cultura seria um sistema de adaptações na organização social. Para este autor, a “mudança cultural” é o processo de adaptação que se equivale à “seleção natural”, é o que constitui o domínio adaptativo da cultura, como a “tecnologia, a economia de subsistência, enquanto os elementos da organização social” têm como consequências desta adaptação os “componentes ideológicos dos sistemas culturais”.

Nem sempre esses componentes ideológicos transmitidos são evidenciados e/ou compreendidos pelos membros de determinados grupos ou comunidades. Contudo, essas questões repercutem, também, do ponto de vista teórico, no que concerne ao estudo da cultura. Laraia (2008, p. 62), busca uma definição de homem baseada na definição de cultura ao afirmar:

a cultura deve ser considerada ‘não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções [...] para governar o comportamento’ [...] todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa (instruções), e este programa é o que chamamos de cultura.

De outra forma, o mesmo Laraia (2008, p. 63), baseado na tese de David Schneider, cuja abordagem se distingue da teoria de Geertz, embora concorde em alguns pontos sobre a cultura, define a cultura como um “sistema de símbolos e significados [...] O status epistemológico das unidades [...] culturais não depende da sua observabilidade, mesmo fantasmas e pessoas mortas podem ser categorias culturais”.

Segundo Morais (1989), a cultura é uma herança social da comunidade humana, é a participação e os padrões de adaptações à natureza para prover a subsistência dos sujeitos, são as normas reguladoras das relações sociais, dos valores e das crenças que, expressas na criatividade artística, motivam para a ação das pessoas. O autor elenca três sistemas de cultura: o sistema adaptativo, quando há necessidade humana de se adequar à natureza; sistema associativo, quando há organização em suas relações sociais e sistema ideológico, quando compreende uma experiência coletiva e por justificar ou questionar a ordem social.

Oliveira (2004, p. 158), falando de outro modo, explica que a cultura é o lugar específico de tudo o que é humano, o lugar da identidade e da diferença, das ações e da vida, lugar no qual a pessoa encontra o sentido para sua vida. A cultura é um modo particular pelo qual o homem e os povos cultivam a sua relação com a natureza, consigo e com os outros. Assim, a cultura é toda atividade humana: a inteligência, a busca de sentido, os costumes e as referências éticas.

Em todo processo histórico, o homem trilhou por padrões culturais e sistemas simbólicos significantes, em que o seu comportamento fora sempre controlável. Assim, o homem não vive sem a cultura; sem ela, ele seria um incontrolável em seus instintos, e sua intelectualidade seria negada. Enfim, o homem, na maior parte de sua vida, cresce e aprende na interação com a cultura, com os simbólicos significantes, com as ideias, com os valores, com os atos e com as emoções.

Por fim, a cultura, sendo constituída de um conjunto de normas, hábitos, conhecimentos, regras, pessoas, etc., torna-se, portanto, uma ação social em que os sujeitos nas suas relações se organizam de um modo ou de outro no exercício da consciência de sua identidade. Ela pode ser desenvolvida à sua maneira, também, como cultura popular.

3.2. Cultura popular: uma ação do sujeito social

Para Arantes (2006), em princípio, a cultura popular é definida como uma cultura em contradição ao saber científico, acadêmico, clássico ou dominante, que se apresenta como

totalidade, embora sendo constituída por meio da preservação de elementos residuais e fragmentários, considerados resistentes a um processo ‘natural’ de deteriorização. Para esse autor, do ponto de vista antropológico, a cultura popular é observada diretamente no sujeito, nos seus comportamentos, em face de outros sujeitos e em sua relação com a natureza. Ela constitui os diversos núcleos de identidade dos vários agrupamentos humanos, ao mesmo tempo em que os diferencia uns dos outros. Para ele, a cultura popular, com todo o seu conjunto de práticas dentro de um determinado grupo, não ganha força na “inteligibilidade original” da cultura. Nesse sentido entende que

as formas de ornamentação do corpo, próprias de outras culturas, perdem, entre nós, a sua inteligibilidade original, ou seja, suas capacidades sociais existentes nos grupos que ocorrem, ganham novos significados, marcando a distinção global nós (civilizados) eles (exóticos, selvagens) (ARANTES, 2006, p. 31).

Em correspondência, na ótica de Brandão (1985, p. 36), a cultura popular é definida como uma ação coletiva do sujeito. Este sujeito, muitas vezes, tornado como objeto social. A cultura é livre e autêntica, no sentido da consciência, da “politização e organização do povo”, Brandão (1985) define-a como

a tomada de consciência da realidade brasileira (Ferreira Goulart) [...] é todo processo de democratização da cultura que visa neutralizar o distanciamento, o desnível anormal e antinatural entre as duas culturas através da abertura a todos os homens – independentemente de raças, credo, cor, classe, profissão, origem, etc. – de todos os canais de comunicação... Fazer cultura popular é, assim, democratizar a cultura. É antes de tudo, um ato de amor (Jarbas Maciel) [...] é um fenômeno histórico que tem surgido em sociedades em que se distingue um desnível cultural entre os diversos grupos que a compõem... Cultura Popular [...] assume uma posição de luta pela transformação dos padrões culturais, sociais, econômicos e políticos que asseguram aqueles desníveis (BRANDÃO, 1985, p. 35).

Portanto, Brandão (1985, p. 70), de acordo com o manifesto *Working Groups In Latin América* de 1980, afirma que a cultura popular se desenvolve pelo que “preserva, recupera e incorpora elementos cujo conteúdo é essencialmente popular, ou seja, a cultura que fortalece a consciência étnica e de classe”,

Na teoria de Giorgio (1990, p. 48), a cultura popular é o instrumento de qualificação de uma cultura; ela é empregada nas relações sociais do passado, em que existia uma separação nítida entre grupos dominantes e maiorias subalternas. A cultura popular surge, portanto, como consequência de um processo de mudança social.

A cultura, nesses moldes, é uma criatividade popular que se expressa nos homens e mulheres, portadores dessa cultura. Pessoa (2005) argumenta que a cultura popular nasce das práticas ou das lembranças e de imagens ligadas ao cultivo ou do meio rural. Assim,

grande parte das cidades brasileiras [...] tem alguma festa baseada nas coisas do mundo rural, embora não seja mais possível falar de rural como especificidade, como modos de vida e de trabalho que só existem em um determinado lugar (PESSOA, 2005, p. 51).

Vê-se, na contribuição de Pessoa (2005), que a cultura popular, na sua oralidade, é uma relação dos homens e mulheres com os momentos significativos da vida³² o nascimento, o crescimento e a morte. Ela é fecunda na transmissão de saberes e costumes dos mais velhos para os mais novos. A cultura popular é a sabedoria de um povo e se destaca por um conjunto de mitos, crença, histórias populares, danças regionais, costumes, religiosidade popular, medicina popular e o artesanato.

A cultura popular é uma das características da cultura, onde os sujeitos, na sua oralidade, criam e recriam modos de viver os sentimentos e as lembranças, no intuito de conservar as experiências de um grupo, da família, do clã ou da sociedade. Caldas (1986, p. 69), em suas pesquisas, evidencia que esta cultura é produzida pelo povo para o próprio povo, sendo, portanto, uma manifestação diferente daquela produzida pela classe dominante, seja elitizada ou erudita. Assim, cultura popular é criatividade do povo. É uma cultura vista do lado de fora do “universo acadêmico e das instituições científicas”, mas de domínio público. Seu estilo é espontâneo e se caracteriza por ser encontrada “nas ruas, no trabalho, no lazer, nos bares, dentro de casa, no clube, no campo de futebol, na praça pública, na igreja”. Nesse contexto, a cultura popular surgiu conseqüentemente da cultura erudita. Ela é a cultura das classes dominadas e pobres das periferias das cidades e do mundo rural.

Se a cultura popular é a criatividade do povo³³ em sua oralidade, pode-se considerar, de um lado, que ela se manifesta como expressões fortes no samba, no carnaval, no futebol e, de outro, as manifestações das

festas religiosas e profanas, os bailados, os ritos, as danças dramáticas como a de Moçambique, bumba-meu-boi, o jogo de capoeira, ou ainda danças lúdicas como o cururu, cateretê, catira, quero - mana, dão-dão, cana-verde etc., o artesanato, a culinária, a literatura, o teatro e até o jogo do bicho (CALDAS, 1986, p. 71).

Em contrapartida, a cultura popular, por meio das suas manifestações criativas, contribuiu muito com a politização da sociedade e com a produção econômica, por exemplo: a música caipira, que sempre teve grande valor cultural para o caipira. Caldas (1986) cita o mutirão como

auxílio gratuito que um grupo de pessoas presta a outro. No meio rural de São Paulo, por ocasião desse trabalho, as canções caipiras fazem parte de todo o ritual [... o

³² Festivo ou de sofrimento

³³ Povo, na cultura popular, designa as categorias sociais do meio rural e periferias da cidade.

mutirão] trata-se de uma atividade coletiva de limpar a roça, o pasto, fazer a colheita, o plantio, o taipamento ou construção de uma casa com a ajuda de voluntários (CALDAS, 1986, p. 74).

Por fim, Caldas (1986, p. 75) ao se referir à importância do mutirão na cultura popular, destaca também o significado das manifestações religiosas, sua importância e fundamentação na vida social das pessoas. Entre as manifestações religiosas, o autor cita a dança de São Gonçalo como uma força agregadora da cultura popular, esta é “a única modalidade de dança no Brasil que possui, ao mesmo tempo, um caráter profano e religioso”.

3.3. A religião popular, um dos elementos da cultura

A simbologia religiosa, a fé, os ritos, as festas religiosas, o santo, a crença e as experiências dos sujeitos são sinais de constituição da religião popular. Para compreensão desta, Geertz (1989) parte da conceituação na dimensão cultural de uma análise religiosa. De um lado, o conceito de cultura como padrões de significados transmitidos historicamente e incorporados aos símbolos. Ainda concebe que é “um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”. De outro lado, os símbolos sagrados funcionam como síntese de um ethos grupal. A religião popular é que organiza as “ações humanas a uma ordem cósmica imaginária e projeta imagens, da ordem cósmica, no plano da experiência humana”. O autor destaca a religião em cinco momentos:

na crença e na vida religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável, porque representa um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atuais que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de coisas verdadeiras, especialmente bem-arrumadas para acomodar tal tipo de vida. [porque] os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro [...] (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p. 67).

Na argumentação de Geertz (1989, p. 69), a religião popular é um dos elementos da cultura, e, dentro desta, o símbolo é tido como um conteúdo positivo, na atividade cultural e nos acontecimentos sociais. Para o autor, o símbolo tem várias significações dentro de uma cultura. Ele representa fonte extrínseca de informações, ou seja, fora dos limites do organismo humano. Embora o comportamento humano seja de fontes e de informações intrínsecas, as fontes extrínsecas de informações são também importantes. Os padrões culturais mostram,

nos modelos, um conjunto de símbolos em que as relações existentes entre os indivíduos “modelam” as relações entre as entidades e os “sistemas físicos, orgânicos, sociais ou psicológicos [...] imitando ou estimulando-os”.

Geertz (1989, p. 90) tem a religião popular como um sistema cultural, de servir a um grupo e às pessoas. A religião popular é fonte de concepções gerais, um modelo *de* atitudes e disposições em que a mente enraíza como modelo *para* a atitude e, a partir daí, flui as funções sociais e psicológicas. “Os conceitos religiosos espalham-se para além de seus contextos, especificamente metafísicos”, para oferecer “ideias gerais em termos das quais possa exercer uma experiência – intelectual, emocional e moral”.

Desse modo, para Geertz (1989, p. 93), não se deve tratar a religião só no âmbito da metafísica, nem somente no campo da ética, pois “o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca”. Não apenas encoraja a devoção, como exige a aceitação intelectual, reforçando “o compromisso emocional” no intuito de levar a uma conduta moral humana.

Geertz (1989, pp. 93-94) considera que a relação entre os valores conservados pelo povo e a ordem geral da existência humana são elementos essenciais de uma religião popular. Nisso, a religião popular conserva em si significados que só poderão ser “armazenados” pelos símbolos, como por exemplo: “a cruz”, “um crescente ou uma serpente de plumas” ou qualquer outro elemento simbólico significativo que represente determinada natureza. “Os símbolos sagrados relacionam a ontologia e a cosmologia como uma estética e uma moralidade”.

Ainda segundo este autor, os símbolos sagrados, de modo geral, são um todo em seu ordenamento para formar os sistemas religiosos. Estes mediam um conhecimento genuíno para a vida. Eles podem variar de uma cultura para outra tanto para indicar valores positivos, quanto negativos; a existência do bem e a existência do mal, assim como o conflito entre eles. O aspecto do mal e os valores negativos são formulados nos termos de visão de mundo como forças destrutivas que existem dentro e fora do mundo, por exemplo: “uma forma de interpretar o assassinato, o fracasso das colheitas, a doença, os terremotos, a pobreza e a opressão”.

Os símbolos sagrados sempre dizem respeito à religião popular. Assim,

a religião [popular], fundindo o ethos e a visão de mundo, dá ao conjunto de valores sociais aquilo que eles talvez mais precisam para serem coercivos; uma aparência de objetividade. Nos rituais sagrados e nos mitos, os valores são retratados não como preferências subjetivas, mas como condições de vida impostas, implícitas, num mundo com uma estrutura particular (GEERTZ, 1989, p. 96).

Rodrigues (2001, p. 31) reafirmando o que propôs Durkheim, afirma que na religião popular os sujeitos, se relacionam e se integram nas diversas realidades de sonhos, em busca do sagrado. Trata-se de representações religiosas e

são linguagens e conceitos explicitamente de uma coletividade. O que importa nessa questão é como a sociedade vive a experiência de seus objetos e seus elementos de linguagem coletiva [...] As representações, sendo coletivas, não podem se individualizar, ser modificadas, retocadas e falseadas. Pelo simples fato de existir a sociedade, também nas sensações e imagens individuais a um sistema de representações que gozam de propriedades maravilhosas para que os homens possam se compreender e as inteligências se interpenetrarem, pois possuem forças de ascendência moral na imposição de espíritos particulares.

A relação entre o homem e a divindade é implicada pelos gestos, palavras, sinais, mitos, ritos e sacrifícios, uma totalidade simbólica. Tudo isso leva a criar a essência da religiosidade popular. Uma vez formado o conjunto de normas sagradas, cria-se também os lugares sagrados: textos, calendários, sacerdócio, adquirindo-se, assim, a possibilidade da consciência religiosa.

A expressão cultural da experiência religiosa é precedida de uma expressão teórica. Enquanto nenhum ato de adoração pode existir sem a concepção do sobrenatural, a religião também não pode funcionar sem a expressão cultural (RODRIGUES, 2001, p. 24).

Com isso, a religião popular se confunde com a cultura através de um aparato simbólico e práticas. Para Schiavo (2004, p. 76), a religião popular tem sua expressão na cultura porque, de um lado, a cultura é como um espelho que possibilita e determina a vida do mundo, com o seu conjunto de estruturas: comportamentos, tradições, explicações, normas, mitos e ritos, típicos de um grupo social com identidade própria. Toda cultura é entendida como um sistema simbólico que dá significados às coisas, aos objetos, às ações, que passam a ter significados. Do outro lado, ela depende da cultura, porque busca significados e respostas às perguntas em sua profundidade, nas experiências de vida. A religião popular, neste sentido, elabora o estilo de vida e identidade de um povo, aquilo que é identificado como cultura. Portanto, a religião popular é para Schiavo (2004)

um sistema simbólico estruturado, porque sua linguagem, ao falar de Deus, é simbólica. Assim, por exemplo, no cristianismo o pão eucarístico torna-se o corpo de Cristo, a água é símbolo de vida, o fogo de purificação, [a cruz, símbolo da cultura religiosa cristã; a água, símbolo das diferentes culturas], a luz de Deus etc. A religião, pelo importante papel na cultura também influencia e determina comportamentos, define o que é [certo] ou errado, o normal e o anormal, o justo e o injusto etc. (SCHIAVO, 2004, p. 77).

Assim, a religião popular tem uma linguagem específica para se instalar historicamente na humanidade. Sendo assim, ela é fruto da história e da cultura de um povo

como elemento de suma importância e significativa de sua cultura. Ela é a representação dos anseios humanos em busca de sentido para viver, na qual se encontram as respostas.

Assim, as manifestações religiosas estão intimamente ligadas e presentes no cotidiano dos sujeitos. Robertson (1980) apresenta cinco dimensões religiosas: a primeira é a fé como dimensão da crença e das expectativas religiosas; a segunda, as práticas religiosas como atos de adoração e devoção das coisas que os sujeitos criam para manifestar sua adesão religiosa; na terceira, a experiência religiosa contempla os sentimentos, percepções e sensações vividas pelos sujeitos, famílias ou grupos sociais. Há certas expectativas de que a pessoa alcançará um conhecimento direto e subjetivo de sua realidade cotidiana com alguma sensação de contato com o sobrenatural. Na quarta dimensão está o conhecimento, onde as pessoas têm expectativas de informações mínimas acerca dos dogmas básicos de sua fé, ritos, escritura e tradição. A última, a quinta dimensão, refere-se às consequências da adesão religiosa, e serve para identificar os efeitos da crença, da prática, da experiência e conhecimento religioso sobre a vida diária.

É somente dentro de algum conjunto de crenças acerca da natureza última, da natureza e as intenções ao sobrenatural onde se envolvem outros aspectos da religião. As atividades do ritual e a devoção, como a comunhão ou a palavra, resultam incompreensíveis se não ocorrerem em um marco de crenças que postule a existência de um ser ou de uma força digna de adoração (ROBERTSON, 1980, p. 222).

Por fim, a religião popular é cultura no sentido das relações sócio/religiosas. Ela não é formalizada, nem oficializada, mas precisa que os sujeitos se sensibilizem para efetuarem seus rituais de maneira mais livre. Com isso, a modernização científica, social e secular não impede os grupos de conservarem suas experiências religiosas dentro da cultura popular. Então, continuar com atitudes religiosas e culturais significa o desejo de superar as contradições existentes no decorrer das transformações do mundo moderno. Para Oliveira (1978), a religião popular é um fato social, ou manifestação da cultura, produzida por homens e mulheres em situações sociais concretas. Aqui, não se trata da discussão se a religião popular é autêntica ou verdadeira, mas o que se deve discutir são as situações concretas em que ela se manifesta, pois esta sensibiliza a população de uma comunidade, permitindo o desempenhar dos rituais livremente. Dentro desses rituais, a festa religiosa popular é uma expressão da própria religião popular.

3.3.1 A festa religiosa: um dos elementos da religião popular

A festa religiosa é uma manifestação popular, e é definida como um dos elementos da religião católica. Na tese de Pessoa (2005), a manifestação religiosa representa uma festa e se torna um dos elementos básicos e constitutivos da cultura e da sociedade. Assim, a manifestação religiosa se caracteriza dentro da cultura como fruto da história, e dentro desta história acontece a festa religiosa, que marca os momentos fundamentais no cotidiano das pessoas. A festa religiosa se destaca pelo

acolhimento ao chegante, celebração de momentos fortes da vida familiar, celebração da colheita, datas e momentos especiais da vida coletiva e marca dos costumes e normas grupais na memória e até no corpo dos adolescentes e jovens iniciantes em sociedade [...]. A festa, quebrando a rotina do cotidiano, é marcada essencialmente por uma boa refeição, quer dizer, primeiro, a abundância dos pratos (FRANÇOISE LOUX, apud PESSOA, 2005, p. 31).

A festa religiosa se constitui numa repetição ritual do ato ao criador e, nesta manifestação religiosa, os sujeitos mergulham no tempo sagrado, tornando-se mais próximos da divindade. Assim sendo, a religiosidade é um aprendizado que constitui e fortalece os laços familiares. Pessoa (2005, p. 32) escreve que na festa religiosa popular se permitem certos exageros de gastos, sem regras no bolso ou no que se juntou durante o ano todo. Ela é a incorporação do jeito simples de viver do povo, “sem a festa o ano demora a passar”.

Assim, Pessoa (2005) entende que a festa religiosa é um “descanso”, um “aprendizado”, uma “reconstituição”, um “fortalecimento dos laços familiares” e de tradições milenares trazidas da Europa. O Estado de Goiás não fica para traz em suas tradições nas festas religiosas, em virtude dos

sucessivos e diferentes fluxos imigratórios [têm] na sua população, na sua história, nos seus costumes, na sua crença, o *entrecruzamento* de vários momentos históricos e, ao mesmo tempo, da riqueza cultural de antigos habitantes de várias regiões brasileiras e até de outros países (PESSOA 2005, p. 33).

Na hipótese de Pessoa (2005), toda manifestação religiosa é festa e esta é explicada como um “aprendizado”, um ensinamento com formas e rituais espontâneos que implicam o imaginário dos sujeitos, ou seja, a festa tanto pode ser para o lazer e a diversão, quanto para a devoção ao um santo específico. Na manifestação religiosa, os ritos são elementos importantíssimos. Eles são espontâneos e exercidos no âmbito da vida familiar, povoando o imaginário e levando à prática de milhares de católicos confessos, que por vezes se dá em forma de devoção, de lazer, de diversão, no conjunto da festa. Sobre isso Pessoa (2005) escreve:

é antiga e clássica na festa do Divino Pai Eterno em Trindade a devoção, depois, a diversão que já pautou a conduta de milhares de romeiros naquele centro religioso. Se para o romeiro há um primeiro e um segundo momento, isso significa que os dois são igualmente construtivos da festa. Os agentes da oficialidade religiosa continuam advogando e tratando a cidade da festa como lugar de pregação e de doutrinação. E o povo continua crescentemente respondendo aos atos do templo, mas fazendo a sua própria festa de inúmeras maneiras (PESSOA, 2005, p. 35).

Para Pessoa (2005, idem), de um lado, o templo³⁴ converge e difunde a festa, de outro, “a fé popular” se manifesta “historicamente numa instigante e criativa indisciplina religiosa, atraindo a religiosidade para o meio da rua”, subsidiando o que é importante como “teofania” ou a “manifestação do sagrado”. Nessa afirmativa, o autor, com base nos escritos de Da Matta, justifica que a rua se torna importante local de “liberdade e de expressão”, possibilitando o encontro com o sagrado e o profano, marca essencial da religiosidade popular.

A religiosidade é marcadamente penitente, e os centros de peregrinação e de festa são também espaços de muitos sacrifícios expiatórios. O corpo subjugado em longas caminhadas, jejuns, percurso de joelhos para se chegar aos pés do santo de devoção, o carregamento de cruces e outros objetos são testemunho de que, para o fiel devoto, principalmente, o sacrifício em favor da divindade não é tudo, mas uma contrapartida na obrigação de dar, receber e retribuir princípio antropológico que acompanha historicamente a maioria dos grupos humanos até hoje conhecidos (PESSOA, 2005, p. 36).

Segundo Pessoa (2005, p. 39), a manifestação religiosa é o grande aprendizado, mesmo que ela possa trazer em si algumas “contradições” e “conflitos; que pareça ser uma inversão da ordem ou uma degradação da moral e dos costumes, mas também ensina as lições de tolerância”. Ela sempre influencia a vida das pessoas no aspecto moral, cultural e social, no sentido de integração pessoal. Nessa se aprende a viver e a buscar o novo, em consequência, tem-se a integração à herança dos familiares antepassados.

Ferretti (2003, p. 01) também considera que uma manifestação religiosa é um forte elemento constitutivo do modo de vida e da linguagem do povo. Esta também é uma das vias fundamentais de mediação da humanidade para a socialização religiosa. Ela está interligada à vida do povo e é tema importante para as camadas populares. Em Goiás, no Centro-Oeste e no Brasil, por exemplo, a festa religiosa constitui num marco fundamental na vida das pessoas, sobretudo na via da crença popular. Nisso, uma manifestação religiosa não é somente lazer, mas uma rotina de trabalho que se dá ao longo do ano. Ela constitui-se na repetição de rituais

³⁴ Conforme o dicionário bíblico, no antigo Egito e na Mesopotâmia, o templo significava a casa do Deus onde era servido pelos sacerdotes. Os fiéis faziam os rituais e sacrifícios no lado externo do templo, pois estes eram pequenos. Os templos foram os primeiros lugares nos quais aparece a escrita.

pela sua imprescindível importância na vida de um grupo das pessoas em geral, em especial quando se refere “aos anseios, valores e crenças”. Segundo essa ideia, Amaral escreve:

as festas e as procissões constituem os principais esportes e passatempos do povo, e neles os próprios santos saem de seus santuários, juntamente com os padres e a multidão, [e] participam dos folguedos gerais. Não levar tais fatos em consideração seria omitir os atos mais populares e esquecer os protagonistas favoritos do drama nacional (EWBANK, 1976, apud, AMARAL, 2009, p. 01).

A festa pode ter um duplo sentido. Amaral (2009, p. 03), se valendo da ideia de Caillois, fala de duas festas: a festa popular e a festa religiosa. De um lado, ele defende a festa popular como um fato social, por exemplo: o Carnaval, o Catira, o Bumba-meu-boi, as Cavalhadas entre outras; de outro lado a festa religiosa como um fato religioso, assim como a Folia do Divino, a romaria dos Carreiros em Goiás, entre várias outras festas, com sua beleza e riqueza próprias, nas quais os sujeitos expressam suas identidades dentro do grupo, no sentido sócio/religioso, da “política, lazer, estética, tradição e trabalho”. A festa, assim, de modo geral, é uma forma de confraternização, de solidariedade das “classes sociais, etnias, raças, grupos”.

De comum acordo com Amaral, para Steil (1996, p. 133), uma festa popular vai além dos rituais propostos dentro de uma festa religiosa, porque esta se constitui pela alegria e a festa religiosa pela penitência, os rituais e a simbologia, porém ambas se constituem como práticas e sentidos que se complementam. No primeiro momento, a ordem do ritual busca estabelecer a repartição de papéis, a codificação dos símbolos e a ação cerimonial. No segundo momento há o espaço da espontaneidade, da indiferenciação, da inarticulação, da emoção coletiva e informal. Com isso, “a romaria é uma festa para a diversão da carne”, da mente humana.

É provado que em todas as civilizações humanas instituíram-se festas, de modo especial, as religiosas que perpassam o tempo. Para Dahler (1999), estas são tidas como expressão de um passado, de uma história, de uma presença que recordam e refletem um conjunto de crenças, de esperanças, de tentativas de domesticar o futuro. Assim, nessas festas, são ocasiões para subtrair da realidade cotidiana as experiências, e entrar no mundo com perspectivas e valores. Isso porque as festas populares religiosas ajudam a superar as angústias individuais e coletivas, servindo também para acentuar a falta de uma força suprema na vida cotidiana.

Enfim, na composição de Dahler (1999), a origem das festas religiosas se encontra na raiz das tradições passadas, como por exemplo: a festa da Páscoa, a festa de Pentecostes,

festas do fim das colheitas e festa das tendas. Por isso, Dahler (1999, p. 06) considera as festas religiosas como “uma das maiores razões que ditam a prática de grandes peregrinações” em todo mundo.

3.4. A romaria expressão de um processo educativo/cultural/religioso

Conforme exposto na introdução deste trabalho, romaria é o ato de peregrinação de devotos para algum lugar religioso, sendo assim, é uma reunião de peregrinos em multidão, em jornada para pagar promessas, agradecer e pedir graças, no exercício de crença.

Por meio dos depoimentos e das observações do cotidiano dos sujeitos, desta pesquisa, foi possível evidenciar o significado educativo/cultural/religioso da romaria dos Carreiros de Mossâmedes ao templo do Divino Pai Eterno em Trindade, Goiás. Nas palavras de um dos Carreiros:

A romaria ensina o que é bão, o que o coração diz. Alguns querem mudá o ritual, mas não queremos. Na viagem da romaria, não temo pressa, gastamo sete dia pra chegá à Trindade e quatro dia na volta pra nossas casas, dizia a Sra. A039 (DIÁRIO DE CMAPO).

Essas palavras de A039 significam pronunciar que a sua devoção é insubstituível e que, pela prática devocional, se tem, no seu íntimo, a realização da convicção da fé.

Os Carreiros de Mossâmedes confirmam as palavras de Martins (2010). A romaria é a experiência de peregrinação que permite aos Carreiros recriar e substanciar o seu mundo, para ter gosto pela vida. A peregrinação é nada mais, nada menos que um caminho alternativo, a realização dos atos de devoção, ritual, sacrifícios e promessas, em busca do sagrado. Desde a infância, os Carreiros já começam a se interessar pela romaria. É o que aconteceu com este Carreiro, quando fala da devoção Carreira, como uma prática religiosa ao Divino Pai Eterno: pagar promessa e receber curas. Para viver essa prática, o Carreiro deve ser um devoto católico.

Desde que entendo pô gente já existia esta festa de Trindade. Nois morava la pertim, depois mudei pra cá, continuei a mesma coisa. [...] Nunca dei vontade de sê crente. [...] Os fii, condo ta novo, a gente induca eles. O miô é ta tudo junto arreunido, não é bunito? A fé é tão bunito né? [...] A gente faiz o que o coração pedí. A romaria é uma irmandade, uma suciedade. [...], meus fii todos são custoso, tem um que não quê ir de carro de boi. Otros quê mudá o ritmo da romaria. No dia que dé certo de chegá ta bão, não tem pressa não! Aqui eu deixo uma pessoa promode zelá pra mim, a mesma coisa de mim. É quinze dias que a gente fica na viagem. A gente mata capado, arruma nas latas, leva saco de carne [...] os mais novo é que vai acompanhando os mais vêi. Eu tenho um sobrimo, que o fi dele ta doidim pra ir. Vai aprendendo... Nois começô daqui muitas vêis dois carro, às vêis ia só um, depois foi aumentando de dois, de deis, de quinze, vinte, trinta, quarenta [...] o carro de boi é pra carrea mii, feijão [...] Eu vô na romaria porque fui curado lá, graças a Deus [...] na romaria não cansa não, deita, frouxa um bucadim. [...] A primeira Missa que tem eu vô. Na chegada eu vô, no dia da gente vim embora, assisto a Missa também [...] Eu

aprendi dede pequeninim com meus tii. Eles morava pertim de Trindade e então meus tii ia todo ano, era cego, não enxergava nadim. Aí, nois aprendeu. Aí, quando dava pra ir de carro pegava até carona, não sabe? A gente ia escondido, que era pobre, não tinha dieiro. Aí, depois foi uma prumessa que mia mãe fêis pra mim. Eu cortei esse dedo aqui óia, eu era menino, o que tinha de sangue, saiu tudo, a aquilo inchô [...] ela fêiz um voto deu ir. Eu peguei e fui, to indo até hoje. Tem dia que a gente ta ruim, mais vô...[...]. Deu na véspera eu já tô arrumando as coisas, tô amarrando as cordas de amansá os boi. Na romaria “[...] tem alguns enjuados [...], tem caboco que tem que chamá na regulage dele. Eu mesmo chamo na regualage. Nois saiu daqui, um bebim, nois pôsamo, deu a bóia, deu tudo..., banheiro, tudo, no primeiro pôso. Ele foi engrandecê pelo rabo da cachaça, foi quebrá as lâmpadas, aí no otro dia cedo, eu disse: Oh! ocê daqui pra trais, se ocê virá home cê pode ir, mais pô mode isso, ocê não vai não. Aí, ficô treis dia, voltô. Quando foi nus quatro dia, ele falô: seu Tota, ocê aceita eu entrá no meio de ocês? Se ocê virá home, nois aceita! Mais daquele tipo ocê não entra mais não [...] Um cara agarrô assim um revolver na cintura e eu falei: Oh! Quem vai pra Trindade não carrega revolve não. Chega lá, zap! A pulicia tomô o revolve, dizia A031 (DIÁRIO DE CAMPO).

Assim, o caminho que os Carreiros percorrem para a afirmação de sua fé e de sua devoção é o catolicismo, religião que ainda predomina em todo o município de Mossâmedes e, em consequência dessa predominância, todos os Carreiros são católicos.

Visitar o Divino Pai Eterno todos os anos é para os Carreiros uma prioridade no calendário anual. Ao chegar da viagem já começam os preparativos para a próxima romaria, apesar das dificuldades encontradas no trajeto pelas estradas empoeiradas, o calor, o frio e o desconforto. Não deixam por nada a devoção ao Divino Pai Eterno, porque esta traz amizade e união às famílias dos Carreiros, conforme o Sr. A02 quando diz,

o que acho, é tá junto com a famía, porque a gente trabaia o ano todo e quase não fica com a famía e na romaria, durante o tempo a agente ta junto.

Como se pode ressaltar, na romaria há uma grande demonstração de fé. Cumprir os votos e as promessas também é motivo de ação de graças.

Desta forma, a romaria torna-se para os Carreiros, uma importante experiência de unidade, de companheirismo, de amizade e de familiarização. Neste depoimento, o Sr. A016 diz:

os amigo que a gente arruma no caminho, a fé que a gente vê em muitas pessoa que vêm cumprí um voto. A gente vê que essa pessoa, quase não aguenta mais na romaria ela supera.

Para o Sr. A019, a romaria trata de um grande momento educativo e comunitário, é um

encontro, é um, é uma comunidade, um ajudando um otro. Às vêiz quando um boi falta, um diz: ô! Seu boi ta ali... otros diz: ô toma um doce aqui, coma algo na nossa barraca. Eu acho significativo é amá o próximo como assi mesmo. É difícil a gente falá essa pergunta né?

Assim, a devoção ao Divino Pai Eterno tem grande valia e se torna significativa aos Carreiros. Todos participam da romaria pela devoção, fê ou cumprimento de voto, amizade, companheirismo e por ser uma experiência praticada pelos pais e/ou pelos amigos. Para os carreiros, o que é importante na romaria é estar junto com os amigos, a busca de milagres,

aperfeiçoamento da fé e o sentir-se aliviados para a felicidade, além de se responsabilizar por algum tipo de tarefa, mesmo que seja somente guiar o carro de bois. Veja o que A07 disse a respeito da romaria:

muito fé demais, portanto tô saindo de Mossâmedes pra cumpri a promessa. Fui extraí um dente, ele deu problema, aí eu me apeguei com o Divino Pai Eterno para este fim. Fiz voto de deixá o cabelo crescê e depois cortá e deixá nois pé do Divino Pai Eterno, aí vim pagá, pois fui curada.

Contudo, sem a romaria, a vida dos Carreiros não teria sentido, porque os outros ambientes festivos e atividades do dia a dia não os realizam tanto quanto a devoção ao Divino Pai Eterno. Nesse sentido o Sr. A08 disse:

eu acho interessante, que é uma divoção, pra mim outra coisa não tem mais graça niuma

A romaria é, portanto, um sinal de paz, de fé e de alívio das dores, das doenças, assim como a busca de uma religião e de realização de milagres. Na fala a seguir, vê-se que a fé no santo Pai Eterno transforma a vida das pessoas, conforme o depoimento do Sr. A042.

Minha mãe fêiz um voto la para o Divino Pai Eterno. Eu tava doente. Depois, um dia meu pai era carreiro, o boi deu um coice na minha boca e quebrô os dentes todos. Eu fui descê do carro de bois. Nois fomos em Varjão levá um carro de lenha e na volta, eu mais meu irmão mais vêi, nois candiava os bois pro meu pai, sabe? Meu pai é carreiro toda vida, amansadô de boi. Aí disci assim, fui passá no pé do boi de coice, deu um coice na minha boca e quebrô minha boca toda. Aí minha mãe fêiz um voto, de vendê o boi e dá o dinheiro pra o Divino Pai Eterno. Dois voto mia mãe fêis. Eu sei que fêis esse quando adoeci e fêiz esse quando o boi deu o coice na minha boca. Minha mãe é muito devota do Divino Pai Eterno e ai fêiz os dois votos pra mim, e eu não morri e mia boca sarô (DIÁRIO DE CAMPO).

Em geral, o santo, o Divino Pai Eterno, é a grande explicação de fé para os Carreiros. A devoção a este santo é a marca principal para que cada Carreiro possa cumprir os votos durante as festividades na cidade de Trindade. A016 diz sobre a importância da devoção para si.

Eu acho a fé, fiz a promessa de vim durante déis anos, já tem cinco anos e ao completá os déis anos não vamo pará.

Não é diferente para o Sr. A025, quando diz que o Divino Pai Eterno traz bênçãos e faz os milagres.

Fé, milagre feito pelo Divino Pai Eterno, é porque gosto da viaje. É um descanso de tudo de rotina, né? A gente vem aqui com os amigos, é uma participação. É uma coisa sadia mesmo.

Nessa fala, o Sr. A026 justifica o significado da romaria:

uai! O significado é um significado que a gente vem, assim, antes de tudo é a fé, porque se não fosse pela fé a gente não suportaria tanto desconforto. Porque ocê deixa sua casa, bem limpinha, arrumadinha. Só a fé mesmo pode explicar tudo isso.

A conduta das pessoas, em relação às doenças, é tomado pelo desespero do pai e da família, quando a medicina não dá respostas a um determinado problema. Mas, na romaria do

Divino Pai Eterno, essa realidade é confortada pela fé e pela confiança na força sobrenatural.

Um informante contou neste relato dois milagres ocorridos pela ação do Divino Pai Eterno:

eu tem dois milagre, que eu recebi no Divino Pai Eterno. Primeiro, mia fia, o sonho dela era fazê medicina, estudá pra medicina. Aí eu incentivei ela. Depois não tava conseguino passá na faculdade federal. Aí ela já tava cansada, viajando pra fora. Aí um dia eu tava no quintal de mia casa na fazenda, pedi pru Divino pai Eterno, uma bênção. Abençoasse que ela passasse aqui no Brasil. Aí, falei com ele. Esqueci...! E, fui embora trabaia. Quando, isso era mais ô meno treis e meia da tarde. Quando eu cheguei na casa da mia mãe na cidade, mia mãe bateu na mias costas, disse: ocê sabe da novidade? Eu disse: que novidade? Uai! Sua fia passô pa medicina. Aí eu disse: ô Divino Pai Eterno! obrigado pelo pedido que fiz pu seor, foi abençoado e falei pra ele, se ela passasse eu vinha de a pé no Divino Pai Eterno. Aí eu cumpri. Fui abençoado. Isso passô dois ano, aconteceu otra coisa qui a gente nem esperava. A segunda fia minha, a Andréa, foi tirá um calculo no rim. A gente pensava que era coisa atoa. A gente vêi com ela pra tirá. O médico quebrô a pedra no meio. Aí, ela posô no hospital, no otro dia ocê pode ir embora, daqui uns trinta dia ocê volta. Nois foi pu apartamento com ela e a otra menina mais véia que ta fazendo medicina. Ficô observando ela. Falava: Andréa ocê num tá bem! Ela tava assim triste, sabe? Aí a menina ligô pu médico. Oh dotô, ela num tá bem! Aí o médico mandô levá ela pra trais. Quando ela voltô no hospital, o médico, medicô, imediatamente, ela foi pra mesa de cirurgia, grenô o rim dela. Ela já foi pa UTI. Foi pa UTI no sábadô, quando é no domingo, uma hora da tarde, quando nois foi visitá ela, eu cheguei e disse: mia fia! Essa não é mia fia não! Aquele disispero foi tão grande, não sabia o que fazia. E nois saimo. Venceu a visita nois pediu a Deus. Quando foi segunda-feira, pior... a pressão dela foi à zero, não tinha jeito de fazê hemodiáres, parô tudo. Água no pulmão, paralisô todos os órgãos. Aí, o médico ficô apavorado. E quando entrei na segunda-feira, aí eu conversei com o Divino Pai Eterno, de verdade. Oh meu Divino Pai Eterno! Ocê é o médico da mia vida. Se o seor trazê mia fia de volta, eu vô voltá de a pé, fazê nova penitência. Mais eu quero ela de volta. O seor vai sê o dotô dos dotôs pra mim. Eu vô entregá na mão do seor e de Jesus Cristo, e a mia fia, eu quero ela de volta. Os médicos já tinha tudo disaconçoado, sabe? E quando surgiu a ideia, apareceu otro médico infectologista e disse que tinha salvado um paciente. Aí eu voltei no médico no hospital e falei pra ele: ocê trais um medico milhó do que arrumei, ocê libera que busco otro. Aí ele liberô. Eu fui, busquei otro médico. Quando o médico entrô e fêis a junta com cinco médicos lá, o médico falô assim: oia! O caso dela é gravíssimo. Aí, nois lá de fora, na expectativa, quando o médico saiu, eu falei: e aí dotô? Ele falô: Oh! A sua fia, eu passei antibiótico que é igual uma bomba, então é o seguinte: com esse remédio antibiótico que ela ta tomando, na mia medicação ela tem dois pô cento de chance e se ela não tomá, ocês vão tirá ela morta depois da manhã. Aquilo foi a mesma coisa de enfiá um punhal dentro do meu coração e puxá pra trais. Mais quando puxô, ôve aquela força do Divino Pai Eterno. Falei: não. Se o Divino Pai Eterno cura as pessoa, dois pô cento é muita coisa. Vamo garrá nus dois pô cento, é muita coisa! [...] Nois começô a rezá, ajuntô todo mundo. As enfermeira, a multidão, Goiânia, o povo passô, parece que tudo é amigo nosso. Então, a pessoa chegava no hospital, começava fazê oração. Nois foi pa igreja, nois era direto nas igrejas... Aqui no Divino Pai Eterno. [...] aí a mia fia mais véia, quando o médico falô isso ela falô: pai aquele remédio é perigoso! Eu falei: mia fia é a chance que ela tem, é essa. E vamo apegá com o Divino Pai Eterno. Esse remédio é que vai curá ela. Pode fazê otro remédio. Aí ela falô: então pode? Ela chorando! Pode fazê, é pra fazê e fêis. Quando passô dois dia, que ela tinha tomado a medicação, ela começô reagê e guentô fazê hemodiáres. Gastô oito horas pra fazê hemodiáres. Fêis hemodiáres, deu aquele alivio. Aí começô. Mau, mau... Aí no otro dia, não guentô fazê hemodiáres. Nois firme, mia esposa rezando, ia pa capela, e todo mundo rezando. Quando no terceiro dia, ela não guentô fazê hemodiáres de novo. Aí foi que Deus abençoô, o Divino Pai Eterno, que ela foi só subino, subino e chegô a ponto que ela tá hoje aqui no Divino Pai Eterno, trabaiaando. Ela teve algumas dificuldades, mais tá vencendo, graças a Deus. O que mais a gente fica emotivo com isso, porque ela, na UTI, não ôvia nada. Diz ela, que sonhô, que tava no Divino Pai Eterno, eu e a mãe dela. Quando chegô um caboclo bateno nela, arrastano e bateno nela, aqui na festa do Divino Pai Eterno. Ela fora de si. Ela teve esse sônio que tava aqui. Então a gente ficô assim, parado, né? O quanto foi gratificante pra nois [...] Então a gente pra vim não é dificuldade, a gente enfrenta a romaria da estrada além sê da fé, a gente tem essa alegria de tá com os amigos, passando experiência de vida. Uma coisa, quem conversa comigo, eu falo: Óia, fê, a primeira coisa da pessoa é tê fé e vim. [...] Hoje nois tamo alegre, vamo agradecê pu resto da vida, dizia a Sra. A037 (DIÁRIO DE CAMPO).

Nisso, com a romaria se recebe muitas bênçãos e alegrias. É a festa e a felicidade para o Carreiro. O Sr. A031, ao falar da importância da devoção ao santo Pai Eterno diz:

eu aprendi que é devê de todos nois. Eu fui curado pelo Divino Padre Eterno, desde criança, antão aquilo cresceu aquela moção né! Depois passô aquela moção de levá um diêiro para os pé do Divino Padre Eterno, e trazê o carro cheio de arrois, lá pu São Colongo, é isso a mia moção.

De qualquer forma, a devoção ao santo, o Divino Pai Eterno, é para o Carreiro uma homenagem, um agradecimento, um pedido de perdão e um cumprimento de voto. Tudo isso se dá por meio da participação ativa nos relacionamentos e nos aprendizados entre os participantes da caravana carreira. Nota-se que há um princípio de respeito aos valores que o santo tem, pois são motivos de orgulho, o maior tempo de romaria e a bênção recebida. Assim, há uma continuidade na tradição carreira. Na fala a seguir, há uma das características da romaria.

Nessa romaria, o Tota é o romeiro mais véi da estrada. Ele já foi premiado pô sê o Romeiro mais véi. Basta convidá ele, se ele aceita, aí acompanha. Na hora da celebração lá, convida barraca pô barraca e quem quisé assistí, assiste, quem não quisé mais não fais baruiio também. A romaria é por causa da fé. Essa fé, a gente recebeu muitas graças. Hoje mesmo eu tava contano pu boiadeiro, que tenho um fi, aquele que mora naquela casinha ali. Ele com dezesseis anos, ele deu um pobrema na cabeça, antão, ficô conturbado de tudo [...] Ele fêiz vários exames de cabeça e não deu nada. Ai a prima! [...] muié que é casada com o primo do Tota. Ela é muito religiosa. Ela me perguntô assim: dona Ivone, a seora ta orano aí? Quando ela chegô no quarto, eu tava ajoeiada, falei, agora vô la pru quarto, vô ajoieá e conversá com Deus. Se ele me desse meu fi curado [...], o que Deus me mostrá é que vô seguí né [...] eu vô fazê, vô realizá [...] Minha mãe era católica. Ela era da comunidade do Coração de Maria. Antão, ela era muito religiosa. Ai, ela me chamô pra assistí a novela. Eu falei: hoje não vô assistí novela, não. Eu vô ficá sentada aqui no quarto, quero converá com Deus e vô vê o que ele vai me mostrá [...]. Ai, mais senti aquele momento de fé no meu coração. Eu falei pru Tota, vamo levá o Valdivino no médico especialista e o Divino Pai Eterno vai dá uma bênção pra ele [...] Se o Valdivino sará, ele vai levá pra o Divino Pai Eterno uma bezerra puxada pra doá la no Cotolengo. Ele amansô a bezerra e levô puxado. [...] Quando ele largô a bezerra la no São Cotolengo, a bezerra berrava. Acho que costumô é...! E graças a Deus, eu recebi essa bênção, foi uma graça muito grande. [...] Ele é casado, tem dois fii, que é inteligente né!, narrou a Sra. A029 (DIÁRIO DE CAMPO).

Em entrevista, Sebastião Donizete Carvalho (2008)³⁵ respondeu que a romaria dos Carreiros teve início na cidade de Mossâmedes. A partir daí, os Carreiros sempre preservaram essa cultura religiosa. Eles sempre residiram em pequenas propriedades, na região próxima ao povoado de Mirandópolis, chamado antes de Troca-Tapa, distrito de Mossâmedes.

A romaria dos Carreiros tornou-se uma das manifestações religiosas mais importantes de Goiás, e envolve as famílias das propriedades rurais da região de Mossâmedes. A romaria,

³⁵Professor da rede estadual da educação, mestre e doutorando na área da educação pela PUC Goiás. Nasceu na cidade de Mossâmedes, em 1965, na zona rural. Reside em Goiânia, desde 1998. Estudioso e curioso, pesquisou muito sobre a história da cidade de Mossâmedes, como professor de história naquela cidade. Os dados aqui registrados foram obtidos por meio de entrevista concedida pelo professor Sebastião Donizete Carvalho ao pesquisador responsável por esta investigação (2008).

segundo ele, vem acontecendo há mais de 75 anos, sempre no fim de junho e início de julho, por ocasião da Festa do Divino Pai Eterno.

Na concepção de Nascimento (2009), a devoção carreira é em função da festa do Divino Pai Eterno e torna-se uma situação prazerosa e necessária, um ato de valor e de fé.

Sanchis (2010) concorda, antes de tudo, que a romaria é um tipo de sacralização humana que possibilita preencher o imaginário das pessoas. A caminhada, muitas vezes, é penosa e bastante sacrificada, mas é cheia de encantos. Na romaria, os Carreiros encontram graças, favores espirituais e todo tipo de conteúdo simbólico/religioso, além das promessas feitas ao Santo.

Geralmente, as manifestações religiosas estão intimamente ligadas e presentes no cotidiano dos sujeitos, essas são expressões de um passado, de uma história, que no presente recordam e refletem um conjunto de crenças, de esperanças e de vários fatores que refletem na vida das pessoas.

Com a devoção, os Carreiros encontram momentos de felicidade, amizade, companheirismos e fé, uma herança ensinada dos mais velhos que permanece sempre. O jovem A03 enaltece que a romaria

é uma tradição. É união das pessoas, convivência. Companheirismo.

Para outro jovem, A01, a romaria significa fé, pela tradição. A romaria é uma demonstração de fé e perseverança durante todo o ano. Neste outro depoimento, o Sr. A05 afirma que a romaria é

ta junto com os amigos, sempre gostei de mexê com os carros de boi. Tê fé no Divino Pai Eterno.

O Sr. A02 complementa que a romaria significa

mantê a tradição, prazê de ta carreando. A maneira miô e mais prática de ir ao Divino Pai Eterno em Trindade, é o carro de boi (DIÁRIO DE CAMPO).

É de costume ir com a caravana Carreira: os netos, os filhos e as noras, menos os filhos não católicos.

Como apontado acima, em Goiás, no Centro Oeste e no Brasil, as manifestações religiosas constituem-se num marco fundamental na vida das pessoas, sobretudo no âmbito da crença ao um santo. Nota-se que essas manifestações religiosas, de todas as formas, estão intimamente ligadas e presentes no cotidiano dos sujeitos e estão inseridas na vida do povo.

Além dos Carreiros e suas famílias de Mossâmedes, somam-se a eles as caravanas Carreiras vindas de Sanclerlândia, Anicuns, Inhumas, Avelinópolis, Americano do Brasil,

Damolândia, entre outras, que se reúnem pelas estradas de terra com destino a Trindade, ao Santuário do Divino Pai Eterno. O Sr. A02 diz:

quando nois foi a primeira veis que nois foi na romaria, eu pensei que nois não ia vê ninguém durante a viagem, só quando chegá lá em Trindade a gente ia vê gente (DIÁRIO DE CAMPO).

Em Trindade, por ocasião do desfile dos Carreiros, o grupo de Mossâmedes, conhecido como um dos mais tradicionais, porque possui Carreiros que fazem a romaria há mais de setenta e cinco anos, era o primeiro da fila, no desfile. Essa realidade se alterou, pois os primeiros grupos no desfile são os que chegam primeiro.

Portanto, a cada ano, a romaria carreira cresce expressivamente. Martins (2001), em sua pesquisa de mestrado, afirma que o crescimento dos Carreiros em vista da visita ao Divino Pai Eterno, nas últimas décadas, é uma realidade. Com isso, os Carreiros têm na romaria, a preservação dos valores da tradição, com o intuito da transmissão aos sucessores mais novos. Os carros de bois, para os Carreiros, são símbolos essenciais e representativos dos valores populares rurais, na era da competição e da modernidade. Resistem e renovam seus valores culturais e religiosos. Para o Sr. A02, a romaria é tudo. Ir a Trindade só tem sentido se for com o carro de bois. Sem o carro de boi, ele não iria à festa do Divino Pai Eterno. A romaria, para os Carreiros, já começa no término da festa de Trindade. O Sr. A02 esclarece, ainda, que para começar bem a jornada da romaria é preciso de atitude e realizar tarefas:

a gente levanta bem cedo, arruma os trens, quando é pô volta do mei dia a gente come paçoca, rapadura, farofa, bolo, toma café, come o que leva como matula. De primeiro os pai trabaivava e os fi acompanhava. Mexê com boi, com o carro de boi, desde pequeno, mais tinha otros irmãos que gostava menos, estes iam cuidá da roça, das otras coisa. Mas foi com o papai mesmo que nois aprendeu.

Nesta outra fala, uma criança Carreira A043 dizia:

vô a pé com os carro de boi, quando meu pai qué dormí, a gente toca o carro de boi no lugá dele. A gente dorme de bão só no carro de boi (DIÁRIO DE CAMPO).

A devoção Carreira sempre traz o incentivo de solidariedade e unidade. No relato do Sr. A02, na romaria tem duas coisas: a pessoa e a influência da família.

Tem pessoa que nunca viu carro de boi na famia dele, acaba comprando boi e carro para ir à romaria. A famia dele nunca foi de roça, porém vai à romaria (DIÁRIO DE CAMPO).

Na romaria, há sempre um filho que acompanha mais de perto o pai, em uma relação muito mais que de pai e de filho, mas de amizade. Assim, se cria um sentimento profundo de amor que os dois, pai e filho, viajam horas e horas sem dar uma palavra um com o outro, permanecendo engasgados pela emoção: choram, às vezes, e se abraçam de alegria porque

estão juntos na romaria. Há, também, entre os Carreiros, uma felicidade estampada no rosto e no coração. “A romaria é o melhor presente dos pais”, dizia uma adolescente Carreira a A040 (DIÁRIO DE CAMPO). O Sr. A02 continua:

Eu nunca obriguei meus fi ir na romaria, mais tem um que gosta mais pôco. Ele tava lá em Jussara; ele mudô o tipo, não queria nem vê o carro de boi. Hoje ele mudô o tipo, já ajudô a arrumá o carro pra ir. Ele quando tava lá em Jussara trabaiano com o meu genro, nois tava aqui na roça arrumando pra ir à Romaria, aí ele garrô numa choradeira, aí quando foi no sábado, ele pegô o ônibus em Jussara e vai alcançá nois lá em Americano do Brasil, aí ele foi mais nois com o carro de boi. O otro fi, o Paulinho, tira fêrias pra ir com o carro de boi pra Trindade. Ele pega quinze dias de fêrias pra ir... Só que ele vai de carro de boi e volta de ônibus pra ficá com a minininha dele.

Como se nota, a liberdade é uma das características precisas para acompanhar a romaria. Não há indução das partes, mas há a necessidade de estar sempre com a família, foi o que evidenciou o depoimento acima.

Para a realização de uma perfeita romaria, a presença do pai, da mãe ou de um parente é sinal de realização e felicidade para os Carreiros. Nos depoimentos a seguir, pode-se constatar que a falta de algum membro da família pode desfalar a beleza da romaria. O Jovem A01 sente muito a ausência de sua mãe, quando ela não está na romaria, pois ela sempre gostou da romaria e quer ver a continuidade dessa tradição em seus filhos. O jovem A03 vê na devoção Carreira um sinal de unidade entre a família. A jovem A04 diz:

tenho vontade que os meus pai fosse. Porque meu pai sempre teve vontade de ir. Minha mãe já foi uma vêis comigo, mais é complicado, porque a gente mora na fazenda e é difícil sai todo mundo. Eu tinha vontade que fosse todo mundo.

Nessa concepção Carvalho (2007) argumenta:

[...] O estar junto, viver em família, estar sempre com alguém é a situação culturalmente de ser e estar [...]. O solitário é definido como um triste, um infeliz, um coitado [...]. Pessoas são parentes, são amigos, são vizinhos, são compadres; são eixos de feixes de relações e não existem para estar sós (BRANDÃO, apud CARVALHO, 2007, p. 92).

Nesse sentido, para o Sr. A02, a ausência de alguns membros da família torna-se vazia toda a romaria e sem satisfação,

ah!, eu sempre penso na minha família, meus irmão que num vai. Porque já foram carreiros também. E acho que falta oportunidade. Porque eu sei que eles gostam. Quando eu saio daqui eles vem e vão também nos pôso me visitá. Nus acompanha sempre. Eu acho que é mais falta de oportunidade. Eles são tudo devoto do Divino Pai Eterno.

O desejo de muitos Carreiros seria a presença de toda a família na romaria, para esta ser mais completa. Assim o Sr. A016 esclarece:

eu tinha vontade que viesse todos os irmãos, mas teve uma irmã que não aguentô e voltô pra trais.

O Sr. A015 e o jovem A014 também gostariam que os pais e os parentes estivessem juntos, pois, com eles, os filhos e os netos têm a segurança da continuidade da tradição Carreira. Enquanto para o pequeno A027, a romaria só se torna mais gostosa com a presença da avó.

Aguiar (1994, p. 65) em sua tese, ponderando o que Smolka escreveu, afirma:

os adultos, por seu turno, na medida em que respondem ou não a essas reações, na medida em que se fazem presentes ou ausentes, na medida em que interpretam, atribuem significado e sentido aos movimentos da criança, e usam gestos, expressões, sinais, e, sobretudo a linguagem, vão efetivamente proporcionando à criança a participação na dimensão simbólica elaborada socialmente. Nesse processo, a criança vai se apropriando, isto é, vai tornando seus os objetos, as palavras, as ideias, os dizeres dos outros.

De fato, nesse contexto, a presença dos familiares (sogro, cunhados e filhos) alegra, conforta e traz segurança à romaria. Porque, estando na romaria, todos se tornam significantes, participam da devoção ao Divino Pai Eterno e deparam com outras novidades juntos, durante a festa de Trindade.

Para a Carreira A041,

a romaria não é uma paixão. É uma divoção. Nunca passô pô minha cabeça largá o carro de boi, nem imagino! O João desde pequeno já ia de carro de boi. Ele tava com três anos. Ele foi à romaria. Ele foi primeiro com seu pai, depois continuô indo com nossos fii, depois eu fui também. O João sempre trabaiô com carro de boi, ele arava, carregava os alimentos da roça, aí ele achô interessante demais. Ele disse: vou comprar um carro de boi pra mim ir à Trindade, aí já foi no otro ano. Ele disse assim: se Deus ajudá que dô conta de comprá os boi, ano que vem vô de carro de boi. Aí eu dei uma risada, pra ele, ah, ah, ah! E disse: oh eu aqui de carro de boi! Aí ele comprô um bizerro, comprô dois... até que deu conta de arrumá a traia. O primeiro ano nois sofreu, pensa no sofrimento! Nunca eu tinha andado num carro de bois, com três mininos piquenos, que meus mininos era miudim, o mais véi tiinha deis anos, os otros era miudim (DIÁRIO DE CAMPO).

É claro que a presença da família é imprescindível para formar unidade, companheirismo e segurança na romaria, mas se um dos membros da família não pode estar junto, em consequência das particularidades de cada um, a romaria não deixa de acontecer, ela continua assim mesmo. É o que aconteceu com o Sr. A035 ao sentir a falta do seu irmão na romaria, pois com a presença dele a família ficaria mais unida. Sua irmã, mesmo não indo com a caravana carreira, pelo menos os visitava nos pousos. Para outros Carreiros mais jovens, a presença da mãe é de fundamental importância, por causa do companheirismo e do apoio nas dificuldades. É o caso de A010 que se sente segura com a presença de sua família, sobretudo a presença do seu irmão e de sua mãe. Ela responde nesta entrevista:

ah, tem muitas pessoas de mia famia que eu gostaria que viesse mais de modo especial, o meu irmão. Porque ele é muito apaixonado nesta festa, os carros de boi. Ele ficô chorando. Ele não vê porque trabaia para os otros.

A romaria é tudo para os Carreiros, pela solidariedade e, principalmente, quando esta é acompanhada pelos carros de boi. Assim, a romaria é realizada na íntegra, é mais completa com a presença de membros da família ou de um amigo. A019 disse quem gostaria que fosse com ele na romaria,

a mia família, meu ti mais véi. A gente não pode sair todo mundo. Ele ficô zelando das coisas. Océ sabe que a família junto é um abraço muito forte não sabe? Às veis um erra e o otro diz: vamo divagarinho e as coisas logo se acalma. Mais ta bão, graças a Deus...! É porque é um amigo da gente. Eu achava bão se ele viesse, porque é que se pode mandá e confiá

A029 também concorda com A019:

ah! mia família inteira. Porque eu tenho uma fia só e tenho sete fi home. Os fi vem e a fia não vem. Então tenho prazê, porque era a família arreunida e tenho um fi que é evangélico, o mais véi. Anos atrais ele vinha, veí muitos anos, depois a muiê dele passô pra crente aí ele também passô.

As emoções fazem parte dos sentimentos humanos. A romaria é a alegria e a realização do carreiro. Para os pais, a alegria não é diferente da alegria dos filhos. A presença dos filhos é de fundamental importância, porque acumula mais felicidade e emoção. Diz A031:

é pra criá aquela moção de ta junto. Tê a família unida. Em casa todo domingo jantam comigo, almoçam. E aí todo mundo indo na romaria é bão. Eu vô pra todo lado, pra Mossâmedes e eles vão comigo.

O respeito, a amizade e a compreensão são atitudes necessárias para uma boa romaria. O Sr. A031 concorda que na romaria tudo é bom, Estar junto com os amigos, manusear o carro de bois e a fé no santo, o Divino Pai Eterno, para agradecer ou pedir bênçãos. No dizer dos Carreiros, a maneira mais adequada e prática de manter a tradição da devoção ainda é o carro de bois, sem ele a romaria não teria sentido. O Carreiro tem o prazer de carrear o carro, sobretudo quando há unidade entre eles. O Carreiro A08 diz:

eu acho interessante, que é uma divução, pra mim outra coisa não tem mais graça niuma.

A Carreira A029 dizia:

a romaria é um conforto, uma relíquia. É uma relação de amizade. Ela começa com um pequeno grupo, este vai aumentando. É uma tradição que põe um amô entre as pessoas. A gente sente a falta, quando um dos membros do grupo falta à romaria. Os fi observa desde cedo o que os pai fais. São obediente, respeita e são envolvidos dede os primeiros passos dos preparativos para a romaria (DIÁRIO DE CAMPO).

Ao fazer este depoimento, a informante quis referir-se à importância da interação familiar, além das relações de amizade que se adquirem no decorrer da romaria. Assim, se expõe a grandeza da romaria com exatidão, na composição de um fator cultural entre os Carreiros.

Em geral, quem comanda o grupo Carreiro é um líder da família, o pai ou irmão mais velho, um parente e/ou avô, ou seja, na falta do avô, os netos assumem a coordenação, mas, também, outra pessoa pode comandar o grupo de Carreiros a convite do responsável pela caravana Carreira. Para o A01 e A03, o pai é quem comanda o carro de bois, juntamente com a família. Já para A030, o avô é quem coordena o carro de bois que, além de coordenar a caravana, doa a alimentação que será levada na viagem. Diz ele:

uai! meu avô doa os trens, os alimentos, a carne, o arroz, o feijão e as muié que vai prepara.

A amizade é sinal de segurança para o Carreiro, assim A034 diz:

nóis é chamado a turma do Tota. Quando um dos carro bate em otro a gente fala: o Tota vem ali atrais, ele paga.

A A06 vai com a caravana da romaria na companhia de um amigo.

Ele que me avisa quando é a romaria para que eu me prepare.

Além dos pais, avós e amigos, outras pessoas participam da romaria, ou seja, padrinho, compadre e a esposa, como é o caso dos informantes A09 e A013. A028 diz:

eu vim pela primeira véiz porque meu marido vêi. Agora hoje eu venho porque eu gosto de participá. Eu venho porque eu gosto.

Todavia, muitas vezes, para uns, a idade e a doença não são um impedimento para a participação na romaria, mas, para outros, isso pode ser um empecilho. É o caso dos informantes a seguir, quando falam dos Carreiros idosos ou doentes. O Sr. A012 sente a falta do companheiro que não participa mais da romaria porque a idade está avançada. Para o A015, a ausência dos pais também é sentida,

os meus pais, agora eles não vem porque estão de idade.

Neste, o Sr. A029 diz:

quando eu prestava, eu ia todos os dias na igreja. Agora eu vô na igreja no dia que chego e no dia que vô embora, e lá assisto uma Missa e venho embora.

A028 falou também da vontade de sua mãe estar na caravana Carreira, porque quando ela era pequena sua mãe a trouxe muitas vezes. Depois que cresceu, sua mãe não veio mais. Mas seu pai sempre está presente.

Diante do exposto, assegura-se que a romaria é uma expressão da cultura popular religiosa, cuja tradição é mantida pela prática educativa exercida pelas gerações mais velhas, que vêm garantindo um contínuo processo de aprendizagem das gerações mais novas. Isso vai ao encontro do que pondera Malinoviski (1970), quando escreve que a cultura contém os

implementos dos bens de consumo, as ideias, os ofícios, as crenças, os costumes e a experiência espiritual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, no campo das ciências humanas, buscou-se responder à questão de fundo proposta no início destas páginas, ou seja, as práticas educativas que os Carreiros de Mossâmedes realizam para manter e perpetuar a sua tradição ao Divino Pai Eterno, na via da cultura em diálogo com a educação, perpassando pelas categorias da memória, da tradição e da romaria.

Esta pesquisa de campo e de caráter etnográfico teve como técnica de coleta de dados as entrevistas e as observações. Estas exigiram o estudo de conceitos da cultura e da educação, como também da memória, da tradição e da romaria, como condição de análise das práticas educativas dos Carreiros. Além da escrita, foi possível a construção de um texto etnofotográfico.

O objetivo deste estudo foi apresentar as práticas educativo-religiosas e cotidianas vividas pelos Carreiros de Mossâmedes, no intuito da preservação da sua tradição. Contudo, é preciso vencer as amarras do tempo e do espaço, passar pelas ondas da história e enlaçar os destinos dos Carreiros de Mossâmedes em seus ideais, seja no meio grupal e familiar, na relação fraterna, solidária e comunitária, em vista da sua tradição religiosa e de fé.

O estudo de um grupo social, especificamente do grupo dos Carreiros de Mossâmedes, permitiu o estudo panorâmico da educação aliado ao da cultura, para apanhar e compreender diferentes modos, coisas, objetos, pessoas, intenções, ritos, devoções, práticas de ensino e hábitos desse grupo. Este estudo não teve a preocupação de responder às questões, de modo conclusivo, mas levá-las. Embora as condições diferenciadas de uma cultura específica, no caso do grupo dos Carreiros, possam não ser extrapoladas para um universo mais amplo, estas servem de alerta e reflexão, subsídios e propostas de conhecimento para outros pesquisadores. Araújo (2010) comenta nas palavras de Heller:

não se trata do presente como ponto de chegada nem, simplesmente, como ponto de partida. Trata-se de uma relação dialética, de um movimento histórico cheio de altas e baixas tensões, espaço de mudanças, centro do acontecer histórico e da vida cotidiana (HELLER, apud ARAÚJO, 2010, p. 126).

Assim, esta pesquisa evidenciou, no grupo dos Carreiros, um mundo delineado de condutas, de experiências, de práticas educativo-culturais e religiosas, em virtude da romaria ao Divino Pai Eterno. Isso se deu particularmente no universo da comunicação oral, projetada pelas relações entre aquelas pessoas, independentemente da faixa etária dos participantes desse evento religioso.

Com abordagem teórica, percebeu-se o confronto entre as evoluções progressivas da cultura vivida pelos Carreiros, buscando novas respostas e as tradições da romaria ao santo Divino Pai Eterno. É o humano incorporando novos elementos, novos paradigmas, que fazem do encontro entre o humano e o santo o desvelamento dos novos caminhos para que a romaria perdure e sobreviva pelos seus adeptos, em todo contexto histórico moderno.

Na complexidade da romaria foi possível compreender e interpretar que no universo diferenciado dos Carreiros, os símbolos, as práticas cotidianas, culturais e religiosas têm a presença marcante do sagrado, o que mantém toda a harmonia do grupo e de sua vida humana, sendo considerado como as práticas educativas que levam à perpetuação da romaria ao santo Pai Eterno. A segurança é a fé no santo. Por meio desta, as práticas diárias desses homens e mulheres tornam meios de alcançar um objetivo, seja sonho ou utopia, em busca das realizações de vida em sua sacralidade religiosa. A fé, portanto, é a sustentabilidade das práticas diárias dos Carreiros. Somente pela fé é possível superar os obstáculos, a dor, a doença, os insucessos, as infidelidades, refletir a vida e mudar os comportamentos

Assim, por intermédio das observações participativas acentuou-se o quanto a comunicação oral contribuiu para a eficácia da romaria, isto é, por meio dos modos, práticas e simbologia que ajudam a unir os Carreiros. Ao mesmo tempo, essas práticas tornam-se elementos constitutivos e a expressão integradora do grupo enquanto exercício cultural-religioso.

Entretanto, por ser um grupo organizado, sua tradição carreira nem sempre é bem-vinda na sociedade, quase sempre são tratados como meros objetos da mídia e das instituições religiosas, sociais e políticas, e ainda objetos de algum tipo de jogo político, por parte de alguns candidatos e partidos políticos. O Sr. A02 compara essa realidade como um jogo de interesses políticos.

O que acho custoso é quando a gente chega lá, não tem água, aquela falação no disfile. Tem ano que eles dá lanche, água mineral, pãozinho com carne. Tem ano que nem água eles dá, mais nois leva. Nois vai sabendo que pode passá por isso. O ano passado o prefeito mandô convite pra nois ir lá fazê uma reunião, contando o tanto de trem que ele ia fazê, chegô lá, ele feis tudo errado, aí este ano ele não mandô ninguém, nem pra dizê que ia tê otra reunião. O presidente da Associação dos Carreiros! Aquele lá é só lá dentro de Trindade. Ele gosta de tirá proveito. Ele é pulítico. Ele fêis uma reunião com os deputados lá em Goiânia, mandô convite para nois ir lá, que iria dá atenção especial pra nois (DIÁRIO DE CAMPO, 2010).

Normalmente, como em todos os segmentos, existem obstáculos, como, por exemplo, as pessoas não bem intencionadas, sobretudo em relação àquelas que não fazem parte dos Carreiros, mas se inserem na romaria somente para tumultuar. Porém, isso não impede o êxito

da romaria, porque as dificuldades também devem fazer parte dela. Apesar de tudo isso, a devoção não perde o seu brilho. Assim fala o Sr. A019:

É os intumeãos, às vêiz ocê ta aqui numa boa e chega um e peteca. Uma vêiz vei um minino drogado, a gente não sabe né, chegô na barraca e foi deitando, e disse que era aqui mesmo. Ai eu disse: não meu fi, não é aqui não, essa barraca é da família. Então tem esse tipo de coisas.

O depoimento do Sr. A019 é uma evidência das dificuldades que os Carreiros de Mossâmedes enfrentam durante a viagem a Trindade, principalmente quando das paradas para o descanso. A harmonia da romaria depende do foco que cada um tem para que não haja contratempos e desagradados, seja de estranhos ou de outros que não tenham compromisso com a finalidade da devoção.

Os fatos da história estão sempre presentes no íntimo dos sujeitos, isto se vê no Carreiro, quando responde com indignação às indagações contra a mistificação de sua crença. Não permite, de forma alguma, ironias, deboche ou quaisquer outras indiferenças contra sua fé, sua devoção e sua religiosidade.

Nota-se, assim, que a memória está contida no interior humano, em convergência com o que se constitui nas culturas em todas as civilizações. A memória é importante na transmissão dos comportamentos, dos hábitos e dos conhecimentos necessários para perpetuar a vida de um grupo,

porque o passado comum é remexido livremente em cada geração até que se formalize em mensagens novas. A memória extrai de uma história espiritual mais ou menos remota um sem-número de motivos e imagens, mas, ao fazê-lo, são os seus conflitos do aqui-e- agora que levam a dar uma boa forma ao legado aberto e polivalente do culto e da cultura (BOSI, 1992, p. 35).

O Sr. A031, com seus quase 80 anos de idade, acompanha a caravana carreira há 75 anos. Ele narra este episódio que ocorreu consigo em vista à sua devoção:

eu tava com um médico que era crente, ele colocô uma aparejada e me perguntô. “E esta tal de Trindade?” Na ora que ele falô assim, eu peguei com a mão assim e tirei todos os apareios e joguei para lá e disse até logo, vai abusá do inferno só. Eu vô a Trindade derde pequeno. Minha mãe fêiz voto de nois ir, mas eu não aguentei andá, nois morava pertim, duas léguas, treis léguas, aí fui carregado só. Depois, graças a Deus eu aprendi a ir. Já fui a pé, já fui de cavalo, fui de carro, fui de camião. Eu não vô na Trindade pô mode palma, eu vô lá pô mode a divoção ao Divino Padre Eterno. Vô lá, levo meu agrado para os pobres. Ai a pia de arroz para levá no carro de bois. Tudo para doá. Eu vô levá vinte sacos de arroz no carro de boi.

É lamentável que em um evento religioso, como o da romaria dos Carreiros, existam pessoas que acompanham não pela fé ou devoção, mas para tirar proveito de tal ocasião, como vender cervejas, cachaça ou refrigerantes e comidas para os Carreiros. De um lado, é possível acontecer tudo isso, mas, de outro, há o otimismo e a fidelidade por parte daqueles que integram a caravana carreira e fazem desta uma tradição. É o caso do Sr. A02, quando diz que

o cansaço da viagem pode ser um obstáculo, porém superam as dificuldades pela importância que a romaria tem. As amizades superam tudo, até as contrariedades e a falta de disciplina.

Assim fala o Sr. A027:

o mais ruim é quando a gente vê alguém contrariado. Tem falta de disciplina, a gente não dá conta de dominá-la. A gente, se exigí muito, vai se tornando chato. A gente tem que ter uma boa conversa, tirando divagarinho e tudo se contorna.

Na leitura de Carvalho (2007), uma romaria oferece repertórios de referência simbólica e de rituais, exercidos pelas pessoas na superação das transformações dos tempos atuais. A romaria, segundo este autor, é uma organização religiosa popular por causa da devoção a um santo, e se reveste de muitos significados e valores. As pessoas são livres e se contagiam pelo universo simbólico em toda jornada de uma romaria, seja no meio rural, seja pela fé ou pelos valores culturais que se encontram nos centros urbanos. Numa romaria há sempre interação, pois esta objetiva o fortalecimento dos laços comunitários, é harmoniosa com os valores culturais rurais e urbanos e, apesar desses valores serem aparentemente antagônicos, se interagem.

No entanto, para manter viva a tradição da romaria carreira como uma ação comunitária, o Carreiro encontra forças para conter o individualismo de pessoas que estão iniciando na devoção, no intuito de que essas sejam atraídas também pela vida comunitária e partilhada. Isso demonstra que o grupo não é de todo fechado, pois, além de ser uma proteção, representa também abertura de sobrevivência deste e da própria tradição carreira.

A vida comunitária tem a importância como sinal de superação do individualismo e do medo que acarreta no sentimento das pessoas. Assim, para Carvalho,

o mundo comunitário é completo, e toda sua harmonia brilha e cintila contra a escura e impenetrável selva que começa do outro lado da estrada. É na vida comunitária que as pessoas se juntam no calor da identidade partilhada, para a superação do medo e ter o seu abrigo comunitário (CARVALHO, 2007, p. 29).

É com valores comunitários que os Carreiros de Mossâmedes perpetuam a tradição da romaria, por meio de práticas educativas que, regidas pela cultura, dão identidade a este grupo.

Por fim, é preciso registrar que a pretensão desta tese não foi concluir ou definir as práticas educativas como algo simplesmente abstrato no mundo dos Carreiros. O objetivo foi o de explicitar que, no campo cultural simbólico e religioso, as práticas educativas constituem a condição necessária para os Carreiros, principalmente pelo confronto das relações que são estabelecidas no cotidiano grupal, familiar e social, se fazendo necessária, ainda, para que a

romaria se torne uma realidade concreta, um despertar e um desejo de continuidade desse evento religioso-cultural, transformando a romaria numa prática educativa que perpetue a tradição dos Carreiros de Mossâmedes.

**TEXTO ETNOFOTOGRÁFICO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS ENTRE OS
CARREIROS DE MOSSÂMEDES: FÉ E DEVOÇÃO AO DIVINO PAI ETERN**

Lâmina 1 – vista parcial da cidade de Mossâmedes



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06

Lâmina 1, vista parcial da cidade de Mossâmedes: figura 01, monumento de cimento com o nome da cidade; 02, a praça principal da cidade; figuras 03 e 04, ruas de paralepípedos e algumas casas modernizadas; figuras 05 e 06, casarões do século passado.

Lâmina 2 – vista panorâmica da Serra Dourada



Figura 07



Figura 09

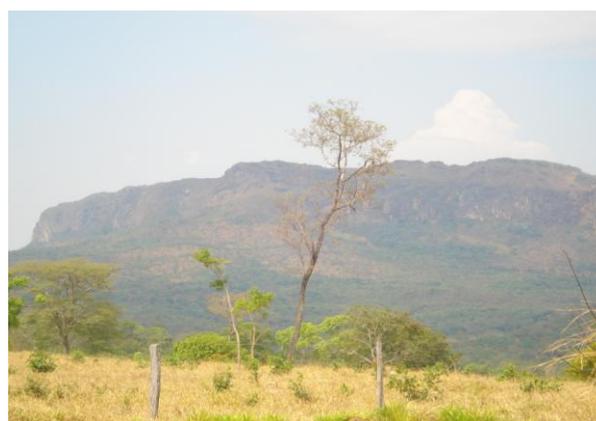


Figura 09

Lâmina 2, vista panorâmica da Serra Dourada: figuras 07, vista ao sul; figura 08, vista ao norte e figura 09, vista ao leste. A Serra Dourada é um dos pontos turísticos da região de Mossâmedes; nome dado por suas escarpas e formações de arenito e campos altos, com seu valor ecológico, devido à fauna e flora (papiro e a amica), estudos e pesquisas (pela UFG). Ficou famosa pelas areias das mais diversas cores, refletidas à tarde pela luz do sol. É uma das maiores formações rochosas do planeta. (Ecoturismo no Brasil – Goiás Velho, 2011).

Lâmina 3 - igreja de São José de Mossâmedes



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15

Lâmina 3, igreja de São José de Mossâmedes: figura 10, igreja antes de ser reformada; figura 11, igreja depois de reformada (foto em 2008); figura 12, como está a igreja em 2011; figuras 13 e 15, portas e paredes rústicas da igreja e figura 14, o altar com a imagem de São José de Mossâmedes.

Lâmina 4 - mapa do Estado de Goiás visualizando o município de Mossâmedes



Figura 16

Fonte: Google Mapas

Lâmina 4, mapa do Estado de Goiás visualizando o município de Mossâmedes: figura 16.

Lâmina 5 – a vestuária e identificação carreira



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24

Lâmina 5, a vestuária e identificação carreira: figuras 18, 19, 20, 21 e 22, Carreiros vestidos com camisas para a identificação carreira durante a viagem e no desfile; figura 17 e 23, camisas com estampas doadas Carreiros na romaria; figura 24, chapéu panamá com pingente de santos.

Lâmina 6 – a culinária em função da romaria



Figura 25



Figura 26



Figura 27



Figura 28



Figura 29



Figura 30

Lâmina 6, a culinária em função da romaria: figura 25, preparo da linguiça (carne de porco suíno); figuras 26 e 27, a linguiça depois de preparada, colocada no sol para secar; figura 28, preparo da carne de sol para fazer a paçoca; figura 29, carne frita para colocar na lata, que será levada na romaria; figura 30, a paçoca de carne seca com farinha de mandioca, seve para o alimento durante a romaria. A culinária, quase sempre é feita através de mutirão, entre parentes e amigos vizinhos.

Lâmina 6a – a culinária em função da romaria



Figura 31



Figura 32



Figura 33



Figura 34



Figura 35



Figura 36



Figura 37



Figura 38

Lâmina 6a, a culinária em função da romaria: figura 31, ovo caipira é mais adequado os biscoitos; figuras 32 e 33, o preparo dos biscoitos; figuras 34 e 35 rosquinhas de trigo; figura 36, petinhas de polvilho com sal; figura 37, enroladinhos de queijo, mané-pelado e pé-de-moleque e figura 38, biscoitos quebrador.

Lâmina 7 – as refeições diárias



Figura 39



Figura 40



Figura 41



Figura 42



Figura 43



Figura 44

Lâmina 7, as refeições diárias: figuras 38 e 39, o arroz com suam, frango, macarronada, verduras e pimenta; figuras 40 e 41, a refeição na cozinha ou na área da casa de onde saem os Carreiros; figuras 42, 43 e 44, o café da manhã na saída para a romaria.

Lâmina 8 - estradas vicinais (municipais)



Figura 45



Figura 46



Figura 47



Figura 48



Figura 49



Figura 50

Lâmina 8, estradas vicinais (municipais): figuras 45, 46, 47, 48, 49 e 50, estradas de chão e poeira, por onde passam os carros de bois e os Carreiros.

Lâmina 9 - fazenda de residências carreira



Figura 51



Figura 52



Figura 53



Figura 54

Lâmina 9, fazendas de residências Carreiros: figuras 51, 52, 53, e 54,
localidades de onde sai a romaria carreira de Mossâmedes.

Lâmina 10 – residências rurais de Carreiros, com detalhes



Figura 55



Figura 56



Figura 57



Figura 58



Figura 59



Figura 60

Lâmina 10, residências rurais de Carreiros, com detalhes: figuras 55, 56, 57, 58, 59 e 60; figura 60, detalhe da área de residência Carreira com Carreiros conversando.

Lâmina 10a, interior das residências rurais de Carreiros



Figura 61



Figura 62



Figura 63



Figura 64



Figura 65



Figura 66



Figura 67



Figura 68

Lâmina 10a, interior de residências rurais de Carreiros: figuras 61 e 62, a cozinha de casa carreira; figuras 63, 64, 65 e 66, fornos e fornalhas e figuras 67 e 68, utensílios e os móveis.

Lâmina 10b – utensílios domésticos



Figura 69



Figura 70



Figura 71



Figura 72



Figura 73



Figura 74



Figura 75



Figura 76

Lâmina 10b, utensílios domésticos: figura 69, pilão para fazer a paçoca; figura 70, tanque de lavar roupa; figuras 71 e 72, relíquias recebidas durante o desfile em Trindade; figura 73, lonas e mantimentos; figura 74, celas e arreios; figuras 75 e 76, radinhos de pilas para ouvir a música sertaneja ou o futebol.

Lâmina 11 - o carro de bois e sua composição



Figura 77



Figura 78



Figura 79



Figura 80



Figura 81

Lâmina 11, o carro de bois e sua composição: figuras 77, 78 e 79, o carro de bois feito de madeira (bálsamo, angico, pequi preto ou pau Brasil); figura 80, a roda do carro de bois; figura 81, o assoalho, o forro da mesa do carro de bois, feito de tábuas de madeira.

Lâmina 11a – composição do carro de bois



Figura 82



Figura 83



Figura 84



Figura 85



Figura 86



Figura 87



Figura 88



Figura 89

Lâmina 11a, composição do carro de bois: figura 82, a esteira feita de bambu (taboca) para cobrir o carro de bois; figura 83, broxa (peça que prende a canga e que serve para entrelaçar e equilibrar os bois, quando puxam o carro; figuras 84 e 85, as cangas, peças de madeira que servem para prender os bois (traias de bois que varia de 06 a 12 bois); figura 86, cambão, tiradeira e xavéia; figura 87, várias peças de canzil (pedaços de madeira que fazem parte da canga), que são levadas em grande quantidade, para repor as que se quebram durante a viagem; figura 88 o chifre de bois com azeite e a broxa, para colocar no eixo do carro para ele cantar; figura 89, o sebo para ensebar o lado externo da roda do carro de bois para proteger do sol e da poeira.

Lâmina 12 – objetos que serão levados na romaria



Figura 90



Figura 91



Figura 92



Figura 93



Figura 94



Figura 95



Figura 96



Figura 97

Lâmina 12, objetos que serão levados na romaria: figura 90, garrafas de pet com feijão e arroz para fazer a refeição nos pousos e no acampamento em Trindade; figura 91, lata com carne frita; figura 92, botijão de gás e a caixa onde se encaixam as vasilhas e fogão para a viagem; figura 93, capanga com matula que serve como alimento; figura 94, banquinhos de couro e madeira; figura 95, vasilhas para fazer a comida; figura 96 fogão a gás dentro da caixa; figura 97, colchonete.

Lâmina 13 - alimentos para doação, fruto da produção anual



Figura 98



Figura 99



Figura 100



Figura 101



Figura 102



Figura 103

Lâmina 13, alimento para doação, fruto da produção anual: figuras 98, 99, 100, 101, 102 e 103: milho, arroz, óleo e outros alimentos não perecíveis, que são levados para serem doados à comunidade de São Cotolengo, em Trindade.

Lâmina 14 - partida para a romaria – a reza e despedida



Figura 104



Figura 105



Figura 106



Figura 107



Figura 108



Figura 109

Lâmina 14, partida da romaria - a reza e despedida: figuras 104, 105, 106, 107 e 108; figura 109, despedida dos que não vão à romaria. Sempre há esse momento de devoção direcionado por um padre, ou por um dos Carreiros, na falta do padre.

Lâmina 14a – início da viagem da romaria



Figura 110



Figura 111



Figura 112



Figura 113

Lâmina 14a, início da viagem da romaria: figuras 110 e 111, saída da fazenda; figura 112, a travessia do riacho, um dos vários córregos que os Carreiros atravessam no trajeto; figura 113 o carro de boi tombado no primeiro dia de viagem.

Lâmina 15 - percurso (trajeto) da viagem dos Carreiros



Figura 114

Fonte: Google Maps

Lâmina 15, percurso (trajeto) da viagem dos Carreiros: figura 114 rota e pousos para os Carreiros de Sanclerlândia/Mossâmedes (sete dias na ida para Trindade, o carro carregado e pesado, e quatro na volta para suas casas, o carro vazio). As estradas são quase todas vicinais (municipais), talvez, por isso, as mesmas não são pavimentadas com exceção.

Lâmina 16 – chegada ao pouso para o descanso e pernoite



Figura 115



Figura 116



Figura 117



Figura 118



Figura 119



Figura 120



Figura 121



Figura 122

Lâmina 16, chegada ao pouso para descanso e pernoite: figuras 115, 116, 117 e 118, a chegada dos Carreiros em um dos pousos; figura 119, cansaço do Carreiro depois de um dia de viagem; figura 120, crianças observando os Carreiros e carros de bois quando chegam ao pouso; figura 121, crianças cansadas dentro do carro de bois; figura 122, crianças e adultos observando a chegada dos Carreiros e carros de bois no local do pouso.

Lâmina 16a – no pouso à tarde e à noite



Figura 123



Figura 124



Figura 125



Figura 126



Figura 127



Figura 128

Lâmina 16a, no pouso à tarde e a noite: figura 123, crianças descansando após a chegada no pouso; figuras 124 e 125, o descarregamento do carro para pernoitar no pouso; figura 126, o bate papo entre os Carreiros na chegada no pouso; figuras 127 e 128, o jogo de cartas.

Lâmina 17 - Mulas (alternativas)



Figura 129



Figura 130



Figura 131



Figura 132



Figura 133



Figura 134

Lâmina 17, mulas (alternativas): figuras 129, 130, 131, 132, 133 e 134. Sevem para levar os Carreiros idosos, mulheres e crianças que acompanham os carros de bois. Estas servem ainda para um desfile extra, após o desfile dos carros de bois.

Lâmina 18 – a cidade de Trindade



Figura 135



Figura 136



Figura 137



Figura 138



Figura 139

Lâmina 18, a cidade de Trindade: figura 135, entrada da cidade, construída no ano de 2011; figura 136, imagem do Divino Pai Eterno na entrada da cidade; figura 137, vista da praça do santuário velho; figura 138, vista da praça com a Igreja ao fundo; figura 139, vista parcial da cidade, tirada do alto do santuário novo.

Lâmina 19 - mapa do Estado de Goiás visualizando o município e a cidade de Trindade

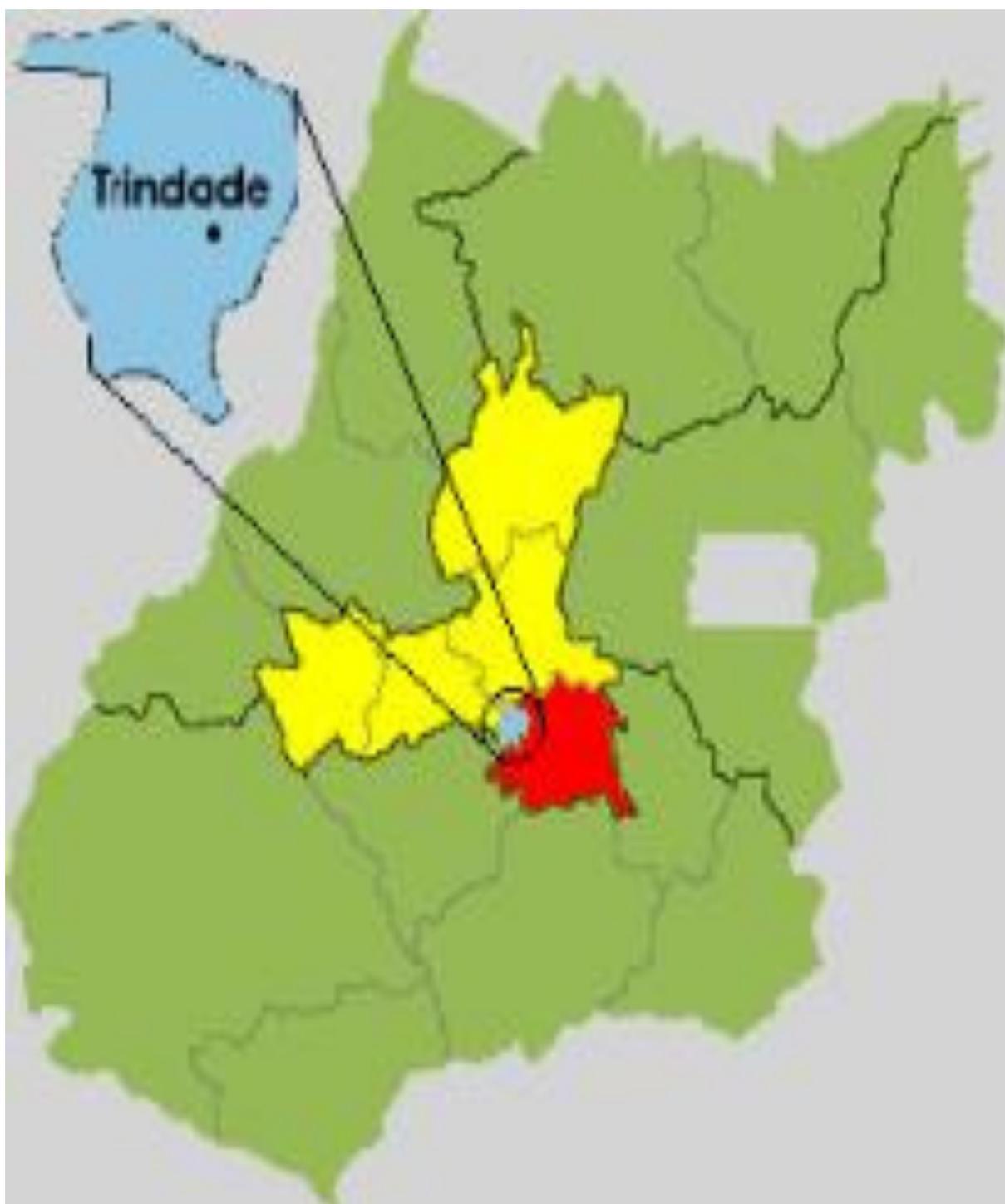


Figura 140

Fonte: Google Mapas

Lâmina 19, mapa Estado de Goiás visualizando o município e a cidade de Trindade:
figura 140.

Lâmina 20 - espera para o início do desfile



Figura 141



Figura 142



Figura 143



Figura 144



Figura 145



Figura 146

Lâmina 20, espera para o início do desfile: figuras 141 e 142, os bois cansados na espera do início do desfile; figuras 143, 144, 145 e 146, Carreiros à espera do início do desfile, sol quente, sem água para beber e sem toaletes para as necessidades fisiológicas. Depois de 7 dias de romaria, ainda aguardam a paciência da vez de desfilarem pelas ruas de Trintada até passarem pelo Carreirodromo por volta das 8 à 14 horas, na 5ª feira.

Lâmina 20a - desfile dos carros de bois pelas ruas de Trindade



Figura 147



Figura 148



Figura 149



Figura 150



Figura 151



Figura 152

Lâmina 20a, desfile dos carros de bois pelas ruas de Trindade: figura 147 e 148, faixa e banner em homenagem aos Carreiros de Mossâmedes, pelos 75 anos de romaria; figuras 149, 150, 151, multidão de turistas e fieis; 152, padre abençoando com água benta os carros de bois e os Carreiros no dia do desfile.

Lâmina 20b – desfile dos carros de bois e Carreiródromo



Figura 153



Figura 154



Figura 155



Figura 156



Figura 157



Figura 158



Figura 159



Figura 160

Lâmina 20b, desfile do carro de bois e Carreiródromo: figuras 153 e 154, o desfile pelas ruas de Trindade (a multidão, os observadores, turistas e fieis romeiros); figuras 155 e 156, os carros de boi passando em frente a igreja (antigo Santuário Velho); figura 157, Carreiródromo visto do lado externo; figura 158, carros de boi chegando ao Carreiródromo; figuras 159 e 160, carros de boi passando pelo Carreiródromo durante o desfile.

Lâmina 21 - trajeto do desfile dos carros de bois em Trindade

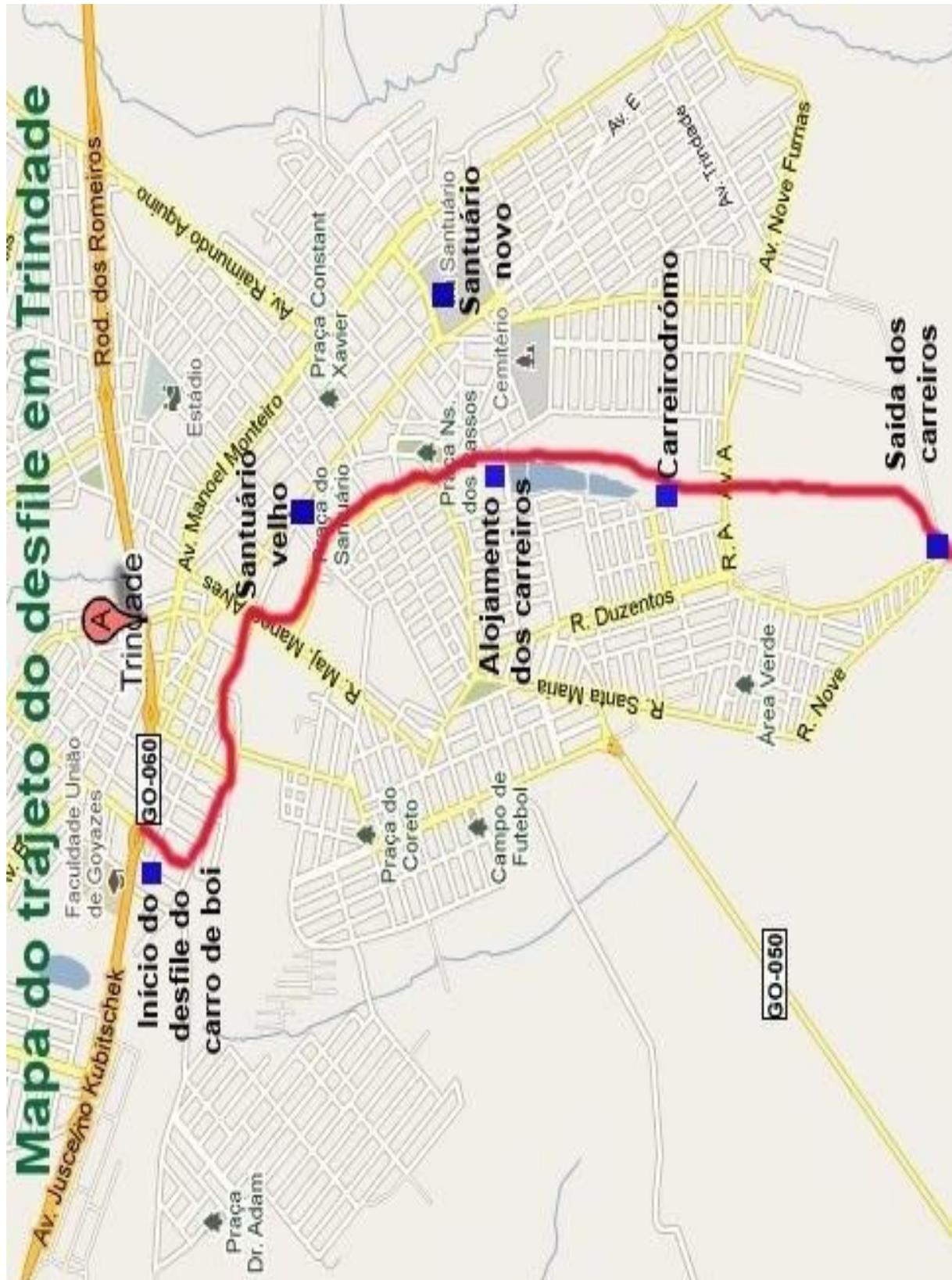


Figura 161

Fonte: Folder da Prefeitura de Trindade – (no guia Romeiro feliz)

Lâmina 21, trajeto do desfile dos carros de bois em Trindade: figura 161. O desfile começa no lado leste da cidade de Trindade; cruza a GO 060, passa em frente ao Santuário velho (este é mais importante para o Carreiro do que o Carreirodromo). É aí que os carros de boi e os Carreiros recebem a água benta e a bênção do padre, continua pelas ruas até o Carreiródromo. Após passar por este, os carreiros vão com os carros de boi para o alojamento (uma área cedida pela prefeitura), permanecendo aí por quatro dias, enquanto os bois são levados para os sítios mais próximos da cidade, a um preço de 600,00, valor dividido.

Lâmina 22 - acampamento em Trindade



Figura 162



Figura 163



Figura 164



Figura 165



Figura 166



Figura 167



Figura 168



Figura 169

Lâmina 22, acampamento em Trindade: figuras 162 e 163, vista parcial do alojamento; figura 164, área da prefeitura usada pelos Carreiros por quatro dias, terreno de entulho; figuras 165 e 166, a chegada dos Carreiros no alojamento; figura 167, vista externa dos banheiros feitos de tábuas e coberto com telha de amianto; figura 268, parte interna dos banheiros; figura 169, a solidariedade entre os Carreiros no manejo do alojamento.

Lâmina 22a – acampamento em Trindade



Figura 170



Figura 171



Figura 172



Figura 173



Figura 174



Figura 175



Figura 176



Figura 177

Lâmina 22a, acampamento em Trindade: figura 170, solidariedade dos Carreiros, quando chegam ao alojamento; figuras 171 e 172, a limpeza e preparo do espaço para a montagem das barracas; figura 173, parte externa dos banheiros e pias para lavar a roupa; figura 174, lavagem de vasilhas; figuras 175 e 176, amanhecer no alojamento; figura 177, Carreiros em suas tendas.

Lâmina 22b – acampamento em Trindade



Figura 178



Figura 179



Figura 180



Figura 181



Figura 182



Figura 183

Lâmina 22b, acampamento em Trindade: figuras 178, 179 e 180, Carreiros em suas tendas; figura 181, Carreiros na tenda particular, onde há um bar e lanchonete, com cadeiras e mesas, para lanche ou tomar cerveja, refrigerante, água ou suco; figuras 182 e 183, dentro do carro de boi colocam-se o colchão para o repouso durante o dia e o pernoite.

Lâmina 22c – acampamento em Trindade



Figura 184



Figura 185



Figura 186



Figura 187



Figura 188



Figura 189

Lâmina 22c, acampamento em Trindade: figura 184, descanso após a refeição; figura 185, carro de bois servindo de assento para as Carreiras jovens; figura 186, Carreiras conversando após as atividades caseiras no alojamento; figura 187, crianças reunidas e tocando berrante; figuras 188 e 189, jovens conversando.

Lâmina 22d – acampamento em Trindade



Figura 190



Figura 191

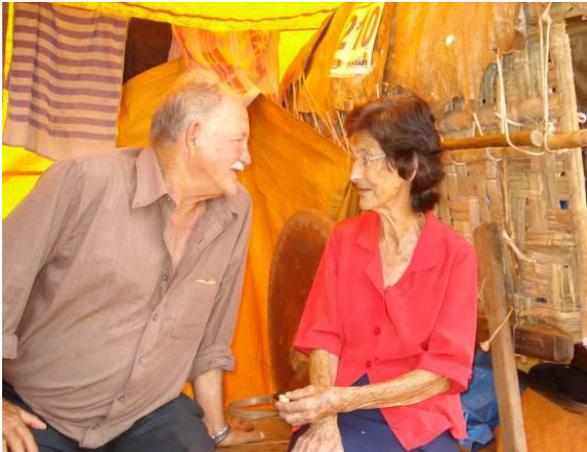


Figura 192



Figura 193



Figura 194



Figura 195

Lâmina 22d, acampamento em Trindade: figura 190, jovens tomando cerveja na tenda particular montada para os Carreiros; figura 191, crianças e jovens jogando cartas de baralho; figura 192, um Carreiro conversando com uma amiga Carreira; figura 193, um dos Carreiros mais velhos da romaria; figura 194 um Carreiro e sua esposa; figura 195, Carreiras.

Lâmina 23 - as refeições no acampamento em Trindade



Figura 196



Figura 197



Figura 198



Figura 199

Lâmina 23, as refeições no acampamento em Trindade: figura 196, caixote com fogão, panelas e vasilhas para fazer a refeição; figura 197, o preparo do alimento para a refeição; figuras 198 e 199, hora da refeição dos Carreiros e os visitantes.

Lâmina 24 – comércio, barraquinhas e parque de diversões



Figura 200



Figura 201



Figura 202



Figura 203



Figura 204



Figura 205



Figura 206



Figura 207

Lâmina 24, comércio, barraquinhas e parques de diversões: figuras 200, 201 e 202; figura 203, barraquinha de utensílios religiosos, medalhas, santinhos, fitinhas do Pai Eterno e estampas de imagens; figuras 204, 205 e 206, barraquinhas de variedades, sacolas e roupas prontas; figura 207, parquinho para as crianças se divertirem no período que permanecem em Trindade. Os comerciantes, a maioria vinda de outras cidades do Brasil.

Lâmina 24a – os pedintes (mendigos) durante os dias de festa



Figura 208



Figura 209



Figura

210

Lâmina 24a, os pedintes (mendigos) durante os dias de festa: figuras 208, 209 e 210, os pedintes e os mendigos da região e de outras cidades, como Brasília DF (no ano de 2011 estacionou um ônibus lotado de pedintes).

Lâmina 25 – santuário velho do Divino Pai Eterno



Figura 211



Figura 212



Figura 213



Figura 214



Figura 215



Figura 216



Figura 217



Figura 218

Lâmina 25, santuário velho do Divino Pai Eterno: figuras 111 e 112, a vista externa do santuário; figura 113, a vista interna do santuário; figura 114, o altar do santuário; figuras 115, 116, 117 e 118, devoção do beijo da fita.

Lâmina 25a - santuário novo - basílica do Divino Pai Eterno



Figura 219



Figura 220



Figura 221



Figura 222

Lâmina 25a, santuário novo, basílica do Divino Pai Eterno: figuras 119 e 120, a vista externa do santuário; figura 121, a vista interna com o presbitério do santuário; figura 122, imagem do Divino Pai Eterno e a fita para devoção.

Lâmina 26 – fé e os milagres



Figura 223



Figura 224



Figura 225



Figura 226



Figura 227



Figura 228

Lâmina 26, fé e os milagres: figura 123, o Carreiro recebendo a hóstia das mãos de um padre, sinal de fé; figura 124, fotografia e cabelo de um garoto que o Carreiro leva para colocar na sala dos milagres para agradecer a uma cura e um voto; figuras 125, 126, 127 e 128, objetos deixados pelos romeiros na sala dos milagres em agradecimento ao santo por algum tipo de cura ou milagre.

Lâmina 27 - Missa com os Carreiros



Figura 229



Figura 230



Figura 231



Figura 332



Figura 233



Figura 234

Lâmina 27, Missa com os Carreiros: figuras 229, 230, 231, 232, 233 e 234, a Missa acontece na Praça Dom Antônio Ribeiro, no último sábado da festa, às 17h30 min.

Lâmina 27a - procissão e celebração de encerramento da festa



Figura 235



Figura 236



Figura 237



Figura 238



Figura 239



Figura 240

Lâmina 27a, procissão e celebração de encerramento da festa: figuras 235 e 236, a vista do final da procissão, quando passa pelas ruas da cidade de Trindade; figura 237, aglomerado de fieis para a Missa e chegada da procissão, com aproximadamente mais de 500 mil romeiros, no domingo, às 16 horas; figura 238, velas, simbolizando as luzes na Missa; figuras 239 e 240, os fogos de artifício e vivas, em louvor ao Divino Pai Eterno.

Lâmina 28 – as práticas educativas diárias de Carreiros



Figura 241



Figura 242



Figura 243



Figura 244



Figura 245



Figura 246



Figura 247



Figura 248

Lâmina 28, as práticas educativas diárias de Carreiros: figura 241, a prática da castração do animal para engorda; figuras 242 e 243, a prática do adestramento dos bois; figuras 244 e 245, as práticas educativas para o aprendizado da canga dos bois; figura 246, a prática do tirar leite; figuras 247 e 248, as práticas do prender e cuidar dos bois.

Lâmina 28a – as práticas educativas diárias de Carreiros



Figura 249



Figura 250



Figura 251



Figura 252



Figura 253



Figura 254



Figura 255



Figura 256

Lâmina 28a, as práticas educativas diárias de Carreiros: figura 249, a prática do alisar a vara de peroba, ipê ou angico para fazer o ferrão que serve para tocar os bois na estrada. Na ponta da vara tem um ferrão bem afinado para cutucar os bois; figura 250, prática de fazer o canzil; figura 251, a prática do consertar o chumaço (pequena peça sensível que fica entre o eixo e serve para não deixar estragar a xêda, que é o varão do lado - peça que fica entre o eixo e a xêda do carro); figura 252, a prática do ensebamento da roda do carro de bois; figura 253, a prática de consertar a canga do carro de bois; 254, as práticas do manuseio das juntas de bois e como colocar a canga; figuras 255 e 256, as práticas do arar a terra para o plantio.

Lâmina 29 – cultura religiosa como forma de educação



Figura 257



Figura 258



Figura 259



Figura 260



Figura 261



Figura 262

Lâmina 29, cultura religiosa como forma de educação: figuras 257, 258, 259, 260 e 261, orações do grupo de Carreiros ao chegar aos pousos e figura 262, agradecimento ao santo, ao chegar a Trindade. No dia a dia, seja nas suas casas, nos pousos ou em Trindade, os Carreiros sempre fazem suas preces e orações para pedir proteção.

BIBLIOGRAFICA

AGUIAR, Carmem Maria. *Educação, Cultura e Criança*. Campinas, SP: Papyrus, 1994;

ARANTES, Antonio A. *O que é cultura popular*. 1ª ed. - São Paulo: Brasiliense, 2006;

AMARAL, Rita de Cássia de M. P. *Cidade Em Festa: o povo-de-santo*. Disponível em <<http://www.n-a-u.org/Amaral-1996-a.html>>. Acessado em 28/08/2009;

ARAÚJO, Ademar Santos de. *O Barco da Educação; História, cotidiano e educação em Santa Rosa do Purus – AC*; Goiânia: Kelps, 2010.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*/Ecléa Bosi. – 2. ed. – São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987;

BRANDÃO, Carlos R. *A Folia de reis de Mossâmedes*. Série: Cadernos de Folclore n. 20. 1977

_____. *A educação como cultura*. São Paulo; Brasiliense, 1985;

_____. *O conhecimento, a cultura e a educação: algumas anotações em tempos de novo milênio*. Educativa. Goiânia. V. 4. n. 2. p. 303-332. jul./dez. 2001, (conferência);

_____. *O que é educação* / Carlos Rodrigues Brandão. - São Paulo: Brasiliense, 2005;

CALDAS, Waldenyr. *Cultura*. São Paulo: Global, 1986;

CASCUDO, Luis da Camara. *Tradição, ciência do povo*. Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 1971;

CARVALHO, Márcia Alves Faleiro de. *A romaria do Divino Pai Eterno em Trindade Goiás: Permanência da tradição na modernidade: (1970-2000)* – Goiânia: UCG, 2007.

CARVALHO, Iricelma Borges de. *O mestre – Escola como preceptor particular da cultura letrada, em Itaberai-Goiás, nas primeiras décadas do século XX*. Goiânia, UCG, 2007.

CARVALHO, Sebastião Donizete. *Entrevista Concedida*, no dia 12 de novembro de 2008, às 12h10 horas.

CARDOSO, Rute. *A Aventura Antropológica – Terra e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986;

DURKHEIM, Emile. *Sociologia, Educação e Moral*. Porto PT: RÉS-Editora Ltda. 1984;

DAHLER, Etiene. *Festas e símbolos*. Etiene Dahler; [tradução de Afonso Paschotte]. Aparecida, S. Paulo: Ed. Santuário, 1999 pp. 5-6;

ECOTURISMO NO BRASIL – GOIÁS VELHO – <www.eco.tur.br>. Acessado em 09/05/2011.

FABIO, Bento da Costa Pe. A festa de Trindade. Informativo do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, julho, 2011, p.10;

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996

_____ e NOGUEIRA, Adriano. Que fazer. Teoria e prática em educação popular. – Petrópolis: - 5ª edição – Editora Vozes, 1999.

FERRETTI, Sergio Figueiredo. *Estudos da religião, da cultura popular e festas no Maranhão*. Projeto individual de pesquisa apresentado ao CNPq, 2003;

_____. *A religião e cultura popular. Estudos e Festas populares e do sincretismo religioso*. Palestra proferida a 07/06/2001, em Recife, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFP. <http://www.aguaforte.com/antropologia/ferretti.html> - Visitado em 28/08/2009.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: editora Artmed, 1993;

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo* / Maria Laura Puglisi Barbosa Franco. – Brasília, 2ª edição : Líber Livro Editora, 2005.

FERREIRA, Sonha. Carro de Bois. Diário da Manhã, domingo, 08 de fevereiro de 2009.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. LTC Editora, Rio de Janeiro, 1989;

GIORGIO, Paleari. *Religiões do povo*. 2ª ed. São Paulo: AM Edições, 1990;

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (organizadores). Tradução de Celina Cardim Cavalcante, *A invenção das Tradições*, 2ª edição: Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 1997;

LIMA, Ivair, *Mossâmedes, destino dos índios*. Caderno cidades, Goiânia, Diário da Manhã, 03/03/2008, p. 16.

JACÓB, Salomão Almir. *A Santíssima Trindade do Barro Preto*. 3ª edição. Trindade Goiás, 2010;

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 22. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008;

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão... [et. Al.]. – 4 ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996;

LIBÂNEO, J. Carlos. *Os significados da educação, moralidades de prática educativa e a organização do sistema educacional*. In: Libaneo, José C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez, 1998, cap. III;

_____. *Apontamentos sobre as relações entre cultura e educação*. Programa de pós-graduação. UCG. Visitado em 2008;

MARTINS, João Otávio. *Os peregrinos do Divino pai Eterno. Os carreiros e a reprodução social da tradição*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2001;

MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma Teoria Científica da Cultura*. 2ª edição. – Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1970;

MOREIRA Benedito. *Das origens e da compreensão da romaria*. *Fragm. Cult. Goiânia*. V. 11. n. 2. p. 293-310. mar./abr. 2001;

MENDONÇA, Nelino Azevedo de. *Pedagogia da humanização: a pedagogia de Paulo Freire*. São Paulo: Paulus, 2008;

MORAIS, Regis de, 1940. *Cultura brasileira e educação – Estudo histórico – filosófico/ Regis de Moraes*. – Campinas, SP: Papyrus, 1989;

NASCIMENTO, Silvana de Souza. *A festa vai à cidade: uma etnografia da romaria do Divino Pai Eterno, Goiás*. In: NAU – Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Disponível em <<http://www.n-a-u.org/nascimento1.html>>. Acesso em 12/maio/2009.

_____. *Em busca da Trindade. Um estudo antropológico sobre uma romaria goiana*. <http://bmgil.tripod.com/nss06.html#_ftnref2> Acesso em 23/05/2011;

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro. *Religião popular: o que o um sociólogo tem a dizer*. Ed. O Lutador. Fac. 82/83, outubro/novembro de 1978;

OLIVEIRA, Vicente André Pe. *Conhecendo o Santuário do Divino Pai Eterno*. Goiânia: Gráfica & Editora Redentorista, 1999;

OLIVEIRA, Irene Dias. *O Sagrado e as construções de mundo*. (Org.) Lorenzo Lago, Haroldo Heinner, Valmor da Silva. Goiânia: Ed. Da UCG; Brasília: Editora Universo, 2004, p. 157-165;

PESSOA, Jadir de Moraes. *Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular / Jadir de Moraes Pessoa*. – Goiânia: Editora da UCG; Editora Kelps, 2005, pp. 51-53;

PENAGOS, Rafael Ávila. *La formación de subjetividades. Um escenario de luchas culturales*. Ediciones Antropos, Editores e impressos, Bogotá, D.C. 2007;

PORTO, Liliana. *A repropriação da tradição a partir do presente: Um estudo sobre a Festa de N. Sra. do Rosário da Chapada do Norte/ MG*. Brasília: 1997. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. Dissertação de Mestrado;

QUIROZ, Maria Isaura Pereira de. *História, História Oral e Arquivos na visão de uma Sociologia*. Diadorim Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1994. pp. 101-116;

ROMARIA. *Cânticos e orações em louvor ao Divino Pai Eterno*. Publicação: Missionários Redentoristas, 2010;

ROBERTSON, Roland Camp. *Sociologia de la Religion* – México: Fondo de Cultura Econômica, 1980, pp. 228-235;

REINATO, Eduardo José e Moreyra, Sérgio Paulo. *Se liga no futuro*. Trindade-Goiás: Projeto gráfico: Type propaganda, agosto, 2004;

RODRIGUES, Luiz Alberto Vieira. *Terceira idade e práticas religiosas como expressão de solidariedade*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2001;

ROMARIA, *Cânticos e orações em louvor ao Divino Pai Eterno*. Publicação: Missionários Redentoristas, 2011;

SANTOS, C. Eduardo. *Religião, Identidade e Território* / organizadores: Zeny Rosendahl, Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: EdURJ, 2001.

SANTOS, José Luiz dos Santos. *O que é cultura*. 110ª edição, São Paulo: ed. Brasiliense, 2006;

SUESS, P. *Inculturação, questões introdutórias em torno do paradigma*. Abaporou. <www.missologia.org.br/cms/ckfinder/userfiles/1nucleo.pdf> acesso: 09/09/2009.

SCHIAVO, L. *O Sagrado e as construções de mundo*. (Org.) Lorenzo Lago, Haroldo Heinner, Valmor da Silva. Goiânia: Ed. Da UCG; Brasília: Editora Universo, 2004, p. 63-78.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão da romaria*. Petrópolis: Vozes, 1996;

SILVA, Antonio Moreira da. *Enciclopédia regional: um compêndio de informações sobre Goiás*; Goiânia: Master Publicidade, 2001. Pp. 571-572;

SILVA, Marcos Antonio da. *Carro de Boi: poema da terra que morre*. Goiânia: Ed. Da UCG, 2007. pp. 7-9.

SANCHIS, Pierre. *Peregrinação e Romaria: um lugar para o futuro religioso*. <www.seer.ufrgs.br/index.php/cienciassociaisreligiao/artcle/view/2294/998> visitado em 02/08/2010.

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TOSCANO, M. *Introdução à Sociologia Educacional*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1984.

TRINDADE COM FÉ. *Romaria do Divino Pai Eterno*. Publicação: Missionários Redentoristas, 2002;

VELOSO, Graça Jorge da. *Gemido da Tradição: o carro de boi e o espetáculo da fé no louvor ao Divino Pai Eterno em Trindade, no Estado de Goiás*. <WWW.portalabrace.org/vcongresso/textos/etn...> Acesso em 23/05/2011;

ANEXOS

ANEXO I: GRUPOS FAMILIARES OBSERVADOS – CRITÉRIOS

1. Descrever os núcleos familiares, a composição do grupo familiar – composição de parentesco: a família e quem moram com ela e o que faz.
2. Como é a economia? A base de sobrevivência – proprietários ou não, arrendatários – equilibrados na economia.
3. Moradia - onde mora, como é a moradia? – na fazenda, que tipo de moradia (espaço físico, luz, água encanada e cisterna)
4. Atividade cotidiana – lazer. Outra festa (onde acontece, como?) – e Meio de transporte.

Grupo familiar A

Na casa 4 pessoas: marido, esposa e dois filhos (homens, 1 estudante na faculdade);

Economia: Agricultura familiar;

Proprietário: Economia equilibrada - vivem tranquilos;

Moradia: Fazenda Itaquara, próximo à cidade, 2 km;

A casa: com 10 cômodos, 1 área, 2 banheiros, energia e água de cisterna (poço artesiano);

Atividade: lavoura e pecuária leiteira (leite como renda fixa);

Lazer: Dança de forró, jogo de baralho, de futebol, festas rurais (chá de panela, de berço forró, terço...);

Outras festas: Festejo da comunidade (igreja) e festa da pecuária do município;

Outros meios de transporte: Carro de bois, carroça, bicicleta, moto, carro e ônibus.

Grupo familiar B

Na casa: 5 pessoas – esposo, esposa, 2 filhos (de 6 e 11 anos) e 1 sobrinha (de 12 anos)

Propriedade: não é própria (mas do seu pai);

Economia: agricultura, agropecuária leiteira – equilibrada;

Atividade: lavrador e pecuarista;

Moradia: Fazenda, 20 km da cidade;

Na casa: energia e água de cisterna (poço artesiano);

Lazer: tirar leite;

Outro meio de transporte: carro, moto, bicicleta;

A casa: 8 cômodos com banheiros;

As crianças: estudam a 10 km da sede – em Mirandópolis (distrito) de Mossâmedes;

Outras festas: Festa em Mossâmedes (agosto) – folia de reis, aniversário na fazenda e festa de São João, nos vizinhos.

Grupo familiar C

Na casa: 3 pessoas – o marido, a mulher e o peão (vaqueiro);

Economia: proprietário – equilibrada;

Moradia: fazenda Paraíso;

Casa: 7 cômodos, mais área e banheiro – energia, água encanada da cachoeira (bica);

Lazer: dormir e comer;

Outras festas: Festa de Itaberaí, de Mirandópolis, vizinhos (festa de São João) e festa de Mossâmedes;

Outros meios de transporte: carro de bois, cavalo (animal);

Profissão: agricultura e agropecuária leiteira.

Grupo familiar D

Na casa: 5 pessoas – o marido, a mulher, a empregada, o vaqueiro e filho do vaqueiro;

Economia: equilibrada, proprietário;

Moradia: Fazenda Conceição/redemonio;

Casa: 6 cômodos, banheiro, com energia, água encanada de cisterna;

Profissão: agropecuário;

Lazer: só o carro de bois;

Outros meios de transporte: carro (camionete) cavalo, moto e ônibus;

Outras festas: festas de Mossâmedes em agosto.

Grupo familiar E

Na casa: 3 pessoas, o esposo, a esposa e 1 filha de 10 meses;

Moradia: na cidade de Mossâmedes, própria;

Casa: 6 cômodos, banheiro, água encanada e energia;

Economia: equilibrada;

Profissão: pedreiro, fazenda e tudo o que tocar - não tem propriedade;

Outros meios de transporte: carro, ônibus;

Outras festas: festas de Mossâmedes em agosto.

Grupo familiar F

Na casa: 3 pessoas, esposo, mulher e o filho de 18 anos, todos são alfabetizados;

Economia: vive razoável;

Profissão: eletricista;

Moradia: na cidade, 4 cômodos e banheiro;

Lazer: futebol, pescaria;

Outros meios de transporte: moto, ônibus, carro de bois.

Grupo familiar G

Casa: 3 pessoas, o marido, a esposa e o filho;

Economia: equilibrada;

Moradia: própria, fazenda a 6 km da cidade;

Na casa: 4 quartos, sala, cozinha e área – energia e água de poço artesiano (encanada);

Atividade: agropecuária e agricultura;

Lazer: pesca;

Outros meios de transporte: carro, carroça, trator.

Grupo familiar H

Na casa: 4 pessoas, marido, esposa e 2 filhos;

Economia: equilibrada, propriedade própria;

Moradia: 3 km da cidade (chácara);

Profissão: agropecuária familiar, 2º grau completo;

Casa: sala, área, cozinha, 3 quartos e banheiro – energia, água encanada de mini-poço;

Lazer: a pesca, futebol;

Outros meios de transporte: ônibus, carro.

Família I

Casa: 4 pessoas, pai, mãe e 2 filhos;

Economia: equilibrada, proprietário, 2º grau completo

Na casa: 3 quartos, sala, cozinha, área – energia, água encanada de cisterna;

Moradia: 4 km da cidade;

Lazer: a pesca, baralho (trukó);

Outros meios de transporte: carro, ônibus.

ANEXO II: GRUPOS DE ENTREVISTADOS

ENTREVISTADO - TEMP/ROMARIA - ANO/CARRO – IDADE - GENERO - PROFISSÃO

Grupo I

01. A01 (filho).....	14a.....	16a.....	23 a.....	masc.....	vendedor
02. A02 (pai).....	18a.....	16a.....	45 a.....	masc.....	agricultor
03. A03 (filho).....	14a.....	16a.....	20 a.....	masc.....	agricultor
04. A04 (sobrinha).....	02a.....	16a.....	22 a.....	fem.....	fun.pública
05. A05.....	03a.....	10a.....	44 a.....	masc.....	motorista

Grupo II

06. A06 (cunh).....	35a.....	15a.....	52a.....	fem.....	fun publica
07. A07 (amig).....	01a.....	15a.....	47a.....	fem.....	do lar
08. A08 (cunh. Aparec).28a.....	15a.....	15a.....	54a.....	masc.....	agricultor

Grupo III

09. A09 (vizinha).....	15a.....	40a.....	29a.....	fem.....	do lar
10. A010 (vizinha).....	22a.....	40a.....	34a.....	fem.....	trabalho rural
11. A011 (neto).....	08a.....	40a.....	16a.....	masc.....	estudante
12. A012 (avô).....	26a.....	40a.....	86a.....	masc.....	agricultor
13. A013 (comadre.)....	28a.....	40a.....	37a.....	fem.....	zeladora
14. A014 (neto).....	22a.....	40a.....	36a.....	masc.....	agricultor
15. Odair (afilhado)....	20a.....	40a.....	36a.....	masc.....	agricultor

Grupo IV

16. A015 (filho).....	05a.....	05a.....	40a.....	masc.....	agricultor
17. A016 (pai).....	05a.....	05a.....	67a.....	masc.....	agricultor
18. A017 (neto).....	03a.....	05a.....	14a.....	masc.....	estudante

Grupo V

19. A018 (espos).....	27a.....	05a.....	62a.....	masc.....	agricultor
20. A019 (esposa).....	27a.....	05a.....	59a.....	fem.....	agricultora
21. A020 (esp. Fsca)...	22a.....	20a.....	61a.....	masc.....	agricultor

Grupo VI

22. A021 (esposa).....	13a.....	60a.....	56a.....	fem.....	agricultora
23. A022 (espos).....	13a.....	60a.....	57a.....	masc.....	agricultor
24. A024. (esp. Osvdo).22a.....	60a.....	60a.....	54a.....	fem.....	costureira

Grupo VII

25. A025 (esposo).....	20a.....	30a.....	47a.....	masc.....	agricultor
26. A026 (esposa/tia)...	05a.....	30a.....	43a.....	fem.....	funcionaria publica
27. A027 (sobrino).....	05a.....	30a.....	11a.....	masc.....	estudante
28. A028 (amiga).....	05a.....	30a.....	37a.....	fem.....	comerciante

Grupo VIII

29. A029 (esposa).....	55a.....	40a.....	73a.....	fem.....	agricultura
30. A030 (neto).....	20a.....	40a.....	20a.....	masc.....	estudante
31. A031 (esposo).....	74a.....	40a.....	79a.....	masc.....	agricultor
32. A032 (filho).....	36a.....	40a.....	36a.....	masc.....	agricultor

Grupo IX

33. A033 (neto).....	08a.....	15a.....	12a.....	masc.....	estudante
34. A034 (avô).....	08a.....	15a.....	62a.....	masc.....	agricultor
35. A035 (filho).....	02a.....	15a.....	36a.....	masc.....	pecuarista

ANEXO III: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Qual o significado da romaria dos Carreiros?
2. Quem lhe trouxe para esta romaria?
3. O que você faz (função) durante a romaria?
4. Quem lhe ensinou?
5. Quem organiza a romaria?
6. O que é preciso saber ou fazer para participar da romaria?
7. Quais os pontos positivos e o menos positivos?
8. Você tem alguém que gostaria que participasse e por quê?
9. O que é preciso para ser um bom Carreiro romeiro?
10. Quem ensinou a ser Carreiro romeiro, o que mais aprendeu?

ANEXO IV: TRANSCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

ENTREVISTA – A01

1. Pela fé, pela tradição.
2. Pela primeira vêiz a gente foi porque foi junto com os pais. Os pais foram e nósis fomo também. Uma coisa que passa ano e passa ano a gente não consegue ficá sem ir;
3. A função né é tocá os bois, buscá os boi, cangá;
4. Meu pai. Meu pai que é a cabeça;
5. Precisa tê força de vontade, tê fé e com o tempo a gente vai acostumando com as coisas, praticando;
6. A gente aprende muita coisa, o grupo, as famílias, a união com todos, quando encontro com todo mundo;
7. Negativo...! Só quando reúne muitas pessoas, vai gente mais fraca que vai pela bagunça, isso é de menos;
8. Minha mãe, porque ela sempre gostô da romaria. Para dá continuidade a romaria, que passa de geração a geração;
9. Pra sê um bom Carreiro, precisa muita prática, tê muita paciência...;
10. O que mais aprendi! É que essas coisas de Carreiro a gente sabe quase tudo, tudo não, porque cada dia a gente aprende coisa nova. A gente anda no carro de bois, precisa sabê o nome das peças do carro, o que levá no carro. Essas coisas precisam tê noção.

ENTREVISTA – A02

1. Mantê a tradição, prazê de ta carreando. A maneira melhó e mais prática de ir ao Divino Pai Eterno em Trindade é o carro de boi;
2. Meu pai me levô a primeira vêiz;
3. Carreiro. Papai;
4. É nós mesmo. Dá nossa turma de Sanclerlandia é eu mesmo. Eu fui o primeiro da turma;
5. Ah! a primeira coisa eu acho que a pessoa precisa tê fé e tê vontade, juntá com nósis num carro de boi e já é romeiro Carreiro;
6. Os pontos mais positivos é o que acho, é ta junto com a família, porque a gente trabalha o ano todo e quase não fica com a família e na Romaria, durante o tempo a gente ta junto;
7. Negativo mais que eu acho é a canseira, porque é cansativo, mas é uma coisa que a

- gente faiz com prazê. Ah, a alguns que tentam atrapalhá a Romaria, mas a gente não leva em consideração. Tentam desviá as coisas, mas cada um tenta fazê o que pode;
8. Ah, eu sempre penso na minha família, meus irmãos que num vai. Porque já foram Carreiros também. E acho que falta oportunidade. Porque eu sei que eles gostam. Quando eu saio daqui ele vem e vão também nus pôso me visitá. Nus acompanham sempre. Eu acho que é mais falta de oportunidade. Eles são tudo devoto do Divino Pai Eterno;
 9. Paciência em primeiro lugá, porque quem não tem paciência com os boi, não vai. Quem tivé pressa vai de otra condução, porque de carro de boi não vai não. É tê fé e tê vontade de participá;
 10. Foi meu pai mesmo. Ah! O respeito as otras pessoas, a sê cristão, devoto.

ENTREVISTA – A03

1. É uma tradição. É união das pessoas, convivência. Companheirismo;
2. Meu pai;
3. Guiá boi, a tocá boi, tudo nós faiz;
4. Papai. A nossa é a famía, meu pai é que é da frente
5. Tem que tê muita fé;
6. Amizade, todo mundo unido;
7. Algumas pessoas que não vão pela tradição, pela fé. Vão pela farra;
8. Minha mãe. Porque a famía unida, todo mundo junto;
9. Primeiro tem que tê perseverança, atitude e muita garra, porque não é fácil não;
10. Ah vem da famía, meu avô, meu pai, a famía.

ENTREVISTA – A04

1. A romaria dos Carreiros eu vejo um significado de demonstração de fé. É a perseverança a pessoa focá o ano inteiro por aquele motivo. É uma demonstração de fé;
2. Os meus avóis;
3. Dentro da romaria? Esse ano eu vô ajudá na parte da cozinha, parte da alimentação dos Carreiros;
4. Ah, isso aí (sorri...) vem de casa né? Minha mãe (sorri...);
5. Bom, no carro essa aqui vamo com os tii. Eu acho que tem que tem que tê

- determinação tem que tê força de vontade e tem que tê assim uma garra muito grande. Porque só falá eu vô... e só ficá naquilo, porque é uma coisa que não é fácil;
6. O ponto positivo é porque a gente vê muita demonstração de fé, vê muitos votos que foram concedidos e muitas graças concedidas;
 7. Porque tem muita gente que vai, não com muita fé para agradecê, mas vai para fazê bagunça, fazê arruaça;
 8. Tenho vontade que os meus pais fossem. Porque meu pai sempre teve vontade de ir. Minha mãe já foi uma vêiz comigo, mas é complicado, porque a gente mora na fazenda e é difícil sair todo mundo. Eu tinha vontade que fosse todo mundo;
 9. Uma boa Romaria? Eu acho que precisa tê muita fé, muita força de vontade;
 10. Quem me ensinô, foi meu vô. Porque desde pequenininha meus avóis já falavam da romaria, desde quando eles vieram de Minas. Nossa! É muito complicado, aprendi a dá muito valô na vida, porque quando ocê vai, ocê pensa assim, recebi uma graça. A gente diz que bom! ocê vai e percebe que tem pessoas que recebeu muita graça. Então eu aprendi que ocê tem que tê uma fé, porque a sua vida é uma coisa. Ocê vê quantas pessoas que vão e dizem que receberam uma graça. Tem gente que junta tudo que tem, no ano inteiro para ir na romaria. Aprendi a dá valô à vida.

ENTREVISTA – A05

1. Ta junto com os amigos, sempre gostei de mexê com os carros de boi. Tê fé no Divino Pai Eterno;
2. Meu cunhado Eromar;
3. Ajudá cangá os boi, lavá vasilhas e o que mais precisá;
4. João de Deus;
5. Nada, basta coragem, o que as pernas aguentá...;
6. Tá junto com os amigos, conecê mais gente, cada ano coneço mais gente diferente;
7. Os que vêm para fazê bagunça, brigá;
8. Sim, a minha esposa. Porque, para ta junto;
9. Entendê um pôco e lidá com os boi e os carro;
10. O meu pai, falecido há 8 anos.

ENTREVISTA – A06

1. A fé, muitos milagres que aconteceram na minha vida; a viaje, os amigos, porque é

- gostoso. A gente se sente maneira, mais leve;
2. O meu marido, ele já era romeiro desde pequeno;
 3. De tudo um pôco, lavo as vasilhas, preparo as verduras, só não mexo com os boi porque tenho mêdo. Quem me ensinô, foi a Delina, ela é mais velha;
 4. Wilso. Ele que me avisa quando é a romaria para que eu m e prepare;
 5. Procuo as informações com os otros Carreiros;
 6. O que é bom quando chega na Igreja a emoção é grande, parece que chegô no Céu;
 7. O que acho ruim são as pessoas que não vem no intuito da romaria, vem uma turma só para bebê, vem umas camionetas com bebidas alcólicas, otros para bagunçá;
 8. Ah tem, meus fii, as cunhadas, meu sogro. Porque, para vê o tanto que é bao a festa, as coisas diferente;
 9. Tê muita fé;
 10. O meu marido. aprendi a tê mais fé, a partilhá mais com as pessoas, com os pobres, São Cotololengo, cada um ajuda o otro, acode quem ta passando mal na estrada.

ENTREVISTA – A07

1. Muita fé de mais, portanto estô saindo la de Mossâmedes para cumprí a promessa. Fui extraí um dente, ele deu problema, aí eu me apeguei com o Divino Pai Eterno para este fim. Fiz um voto de deixá o cabelo crescê e depois cortá e deixá nos pés do Divino Pai Eterno, aí vim pagá, pois fui curada;
2. Muita fé em Deus, porque sô devota do Divino Pai Eterno, gosto de assistí as Missas;
3. Ajudá umas as otras, ajuntá as ropas, as vasilhas, fazê comida. Quem me ensinô foi a minha mãe. Desde criança fui criada na roça e vai aprendendo essas coisas;
4. Wilso (amigo)
5. Sabê tratá os amigos bem, fazê o que fô preciso para ajudá uns aos otros durante a romaria;
6. A viaje foi ótima, aprendi a convivê, não adoeci, vô para a festa feliz. Agente dorme no capim ô nas lonas;
7. Não achei nada ruim, só a poeira, frio, não pará às vêiz para lanchá;
8. Esposo, fii, netos, todos unidos, mas como eles não pôde vir, eu vim só. Porque agente precisa andá tudo unido;
9. Muita coisa, mas a fé, enfrentá a dureza nas estradas, se prepará muito;
10. A minha mãe, ela punha agente para ouví a Missa, agente quase não saía de casa.

Muita coisa boa, unidos as pessoas, ficá andando na poeira, não reclamá. Agente qué sabê que vai ta lá nos pé do Divino Pai Eterno.

ENTREVISTA – A08

1. Eu acho interessante, que é uma devoção, para mim outra coisa não tem mais graça nenhuma;
2. Com o Sr. Tota (amigo), nem sabia colocá a torda. Aprendi a fazê a torda com o Sr. Tota;
3. Uai o que faço e arrumá os carros quando quebra. Tocá os boi, mais é tocá os boi;
4. Eu mesmo!
5. Uai sô, tem muita coisa. Fazê a canga, o cocão do eixo da roda;
6. O lugá dos pôsos para descanso...
7. Quando acontece quebrá a canga, se não tivé uma de reserva. O cansaço dos boi;
8. Ah tem muita gente para vim e não consegue. Meu irmão, o pai daquela menina ali;
9. Tem que gostá demais, que tem muita coisa no carro de boi se não sabe arrumá não vem;
10. Sr. Tota. - Sê bom amigo, foi a mió coisa, aprendi a sê mais companheiro.

ENTREVISTA – A09

1. É muito bom, é interessante, muita fé. Se dependê de mim, a romaria não vai acabá tão cedo. Deveria sê mais dia a romaria;
2. Minha madrinha Gessi;
3. Cozinha, arrumá a barraca, lavá vasilhas, tudo que a muiê faiz em casa, faiz na romaria. Quem me ensinô foi minha mãe;
4. Meu padrinho Flavio;
5. Coragem, ânimo, fé;
6. União de todos, companheirismo;
7. Falta de companheirismo de alguns, o que é negativo, os cavaleiros e os carros que passam fazendo poeira, não respeitam os Carreiros;
8. A minha mãe, porque ela é muito companheira. Ela ta rente nas dificuldades e nas coisas boas;
9. Não importá com as poeiras. Quem importá com a sugeira não vem à romaria;
10. Minha madrinha Gessi. Ela é muito antiga na romaria. Tudo que aprendi na romaria

foi ela que me ensinô – O que mais aprendi, cada ano aprendi uma coisa nova, sê amiga de todo mundo.

ENTREVISTA – A010

1. Devoção, um grupo de companheirismo.
2. Meu pai e minha mãe;
3. Lavá vasilhas, arrumá o carro de boi, fazê comida, cercá os boi, veiz em quando. Minha mãe;
4. Meu avô Flavio
5. Primeiro tê corage, não importá com palavras ruim, respeitá as pessoas;
6. Amizades entre as pessoas como uma família;
7. É igual a Vânia falô: os carros que passam em velocidade máxima, fazendo poeira e os cavaleiros que não são da romaria, que não respeitam os Carreiros;
8. Há, tem muitas pessoas de minha família que eu gostaria que viesse, mas de modo especial, o meu irmão. Porque ele é muito apaixonado nesta festa, os carros de boi. Ele ficô chorando. Ele não vêi porque trabaia para os outros;
9. Muita disposição, muita fé no Divino Pai Eterno. Seguí em frente, erguê a cabeça;
10. Meu pai e minha mãe. Eu venho desde criança. Aprendi mais a convivê com as pessoas. Aprendi a tê fé. Aprendi a lidá com as dificuldades.

ENTREVISTA – A011

1. Preservação da cultura. Fé e gosto muito;
2. Meu avô;
3. Candeeiro. Organizo o carro, cango bois e faço comida. Meu avô me ensinô tudo isso;
4. Meu avô;
5. Muita fé e gostá de mais, porque não é qualqué pessoa que faiz isso não;
6. A turma, a farra, no bom sentido e a devoção;
7. Tropas de mulas que acompanham a romaria. Eles não respeitam os Carreiros. Eles não fazem parte da romaria;
8. Meu ti, porque ele é muito devoto e gosta dos carros de boi;
9. Fé, sabê lidá com os boi, a gente aprende no caminho;
10. Meu avô, porque eu só venho com ele. Aprendi a tê fé.

ENTREVISTA – A012

1. Eu gosto da religião. Sempre venho na festa da Trindade. Gostei de ta no meio do povo, a companheirada e a religião;
2. O Sr. Tota;
3. Tocá os boi. Já tô bem velho. Quem me ensinô foi o Sr. Tota, como uma família;
4. Os netos, porque eles agora fazem as coisas para mim;
5. Amizade, sê divertido. Eu gosto de ta reunido com a turma;
6. Os pôsos. Na romaria o povo tudo é amigo, tudo conhecido. Eu não canso tando andando assim;
7. Não teve resposta;
8. Ah, sempre tem. Por exemplo, um companheiro que vinha com nós, agora desaconsoô, desistiu depois de véi;
9. Não tê preguiça e tê o amô à tradição;
10. Em 12 anos eu puxava arroz para Anápolis, até os 22 anos eu era Carreiro, aí foi onde eu trabaei para a Maranathá, o frigorífico de Pires do Rio. Eu morava em Damolândia, mas fazia essas viaje. Eu aprendi a sê amigo do povo. Eu sô conhecido quase no mundo todo.

ENTREVISTA - A013

1. Muita paiz, muita fé. Isso é muito bom. Agente sai de casa com dô de cabeça. Isso aqui é uma paiz;
2. Meus pais. Eles vinham sempre. Hoje eles estão de idade e não dão conta mais;
3. Ajuda em tudo. Ajudo a lavá as vasilhas, arrumo as camas. Organizo as coisas da barraca;
4. Sempre com o compadre Flávio. Ele reúne a turma e sempre viemo junto;
5. Acho que não, se tem fé. É companheirismo;
6. A união de todos junto. A família, os amigos arreunidos;
7. Não obteve respostas;
8. Tem sim, meus pais, meu esposo. Para ta todo mundo unido. Os meus pais gostam, mas não tem como eles vim. Meu esposo está trabaiano como segurança na usina de álcool;
9. Tê união e tê bastante fé. Porque sem fé não consegue nada;
10. Meu pai. Eu sempre vinha com ele. Hoje ele tem problema de coração, com marca

passo, ele não pode mais vim;

ENTREVISTA – A014

1. A Romaria é fê, fê no Divino Pai Eterno e união. Tá junto com os companheiros;
2. Meu ti Leonório;
3. Cangá, tocá os boi, ajudá a desengarranchá os boi na estrada;
4. Todos junto, na hora do desembaraço todos se une. É a união;
5. Sabê e fazê tudo, a canga dos boi. Se não sôbé fazê a canga não pode ir na romaria.
Agente vai aprendendo com os mais véi;
6. Os pôsos, o apoio dos donos das fazendas que dá para nós;
7. Não obteve respostas;
8. O resto dos parentes. A família toda;
9. Tem que sabê mandá, dominá os boi;
10. Meu avô Flavio. Aprendi a tocá os boi na estrada.

ENTREVISTA – A015

1. Devoção muito boa. Uma tradição ir no pé do Divino Pai Eterno.
2. Os meus pais. Agora eles não vem porque estão de idade;
3. Cangá os bois, arrumá os canzilos, os cocãos;
4. Todos junto;
5. Sê amigo, juntá todo mundo e fazê;
6. Os pôsos, os fazendeiro trata a gente bem;
7. Não obteve respostas;
8. O resto da família, os meus pais mesmo;
9. Sabê mandá os boi, sabê arrumá alguma coisa;
10. Os mais véi. Vê e vai aprendendo. Aprendi a sê amigo do povo, dos mais véi.

ENTREVISTA – A016

1. Eu acho a fê, fiz a promessa de vim durante 10 anos, já tem 5 anos e ao completá os
10 anos não vamo pará;
2. Meu pai Gerson Lopes;
3. Cango os bois, todo eles e ajudo os amigo;
4. Meu pai;

5. Acho que primeiro tem que gostá, tê humildade, porque se não tem humildade nesta estrada é difícil;
6. Os amigo que a gente arruma no caminho, a fé que a gente vê em muitas pessoa que vem cumprí um voto. A gente vê que essa pessoa, quase não aguenta, mais na romaria ela supera;
7. Algum bêbado enjuado que atrapaia;
8. Eu tinha vontade que viesse todos os irmãos, mais teve uma irmã que não aguentô e voltô para trás;
9. Sabê um pôco e tê dedicação;
10. Foi meu pai e meu avô. Quase tudo. A primeira romaria que vim tombamo o carro no caminho, depois fomo aprendendo.

ENTREVISTA – A017

1. Uai! a gente tem fé no Divino Pai Eterno. A gente dá aquele desejo e aí a gente vem mesmo na Romaria;
2. O meu irmão João de Deus;
3. Não. Eu na verdade não dô conta de fazê mais nada, são meus meninos, meus fii e meus netos que agora faiz pô a gente;
4. Eu mesmo;
5. Uai! Essa preparação que a esposa arruma antes das Romarias. Primeiro mata um capado, uma vaca e arruma as coisas para vim, arroz e carne;
6. Graças a Deus foi beleza. Nós tem que agradecê muito a Deus;
7. Um neto e um fi, que começô a bebê, pedimo ao Divino Pai Eterno, que não abençoa e não teve mais nada;
8. Teve. A famía completa, os três genros, netos, inclusive um neto que tava em Minas, tava chorando, que queria vim e estava longe. Ele já vêi duas vêiz;
9. Tem que sê primeiro amoroso com os boi e sabê educá eles;
10. O meu pai. A gente aprende muita coisa, a gente vai ficando mais entendido, aprende o que ta errado e o que é certo.

ENTREVSITA – A018

1. Assim eu acho que todos vem pela devoção ao Divino Pai Eterno, uma fé grande;
2. Meu avô Gerson Lopes;

3. Acho que todos ajuda um pôco. Ajudo a buscá os boi, cangá e cuidá dos boi;
4. Meu avô, Gerson Lopes;
5. Primeiramente a fé;
6. Companhia de todos;
7. Aqueles que se embebedam contrariando a romaria;
8. Meu pai;
9. Tê cuidado com os boi, pois sem eles não haveria a romaria;
10. Meu avô. Ajudá o próximo. Aqui todos se ajuda.

ENTREVISTA – A019

1. O significado da romaria é agradecê a Deus pela vida;
2. A primeira vêiz eu vim com o Tota;
3. É carreá, gritá com os otros, brincá, tocá meus boi. Na barraca, de vêiz em quando eu ajudo a muiê tirá uma coisa daqui e colocá ali. Eh! Meu fi conzinha e às vêiz ajudo ele. Uai! Foi nós mesmo, porque meu pai, porque quando eu vim de Minas, deixei ele lá, ele não tinha condições de me ajudá, pô isso vim para Goiás;
4. Tota. Vim com o grupo do Tota;
5. Ah! Eu acho que é boa fê e a boa mente e o amô e carinho com o sê humano, que é o respeito essencial que a gente precisa tê;
6. Os pontos positivos no meu pensamento, que encontro, é um, é uma comunidade, um ajudando um otro. Às vêiz quando um boi falta, um diz: ô seu boi ta ali... otros diz: ô toma um doce aqui, como algo na nossa barraca. Eu acho significativo é amá o próximo como assi mesmo. É difícil a gente falá essa pergunta né?
7. É os intrumeãos, às vêiz ocê ta aqui numa boa e chega um e peteca. Uma vêiz vêi um menino drogado, a gente não sabe né, chegô na barraca e foi deitando, e disse que era aqui mesmo. Aí eu disse: não meu fi, não é aqui não, essa barraca é da família. Então tem esse tipo de coisas;
8. (emocionado...) é minha família, meu fi mais véi. A gente não pode saí todo mundo. Ele ficô zelando das coisas. Ocê sabe que a família junto é um abraço muito forte não sabe? Às vêiz um erra e o otro diz: vamo devagarinho e as coisas logo se acalmam. Mas ta bão graças a Deus... É porque é um amigo da gente. Eu achava bão se ele viesse, porque é que se pode mandá e confiá;
9. É cada um tem o seu significado de todas os boi. Ocê vai, ninguém é sábio. Eu vejo

ocê mexê, eu penso, aquela parte eu vô fazê. Quando bate o primeiro dia de junho eu começo a arrumá minhas coisinhas. Aí eu me levanto cêdo, vô começá a arrumá, aí penso! Ta longe! A gente e ainda falta muita coisa. Graças a Deus eu não trago o carro vazio, trago o fruto do meu trabaio para o Divino Pai Eterno;

10. Ah! De toda vida lá em Minas eu carreava boi para os otros, porque eu não tinha condições própria. Eu era muito devoto de Nossa Senhora da Abadia, mas era muito longe. Aí eu me apeguei ao Divino Pai Eterno, que é o Santo da minha vida. Uai! O que mais aprendi foi a compartilhá, mas ainda falta muita coisa, mas muita coisa.

ENTREVISTA – A020

1. Por amô. Eu venho para acompanhá meu marido. Não cansa. Pode vê que venho todo ano;
2. Uai! Foi meu marido mesmo;
3. Eu faço comida, lavo as vasilhas. Minha mãe. Ela já morreu;
4. Tota;
5. É ter muita fé em Deus, saber partilhá com as pessoas;
6. O que é bom é andá com os amigos, a viaje, a caminhada, colocá as conversas em dia, andá junto com as otras, aí que é bão;
7. Não tem, graças a Deus;
8. O meu fi. Porque a família reunida é bão;
9. Uma boa Carreira precisa tê mais fé e sabê tolerá as pessoas no caminho, porque não é fácil. Precisa tê muita fé;
10. Meu marido. Ajudá a ele.

ENTREVISTA – A021

1. A tradição. Eu sô devoto do Divino Pai Eterno;
2. Ah! eu vim pô intermédio do Tota;
3. Carreiro. É fazê barraca. Não lavo vasilhas porque a muie faiz (sorri...) arrumo os colchões. Meu pai;
4. Sr. Tota;
5. Entendê de bois, carro. Tem que sabê um pôquinho. Com meu pai;
6. O melhó que eu acho é chegá, nem tomo banho e já vô para a igreja, rezá...;
7. Não obteve resposta;

8. Meu irmão. Para ta junto;
9. É tê união como os otros, eu acho;
10. Meu pai.

ENTREVISTA – A022

1. Pô causa de tê muita fé no Divino Pai Eterno;
2. Uai! Foi os companheiros, aqueles que já tava mais tempo. Sr. Osvaldo, que já tinha muito tempo;
3. Mexo com a cozinha. Uai! Conzinhá foi depois que casei, que aprendi. Porque na casa da minha mãe ela conzinhava, eu mexia mais era com a roça;
4. Sempre o Sr. Tota;
5. Tê muita vontade e gostá;
6. A fé;
7. Para ela, não tem ponto negativos;
8. Tem muita que gostaria que viesse, mas tem muitos que não tem condições de vim. Porque aumentava mais a fé;
9. Observá muito o carro de boi, o jeito de andá, se não ele tomba na estrada;
10. Ah! Aprendi com meu marido. Ele agarrô de vim e eu não deixei mais (gargalhada...) aí vim... Aprendi que andá é bom, fazê mais caminhada. Vim sempre nus pé do Divino Pai Eterno.

ENTREVISTA – A023

1. Tradição que a gente tem;
2. Foi Deus;
3. A primeira veiz com a turma do José Neto;
4. Tota;
5. Tê a natureza boa de vivê com os otros;
6. Muita fé no Divino Pai Eterno, aí todo ano quero ir ao Divino Pai Eterno;
7. Não respondeu;
8. Os netos. Para não deixá acabá a tradição. Eu não tenho medo de acabá a Romaria;
9. Rapaz! Para sê um bom Carreiro tem que sê humilde;
10. Ah! Eu aprendi com o tempo, na fazenda onde eu trabaiava. Foi nós mesmo que aprendemo. Amizade.

ENTREVISTA – A024

1. Muita fê no Divino Pai Eterno;
2. Não eu vim com meu esposo. Vim pagá uma promessa;
3. Eu faço comida, aí eu encaixoto os trens, descarrega os caixotes, faço a janta;
4. Tota;
5. A gente tem que tê muita paciência. Tem que tê paciência;
6. Por mim tudo beleza. Nunca aconteceu nada de ruim
7. Não respondeu;
8. Uai! Tem umas amigas minha, agora elas não qué vim mais. Porque é companheira, amiga. Ela anda muita comigo. Ela vai sempre comigo nas caminhadas, pois eu soffro de diabetes;
9. Tê uns bois bons;
10. Ah foi meu esposo. Foi da Dona Ivone, amiga e esposa de Sr. Tota.

ENTREVISTA – A025

1. Fé milagre feito pelo Divino Pai Eterno, é porque gosto de viaje. É um descanso de tudo de rotina, né? A gente vem aqui com os amigo, é uma participação. É uma coisa sadia mesmo;
2. A primeira vêiz foi meu cunhado, ele vem sempre;
3. Sô Carreiro. Arrumo os trens dentro do carro, faço tudo, tudo que precisa fazê eu faço, até comida, sobretudo na volta. Uai! Os romeiros mais antigo, a gente vai observando e vai agradando. É olhá e fazê igual;
4. Tota;
5. Uai! A primeira coisa que tem que fazê na romaria. Para sê um romeiro bom ocê tem que gostá de carreá. Se não soubé carreá, tem que gostá, que se não vai na viaje, porque é uma viaje pesada, enfrenta poeira no caminho, porque quando tem muita gente, tem sempre um probleminha. A gente tem que sabê superá, sabê perdoá o otro, a gente quando vê o otro erra; a gente quando ta junto com o pessoal é muito bão;
6. Ah! Os milagres;
7. Ah, não sei. O mais ruim é quando a gente vê alguém contrariado. Tem falta de disciplina, a gente não dá conta de dominá ela. A gente se exigir muito vai se tornando chato. A gente tem que tê uma boa conversa, tirando devagarinho e tudo se contorna;
8. Ah! Primeiramente os meus irmão. É porque nós somos família unida. O meu rapaiz

- começô a vim comigo, ele já se apaixonô pela viaje;
9. Ah! Isso aí tem que tê uma escola de otro Carreiro experiente e tê dom. O Carreiro tem que tê dom;
 10. Meu pai. O que mais aprendi a carreá foi a não judiá dos boi. Educá uma criação, ocê educa em casa. Na romaria ocê tem que tê carinho com a criação. Tem gente que judiam com a criação. É uma viaje longa. Agora eu vim à pé e senti o tanto dói o pé. Muitas vêiz o boi ta aí mancando e o cara ta metendo o ferro, sangrando o boi.

ENTREVISTA – A026

1. Uai, o significado é um significado que a gente vem, assim, antes de tudo é a fé, porque se não fosse pela fé a gente não suportaria tanto desconforto. Porque ocê deixa sua casa, bem limpinha, arrumadinha. Só a fé mesmo pode explicá tudo isso;
2. Foi promessa. Minha fia, a primeira vêiz que vêi foi para pagá promessa. Quando ela tinha 05 anos viemos, agora ela tem 23 e tamos retornando;
3. A minha função é organizá a barraca, fazê comida. A gente copia dos otros. A gente pesquisa com as pessoa que estão mais véia na romaria;
4. Uai, geralmente o Sr. Tota;
5. Uai, primeiro previní, trazê as coisas necessárias, básicas, alimentação, vestuária adequada, é..., os agasalhos. Sabê trazê os alimentos certos. Alimentos não perecíveis, o que se pode guardá para não estragá durante a viaje e sabê organizá o carro de boi com muita paciência;
6. Tem, porque ocê trabaia um otro lado, o lado que ocê está acomodado, de rotina, que ocê faiz as coisas todos os dias. Aí tem esse lado que ocê trabaia para vim a romaria, todo dia é um dia diferente, ocê não tem a preocupação com a rotina diária, de domestica, trabaio de casa. Então ocê levanta todos os dias, o destino seu é fazê a comida, organizá o carro e andá;
7. O negativo eu acho, é aquele pessoal que vem para atrapalhá. O que mais me incomoda é esse pessoal. O lugá de tomá banho, água fria, pôcos banheiros, até ocê tem que tomá banho correndo, porque a fila está grande;
8. Assim! a famía. Ah eu quero trazê minha fia, Poliana, Andréia, os fi todos. Para ta a famía andando arreunido;
9. Sê esperta, contorná as situações, sabê conzinhá e tê paciência com o carro e com os maridos que pedem uma coisa e querem que a gente traiz logo

10. A gente vê os outros fazê, aí a gente aprende. Eu tenho orgulho de sê Carreira. Óia é a persistência, porque a gente acordá todos os dias 4h30 mais ô menos. Tê persistência em acordá, porque eu tinha dificuldade de acordá cêdo. Eu programo minhas férias todos os anos para vim na romaria.

ENTREVISTA – A027

1. Ah! É o Divino Pai Eterno, rezá muito;
2. Meu vô
3. Toco boi, ajudo meu pai. Meu vô. Quando eu era mais pequeno foi meu pai;
4. Tota
5. Coragem, fê
6. A reza, a oração, a igreja;
7. Cansa muito, fica distante dos colegas;
8. Minha avó. Para participá porque é bão
9. Educá, respeitá os mais véi;
10. Meu pai e meu vô. Ah! Tocá boi com meu vô e meu pai.

ENTREVISTA – A028

1. É uma coisa muito importante
2. Meu pai vem desde muitos anos, mas que eu me lembro. Eu vim pela primeira vêiz porque meu marido vêi. Agora hoje eu venho porque eu gosto, de participá. Eu venho porque eu gosto;
3. Na romaria, eu levanto cêdo, faço a comida, ajudo arrumá as coisa do carro. Quem me ensinô foi a vida mesmo. A gente vai vendo, entrosando e aprendendo;
4. Tota;
5. Uai, tê força de tudo que tem de fazê. Tê força de vontade para podê vim
6. Positivo? Tem. A união
7. Negativo? Aqui na Trindade. A gente chega aqui e não tem nada organizado. Nos pôso eu acho mais fácil do que aqui;
8. Eu tinha vontade que minha mãe viesse, porque quando eu era pequena ela já vêi muito. Aí depois que nós somos grande ela não vêi mais, meu pai sempre vem. Uai! Pela união da famía;
9. Uma boa romeira? Força de vontade, fé e num tê preguiça. Nada me trapaia no

caminho não (sorri...);

10. Uai! Eu vim uma vez com meu marido aí eu aprendi. O que mais aprendi? A fé! tem que tê fé.

ENTREVISTA – A029

1. Na romaria a gente recebe muitas bênçãos né? E felizes é os que vai na romaria;
2. Meu esposo;
3. Quando eu prestava, eu ia todos os dias na Igreja. Agora eu vô na Igreja no dia que chego e no dia que vô embora, e lá assisto uma Missa e venho embora. Ah! preparava as barraca. Domingo tem um almoço, que almoça muita gente com nós. O ano passado (2008) almoçô com nós 150 pessoas. Foi Deus;
4. Tota;
5. A gente faiz bolo, mata vaca, mata capado grande. Faiz carne recheada. Ah! precisa;
6. Não, a gente não acha. É a amizade. O povo arreunido. Porque a gente sai para essa romaria, todo mundo é irmão né? A gente pode vê uma pessoa uma vez só e na romaria a gente fica sendo irmão;
7. Os que vem para fazê bagunça né?;
8. Ah! minha família inteira. Porque eu tenho uma fia só, e tenho 7 fi home. Os fii vem e a fia não vem. Então tenho o prazê, porque era a família arreunida, e tenho um fi que ele é evangélico, o mais véi. Anos atrás ele vinha, vêi muitos anos, depois a muié dele passô para crente aí ele também passô;
9. Ah, para sê um bom Carreiro. Cada um tem sabê cuidá do carro porque se não ele tomba, cai no buraco;
10. Eu? Ah eu aprendi desde cedo com o Tota. Aprendi a vivê com os amigos, a tratá as amigas mais melhó.

ENTREVISTA – A030

1. Uai, é uma festa, uma devoção que a gente tem ao Divino Pai Eterno. É isso, é uma romaria que vem para a devoção mesmo ao Divino Pai Eterno, porque já teve muitas bênçãos na nossa família, então, a gente tem essa devoção;
2. Uai, meu vô, meu pai. Desde que entendo por gente sempre venho na Romaria;
3. Ah, eu toco boi, arrumo os carros, vêiz enquanto ajudo a tocá os boi. Uai, meu pai e meu avô;

4. Uai, meu avô doa os trens, os alimentos, a carne, o arroz, o feijão e a muiés que vai preparam. O Tota;
5. Uai, nem tanto sabê. Meu avô traiz muita gente que praticamente, pra Romaria não sabe fazê nada. As muiés que vem sabem cozinhá, lavá vasilhas e os home sabê tocá boi;
6. Uai tem! Porque a gente arruma muita amizade com todo mundo;
7. Tem muitas pessoas que vem só para fazê farra, e fazê bagunça e aí, muitos pôso que a gente fica nas fazendas, os fazendeiros não querem dá mais pô causa desses baderneiros;
8. Uai, de carro de bois? Meu pai porque ele só vem no dia. Era bão para a famía ficá completa;
9. Não obteve respostas
10. Uai, meu avô. A gente tem que sê amigo de todo mundo, não maltratá ninguém, sê mais companheiro no caminho.

ENTREVISTA – A031

1. Eu aprendi que é devê de todos nós, eu fui curado Pelo Divino Pade Eterno desde criança, então aquilo cresceu aquele moção né, e depois passô aquela moção de levá um dinheiro para os pé do Divino Pade Eterno, e trazê o carro cheio de arroz, lá po São Cotolengo, é isso que a minha moção. Agora não tem mais ilusão, falá assim, vô festá, bebê cachaça, aí tudo nós já fêiz na estrada, bebê cachaça;
2. É meus tii. Eles era cegos;
3. Quando eu peguei a prestá, era arrumá os carros, prepará os boi, né? Ah eu aprendi com meus tii e aprendi a viajá e a graças a Deus, todo muito me respeita. Eu tenho amizade com todo mundo;
4. Tota;
5. Uai, a mandá os boi certinho, fazê as coisas tudo certinho, cuidá do carro. Porque os mais véi deixô eu pequinino. Agora as coisas que não dô conta de fazê eu pago para fazê. Agora não venho mais com os carros porque minhas pernas não dá, mas venho na romaria a cavalo;
6. O que é bão? A amizade, pegá com Deus toda a hora;
7. Ah, ocê sabe que eu não acho nada ruim? O povo junto comigo é bão. Todo mundo é bão, eu não tenho inimizade com ninguém. Eu já tenho 79 anos;

8. Meus fii todos. Não porque é para criá a aquela moção de ta junto. Tê a fâmia unida. Em casa todo domingo jantam comigo, almoçam. E aí todo mundo indo na romaria é bão. Eu vô para todo lado, para Mossâmedes e eles vão comigo;
9. Uai, é sabê mandá os boi, sabê arrumá a traia bem certinho;
10. Quem me ensinô, foi meu ti, os dois tii. Uai, sô, nesse tempo eu aprendi a tirá leite, eu mansava cavalo, mansava burro, bebia cachaça. Hoje não bebo e não sô muierento.

ENTREVISTA – A032

1. Ah, que acho que recebi muitas bênçãos;
2. Meu pai;
3. Eu venho tocando bois, armo as barraca, arrumá os carro. Meu pai;
4. Tota, meu pai;
5. Ô! para sê Carreiro tem que aprendé né? Uai aprendê a tocá os boi;
6. Uai, a gente vem conversando com os amigo;
7. Não obteve respostas;
8. Não obteve respostas;
9. Tem que gostá;
10. Meu pai. Tocá os boi.

ENTREVISTA – A034

1. Ah, uma homenagem ao Divino Pai Eterno. É para agradecê as glórias, lavá a alma;
2. Meu pai e minha vó. Meu pai tava para os Estados Unidos;
3. Uai, eu ando de cavalo, gasto dinheiro, toco boi, busco os boi. Meu avô;
4. Tota;
5. Não obteve respostas;
6. Foi, ah amizade, eu ganho muita amizade. Tenho vontade de ir de novo;
7. Eu acho que não;
8. Minha mãe. Porque tenho saudade, ela não mora com meu pai;
9. Não obteve respostas;
10. Meu vô. Há, há, aprende!.

ENTREVISTA – A034

1. Uai, o significado é a divução ao Divino Pai Eterno;

2. O que me trouxe é os visinho, porque eles vindo e vim a primeira vêiz. Eu vim pelos convites e pela fê;
3. Fazê, a gente faiz muitas coisa, ajuda a colocá os trens dentro do carro, toca os boi o dia todo, faiz comida, busca água. Não, a gente vê os otros fazê. Ocê vai oiando os otros fazê, os que é treinado e ocê vai cupiando, vai pegando;
4. Nóis é chamado a turma do Tota. Quando um dos carro bate em otro a gente fala, o Tota vem alí atrás ele paga;
5. Carreiro, eu desde pequeno eu já carreava, desde pequeno, desde quando entendi pô gente eu já carreava, aí continuô até hoje. Agora para sê um romeiro precisa de fé, compreensão, se não te tira da Romaria;
6. Tenho! Eu acho que é bão, pela fê;
7. Ocê sabe que não tem ponto negativo sô!;
8. Meu fi Maurivan. Não, é porque não deu certo para ele vim. Ele fêiz falta. Não porque a família ta reunida;
9. O que precisa para sê um bom Carreiro? Uai, sabê guiá, tratá as criações;
10. Meus ti, aprendi com eles. Aprendi a trabaiá, que hoje não é profissão, mais de premeiro era profissão.

ENTREVISTA – A035

1. Tem muita amizade, faiz novas amizade, devoção ao Divino Pai Eterno;
2. Meu pai;
3. Cangá boi. Meu pai;
4. Tota;
5. Ah! o cara tem que sê muito solidário, ajudá a armá uma barraca;
6. Amizade, as dificuldades fazem parte da romaria;
7. Não obteve respostas;
8. O irmão nosso. Porque a família taria toda unida. Minha irmã não vêi com a gente, mas vêi visitá nus pôso;
9. Um bom Carreiro! Precisa tê muita paciência;
10. Meu pai. Sê menos teimoso.

ANEXO V: ENTREVISTAS INFORMAIS – DIÁRIO DE CAMPO

A02

- “Eu posso assistí uma missa em Trindade, mais não vô sem o carro de boi”.

- “A gente é costumado com este tipo de serviço pesado”.

- “a Missa dos Carreiros é bunita. Ela é realizada na praça do santuário e só perde pra Missa de encerramento da festa. Ela só perde praquelas missas de domingo celebrada pelo bispo. O pátio lá lota de gente. É gente demais. Na igreja de baixo, a Missa aconteceu durante três anos. O primeiro ano foi somente com os Carreiros e com as famílias dos Carreiros. O segundo ano, a igreja já encheu; o terceiro ano, não cobe o povo, ai levô para a igreja de cima. Aí dois anos a igreja de cima encheu, aí passô lá pra fora. Cada ano aumenta mais de gente. É bunita a Missa. É que entra o berranteiro, o coral cantando diferente”

- “Este carro de boi aqui olha? Meu pai carreô mais de 20 anos, aí ele vendeu ele. Eles [políticos] arrumô uns asfaltos aqui, eu era solteiro ainda, nois chegô da roça e não vimo o rasto do carro de boi, aí eu perguntei: pai cadê o carro de boi? Eu vendi. Ah! Mais deu uma tristeza ni mim. O papai ficô caladim, caladim, não falava nadinha porque ele vendeu contrariado, já tinha vendido os boi, não tinha espaço para carreá, aí o um véi ficô com o carro de boi guardado durante um ano. Ele tinha guardado ele lá. Só carreô pô um ano. Eu comprei este carro que era do meu pai vendido àquele véi por mil real. Quando meu pai vendeu o carro de boi, era muito barato, o preço do valô de uma vaca. Quando eu vinha com o carro de boi, no caminho me ofereceram cinco mil real, mais adiante me ofereceram seis mil e eu não vendi. Este carro tem uma história, tanto que papai gostava deste carro, e hoje eu não vendo ele é de jeito nium, pô preço nium”.

- “O que acho custoso é quando a gente chega lá, não tem água, aquela falação no disfile. Tem ano que eles dá lanche, água mineral, pãozinho com carne. Tem ano que nem água eles dá, mais nois leva. Nois vai sabendo que pode passá por isso. O ano passado o prefeito mandô convite pra nois ir lá fazê uma reunião, contando o tanto de trem que ele ia fazê, chegô lá, ele feis tudo errado, aí este ano ele não mandô ninguém, nem pra dizê que ia tê outra reunião. O presidente da Associação dos Carreiros? Aquele lá é só lá dentro de Trindade. Ele gosta de tirá proveito. Ele é pulítico. Ele fêiz uma reunião com os deputados lá em Goiânia, mandô convite para nois ir lá, que iria dá atenção especial pra nois”.

- “quando nois foi à primeira veis que nois foi na romaria, eu pensei que nois não ia vê ninguém durante a viagem, só quando chegá lá em Trindade a gente ia vê gente”.

- “a gente levanta bem cedo, arruma os trens, quando é pô volta do mei dia a gente come paçoca, rapadura, farofa, bolo, toma café, come o que leva como matula. De primeiro os pai trabaia e os fii acompanhava. Mexê com boi, com o carro de boi, desde pequeno, mas tinha otros irmãos que gostava menos, estes iam cuidar da roça, das otras coisa. Mas foi com o papai mesmo que nois aprendeu”.

- “Tem pessoa que nunca viu carro de bois na família dele, acaba comprando boi e carro para ir à romaria. A família dele nunca foi de roça, porém vai à romaria”.

- “Eu nunca obriguei meus fii ir na romaria, mais tem um que gosta mais pôco. Ele tava lá em Jussara; ele mudô o tipo, não queria nem vê o carro de boi. Hoje ele mudô o tipo, já ajudô a arrumá o carro pra ir. Ele quando tava lá em Jussara trabaia com o meu genro, nois tava aqui na roça arrumando pra ir à romaria, aí ele garrô numa choradeira, aí quando foi no sábado, ele pegô o ônibus em Jussara e vai alcançá nois lá em Americano do Brasil, aí ele foi mais nois com o carro de boi. O otro fi, o Paulinho, tira férias pra ir com o carro de boi pra Trindade. Ele pega quinze dias de férias pra ir... Só que ele vai de carro de boi e volta de ônibus pra ficá com a minininha dele”.

- “Em Trindade, a reunião com os carreiros é na 6ª feira e a missa no sábado às 5 horas da tarde. É o primeiro sábado do mês de julho. A missa dos carreiros é bonita. Ela é realizada na praça do santuário e só perde para a missa de encerramento da festa. Ela só perde para aquelas missas de domingo celebrada pelo bispo. O pátio lá lota de gente. E gente demais. Na igreja de baixo, a missa aconteceu durante 3 anos. O primeiro ano foi somente com os Carreiros e com as famílias dos Carreiros. O segundo ano, a igreja já encheu; o terceiro ano, não coube o povo, ai levou para a igreja de cima. Aí dois anos a igreja de cima encheu, ai passô lá para fora. Cada ano aumenta mais de gente. É bunita a Missa. É que entra o berranteiro, o coral cantando diferente - Nunca passô pô minha cabeça largá o carro de boi, nem imagino!”

- “De primeiro os pais trabaivavam e os fii acompanhavam. Mexê com boi, com o carro de boi, desde pequeno, mais tinha otros irmãos que gostavam menos, estes iam cuidá da roça, das otras coisas. Mas foi com o papai mesmo que nois aprendeu”.

- “Eu comprei este carro que era do meu pai vendido àquele véi pô 1.000 reais. Quando meu pai vendeu o carro de boi, era muito barato, o preço do valô de uma vaca. Quando eu vinha com o carro de boi, no caminho me ofereceram 5 mil reais, mais adiante me ofereceram 6 mil e eu não vendi. Este carro tem uma história, tanto que papai gostava deste carro, e hoje eu não vendo ele é de jeito nenhum, pô preço nenhum”.

“Na romaria tem duas coisas: a pessoa e a influência da família. Tem pessoa que nunca viu carro de boi na família dele, acaba comprando boi e carro para ir à romaria. A família dele nunca foi de roça”.

- “hoje o povo luta para ir para lá. Eu levo a muié pra roça e eu e a muié vamo para a cozinha. O home depende muito da muié e a muié do home. Nós levamo feijão para leilão quando tem festa em Mossâmedes”.

A029

- “todo dia a noite tem uma celebração e quando intera os três dia de viagem, nus pôso tem uma Missa, na metade da estrada, no sior Lili Correa. Antão, nois continua a Missa, a mesma coisa”.

- “Naquele tempo que eu ia com os meninos, eu tenho oito fii, nois ia tudo. Antão, naquele tempo, era fugão de lenha, usava aquelas tal-banquinhas, a gente chegava nus pôso, ia arrumando a lenha, chegava la, era fugão de lenha, tomava banho, quentava água e punha na bacia que ficava pendurada la fora do quarto. Antão, num era como hoje, que tem muita facilidade [...] Se eu contá pu seore, antigamente, a gente chegava em Trindade, a gente pagava banheiro, até hoje nois paga, porque a gente aluga, nois pagava o lugarzinho de sentá a barraca. Pagava o pasto pus bois, e teve um ano que o prefeito não deixô nois entrá dentro da cidade [...] Antão, ele não deixô nois entrá. Antão, nois foi la alugô o lugá que nois ia ficá. Aí ele falô: eu deixo ocês na garage onde nois guardamo os carros. Chegano lá o guarda pega ocês e leva ocês pra não estragá a cidade. Agora, hoje, o carro de bois anda la pô toda banda. Esse prefeito, agora já vêi aqui, mudô a cabeça”.

- “a gente começa a juntá [...] Leva uma importância de mantimento e pede os vizim que quizê dá. Ele entrega. Antão, vai escrito no saco. Chega lá: fulano mandô, fulano mandô. Antão, eles celebra a Missa na intenção daquelas pessoas que mandô as coisas, né?”

- “eu tenho um fi que não gosta bem de carro de boi não. Mais é aquele que arruma a bagage todo dia. Chega no pôso, tem que tirá aqueles trens, otro dia tem que pó otra vêis. Antão, ele que prepara as coisas”.

- “a romaria é um conforto, uma relíquia. É uma relação de amizade. Ela começa com um pequeno grupo, este vai aumentando. É uma tradição que põe um amô entre as pessoa. A gente sente a falta, quando um dos membros do grupo falta à romaria. Os fii observa desde cedo o que os pai fais. São obediente, respeita e são envolvidos dede os primeiros passos dos preparativos para a romaria”.

- “Nessa romaria, o Tota é o romeiro mais véi da estrada. Ele já foi premiado pô sê o romeiro mais véi. Basta convidá ele, se ele aceita, aí acompanha. Na hora da celebração lá, convida barraca pô barraca e quem quisé assistí, assiste, quem não quisé mais não fais baruío também. A romaria é por causa da fé. Essa fé, a gente recebeu muitas graças. Hoje mesmo eu tava contano pu boiadeiro, que tenho um fi, aquele que mora naquela casinha ali. Ele com dezesseis anos, ele deu um pobrema na cabeça, antão, ficô conturbado de tudo [...] Ele fêis vários exames de cabeça e não deu nada. Aí a prima! [...] muié que é casada com o primo do Tota. Ela é muito religiosa. Ela me perguntô assim: dona Ivone, a seora ta orano aí? Quando ela chegô no quarto, eu tava ajoeiada, falei, agora vô la pru quarto, vô ajoeia e conversá com Deus. Se ele me desse meu fi curado [...], o que Deus me mostrá é que vô seguí né [...] eu vô fazê, vô realizá [...] Minha mãe era católica. Ela era da comunidade do Coração de Maria. Antão, ela era muito religiosa. Aí, ela me chamô pra assistí a novela. Eu falei: hoje não vô assistí novela, não. Eu vô ficá sentada aqui no quarto, quero converá com Deus e vô vê o que ele vai me mostrá [...]. Aí, mais sentí aquele momento de fé no meu coração. Eu falei pru Tota, vamo levá o Valdivino no médico especialista e o Divino Pai Eterno vai dá uma bênção pra ele [...] Se o Valdivino sará, ele vai levá pra o Divino Pai Eterno uma bezerra puxada pra doá la no Cotelengo. Ele amansô a bezerra e levô puxado. [...] Quando ele largô a bezerra la no São Cotelengo, a bezerra berrava. Acho que costumô é...! E graças a Deus, eu recebi essa bênção, foi uma graça muito grande. [...] Ele é casado, tem dois fii, que é inteligente né!”.

A031

- “eu tava com um médico que era crente, ele colocô uma apareiada [aparelhada] e me perguntô. “E esta tal de Trindade?” Na hora que ele falô assim, eu peguei com a mão assim e tirei todos os apareios e joguei para lá e disse até logo, vai abusá do inferno sô. Eu vô a Trindade desde pequeno. Minha mãe fêis voto de nois ir, mas eu não aguentei andá, nois morava pertim, duas léguas, três léguas, aí fui carregado sô. Depois, graças a Deus eu aprendi a ir. Já fui a pé, já fui de cavalo, fui de carro, fui de caminhão. Eu não vô na Trindade pô mode palma, eu vô lá pô mode a divoção ao Divino Padre Eterno. Vô lá, levo meu agrado para os pobre. Aí a pia de arroz para levá no carro de boi. Tudo para doá. Eu vô levá vinte sacos de arroz no carro de boi”.

- “um home falô assim, agora quero vê se ocê ganha pelo meno uma palma lá na Trindade. Mais, quando cheguei lá, todo mundo me gritava pô nome, palmas, foi aquela farra, aí quando foi mais tarde, ele chegô na minha barraca, ah! ocê é um capeta, ninguém pode com

ôcê!. Eu vô lá em Trindade não é pro mode de palma. Eu vô lá, passo numa igreja, passo nôtra, aí ta bão, pronto! Tô realizado, não vô pro mode gandaiá na festa. Este home me chamô sô, pra ir lá em Firminópolis, fazê um desfile pra ele, mais no boi dele, pra eu levá uns quatro ou cinco Carreiros, eu fui. Chegô lá, nois foi fazê aquele desfile, aí quando chegô lá, nois andô a cidade inteirinha e todo mundo caladim!, caladim!... Ninguém deu vaia pra nada, sabe? Que nem eu chego aqui não dô atenção pra ôcê. Falei pra ele: ocê aqui tem um prucedimento muito bão, ninguém deu apoio pra o sior uai! Aí, ele ficô caladim. Ele me chama outra veis pra ir lá no São João da Paraúna, eu peguei os companheiros e fui. Aí sô, chegô lá andemo naqueles mundos até quase escurecê. Ele falô que ia ganhar um jantar para nois. Chegô lá teve janta niuma. Foi a merma coisa de pegá um bobo aqui e sair com ele no mundo afora”.

- “Desde que entendo pô gente já existia esta festa de Trindade. Nois morava la pertim, depois mudei pra cá, continuei a mesma coisa. [...] Nunca dei vontade de sê crente. [...] Os fii, condo ta novo, a gente induca eles. O miô é ta tudo junto arreunido, não é bunito? A fé é tão bunito né? [...] A gente fais o que o coração pedí. A Romaria é uma irmandade, uma suciedade. [...], meus fii todos são custoso, tem um que não quê ir de carro de boi. Outros quê mudá o ritmo da Romaria. No dia que dé certo de chegá ta bão, não tem pressa não! Aqui eu deixo uma pessoa promode zelá pra mim, a mesma coisa de mim. É quinze dias que a gente fica na viagem. A gente mata capado, arruma nas latas, leva saco de carne [...] os mais novo é que vai acompanhando os mais véi. Eu tenho um sobrimo, que o fi dele ta doidim pra ir. Vai aprendendo... Nois começô daqui muitas vês dois carro, às vês ia só um, depois foi aumentando de dois, de deis, de quinze, vinte, trinta, quarenta [...] o carro de boi é pra carreá mii, feijão [...] Eu vô na romaria porque fui curado lá, graças a Deus [...] na Romaria não cansa não, deita, frouxa um bucadim. [...] A primeira Missa que tem eu vô. Na chegada eu vô, no dia da gente vim embora, assisto a Missa também [...] Eu aprendi dede pequeninim com meus tii. Eles morava pertim de Trindade e então meus tii ia todo ano, era cego, não enxergava nadim. Aí, nois aprendeu. Aí, quando dava pra ir de carro pegava até carona, não sabe? A gente ia escondido, que era pobre, não tinha dieiro. Aí, depois foi uma prumessa que mia mãe fêis pra mim. Eu cortei esse dedo aqui óia, eu era menino, o que tinha de sangue, saiu tudo, a aquilo inchô [...] ela fêis um voto deu ir. Eu peguei e fui, to indo até hoje. Tem dia que a gente ta ruim, mais vô...[...]. Deu na véspera eu já tô arrumando as coisas, tô amarrando as cordas de amansá os boi. Na Romaria “[...] tem alguns enjuados [...], tem caboco que tem que chamá na regulage dele. Eu mesmo chamo na regualage. Nois saiu daqui, um bebim, nois pôsamo, deu a bóia, deu tudo..., banheiro, tudo, no primeiro pôso. Ele foi engrandecê pelo

rabo da cachaça, foi quebrá as lâmpadas, aí no otro dia cêdo, eu disse: Oh! ocê daqui pra trais, se ocê virá home cê pode ir, mais pô mode isso, ocê não vai não. Aí, ficô treis dia, voltô. Quando foi nus quatro dia, ele falô: seu Tota, ocê aceita eu entrá no meio de ocês? Se ocê virá home, nois aceita! Mais daquele tipo ocê não entra mais não [...] Um cara agarrô assim um revolver na cintura e eu falei: Oh! Quem vai pra Trindade não carrega revolve não. Chega lá, zap! A pulicia tomô o revolve”.

- eu sô conhecido pelo nome, graças a Deus aqui em Mossâmedes, nós vamo para Trindade em 4 carro, nossas famías e convidados”.

A036

- “Olha a nossa dificuldade aqui foi o seguinte: nois chegamo, não tinha banheiro aqui pra que a gente pudesse usá. Os banheiros são os mesmos dos anos anteriores. Estavam imundos, que na quinta-feira, quando a gente chega não tem como usá. Aconteceu que, vamos esperá a administração pra limpá. A administração não apareceu. Quê que aconteceu: na sexta-feira dimanhã, nois pegamo, compramo rodo, vassoura, detergente, kiboá, desinfetante. Eu, mia sogra e mia mãe fomos e lavamos cada banheiro. Cada banheiro aonde tomavam banho e aonde fazia as necessidades fisiológicas, e ai no otro dia, no sábado [...] hoje, domingo, no encerramento da festa, ninguém entra nus banheiros, já foi fotografado pelo João Fortunato, dizem que ele é agora o novo presidente da Associação dos Carreiros. Ele disse que tá com um projeto de fazê um museu dos Carreiros. Eu como nora do Sr. Tota, eu parabenizo se conseguí fazê esse museu. Mais primeiro, o nosso ambiente ta horrível, lixo pra todo lado, não tem como, não tem quem recolhe o lixo, quem limpa os banheiros. A água está faltando, muitas vês nois vamo no banheiro, não tem água nas torneiras. Não tá tendo policiamento. Aqui já sumiu até chuveiro elétrico, roubaram, roubam. Precisamos de policiais vinte e quatro horas e gente pra cuidá dos banheiros [...] policiamento! Nem o ano anteriô, nunca teve. Nenhuma administração, nem na parte da Igreja, nem na parte da prefeitura. Também, nunca colocô policiamento aqui. E como a gente vem a tantos anos nessa romaria, a gente queria que tivesse pelo meno um pôco de dignidade. Por exemplo: se colocasse grama, colocasse arvore aqui no acampamento dos Carreiros, policiamento e banheiros químicos. Não precisa mais nada. Nos últimos pôsos precisam de banheiros químicos. [...] A romaria dos Carreiros vai continuá, mais se eles ajudá nessa parte. Muitos vem pô farra, momentos de descontração, saí da rotina, mais otros vem pela fé de fato”.

A037

- “eu tem dois milagre, que eu recebi no Divino Pai Eterno. Primeiro, mia fia, o sonho dela era fazê medicina, estudá pra medicina. Aí eu incentivei ela. Depois não tava conseguino passá na faculdade federal. Aí ela já tava cansada, viajando pra fora. Aí um dia eu tava no quintal de mia casa na fazenda, pedi pru Divino Pai Eterno, uma bênção. Abençoasse que ela passasse aqui no Brasil. Aí, falei com ele. Esqueci...! E, fui embora trabaiá. Quando, isso era mais ô meno treis e meia da tarde. Quando eu cheguei na casa da mia mãe na cidade, mia mãe bateu na mias costas, disse: ocê sabe da novidade? Eu disse: que novidade? Uai! Sua fia passô pa medicina. Aí eu disse: ô Divino Pai Eterno! obrigado pelo pedido que fiz pu seor, foi abençoado e falei pra ele, se ela passasse eu vinha de a pé no Divino Pai Eterno. Aí eu cumpri. Fui abençoado. Isso passô dois ano, aconteceu otra coisa qui a gente nem esperava. A segunda fia minha, a Andréa, foi tirá um calculo no rim. A gente pensava que era coisa atoa. A gente vêi com ela pra tirá. O médico quebrô a pedra no meio. Aí, ela possô no hospital, no otro dia ocê pode ir embora, daqui uns trinta dia ocê volta. Nois foi pu apartamento com ela e a otra menina mais véia que ta fazendo medicina. Ficô observando ela. Falava: Andréa ocê num tá bem! Ela tava assim triste, sabe? Aí a menina ligô pu médico. Oh dotô, ela num tá bem! Aí o médico mandô levá ela pra trais. Quando ela voltô no hospital, o médico, medicô, imediatamente, ela foi pra mesa de cirugia, grenô o rim dela. Ela já foi pa UTI. Foi pa UTI no sábado, quando é no domingo, uma hora da tarde, quando nois foi visitá ela, eu cheguei e disse: mia fia! Essa não é mia fia não! Aquele disispero foi tão grande, não sabia o que fazia. E nois saimo. Venceu a visita nois pediu a Deus. Quando foi segunda-feira, pior... a pressão dela foi à zero, não tinha jeito de fazê hemodiáres, parô tudo. Água no pulmão, paralisô todos os órgãos. Aí, o médico ficô apavorado. E quando entrei na segunda-feira, aí eu conversei com o Divino Pai Eterno, de verdade. Oh meu Divino Pai Eterno! Ocê é o médico da mia vida. Se o seor trazê mia fia de volta, eu vô voltá de a pé, fazê nova penitência. Mais eu quero ela de volta. O seor vai sê o dotô dos dotôs pra mim. Eu vô entregá na mão do seor e de Jesus Cristo, e a mia fia, eu quero ela de volta. Os médicos já tinha tudo disaconçoadado, sabe? E quando surgiu a ideia, apareceu otro médico infectologista e disse que tinha salvado um paciente. Aí eu voltei no médico no hospital e falei pra ele: ocê trais um medico milhô do que arrumei, ocê libera que busco otro. Aí ele liberô. Eu fui, busquei otro médico. Quando o médico entrô e fêis a junta com cinco médicos lá, o médico falô assim: oia! O caso dela é gravíssimo. Aí, nois lá de fora, na expectativa, quando o médico saiu, eu falei: e aí dotô? Ele falô: Oh! A sua fia, eu passei antibiótico que é igual uma bomba, então é o seguinte: com esse

remédio antibiótico que ela ta tomando, na mia medicação ela tem dois pô cento de chance e se ela não tomá, ocês vão tirá ela morta depois da manhã. Aquilo foi a mesma coisa de enfiá um punhal dentro do meu coração e puxá pra trais. Mais quando puxô, ôve aquela força do Divino Pai Eterno. Falei: não. Se o Divino Pai Eterno cura as pessoa, dois pô cento é muita coisa. Vamo garrá nus dois pô cento, é muita coisa! [...] Nois começô a rezá, ajuntô todo mundo. As enfermeira, a multidão, Goiânia, o povo passô, parece que tudo é amigo nosso. Então, a pessoa chegava no hospital, começava fazê oração. Nois foi pa igreja, nois era direto nas igrejas... Aqui no Divino Pai Eterno. [...] aí a mia fia mais véia, quando o médico falô isso ela falô: pai aquele remédio é perigoso! Eu falei: mia fia é a chance que ela tem, é essa. E vamo apegá com o Divino Pai Eterno. Esse remédio é que vai curá ela. Pode fazê otro remédio. Aí ela falô: então pode? Ela chorando! Pode fazê, é pra fazê e fêis. Quando passô dois dia, que ela tinha tomado a medicação, ela começô reagí e guentô fazê hemodiáres. Gastô oito horas pra fazê hemodiáres. Fêis hemodiáres, deu aquele alivio. Ai começô. Mau, mau... Aí no otro dia, não guentô fazê hemodiáres. Nois firme, mia esposa rezando, ia pa capela, e todo mundo rezando. Quando no terceiro dia, ela não guentô fazê hemodiáres de novo. Aí foi que Deus abenço, o Divino Pai Eterno, que ela foi só subino, subino e chegô a ponto que ela tá hoje aqui no Divino Pai Eterno, trabaiando. Ela teve algumas dificuldades, mais tá vencendo, graças a Deus. O que mais a gente fica emotivo com isso, porque ela, na UTI, não ôvia nada. Diz ela, que sonhô, que tava no Divino Pai Eterno, eu e a mãe dela. Quando chegô um caboclo bateno nela, arrastano e bateno nela, aqui na festa do Divino Pai Eterno. Ela fora de si. Ela teve esse sônio que tava aqui. Então a gente ficô assim, parado, nê? O quanto foi gratificante pra nois [...] Então a gente pra vim não é dificuldade, a gente enfrenta a romaria da estrada além sê da fé, a gente tem essa alegria de tá com os amigos, passando experiência de vida. Uma coisa, quem conversa comigo, eu falo: Óia, fé, a primeira coisa da pessoa é tê fé e vim. [...] Hoje nois tamo alegre, vamo agradecê pu resto da vida”.

A038

- “[...] Isso é uma coisa significativa na vida da gente. Eu vim do Estado de Minas pra cá, eu tinha uma promessa a cumprí com a Senhora da’Abadia, da Água Suja. Iguale aqui, nois pra Trindade. Iguale é a festa aqui na Trindade. Então, eu voltei pro Estado de Goiás e eu fiquei devendo essa promessa de ir no carro de boi. Aí um dia, eu conversando com o Tota. O Tota morava na fazenda, do lado do Moreira. Eu era boiadeiro. Comprava gado no Moreira. Nois foi apanhando amizade, aí ele falô comigo assim: rapaz, Deus é um só, vamo pra

Trindade e cumprí seu voto na Trindade? Aí eu falei: não, tudo bem! Eu vô, eu não vô tratá com o seor não. Deixa eu arrumá os bois primeiro. Aí eu morava de empregado, não tinha terra. Aí, um dia, eu tava, até, aquele menino mais véi, ele tava na chácara. Cansado...! Ele trouxe um cafezim pra nois e falô assim: acho que ocê está stressadim, eu falei: oia! Pra te falá a verdade, eu tô custano aguentá isto aqui. Falei: é serviço dimais. Ele paga bem, mais não aguentano mais. Eu tirava leite pro lado do Moreira. Eu vim de Minas no porta-mala de ônibus. Eu não vim nem de caminhão, eu não vim. Não trouxe nada. Nada, nada. Só trouxe a corage de trabaiaí. A fé em Deus, a muiê e dois fii e otro, eu cheguei em agosto, ele nasceu em outubro. Ele já nasceu aqui. Aí ela saiu foi embora! Eu fiquei aqui com o menino mais véi. Fiquei debaixo de uma arvore, falei: oh seor me ajuda! Eu não tô aguentano este trem mais. Essa vida de trabaiaí pros otros, a gente tem que mandá na gente. Sô! Ele me ôve na ora. Aí passô uns seis mêis, aí eu pude ir com mantimento. [...] O Tota vêi...! E aí? Ah! Eu vô o ano que vem, se Deus quisé [...] Pegá com o Divino Pai Eterno. Ele me dá saúde, me dá. Eu fui... Comprei uns boisim, mansei. Ta com vinte e dois ano que vô. Esse ano eu não vô, porque eu tenho uma afiada que vai casá, lá em Minas. Ela perdeu o Pai. Eu sô o padrim dela. Ela falô: eu só caso na igreja se o meu padrim vim, pra me levá nos pés do altá. [...] Este ano, não vô, mas o ano que vem, vô... O fi mais novo vai e o fi mais véi também gosta de ir. O mais novo nuca deixô de ir comigo não, sempre vai. Agora o mais véi, esses tempos, falô assim: oia, eu tenho vontade de ir pra Trindade mais de carro meu. Eu disse: então, ocê não vai, porque não tem fé. Nada que ocê pedí Deus com fé, trabaia, ocê é beneficiado. Isso ocê pode tê certeza. Falei com ele. Ele falô, pois eu vô...! Aí no otro ano ele comprô o carro, agora ta com os boi. Vô vendê aquelas juntinhas de boi e comprá otras, pra mim ir no ano que vem. A festa de Trindade é um conforto. É uma relíquia, que vem gente de todo canto do mundo, nessa festa, e chega lá e oia e gosta e a gente às vêis o seore não tem condição de ir e pede ao Divino Pai Eterno, eu queria ir, ele me dá força e saúde, e dá um jeito de arrumá, pois Deus dá um jeito. [...] Conforme ele dá a saúde pá gente, ele dá as coisas. Então, o Tota falô comigo: vamos pra Trindade? Eu falei: vamos, uai! Aí, então, eu fui. Eu morava no Moreira e mudei pro que é meu. Aí fui...! Hoje ta com vinte e dois ano, vai fazê vinte e três anos.[...] Nossa senhora! Meu cunhado não ia. Eu sempre falei com ele. Eu sempre falava assim: rapaz, busca a Deus! ocê tem vontade? busca a Deus, que lê te ajuda. Ele foi pelejano, pelejano, aí ele vai, no carro dele. Pega um boi emprestado e vai. Ali se torna uma irmandade. O Tota é o líde. Todos nois que começô, começô com ele [...] então, o líde dessa Romaria do carro de boi é o Tota. Então é passado muitas coisas boa, pá gente. [...] é muito gostoso, um faia, ele qué sabê por que, se é

doença, o que qui é. A gente aprende com o balanço da vida, vendo a gente passa a gostá. [...] a gente sente uma responsabilidade muito grande, nessa divução, porque bate o mês de junho, oh! Já tem gente rumando pra ir pra Trindade. Eu mesmo, ainda tava oiando e disse: meu Pai do Céu! Dá uma força, que precisava ir. Os trens ta tudo arrumado, o carro, o côro, os boi. Já tinha reservado a bezerra pra mim matá, pra comê no caminho. O boi, às vêis, fica mancando, a gente despeja uma gasolina nos pé dele, aí no otro dia o bicho ta bão. É os milagre de Deus, que é grande demais... O que é da cozinha, ocê leva tudo dentro do carro de boi. Se a pessoa não tivé fé não vai. Ô! Só se ocê vai um ano, ocê gosta. Ocê põe um amô naquela romaria, porque ali se torna uma comunidade. Às vêis, eu faio, otro fala assim: ô, o Belchior não vêi, o que foi com ele? Então, a gente sente falta. Eu devo muito favô ao Divino Pai Eterno. Eu vô ti falá, uma coisa: eu, não deixo de ir lá visitá ele não.[...] Esse ano vô pra Minas, mais vô passá la, se Deus quisé! Quando eu comecei a ir com o Tota! O líde era o Tota e Zé Neto. Eu saio daqui com o Zé Neto. Um amigo disse: ah! Eu quero ir. Não é muito custoso não! Ah! custoso é. Mais é gostoso. É bão. E nois um aconchego muito grande com os padre. Eles não mede esforço, vai com nois, celebra a Missa com a gente. Passa as coisas boas pra gente [...] O padre na ora da Missa é um padre. Na ora que ele tira a batina, ele é um Romeiro como nois. Na Romaria, toda ora Deus ta presente com nois. Eu digo que ele ta conois porque, doze ano atrais , o Flavio, a carreta bateu nos dois carro dele. A carreta cheia de boi. O camião pegô no recarreio do carro assim atrais, a frente do camião pegô no carro, jogô pra lá, só quebrô a mão dum boi. Quebrô o fueiro, mas não petecô nada e o camião capotô e matô seis boi, e o carro quebrô o cocão e o pigarro do carro, o chaveio e a canga, mas não machucô nem um dos nosso boi. [...] e aí vô te falá! Toda hora passava na televisão. É a força do Divino Pai Eterno. Ele não esquece a gente. Os fii vai observano [...] um dia perguntei um fi: ocê vem pra Trindade é pra ta comigo ô é porque ocê gosta daqui e de seus amigos? Porque tem que tê uma justificativa. Ocê vem é pô conta do Divino Pai Eterno ô é pô conta de vim comigo ô se é pô conta de seus amigos de cachaça; que ontem ocê travô, ocê bebeu, ocê deitô tarde demais. Hoje eu levantei, ocê custô a levantá, pra me ajudá... Então, meu fi, eu vô te contá uma coisa! Se fô pa ocê vim pra me contrariá, ocê sabe, que isto aqui não é fácil, ocê come fora de hora, deita na agonia, toma banho na água fria, ocê come puera, ocê encontra tanta gente neste mundo. Tem gente que é seu amigo, tem gente que não é seu amigo. Então, ele ficô caladim, não me respondeu nada. Eu falei: oia, esse ano ocê vêi, vamo acabá de chegá e voltá, se Deus quisé. Mais vô pagá uma pessoa pa vim comigo. Aí, bão! [...] o otro ano sô, o home foi uma

beleza. Ele bebeu, mais não foi tanto. Na Romaria, se mexê com um, mexe com todo mundo [...] É bão demais [...].”

A039

- “A romaria ensina o que é bão, o que o coração diz. Alguns querem mudar o ritual, mas não queremos. Na romaria, não temo pressa, gastamo sete dia pra chegá à Trindade e quatro dia na volta pra nossas casas”.

A040

- “vou a pé com os carros de boi, quando meu pai qué dormir, a gente toca o carro de bois no lugá dele. A gente dorme de bão só no carro de boi”.

A041

- “a romaria não é uma paixão. É uma divoção. Nunca passô pô minha cabeça largá o carro de boi, nem imagino! O João desde pequeno já ia de carro de boi. Ele tava com treis anos. Ele foi à romaria. Ele foi primeiro com seu pai, depois continuô indo com nossos fii, depois eu fui também. O João sempre trabaiô com carro de boi, ele arava, carregava os alimentos da roça, aí ele achô interessante demais. Ele disse: vô comprá um carro de boi pra mim ir à Trindade, aí já foi no otro ano. Ele disse assim: se Deus ajudá que dô conta de comprá os boi, ano que vem vô de carro de boi. Aí eu dei uma risada pra ele, ah, ah, ah! E disse: oh eu aqui de carro de boi! Aí ele comprô um bizerro, comprô dois... até que deu conta de arrumá a traia. O primeiro ano nois sofreu, pensa no sofrimento! Nunca eu tinha andado num carro de boi, com três mininos piquenos, que meus mininos era miudim, o mais véi tiinha deis anos, os otros era miudim”.

- “Quando nós foi a primeira vêiz que nós foi na romaria, eu pensei que nós não ir vê ninguém durante o trajeto da viagem, só quando chegá lá em trindade a gente ia vê gente - Na viagem faiz tanto frio, que a agente embruia as crianças em dois ou três cobertores. Os lábios racham, a garganta inflama”.

A042

- “Minha mãe fêis um voto la para o Divino Pai Eterno. Eu tava doente. Depois, um dia meu pai era Carreiro, o boi deu um coice na minha boca e quebrô os dentes todos. Eu fui

descê do carro de bois. Nois fomos em Varjão levá um carro de lenha e na volta, eu mais meu irmão mais véi, nois candiava os boi pro meu pai, sabe? Meu pai é Carreiro toda vida, amansadô de boi. Aí disci assim, fui passá no pé do boi de coice, deu um coice na minha boca e quebrô minha boca toda. Aí minha mãe fêiz um voto, de vendê o boi e dá o dinheiro pra o Divino Pai Eterno. Dois voto mia mãe fêiz. Eu sei que fêiz esse quando adoeci e fêiz esse quando o boi deu o coice na minha boca. Minha mãe é muito devota do Divino Pai Eterno e aí fêiz os dois votos pra mim, e .eu não morri e mia boca sarô”.

A043

- “vô a pé com os carros de boi, quando meu pai qué dormir, a gente toca o carro de boi no lugá dele. A gente dorme de bom só no carro de boi”.

ANEXO VI: TRAJETO (PERCURSO) DOS CARREIROS NA ROMARIA

1º pouso: De Sanclerlândia - Goiás, 6^a feira (Fazenda do Sr. Jorge Cunha – 26 km até Mossâmedes - Goiás) – oferece a janta e o almoço pela manhã, às 6 horas;

2º pouso: De Mossâmedes para Americano do Brasil - Goiás – sábado (Fazenda do Sr. Dito Lara – 30 km de Mossâmedes - aqui começa a se juntar os carreiros de Sanclerlândia, Mossâmedes e Americano do Brasil);

3º pouso: Entre Boa Vista e Capela (Mun. de Americano do Brasil - Goiás), domingo (Fazenda dos Sr. Flavio – 19 km de Americano do Brasil);

4º pouso: De Avelinópolis – Goiás, 2^a feira (Fazenda do Sr. Lili Correia – 22 km de Americano do Brasil e 03 km para Avelinópolis - Goiás);

5º pouso: De Avelinópolis Goiás, para Mun. de Trindade Goiás, 3^a feira (Fazenda do Sr. Tobias, próximo à Trindade, à 29 km de Avelinópolis Goiás);

6º pouso: De Avelinópolis Goiás ao Mun. Trindade, 4^a feira (Fazendinha, 16 km da Fazenda do Sr. Tobias Mun. de Avelinópolis Goiás e a 6 km da chegada a Trindade Goiás.

Chegada a Trindade: na Quinta feira às 7h30 horas.

ANEXO VII: ROTEIRO PARA OBSERVAÇÕES DOS CARREIROS

NA LOCALIDADE – MUNICÍPIO DE MOSSÂMEDES

- A - Quem são os Carreiros? Pequenos proprietários? Grandes proprietários? Agricultores? Arrendatários? - Se a agricultura, quando começa a produção agrícola?
- B - Porque as práticas educativas são importantes? Porque querem perpetuá-las?
- C - Quais as práticas educativas presentes na romaria dos Carreiros?
- D - O que os Carreiros buscam com a romaria? O que levam o grupo dos Carreiros a se organizarem em romaria?
- E - Quais são os componentes do grupo dos Carreiros? Como se estabelece a relação do grupo com outros grupos? Por quê? Para que?
- F - A romaria é utilizada para perpetuar as práticas educativas?
- G - Quais as crenças que alimentam os Carreiros?
- H - Tem sentido a romaria? O que significa a romaria?
- I - Quais os meios para ensinar os mais novos?

NA SAÍDA DA ROMARIA E DURANTE A VIAGEM

- 1 – Quantos participantes (faixa etária);
- 2 – Quantos carros de bois
- 3 – A alimentação
- 4 – Os assuntos (conversas)
- 5 – O vestuário
- 6 – A relação entre as gerações mais velhas e as mais novas: hierarquia - funções e atividades do grupo – gênero e faixa etária;
- 7 – Durante as paradas, quais as atividades são realizadas?
- 8 – Momentos (atividades religiosas, lazer, alimentação etc., em que a prática educativa é realizada – quem aprende?
- 9 – Quem utiliza os meios de transporte e quem caminha, o que se leva no carro de bois?
- 10 – Fazer o mapa do percurso (roteiro de viagem) com os pontos de paradas, de Mossâmedes a Trindade.

NA CHEGADA EM TRINDADE

1. Como os Carreiros se comportam?
2. Na chegada, quem comanda? Onde se encontram?
3. Existe concorrência entre as cidades (municípios) dos Carreiros?
4. Qual o vestuário? – participações religiosas, sociais: onde? Quando, com quem? Para que? – outras práticas
5. O que é mais importante ou mais significativo para os romeiros em Trindade?
6. Qual a diferença de comportamento entre as três gerações?

GLOSSÁRIO

Assoalho – forro da mesa do corpo do carro;

Angolão – lugar que fica em baixo do carro, serve para amarrar os bois e para puxar o carro, quando força para traz e de segurar a força do carro nas decidas – pequena argola de ferro na parte traseira, serve para amarrar a corda, na possibilidade de puxar outro carro de bois;

Bóia – expressão para falar de refeição;

Candeeiro – guia dos bois, que vai à frente dos bois na viagem, poderão ser homens, mulheres, até crianças;

Capanga – espécie de uma pequena sacola de pano que serve para se colocar alimentos durante a viagem;

Chumaço – pequena peça sensível que fica entre o eixo e serve para não deixar estragar a xêda, que é o varão do lado - peça que fica entre o eixo e a xêda do carro;

Cantadeira – parte que faz o carro cantar;

Cocão – o que segura o eixo da mesa, para o carro cantar, tem que apertar o eixo e engraxar com banha de porco ou azeite, que fica no azeiteiro – um chifre com um pincel;

Canga – peça de madeira que prende os bois;

Cabeçaiio – ponta da frente do carro, onde se canga os bois;

Caniço – tampa que se coloca na traseira do carro para proteger os alimentos e outros objetos que são colocados no carro;

Torda – peça de couro de boi que serve para cobrir o carro;

Cantiga – barulho feito pelo carro quando anda após minutos, quando esquentam;

Carvão – é colocado no eixo do carro para que ele possa cantar, nas rodas são enceradas (com sebo) para resistir ao sol, poeira...;

Coice – pancada que os bois dão com os cascos das patas;

Esteira – peça trançada, feita de bambu que serve para proteger as laterais do carro;

Caixote – caixa de madeira que serve para colocar vasilhas e outros;

Capeta – para falar de pessoas traquinas;

Chamá-na-regulage – termo usado para repreender alguém;

Espera – pedaço de madeira que se põe na altura do carro para se igualar aos bois;

Eixo comprido – é chamado cabeçaiio;

Fueiros – pequenos pedaços de madeiras, que ficam em cima do carro para sustentar a esteira para sustentar peso, milho e outros;

Matula – são os alimentos dentro da capanga, que serão usados durante a viagem;

Manula ou feda – peça de madeira que serve para fazer a mesa do carro (corpo);

Mesa do carro – o corpo do carro;

Pigarra – onde põe a espera;

Paiol – espécie de depósito que se guarda os mantimentos para todo o ano;

Pégamo - segura a tiradeira para o comando da boiada;

Rabo-de-cachaça – expressão usada para reprimir alguém;

Recavem – parte traseira da mesa do carro;

Trens – objetos de uso dos Carreiros;

Tiradeira – correia ou corrente, que nos carros de bois puxados por quatro animais, prende a canga dos da frente à dos do coice;

Tamoeiro – peça central do carro de bois, peça de couro que seguera o carro à canga;

Xêda – faz parte da cantadeira do carro, do corpo do carro;

Xavéio – peça que prende a canga, uma peça de corda ou couro que serve para entrelaçar e equilibrar os bois, quando puxam o carro – firma o tamoeiro.